



REVISTA
DO INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO
DE MATO GROSSO

Nº 86 · 2024

Centenário do
nascimento de
Natalino Ferreira Mendes
(Dossiê temático)

REVISTA
DO INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO
DE MATO GROSSO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

Conselho Executivo

Neila Maria Souza Barreto
Allan Kardec Pinto Acosta Benitez
Jucineth Glória do Espírito Santo Vital de Carvalho
Isis Catarina Martins Brandão

Conselho Editorial

Edson Benedito Rondon Filho (IHGMT) – *Presidente*
Anna Maria Ribeiro F. Moreira da Costa (IHGMT)
Clarindo Alves de Castro (IHGMT)
Eduardo Moreira Leite Mahon (IHGMT)
Elizabeth Madureira Siqueira (IHGMT)
Fernando Tadeu de Miranda Borges (IHGMT-UFMT)
João Carlos Vicente Ferreira (UFMT)
Luiza Rios Ricci Volpato (IHGMT)
Maria Teresa Carrión Carracedo (IHGMT)
Nileide Souza Dourado (IHGMT/UFMT)
Renilson Rosa Ribeiro (UFSCar)
Rosana Lia Ravache (IHGMT)
Suelme Evangelista Fernandes (IHGMT)
Vinícius de Carvalho Araújo (IHGMT)

Conselho Consultivo e Científico

Arno Welling (UFRJ/Unirio/UGF)
Cláudio Antônio Di Mauro (UFU)
Cristina Teobaldo (UFMT)
Eliane Tomiasi Paulino (UEL-PR)
Elizabeth Figueiredo Sá (UFMT)
Giovani José da Silva (Unifap)
José Borzacchiello da Silva (UFC)
Leandro Mendes Rocha (UFG)
Nicanor Palhares Sá (UFMT)
Rosemar Eurico Coenga (Unic)
Rosimeire Aparecida de Almeida (UFMS)
Solange Terezinha de Lima Guimarães (Unesp)



REVISTA
DO INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO
DE MATO GROSSO

Nº 86 · 2024

.....

**Centenário do nascimento
de Natalino Ferreira Mendes**
(Dossiê temático)

© IHGMT, 2025.
Os direitos desta edição estão reservados ao
Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT).
A responsabilidade intelectual dos textos cabe aos autores.

Editor da Revista do IHGMT
Edson Benedito Rondon Filho

Revisão
Conselho Editorial

Produção editorial, projeto e design gráfico
Maria Teresa Carrión Carracedo | Entrelinhas Editora

Diagramação
Rafael Carracedo Ozelame

Assistente na edição
Manoela Carracedo Ozelame

Arte-finalização e montagem de capa
Maike Vanni | Ricardo Carracedo

Imagem da capa:
Em primeiro plano, Natalino Ferreira Mendes (foto de arquivo de família),
tendo, ao fundo, uma paisagem aérea de Cáceres (MT),
foto de Flávio André de Souza/MTur Destinos/commons.wikimedia.org.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.
Nº 86 (2024) – Centenário de Natalino Ferreira Mendes
(Dossiê temático) – Cuiabá: IHGMT; Entrelinhas (2026).

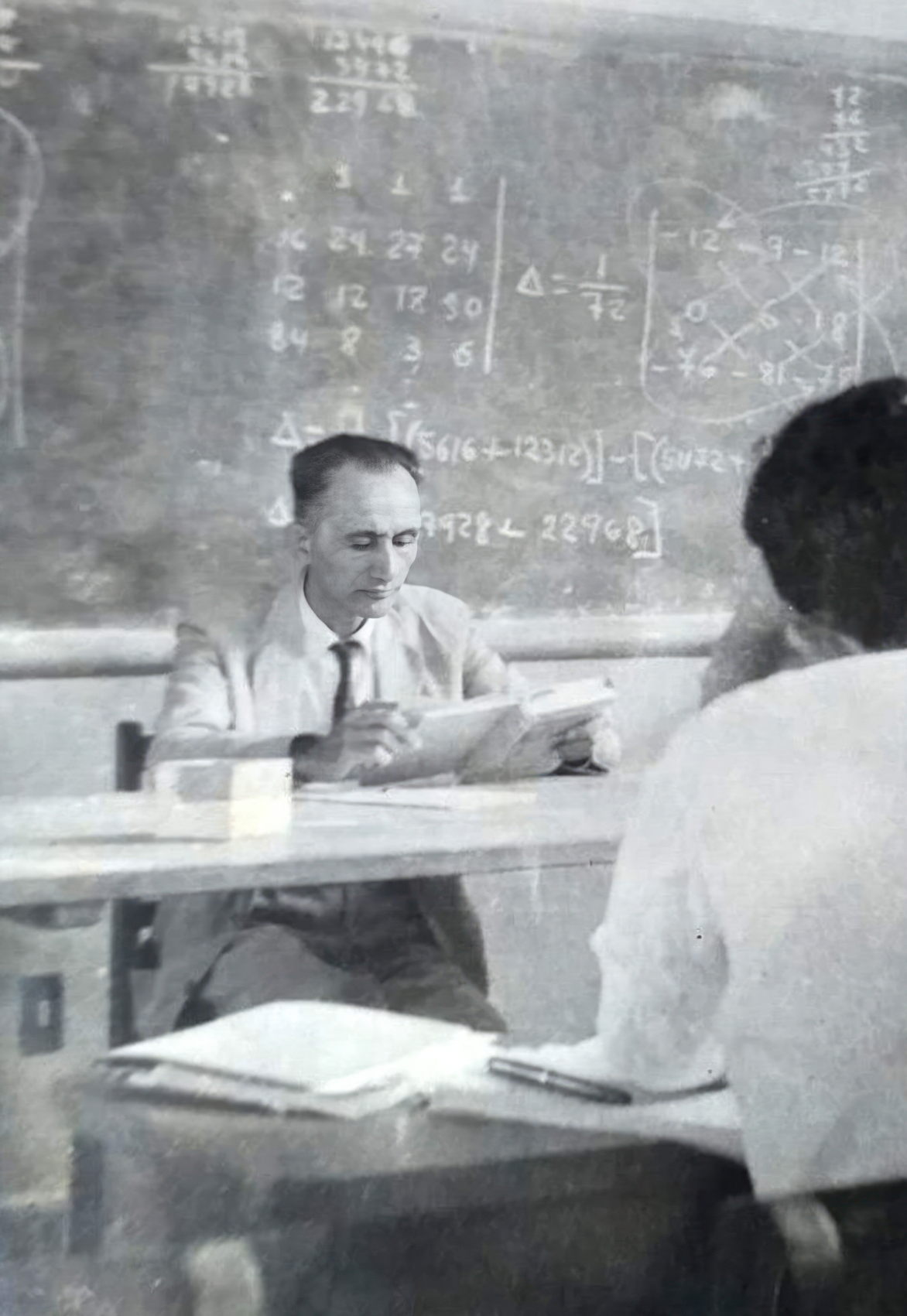
ISSN 1677-0897
268 p.: 15,5 cm x 22,5 cm
Anual
Inclui bibliografia, Índice e ilustração

1. Brasil - História. 2. Mato Grosso - História.
3. História. 4. Geografia. I. Instituto Histórico e
Geográfico de Mato Grosso. I. Título.

10-08134

CDD-981.021

Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso – IHGMT – 105 Anos
Rua Barão de Melgaço n. 3.869 (Centro) – Cuiabá, MT – CEP 78.005-500
Site: www.ihgmt.com | e-mail: ihgmt@hotmail.com
Tel. (65) 99287-5848 | 99287-7764



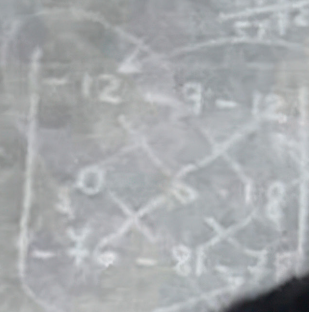
$$\begin{array}{r} 1257 \\ 964 \\ \hline 1492 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 12446 \\ 5922 \\ \hline 22948 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 12 \\ 46 \\ \hline 158 \\ 5712 \end{array}$$

$$\begin{array}{ccc|ccc} & 3 & 1 & 1 & & & \\ 16 & 24 & 27 & 24 & & & \\ 12 & 12 & 12 & 50 & & & \\ 84 & 8 & 3 & 6 & & & \end{array}$$

$$\Delta = \frac{1}{72}$$



$$\Delta = \sqrt{(5616 + 12312)} - [(5032 + 12312) - 22968]$$

❧ Apresentação ❧

Neila Maria Souza Barreto¹

A revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT), de n. 86, que aborda a temática: “Centenário do nascimento de Natalino Ferreira Mendes (1924)”, após exaustivo trabalho do Conselho Editorial, dos Associados do IHGMT e autores colaboradores, é publicada e disponibilizada ao leitor, com ênfase na produção e história de vida de membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e imortal da Academia Mato-grossense de Letras mais produções em transversalidades com a história de Mato Grosso.

A memória daqueles que integraram e contribuíram com as instituições congregadas pela Casa Barão de Melgaço merece e deve ser preservada, para reflexão e projeção futura, afinal a trajetória de luta traduzida em texto materializa o ideário de perenidade e o esforço dispendido pelos associados do IHGMT para preservação institucional. Natalino Ferreira Mendes foi um desses gigantes que ajudaram a consolidar a instituição. Defensor fervoroso de seu rincão cacerense, cantou em verso e prosa, a *Princesinha do Paraguai*, descrevendo nuances e vivências locais, com registro de fatos históricos, religiosas, culturais e da administração pública. A vida pública ilibada e impecável, faz de Natalino um exemplo virtuoso de moralidade a ser seguida. Certamente, este tributo é uma bela homenagem, mas, ainda, alguém daquilo que merece, de fato, Natalino Ferreira Mendes, diante de tudo que produziu academicamente, como professor e homem público que foi. Buscamos trazer ao público o retrato da trajetória de vida do ilustre homenageado e esperamos ter alcançado este objetivo.

Importante destacar que esta edição contempla 12 (doze) artigos e 1 (uma) resenha entre dossiê e a seção em transversalidade, com abordagens

¹ Professora mestra, jornalista e historiadora. Membro efetivo desde 2016 e atual presidente do IHGMT. E-mail: neila.barreto@hotmail.com

sobre a vida do Monsenhor Ermínio Celso Duca, a população em situação de rua na cidade de Cuiabá e a origem do brasão de Armas de Nobreza da Família Falcão, o que potencializa o repositório do IHGMT em diversidade de formas de abordagem.

Por derradeiro, convidamos os leitores a percorrerem as páginas desta revista em conhecimento dos peculiares capítulos da história de Mato Grosso. Boa leitura.

Editorial

A Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, n. 86, é uma homenagem ao centenário de nascimento do membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT) e imortal da Academia Mato-grossense de Letras (AML) Natalino Ferreira Mendes, nascido em 3 de janeiro de 1924, na cidade de Cáceres – MT, e falecido em 23 de novembro de 2011, na mesma cidade. O professor Natalino é referência de compromisso ético e dedicação à vida pública, com sua trajetória na educação do oeste mato-grossense. Também, prestou serviço junto ao Executivo Municipal de Cáceres, deixando um legado riquíssimo com textos históricos, jurídicos e uma poética reconhecida. Esse introito é um convite ao leitor para aproveitar esta edição.

O periódico é composto por duas seções. A primeira se refere ao dossiê temático “*Centenário de nascimento de Natalino Ferreira Mendes (03/01/1924-03/01/2024)*” e contém nove artigos e uma resenha. A segunda parte é formada por três artigos que abordam temas transversais em diálogo direto com a história e geografia de Mato Grosso.

Marca o início desta revista o discurso proferido por Benedito Sant’Ana da Silva Freire por ocasião da posse do Professor Natalino Ferreira Mendes na Cadeira 15 da Academia Mato-grossense de Letras (AML), em 6 de março de 1987, do Acervo Silva Freire e transcrito pela Associada do IHGMT *Rosana Lia Ravache*. O segundo artigo, cujo título é “*Ingresso de Natalino na Academia Mato-grossense de Letras*”, de autoria de *Elizabeth Madureira Siqueira*, homenageia o Acadêmico Natalino Ferreira Mendes, pelo Centenário de seu Nascimento, tendo como foco o momento do seu ingresso na Academia Mato-Grossense de Letras, assim como apresentar a Cadeira escolhida. Para encerrar, momentos marcantes da posse: o discurso de abertura, pronunciado pelo então Presidente da AML, Lenine de Campos Póvoas, o discurso de recepção, da lavra do Acadêmico Benedito Sant’Anna da Silva Freire, e o discurso de posse de Natalino Ferreira Mendes. O terceiro artigo, “*O centenário de um mestre do Pantanal: o legado educacional e histórico de Natalino Fer-*

reira Mendes em Cáceres-MT”, dos coautores *Jefferson Antonione Rodrigues e Gisa Laura Egues dos Reis*, resgata e realiza uma análise crítica da trajetória intelectual, pedagógica e histórica do professor Natalino Ferreira Mendes, figura central no cenário educacional e cultural de Cáceres, no estado de Mato Grosso, especialmente no contexto das comemorações de seu centenário de nascimento (1924-2024). O quarto artigo, de autoria de *Linnet Mendes Dantas*, intitulado “*Entre letras e leis: o legado de Natalino Ferreira Mendes na trajetória acadêmica de sua neta*”, traz uma reflexão sobre a influência transgeracional de Natalino Ferreira Mendes na trajetória acadêmica de sua neta, com resgate da memória familiar e das obras do homenageado. O texto entrelaça vivências pessoais e produção científica, revelando como experiências domésticas influenciaram, direta ou indiretamente, as escolhas profissionais da autora voltadas à educação, à administração pública e à valorização da memória local. O quinto artigo, intitulado “*Natalino Ferreira Mendes: arauto da História*”, é de autoria de *Romyr Conde Garcia* que aborda a obra de Natalino Ferreira Mendes a partir dos “Fragmentos da história cultural de Cáceres”, Volumes I e II, procurando situar o autor dentro de algumas das correntes históricas do século XX, que são o Historicismo e o Positivismo. *João Edson de Arruda Fanaia* é o autor do sexto artigo, que tem como título “*Natalino Mendes e o exorcismo do esquecimento*”, e aborda a obra de Natalino Ferreira Mendes sob a perspectiva de sua contribuição historiográfica para o que atualmente categorizamos como história local. O sétimo artigo, de *Maria Elizabete Nascimento de Oliveira, Jocineide Catarina Maciel de Souza e Almerinda Auxiliadora de Souza*, intitulado “*A criação literária e a cadência dos instantes, nas obras Anhumas do Pantanal e Pássaro Vim-Vim, de Natalino Ferreira Mendes*”, apresenta a intrínseca relação entre a poesia e a música, tendo como objeto focal as obras líricas do escritor Natalino Ferreira Mendes. Para tanto, os autores partem da premissa de que o mundo é regido por uma sinfonia musical, embora muitas vezes esta musicalidade presente no universo não seja percebida por conta das urgências cotidianas. O oitavo capítulo, de autoria de *Maria de Lourdes Fanaia Castrillon*, com o título “*Reminiscências de uma cidade pantaneira*”, resgata as memórias de Cáceres – MT, através de algumas produções literárias do protagonista cacerense Natalino Ferreira Mendes, articuladas com os documentos do poder público da cidade (APMC) e a historiografia da Câmara Municipal, com relatos de diversos aspectos sobre a cidade, ressalta as instituições, a política, a educação, as festi-

vidades cívicas e religiosas, a cultura, além de elencar alguns fatos históricos do local e da História do Brasil. O nono capítulo, de título “*Uma história em prosa e verso contada por Natalino, Cáceres*”, de autoria de *Rosana Lia Ravache e Jeane Aparecida Rombi de Godoy*, descreve a presença de Cáceres-MT na obra de Natalino Ferreira Mendes, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-grossense de Letras. O décimo produto desta revista é a resenha de autoria de *Olga Maria Castrillon Mendes* que analisa a obra “*Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória*”, em seus volumes I e II, de Natalino Ferreira Mendes, com ênfase no seu legado histórico-cultural em relação à cidade de Cáceres-MT.

A segunda parte, denominada de *Transversalidades* se inicia com o décimo artigo, de autoria de *Jefferson Antonione Rodrigues*, com o título “*Da magia à modernidade: a missionariedade religiosa e o desenvolvimento da Araputanga sob o legado do Monsenhor Ermínio Celso Duca*”, apresenta o legado da atuação missionária do Monsenhor Ermínio Celso Duca em Araputanga-MT, com destaque à sua contribuição não apenas como agente religioso, mas também como catalisador de desenvolvimento social e cultural. A pesquisa analisou como a missionariedade de Duca articulou a religiosidade popular – permeada por elementos mágicos e simbólicos – com os processos de modernização da cidade de Araputanga. *Edson Benedito Rondon Filho*, autor de “*Da situação de rua na Cuiabá dos delírios urbanos: antes e depois do projeto Copa do Mundo*”, no décimo primeiro artigo, inspirado na etnografia urbana de Magnani, com orientação fenomenológica, apresenta a observação realizada no centro histórico da cidade de Cuiabá-MT, precisamente no espaço urbano caracterizado por pedaços, manchas e pontos onde se concentram variados coletivos da população em situação de rua que, para efeito do artigo, compreendem aquelas pessoas que vivem, ou são, ou estão na rua. O método atende às perspectivas da Teoria Fundamentada e dispensa a formulação de hipóteses. A observação marcou a descrição do trajeto percorrido e retratado antes e depois do projeto *Copa do Mundo 2014* que elegeu Cuiabá como uma de suas sedes. Talvez o trabalho passe a sensação de “congelamento” da paisagem, mas não podemos desprezar a importância dessa técnica de coleta de dados como construção de um quadro que marca uma historicidade, um tempo e, sobretudo, uma espacialidade de sujeitos invisibilizados pela sociedade, mas inseridos nesse contexto. O décimo segundo e derradeiro capítulo, de *Francisco Ildefonso da Silva Campos, João Ernes-*

to Paes de Barros e Jessika Matos Paes de Barros, de título “*Brasão de Armas de Nobreza da Família Falcão*” descreve a concessão desse reconhecimento a José Paes Falcão das Neves e seu irmão Salvador Paes Falcão pelo governo de Portugal, em razão dos serviços militares prestados na defesa da fronteira oeste da Colônia Portuguesa (oeste de Mato Grosso) no período colonial do Brasil.

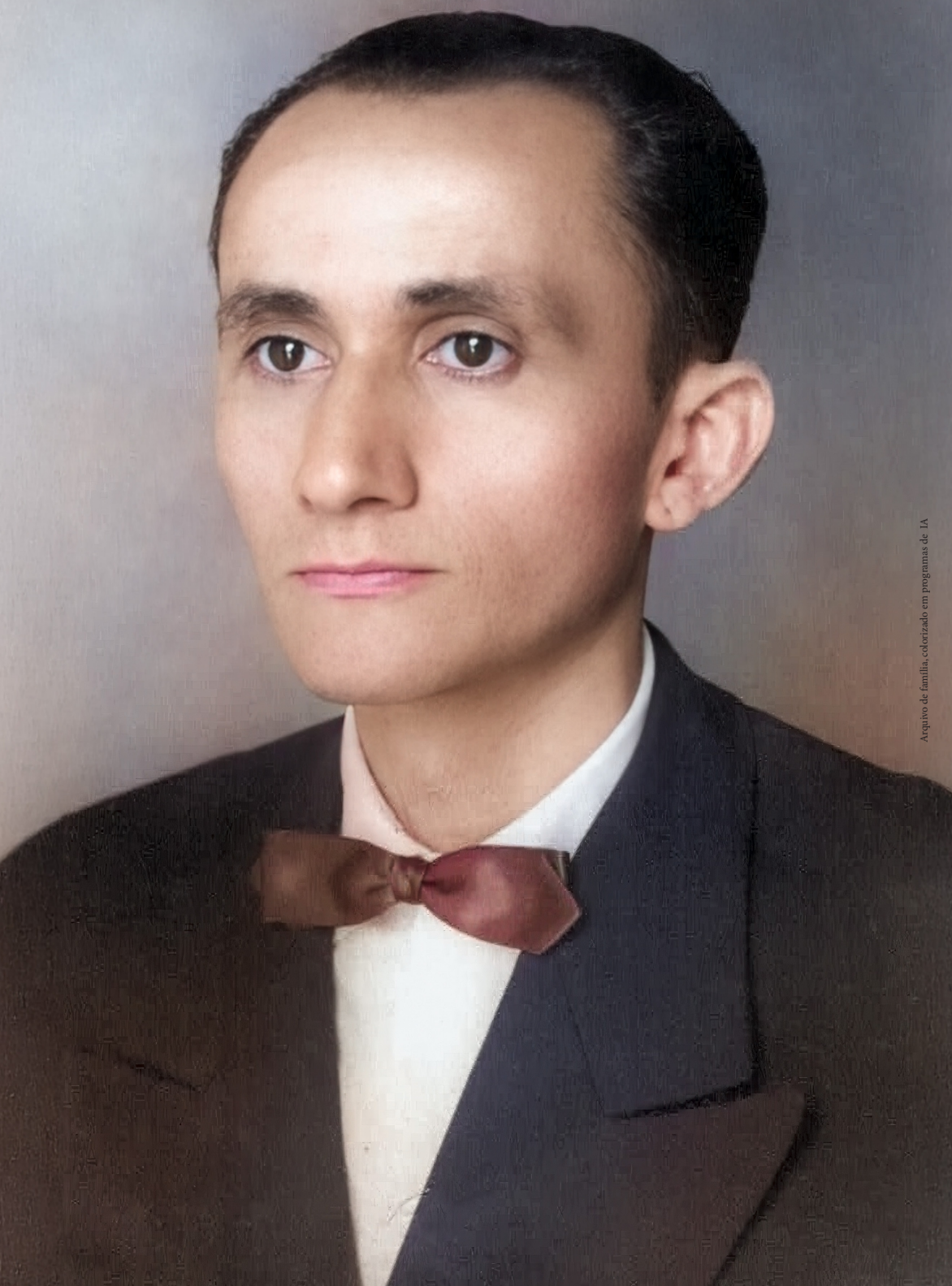
Como recorrentemente afirmamos, com mais este exemplar de nossa revista sendo disponibilizado ao público, de maneira aberta e irrestrita, o IHGMT cumpre a sua função social de produzir conhecimento de qualidade e preservar a memória mato-grossense.

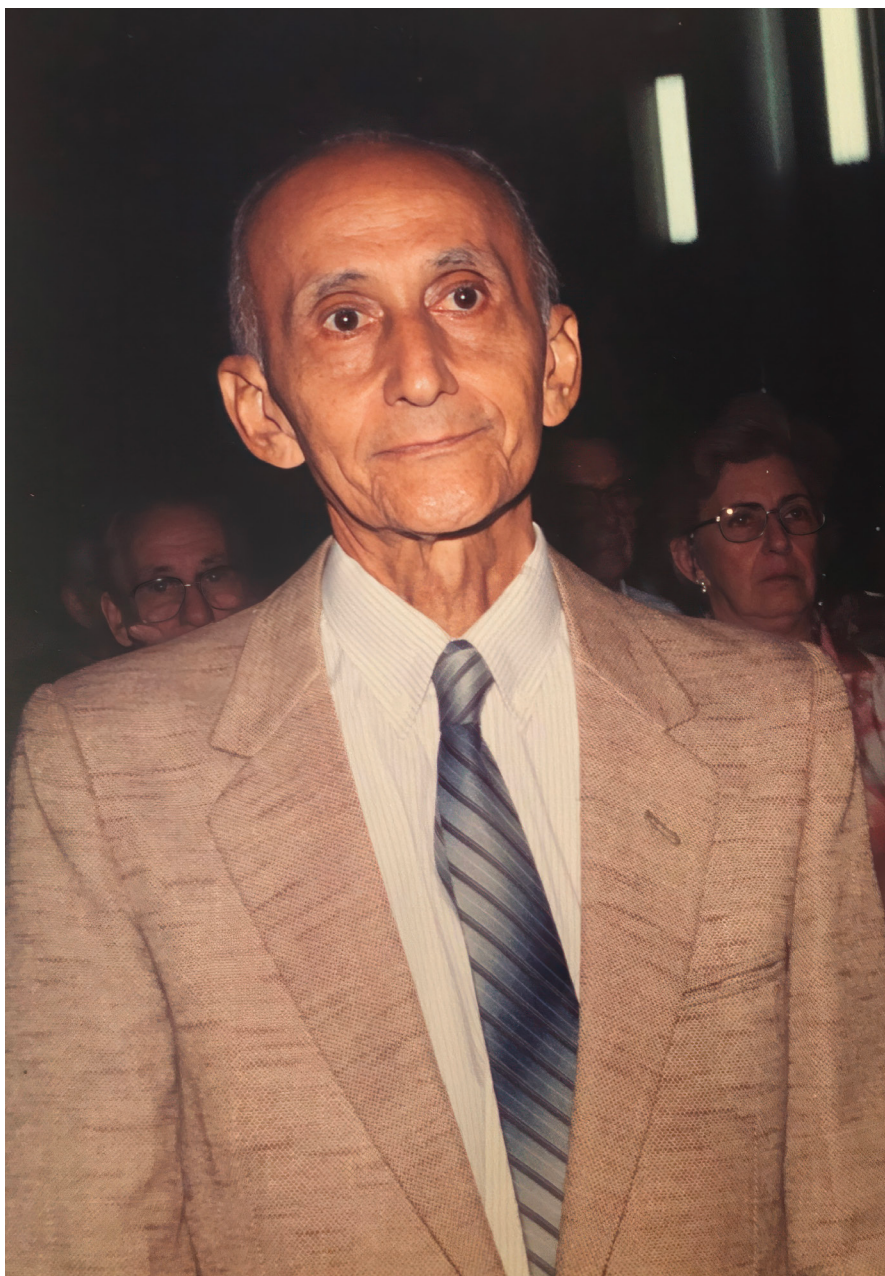
Assim, encerramos nosso editorial com o convite ao leitor para que faça uma boa leitura!

Cuiabá-MT, dezembro de 2024.

Edson Benedito Rondon Filho

Conselho Editorial da Revista do IHGMT





Natalino Ferreira Mendes

Sumário

Apresentação

[Presentation]

Neila Maria Souza Barreto 9

Editorial

[Editorial]

Edson Benedito Rondon Filho 11

PRIMEIRA PARTE

[Centenário do nascimento de Natalino Ferreira Mendes (Dossiê temático)] 21

1. O discurso de Benedito Sant'Ana da Silva Freire

na posse de Natalino Ferreira Mendes na
Academia Mato-Grossense de Letras (AML)

[Benedito Sant'Ana da Silva Freire's speech at the intitation of
Natalino Ferreira Mendes at the Mato-Grossense Academy of Letters (AML)]

Benedito Sant'Ana da Silva Freire 23

2. Ingresso de Natalino na Academia Mato-Grossense de Letras

[Natalino's admission to the Mato-Grossense Academy of Letters]

Elizabeth Madureira Siqueira 33

3. O Centenário de um mestre do Pantanal:

O legado educacional e histórico de
Natalino Ferreira Mendes em Cáceres – MT

[The Centenary of a master of the Pantanal: the educational
and historical legacy of Natalino Ferreira Mendes in Cáceres – MT]

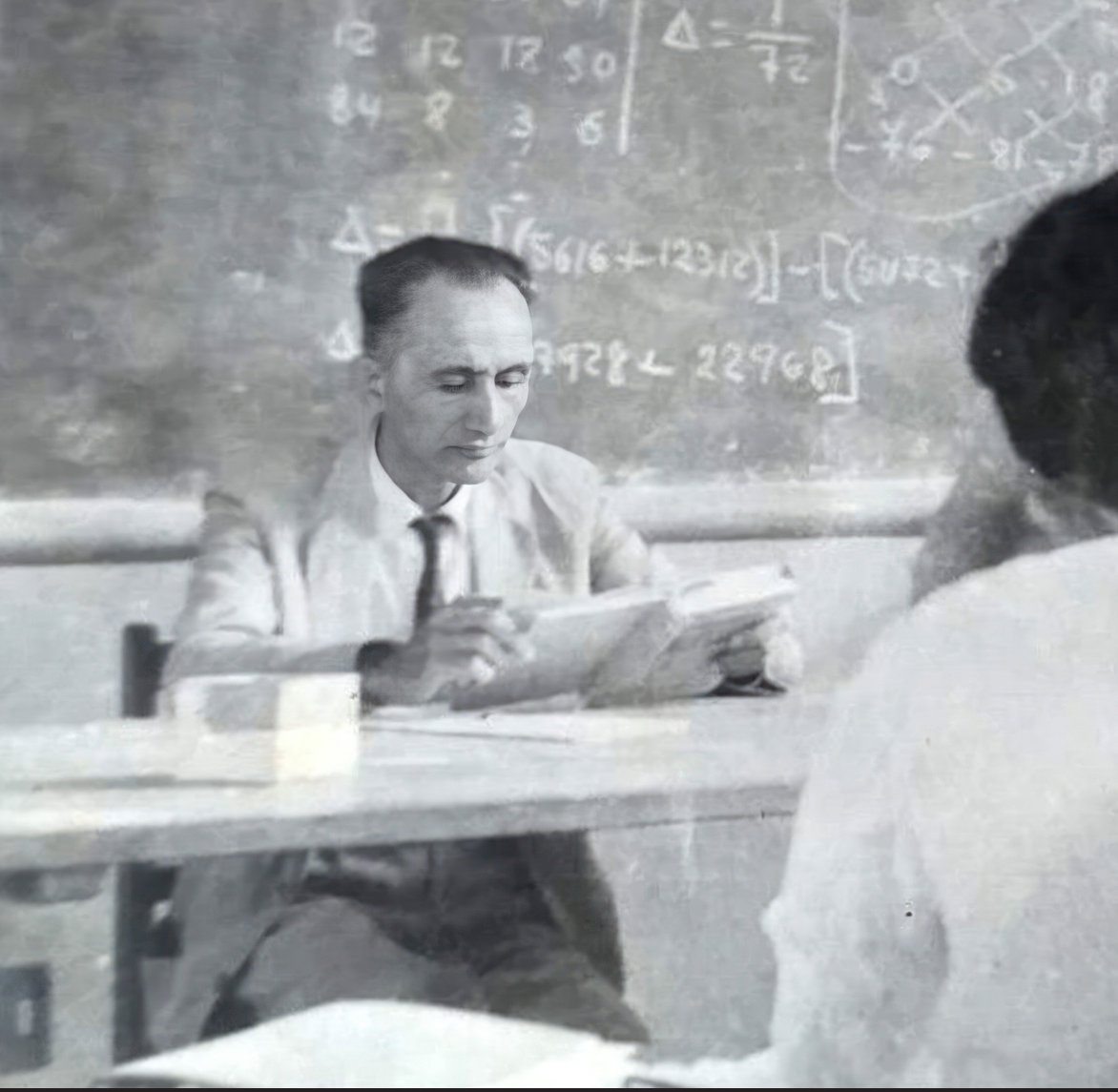
Jefferson Antonione Rodrigues | Gisa Laura Egues dos Reis 71

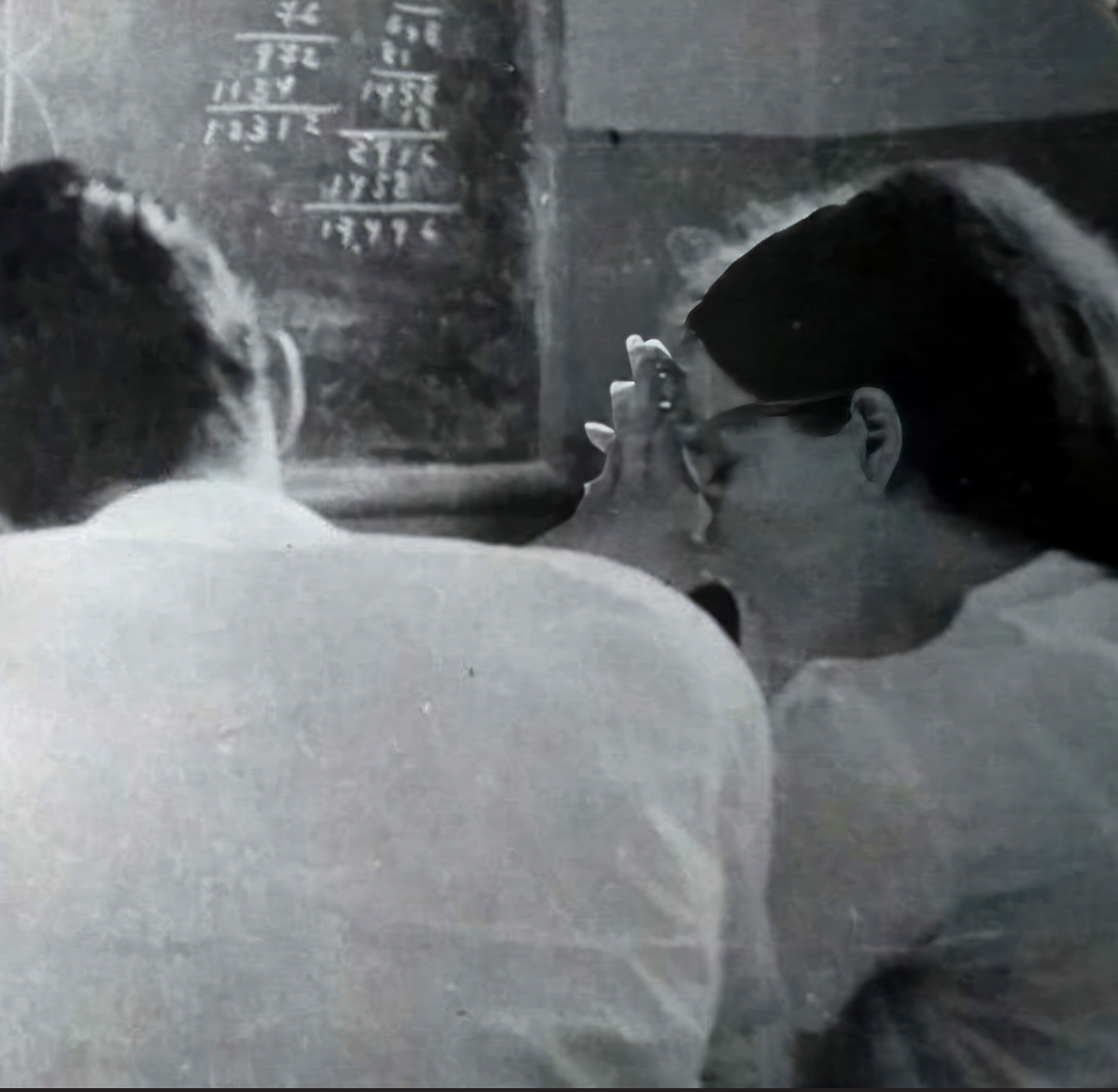
4. Entre letras e leis: O legado de Natalino Ferreira Mendes na trajetória acadêmica de sua neta [Between letters and laws: the legacy of Natalino Ferreira Mendes in the academic trajectory of his granddaughter] <i>Linnet Mendes Dantas</i>	89
5. Natalino Ferreira Mendes: arauto da história [Natalino Ferreira Mendes: herald of history] <i>Romyr Conde Garcia</i>	107
6. Natalino Ferreira Mendes e o exorcismo do esquecimento [Natalino Mendes and the exorcism of forgetfulness] <i>João Edson de Arruda Fanaia</i>	127
7. A criação literária e a cadência dos instantes, nas obras <i>Anhumas do Pantanal e Pássaro Vim-Vim</i> , de Natalino Ferreira Mendes [Literary creation and the cadence of instants, in the works <i>Anhumas do Pantanal</i> and <i>Pássaro vim-vim</i> , by Natalino Ferreira Mendes] <i>Maria Elizabete Nascimento de Oliveira</i> <i>Jocineide Catarina Maciel de Souza</i> <i>Almerinda Auxiliadora de Souza</i>	149
8. Reminiscências de uma cidade pantaneira [Reminiscences of a swamp city] <i>Maria de Lourdes Fanaia Castrillon</i>	171
9. Uma história em prosa e verso contada por Natalino, Cáceres [A story in prose and verse told by Natalino, Cáceres] <i>Rosana Lia Ravache</i> <i>Jeane Aparecida Rombi de Godoy</i>	191

10. Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória. (Resenha) [Fragments of the cultural history of Cáceres and other threads of memory (Review)] <i>Olga Maria Castrillon-Mendes</i>	211
--	-----

SEGUNDA PARTE

[Transversalidades Transversalities]	217
11. Da magia à modernidade: a missionariedade religiosa e o desenvolvimento de Araputanga sob o legado do monsenhor Ermínio Celso Duca [From magic to modernity: religious missionarity and the development of Araputanga under the legacy of monsignor Erminio Celso Duca] <i>Jefferson Antonione Rodrigues</i>	219
12. Da situação de rua na Cuiabá dos delírios urbanos: antes e depois do projeto Copa do Mundo [The homeless situation in Cuiabá of urban delirium: before and after the World Cup project] <i>Edson Benedito Rondon Filho</i>	239
13. Brasão de Armas de nobreza da família Falcão [Coat of Arms of nobility of the Falcao family] <i>Francisco Ildefonso da Silva Campos</i> <i>João Ernesto Paes de Barros</i> <i>Jessika Matos Paes de Barros</i>	259





PRIMEIRA PARTE

*Centenário do nascimento
de Natalino Ferreira Mendes*

(Dossiê temático)

1. O discurso de Benedito Sant’Ana da Silva Freire na posse de Natalino Ferreira Mendes na Academia Mato-grossense de Letras (AML)²

*Benedito Sant’Ana da Silva Freire*³

RESUMO: Discurso pronunciado por Benedito Sant’Ana da Silva Freire na Academia Mato-grossense de Letras (AML) por ocasião da posse do acadêmico Natalino Ferreira Mendes⁴, em 6 de março de 1987.

Palavras-chave: Natalino Ferreira Mendes; Academia Mato-grossense de Letras (AML); Discurso de posse; Transcrição.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
1 de maio de 2024	5 de setembro de 2024

BENEDITO SANT’ANA DA SILVA FREIRE’S SPEECH AT THE INTITATION OF NATALINO FERREIRA MENDES AT THE MATO-GROSSENSE ACADEMY OF LETTERS (AML)

ABSTRACT: Speech given by Benedito Sant’Ana da Silva Freire at the Mato Grosso Academy of Letters (AML) on the occasion of the inauguration of Natalino Ferreira Mendes, on March 6, 1987.

Keywords: Natalino Ferreira Mendes; Mato Grosso Academy of Letters (AML); Inaugural speech; Transcription.

2 Material concedido por Larissa Silva Freire, filha de Benedito Sant’Ana da Silva Freire.
3 Advogado, professor e poeta, membro da Academia Mato-Grossense de Letras (Cadeira 38) (*in memoriam*).
4 Na catalogação do documento na Casa Silva Freire: “Contém 10 folhas. Anexo, correspondência de Eliane L. C. Dionelo, da Prefeitura Municipal de Cáceres, informando a Silva Freire a devolução do original de seu discurso, e que distribuiu fotocópias aos jornais locais Correio Cacerense, Folha do Povo, Tribuna Cuiabana e O Estado de Mato Grosso para publicação do discurso em edições consecutivas.”

Carta Manuscrita

Estado de Mato Grosso
Prefeitura Municipal de Cáceres
Gabinete do Prefeito

Dr. Silva Freire, estou lhe devolvendo o original do seu discurso de saudação ao nosso estimado professor Natalino Ferreira Mendes, conforme havíamos combinado.

Tomei a liberdade de distribuir fotocópias do pronunciamento aos jornais locais “Correio Cacerense” e “Folha do Povo”, que se comprometeram a publicá-lo em edições consecutivas. Enviei cópias, ainda, aos jornais “Tribuna Cuiabana” e “Estado de Mato Grosso”, via Sedex.

Agradecendo sua colaboração, apresento-lhe minhas cordiais saudações.

Liane L. C. Dionello

Discurso

Senhores acadêmicos,⁵

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

É sem dúvida que me perguntei, ensimesmando-me: – qual secreto motivo determinou o novel confrade, Natalino Ferreira Mendes, na escolha do meu nome para recebê-lo, nesta noite, quando a Academia Mato-grossense de Letras mais se qualifica pelo reconhecimento e proclamação de um de nossos valores intelectuais?!

Sim, nobres pares, eu me perguntei, e só uma explicação me acodiu: - empatia; empatia que, na psicanálise, é o estado de espírito no qual uma pessoa se identifica com a outra, presumindo sentir o que esta está sentindo. Pois é verdade que tal fenômeno nos tem identificado de longa data, pela consideração recíproca, a par da estima e delicada atenção a mim dispensadas por

5 **Anotações a mão na margem esquerda da página:** Rua Cândido, 707 – Tel 3218903 – Rua João Bento, 481 – 3229625

das por este filósofo-professor, filho tão querido da querida Vila Maria do Paraguai, – a nossa Cáceres de hoje, estuante de vida-viva, paradigma do ensino técnico e humanístico, agora, em busca de outras unidades universitárias, para melhor se realizar como centro tradicional de irradiação de conhecimento, na linha nervosa de nossa fronteira...

Pois aqui se explica o amigo, o colega de ensinar e o confrade de tantas outras leituras, me fazendo lembrar as considerações da professora Maria do Carmo Tavares de Miranda, enfocando a vida do humanista-cristão, Jacques Maritain, ao confirmar que, – “um amigo não é espelho a refletir a própria imagem do que se abre em olhar vidente. É um interlocutor de silêncios carregado de energia espiritual; – é a disponibilidade de ouvir e entender outras vozes, que a sua própria, – captar sentidos do que fica entredito. É auscultador da palavra incoativamente pronunciada. É o que vem em socorro ao diálogo que se instaura e começa a ser temeroso de revelações. É revelador da profundidade da intimidade não clara, só entrevista. Busca a verdade, ainda não manifesta, e encontrando-a corre para anunciá-la ao amigo. Entre amigos o mundo secreto do mistério da verdade se faz presença, pulsa e comove...” Enfim, “uma vida inteira de pensamento, ação, emoção exemplar pela experiência do viver intenso no qual inteligência e amor têm sua união, dão-se em totalidade!”

Eis, Senhores Acadêmicos, em linhas iniciais, o perfil de sensibilidade humana espiritual do professor Natalino Ferreira Mendes: – “uma vida inteira de pensamento, ação, emoção exemplar pela experiência do viver intenso no qual inteligência e amor têm sua união, dão-se em totalidade.” – Pois o erudito filho de Bertholdo Ferreira Mendes e Anatólia Trindade Mendes, nascido em 3 de janeiro de 1924, é o catedrático de ensino médio, ilustrando a cátedra de Português, e sempre ali na ante-sala do paraíso, que é sua a sua Cáceres natal; – mas não é só: – ao longo do tempo, tem emprestado sua vocação de servir àquela municipalidade fronteiriça, na pasta de Administração, em várias gestões da Prefeitura local. Foi ele, o diretor do Colégio Estadual Onze de Março, por mais de uma década, e diretor também, por quatro anos, do Instituto Onze de Março, estabelecimento particular de ensino primário. Em 1972, era o presidente da Comissão Municipal do Sesquicentenário da Independência do Brasil. Em 1973, vamos vê-lo conferencista enfocando a “História, Situação, Problemas e Soluções do Município de Cáceres”, para a Comitativa do Instituto Rio Branco, em viagem de estudo por Mato Grosso.

Depois, o humanista exerce a Vice-Presidência do Conselho de Pastoral da Diocese de Cáceres, – recebendo, ainda, a gratidão comunitária no grau de Presidente de Honra da Sociedade dos Amigos de Mirassol do Oeste, hoje, um dos municípios mais desenvolvidos do médio-norte de Mato Grosso.

Senhores Acadêmicos, – nesta mini-síntese, estamos andando por seu caminho multipontuado, ouvindo sua voz multíssona, aqui, ali, acolá, habitando os espaços culturais, emprestando seu patriotismo intelectual ao ensino de gerações, fazendo-se figura viva, estuante do fazer comunitário, na sua encantada São Luiz de Cáceres, – aquela cidade, como escrevi um dia, onde a segunda-feira tem cara de sábado rural..., e o hino oficial da lavra do poeta Natalino Ferreira Mendes.

Sua compreensão do humano o faz estar sempre a serviço do homem, por estar sempre a serviço da verdade. E é assim que tem sabido gizar os melhores exemplos do zelo pelos valores permanentes de sua terra, ainda que insulado na faixa mediterrânea da Pátria, fora do eixo da comunicação e da promoção fáceis, tão longe da azáfama dos meios culturais das metrópoles, – mas, como o eremita, construindo em solidão seu acervo de dar-se ao bem comum, que o enobrece e o dignifica, nobre acadêmico, Natalino Ferreira Mendes!

Côncio, portanto, da importância da obra-do-silêncio, consciente de sua inserção em uma situação geo-política-cultural de fronteira (na linha nervosa de relações humanas), – comprometeu-se também com sua história, a que deu corpo e vida documental em preciosa obra intitulada – HISTÓRIA DE CÁCERES – Tomo I (ou História da Administração Municipal), – encarregado que foi pelo então Prefeito Dr. Luiz Marques Ambrósio sensível à sábia indicação do atento edil, Dr. Ênio Maldonado, de tantos bons serviços prestados ao Legislativo e à Faina forense municipais.

Reconstituindo, por assim dizer, quase dois séculos de administração pública, – Natalino Ferreira Mendes o fez com clareza didática e compromisso com a verdade social e política, de tal sorte que sua obra tornou-se fonte de consulta obrigatória por todos que se interessam pelo conhecimento da lindeira região-ataláia de Mato Grosso, hoje recriada em várias e promissoras comunas, a exemplo de Mirassol d'Oeste, Porto Esperidião, Quatro Marcos, Pontes e Lacerda, Jauru, Reserva do Cabaçal, , Indiavaí, Salto do Céu, Rio Branco e Figueirópolis, que as conheço bem. – Eis a sua São Luís de Cáceres, professor Natalino Ferreira Mendes, – a nossa Cáceres querida se mul-

tiplicando em cidades, como preces de mãe dadivosa, ofertando filhas para Mato Grosso...

Mas, nobres Acadêmicos, este pesquisador, este cuidador de valores permanentes do nosso povo, incursionando pela estatística em movimento, que é a própria história nascente, não se limitou à cronologia dos fatos sequenciados, – não!, preocupou-se, ele, com a lucidez e sensibilidade que lhe são próprias, em retrospectar os antecedentes do arraial-freguesia da Vila Maria do Paraguai, radiografando as raízes humanas da sociedade em formação até sua estratificação sociológica, – e com tal clareza e síntese só encontradas no arraigado amor do estudioso à sua sociologia de ambientes em evolução! Dir-se-ia mesmo que a minudência do atento Auxiliar-Protocolista do Tesouro do Estado de Mato Grosso, que o foi em 1943, o assistia na conferência metodológica do precioso acervo pesquisado.

Não é, pois, sem razão, que o tão chorado confrade, Rubens de Mendonça, em alongado prefácio à obra lançada, invocou a lúcida preocupação do brilhante poeta e jornalista, Ronaldo de Castro, ao sentenciar que: “O escritor deve fazer a obra com amor, mas não se pode fazê-la por amor.” – Pois tal ainda é o ofício do escritor interiorano, esquecido, à margem sempre das atenções daqueles que lhe buscam a atenção de seus estudos... Mas, incorrigíveis otimistas que somos, nos alenta saber, como bem o disse essa robusta expressão da sociologia moderna, o professor João Vieira, em análise crítica ao livro ÁGUAS DE VISITAÇÃO, de minha lavra. Diz ele: “Toda a sociedade tem seu pensador. Por reduzida que seja uma comunidade, tem ela figuras sempre mais voltadas para os misteres da inteligência e da reflexão, e que se repartem em duas categorias distintas, a saber: a) – aqueles que se encarregam da história, e b) – aqueles que se voltam para a criação e operação dos conceitos.” – Entre estes, se incluem os farejadores do futuro, – os decodificadores das emoções, os zeladores da memória de sua época, para que as novas gerações se batizem e se balizem pelas raízes da raça.

Criador, farejador de futuros também o é, o novo acadêmico, Natalino Ferreira Mendes, bastando apenas que leiamos uma das apreciações que me endereçou, a propósito da publicação de meus Cadernos de Cultura, para sentirmos a força rítmica de sua verve poética, e energia corruscante, a atenção penetrada na essencialidade em busca de realidades subjacentes às palavras. Mineração crítica no melhor estilo contemporâneo, que me permiti

publicá-la, às fls. 193 do meu último lançamento, editado pela Universidade Federal de Mato Grosso. Ei-lo:

“No seu poema – diz o poeta-crítico – a terra, o homem, as coisas da terra e do homem, usos e costumes, tudo apanhado no aqui e ali, surpreendido no acontecer, no vivo. O bicho, o inseto, a ave, o homem no seu sendo. Sente-se, sim, o existindo num instante cósmico (quentinho ainda da centelha que o criou), que é flagrante colhido pelos sentidos na dinâmica do tudo-passa e tudo-fica (fluência que pereniza), interpretado através das relações, dos efeitos, de analogias, intuições, sensações, símbolos, imagens, contaminações... Dir-se-ia um poema-nervo-sensibilidade! A lembrança, – espírito de vivência passada, vivifica o fato de uma imagem (brancura rendada...) ou da posição-manifestação-objetivo (rio fecundante). Rio bem nosso, como a raça que moureja na terra, “rio mestiço” produto de águas diversas, que lhe dão um sendo como nenhum... Num gesto, um amanhã, a feliz consequência da enxada que fere a terra (sangrando a fome do amanhã). Retalhos que se juntam e tomam a forma – do seu poema – CHÃO-TERRA e PASTO. Um mundo novo, feito do mundo-de-todo-dia. Entre ele, o Poeta e o co-Operador.”

Senhores acadêmicos, à parte a generosidade de avaliação estética do missivista-crítico, salta, explode e imanta a estrutura vocabular moderna, acuidade construtiva de palavras híbridas, a força telúrica da ritmação vivenciada, captando vir-a-ser, as imagens no acontecer, o homem no seu sendo, – o existindo num instante cósmico, e outras tantas fabulações do atento educador-poeta-crítico-homem público e cidadão plantado bem no centro do seu tempo; – um fazedor de cultura para a cultura mato-grossense.

Nobre acadêmico, Natalino Ferreira Mendes, - sua chegada nesta Casa de Letras, em que sempre esteve na distância operosa da criação, coincide com a com o grave momento de perplexidade nacional no ordenamento de sua vida política; – neste momento, pois, em que a Nação se mostra desorientada no torvelinho dos rumos, é também chegado o momento histórico em que o País precisa ressuscitar a figura, hoje, démodé, a figura hoje, ainda cafona, antiquada, que é a figura cívica contida na palavra patriota, para que a Pátria, do conjunto de esforços se sobreerga e se firme institucionalmente democrática. Nós bem o sabemos: o mundo está dividido em pátrias, mas

a nossa é esta, o berço, pátria do coração, coração da consciência. E nem é preciso que nos digam, porque sentimos subindo da terra pelo corpo e pela alma um calor de preferência e de exclusividade, um frêmito de devoção absoluta. E Mato Grosso é nosso chão mais íntimo: a terra, o pasto, o túmulo!

É como se tivéssemos raízes! Amor de imagens, sons, movimentos, aromas, contactos incomparável e incontrastavelmente queridos. E não só desde o berço, como dizem certos ignorantes da biogenética. Se me permitem, – e é o que sugere o saudoso mestre Roberto Lyra, “Eu imaginaria uma sócio-genética, o sangue trazendo e transmitindo o estilo gregário, a fusão inata, a adesão originária, – porque a presença da Pátria não é apenas sentimental e espiritual. É a fidelidade refletida na conduta totalmente brasileira.” – Pois não é outro o sentido ideológico de sua de sua contribuição literária para a cultura mato-grossense, caro professor Natalino Ferreira Mendes!

Mas o sentido desta noite de sua posse, nobre Acadêmico, também é o de convocação para se preservar os valores espirituais permanentes da gente de Mato Grosso, para que o nosso desenvolvimento e integração não padeçam os riscos de descaracterizarem, engolidos pela desumanização tecnológica.

Pois bem, distinto plenário, na linha desta preocupação, e em nome dos confrades na produção de “objetos estéticos”, queremos registrar nesta Casa e nesta Noite, uma reivindicação endereçada ao futuro governador do Estado, o advogado Carlos Gomes Bezerra, para que opere a urgente dicotomia da Secretaria de Educação e Cultura, ensejando, a exemplo de outras unidades da Federação, organicidade àquela que será a Secretaria de Estado da Pasta dos Assuntos da Cultura, pois, não é demais dizer que, filosoficamente, como nos ensina M. ROSENTHAL e P. IUDIN:

Cultura é o conjunto dos valores materiais e espirituais criados pela humanidade, no curso de sua história. A cultura é um fenômeno social que representa o nível alcançado pela sociedade em determinada etapa histórica: – progresso, técnica, experiência de produção e de trabalho, – instrução, educação, ciência, literatura, artes e instituições que lhe correspondem. Em um sentido mais restrito, compreende-se, sob o termo cultura, o conjunto de formas da vida espiritual da sociedade, que nascem e se desenvolvem à base do modo de produção dos materiais historicamente determinados. Assim, entende-se por cultura, o nível de desenvolvimento alcançado pela sociedade na instrução, na ciência, na literatura, na arte, na filosofia, na

moral, etc., etc., e as instituições correspondentes. Entre os índices mais importantes do nível cultural, em determinada etapa histórica, é preciso notar o grau de utilização dos aperfeiçoamentos técnicos e dos desenvolvimentos científicos da produção social, o nível cultural e técnico dos produtos dos bens materiais, assim como o grau de difusão da instrução, da literatura e das artes entre a população.” Em (DICIONÁRIO FILOSÓFICO ABREVIADO, Ediciones Pueblos Unidos, Montividéu, 1950, citado por NELSON WERNECK SODRÉ, em SÍNTESE DE HISTÓRIA DA CULTURA BRASILEIRA, 3ª ed., pág. 3 e 4, Ed. Civilização Brasileira.

E nem se diga, nobres Acadêmicos, que a fruta não está madura: – basta uma breve retrospectiva para que nos aflore o feixe de atividades mato-grossenses preenchendo espaços culturais no melhor aplauso da imprensa especializada: no teatro experimental, na música, no poema, na prosa, artesanato, folclore, o balé branco se afirmando, – na arte escultórica, no ensaio crítico e na pintura. De José Barnabé de Mesquita, Dom Aquino Corrêa, premiado, o primeiro, e, membro, o segundo pela e da Academia Brasileira de Letras; – de Manuel Cavalcanti Proença, o ensaísta maior passando por Lobivar de Matos, o precursor do Modernismo em Mato Grosso, – Lamartine Mendes, Virgílio Corrêa Filho; – de Estevão e Rubens de Mendonça, o historiador e o cronista da história, passando por Maria de Arruda Müller, Vera Randazzo, Octayde Jorge, Alice Meireles Carlos Rosa, Glória Albues, Marília Beatriz, Luiz Carlos Ribeiro e Lúcia Palma; – de Gervásio Leite, João Antônio Neto, Pedro Rocha Jucá, Ronaldo de Castro, Octayde Jorge, Guilherme Ricardo Dick, Sebastião Carlos de Carvalho, Lenine de Campos Póvoas, Martha de Arruda, Cursíndio Monteiro, Antônio de Arruda, Ubaldo Monteiro da Silva, Gentil Bussiki, Newton Alfredo e mais essa plêiade esplêndida de jovens artistas plásticos, com Dalva de Barros, Gervane, Adir Sodré, Benedito Silva e tantos outros valores da criação, que levaram o nome de Mato Grosso para os espaços nobres da imprensa temática, e, para não me alongar, chegamos em Wladimir Dias Pino, que, mais uma vez, ocupa o Centro Cultural de São Paulo, com sua exposição retrospectiva de poemas visuais, ao ensejo do 30º Ano do Movimento Concretista no Brasil, pioneiro que ele foi, graças as suas pesquisas desde 1951, em Cuiabá, como ideólogo da Corrente Literária Intensivista, a que nos filiamos, e como reconheceu o escritor e poeta Décio Pignatari, em alentado depoimento no jornal *O Estado de São Paulo*.

Mato Grosso, portanto, nobres Acadêmicos, vangloria-se de sua posição pioneira na vanguarda cultural brasileira. Por isso a fruta está madura para se reivindicar, como fazemos, a criação da Secretaria de Estado da Pasta dos Assuntos da Cultura, para que a comunidade de pensadores do Estado tenha melhor tratamento, e deixe de fazer a obra de arte, simplesmente por amor, mas que o faça com amor, e tenha canais de divulgação eficientes, sobretudo quando a Literatura Regional é matéria curricular obrigatória, a níveis de 1º, 2º e 3º graus, e professores e alunos e o leitor em geral não dispõem das obras essenciais...

— Com as palavras finais, distinta assistência, mas na esteira do mesmo raciocínio, quero apenas relembrar a experiência histórica, anterior à divisão do Estado de Mato Grosso. — Com ela, Cuiabá, célula-mãe do processo, viveu o desafio da ocupação física do espaço geográfico; agora, com a nova e exuberante, porém, carente realidade geo-política, vive, Cuiabá, ao lado de Rondonópolis, Barra do Garças e Cáceres, o desafio maior da ocupação cultural das novas frentes em franco desafio existencial. A Cuiabá, Barra do Garças e Cáceres, portanto, reserva-se a destinação cultural de entrepostos produtores de instrumentos civilizatórios, com os quais se chegará à Amazônia essencial. — Mas não o farão, não cumprirão tamanho desafio sem a co-participação ativa dos operários da razão. E, também é por isso, o chamamento permanente, que nesta noite se reforça, dos homens criativos para o exercício do direito-dever de defesa indormida dos fundamentos de doutrina de que se alimenta a Democracia, sem o que nenhuma Nação se sustenta, pois, sem Democracia plena, (e os riscos que estão à vista!) não existem artistas livres, mas escleromas sociais, somente.

Por oportuno, é bom se dizer que o irrequiesto poeta da pintura francesa, PAUL GAUGUIN, certo dia, num relance de olhos, tentou ferir de crítica seu íntimo amigo, o gênio VAN GOGH, afirmando-lhe:

— Você é um pintor incompleto, pinta muito rápido.

VAN GOGH, a caminho do delírio da criação, lhe responde de pronto:

— E você olha rápido demais.

Pois bem, ilustrado plenário, — olhar mais devagar os caminhos de trilheiros, trilhados pelo literato-humanista, — ouvir e ouvir bem devagar os silêncios do tecido cultural com que trabalha Natalino Ferreira Mendes, — foi a sábia tarefa da Academia Mato-grossense de Letras. Ele, que a esta Casa de Letras pertencia na distância dos silêncios da criação, como disse, para ela

foi chamado a compor conosco o quadro de seus militantes, incorrigíveis otimistas na produção de objetos estéticos. Não quiz e não podia esta Academia correr o risco de receber de VAN GOGH, o epíteto de quem olha rápido demais o conjunto da obra de arte.

A partir de agora, uma comunidade dedicada ao estudo e à perquirição dos vários campos de intelectualidade, em Mato Grosso, está enriquecida, pois o novel companheiro, Natalino Ferreira Mendes, é o titular da camisa 15, da nossa seleção, ilustrada pelo patrono, Joaquim Mendes Malheiros e demais ocupantes, para ser glorificada, por último, pelo incansável atleta das belezas do espírito, na mesma linha da cepa familiar, o prof. Francisco Alexandre Ferreira Mendes, de chorada ausência.

Eu o saúdo, novel Acadêmico, em nome desta Casa!

Referências

ACERVO SILVA FREIRE.
RL 61 Discurso Silva Freire.
Posse Natalino Mendes⁶.
ASF – Relações Literárias –
Envelope 61. Fundo: Acervo Silva Freire.
Grupo: Relações Literárias.
ASF – R L – Discurso – Envelope 61.
Cuiabá-MT: AML, [s.d.].

⁶ Material concedido por Larissa Silva Freire, filha de Benedito Sant’Ana da Silva Freire.

2. Ingresso de Natalino na Academia Mato-Grossense de Letras

Elizabeth Madureira Siqueira⁷

RESUMO: O presente artigo objetiva homenagear o Acadêmico Natalino Ferreira Mendes, pelo Centenário de seu Nascimento, tendo como foco o momento do seu ingresso na Academia Mato-Grossense de Letras, assim como apresentar a Cadeira escolhida. Para encerrar, momentos marcantes da posse: o discurso de abertura, pronunciado pelo então Presidente da AML, Lenine de Campos Póvoas, o discurso de recepção, da lavra do Acadêmico Benedito Sant’Anna da Silva Freire, e o discurso de posse de Natalino Ferreira Mendes.

Palavras-Chave: Natalino Ferreira Mendes. Academia Mato-Grossense de Letras. Cadeira n. 15.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
1 de maio de 2024	5 de setembro de 2024

NATALINO’S ADMISSION TO THE MATO-GROSSENSE ACADEMY OF LETTERS

ABSTRACT: This article honors Academic Natalino Ferreira Mendes on the centennial of his birth, focusing on his induction into the Mato Grosso Academy of Letters and presenting the Chair he has chosen. Finally, we will highlight key moments from his inauguration: the opening address by then-President of the AML, Lenine de Campos Póvoas; the welcoming address by Academic Benedito Sant’Anna da Silva Freire; and the inaugural address by Natalino Ferreira Mendes.

Keywords: Natalino Ferreira Mendes. Mato Grosso Academy of Letters. Chair nº 15.

⁷ Doutora em Educação, mestre em História, associada Emérita do IHGMT, associada efetiva da Academia Mato-Grossense de Letras (Cadeira 29) e Curadora da Casa Barão de Melgaço.

Introdução



ACBM. Acervo de fotografias da Casa Barão de Melgaco

Natalino Ferreira Mendes usando a pelerine da AML

A atual Academia Mato-Grossense de Letras teve origem com o Centro Matogrossense de Letras (CML), criado no dia 22 de maio de 1921 e oficialmente instalado no dia 7 de setembro do mesmo ano. Inicialmente, o CML foi composto por 12 cadeiras, as quais foram aumentadas logo em seguida para 24. Em 1932, o CML se transformou em Academia Mato-Grossense de Letras (AML). Na ocasião, aos moldes das instituições congêneres, teve suas cadeiras aumentadas para 30, e, em 1944, para 40, seguindo as orientações da Federação das Academias de Letras, a qual teve por base a Academia Brasileira de Letras (Carvalho, C. G. de. *Breves apontamentos para uma história da Academia Mato-Grossense de Letras*. In: AMÇ. Revista comemorativa do Centenário da Instituição, 2021, p. 518-543).

Assim, no momento do ingresso de Natalino Ferreira Mendes, a Academia Mato-Grossense de Letras já era composta de 40 Cadeiras. Cada uma delas possui um Patrono, escolhido no momento de sua criação e sempre relacionado à contribuição da personalidade na trajetória de Mato Grosso.

O lema da Academia, sugerido por D. Aquino Corrêa e aprovado por ocasião da sua fundação, *Pulchritudinis Studium Habentes*, deriva de uma expressão latina retirada do Eclesiastes, parte da Bíblia dedicada à beleza e Sabedoria. No seu capítulo 44:6, encontra-se uma frase em latim, *homines divites in virtute, pulchritudinis studium habentes, pacificantes in domibus suis*, que, traduzida, significa “homens ricos em virtude, desejosos de beleza, fazendo a paz em suas casas”.⁸

No momento da criação da marca identitária do CML, D. Francisco de Aquino Corrêa, então Arcebispo de Cuiabá e presidente do Estado e de honra da instituição nascente, escolheu apenas parte da citação: *pulchritudinis studium habentes*, compreendida enquanto local onde vicejaria a preconização da sabedoria e beleza, indicadas pelo Eclesiastes, sendo traduzida contemporaneamente por “Cultores da Beleza”.

Na concepção de Gervásio Leite, a beleza absoluta só se atingiria, caso se conseguisse atingir o que preconizou Platão:

Platão no “Banquete” refere-se à ciência única que é a beleza, assinalando que somente depois que o homem atinge a “Beleza Absoluta”, despida de toda materialidade, é que poderá chegar a uma concepção mais profunda e mais ampla da vida.

A Academia Mato-Grossense nasceu sob o signo da beleza, a beleza que queria Platão, pura, simples, sem mistura, a beleza não revestida de carne, de cores e de várias coisas mortais e sem valor, a beleza, em suma, que nasce e cresce no espírito e se exprime pela arte. Daí a razão porque a Academia tem como lema *Pulchritudinis studium habentes* – através da contemplação, do estudo, do trabalho criador atingir a expressão pura da beleza, como Platão queria, que os homens se elevassem das belezas inferiores à Beleza Máxima. (Leite, Gervásio. *O lema da Academia – Pulchritudinis studium habentes*. Revista da AML, 1946, p. 100)

Na concepção do Prof. Germano Aleixo, comentando o dístico da Academia Mato-Grossense de Letras, “Encimando o Estatuto da Academia Mato-Grossense de Letras, a modo de epígrafe, impera ares de majestade – este

8 Bíblia Sagrada. Eclesiastes 44:6. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/yS8Gx>>. Acesso em: 2 fev. 2024)

dístico: *Pulchritudinis studium habentes*. Aos dias de hoje, causa estranheza esse latim. Afinal, quase ninguém mais o arranha. Ao pé da letra, refere-se àqueles que têm (*habentes*) interesse (*studium*) pela beleza (*pulchritudinis*). [...] A bem-dizer, clara alusão aos que, tornados confrades nesta Academia de Letras, se irmanam na busca da arte, privilegiada a beleza. Esta, portanto, a Casa dos que têm o *belo* como farol. Os que a integram, se esmeram em sua produção, chegando ao requinte de transformar seu labor em obras de arte. A palavra *pulcritude* – agora enroupada à feição de nossos dias – frequenta há bem tempo os dicionários, ladeada do adjetivo *pulcro*, belo. No verbete específico, a prová-lo, o dicionarista Aurélio desfila esta pérola: *Deus te conserve sempre a pulcritude do coração!* E saber que, desta vida, só se leva o que está guardado no coração!” E finaliza: “Ao meu sentir, o belo sobrepaira aos estragos do tempo. Vale dizer: a beleza se pereniza. Ela tem o dom de beliscar o sentimento de criação artística a envolver seus consorciados. É o que – imaginação à solta – nos permite voar à procura do valor conotativo das palavras, o que nos avizinha mais ainda do Eterno. Sim, as palavras agasalham o dom de nos abeirar de Deus, a quinta-essência da beleza”. (Aleixo, Germano. Texto inédito produzido a pedido da autora, Elizabeth Madureira Siqueira, no suporte *Whatsapp*. Cuiabá, abril 2024).

Do chamamento à decisão

A decisão de Natalino Ferreira Mendes de se inscrever a uma vaga na Academia Mato-Grossense de Letras ocorreu graças a uma conjunção de diversas forças e vontades:

De um lado, amigos de todas as idades, atraindo-me para o convívio da intelectualidade em Cuiabá; de outro, o povo da minha terra, incentivando-me através de suas lideranças. Vozes amigas foram se erguendo no seio da sociedade cacerense, e um dia elas se revestiram de forma escrita na Câmara Municipal de Cáceres. Pedro Paulo Pinto de Arruda Filho, Vereador da época, conterrâneo e amigo, leva ao Plenário da Edilidade Cacerense, onde é aprovado por unanimidade, o requerimento Nº 98, propondo a este humilde orador, que se candidatasse a uma Cadeira vaga da Academia Mato-Grossense de Letras (Mendes, Natalino Ferreira.

Discurso de posse na Cadeira 15 da AML. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p, 265).

A visita do então presidente da AML, Lenine de Campos Póvoas, a Cáceres, adicionada a outras manifestações nessa direção, impulsionaram o ingresso de Natalino Ferreira Mendes, uma vez que foi por ele convidado a se candidatar graças às manifestações de diversos segmentos. Na avaliação do próprio Natalino, visto que o aceite ele dividiu com as personalidades que apoiaram seu ingresso, foi assim manifesto:

[...] Há momentos, porém, em que a gente não pode deliberar consultando-se apenas a si mesmo. Fazemos parte de um contexto, do qual recebemos estímulos e responsabilidades. Forma-se em torno de nós um campo de forças, que nos direciona de certo modo e nos coloca em situação de nos definirmos. Ser ou não ser. Lutar ou desertar. Participar mais intensamente dos problemas de todos, ou omitir-se comodamente.

É a conjuntura, diante da qual o ser humano se coloca em certas ocasiões da sua vida, obrigando-o a uma decisão. E esta se deu, no meu caso, quando o ilustre Presidente desta Casa, Acadêmico Lenine Póvoas, desenvolvendo patriótico serviço à juventude, foi a Cáceres proferir conferência sobre o nosso Mato Grosso, para o então Instituto de Ensino Superior, hoje, Centro Universitário de Cáceres.

Este desejo foi reforçado com os argumentos do então Prefeito Dr. Antônio Carlos Souto Fontes, e do incentivo do preclaro conferencista que honrava Cáceres com a sua visita, eis que se realiza em mim a metamorfose do homem novo, que da fraqueza tira coragem para enfrentar novo desafio, e, graças à generosidade vossa, senhores Acadêmicos, aqui me encontro, nesta noite esplendorosa, em que me abris as portas da Academia Mato-Grossense de Letras. (Mendes, N. F. Discurso de posse de Natalino Ferreira Mendes na AML. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p, 265)

A Cadeira escolhida

A Cadeira escolhida por Natalino Ferreira Mendes, por ocasião de sua candidatura à AML, foi a de número 15, patrocinada por Joaquim Mendes

Malheiros e ocupada, inicialmente por Augusto Cavalcanti de Melo, seguido de Francisco Alexandre Ferreira Mendes, tendo como terceiro ocupante Natalino Ferreira Mendes, e hoje ocupada pela Acadêmica Olga Maria Castillon Mendes.

O Patrono

O Patrono da Cadeira 15 é Joaquim Mendes Malheiros, o qual mantinha com o segundo e com o terceiro ocupantes o fato de ser mato-grossense, pois nasceu em Cuiabá, no ano de 1830, e faleceu, em data incerta, no Rio de Janeiro. A segunda vinculação se deve ao fato de terem sido professores, uma vez que Malheiros, após sua formatura como bacharel em Direito, pela Faculdade de Direito de São Paulo, exerceu o magistério na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

Na vida profissional, foi ele Deputado pela Província de Mato Grosso e Juiz Municipal, em Cuiabá, tendo desenvolveu aptidões para línguas estrangeiras, filologia, música e artes plásticas (AML. *Revista da AML, comemorativa ao centenário da instituição*. Cuiabá, 2021, p. 200).

O primeiro ocupante

Menos referenciado, mas com um acervo literário significativo e ainda por ser estudado, Augusto Cavalcanti de Melo foi o primeiro ocupante da cadeira n. 15 da AML. Foi pernambucano, natural da então comarca de Passo de Camaraxibe (PE) (1864), situada na região metropolitana de Recife.

Logo no momento da inscrição teve seu nome aprovado unanimemente para integrar o antigo Centro Mato-Grossense de Letras. Após receber ofício comunicando seu ingresso, no dia 15 de junho de 1921, em resposta, ele colocou as restrições para assumir os encargos, porém não dele declinou, alegando sua função de Magistrado, a precária condição de saúde em que se encontrava, porém consignou o propósito de contribuir com sua produção. (Arquivo da Casa Barão de Melgaço - ACBM. Ofício de Augusto Cavalcanti de Melo ao Presidente do CML, 20/06/1921. Acervo digital AML, caixa 13, doc. n. 3.815).

O conjunto de sua obra se cinge a poemas e peças teatrais escritas entre as décadas de 1920 e 1950, sob o pseudônimo de D'Archangelus: *Capa-*

nema (1922); *O Avarento* (comédia em 5 atos); *O Leão cativo* (1922); *A morte da águia* (1924); *O Galgo e O Mastin* (1924); *Elogio e Veiga Cabral* (1926); *Na Academia* (1926); *O Amor assassino* (1926); *Xaraés* (1927); *Drama floral* (1927); *A visão de Caim* (1927); *Da imitação de Cristo* (1928); *O assalto do castelo e o barão normando* (1928); *A morte de Gilliat* (1930); *O impostor* (1930); 22 de julho de 89 (1934); *Da leitura da escritura santa* (1935) e *A beleza da mulher* (1951). (AML. Revista da AML, comemorativa ao centenário da instituição. Cuiabá, 2021, p. 202).

O segundo ocupante

O segundo ocupante da Cadeira 15 foi o festejado professor e educador Francisco Alexandre Ferreira Mendes. No momento da posse de Natalino Ferreira Mendes os discursos não deixaram de referenciar esta personalidade, pois o primeiro elogio ao segundo ocupante da cadeira 15 foi feito pelo então presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Lenine de Campos Póvoas, na abertura da sessão de posse de Natalino Ferreira Mendes:

A Academia Mato-Grossense de Letras abre hoje suas portas para receber, solenemente, em seu seio, como sócio efetivo, o ilustre Professor Natalino Ferreira Mendes.

Vem ele ocupar, neste sodalício, a Cadeira nº 15, na qual teve assento, por largos anos, o Professor Francisco Alexandre Ferreira Mendes, que aqui deixou uma tradição de trabalho, de dedicação ao estudo e de amor à cultura mato-grossense. Já tive ensejo de declarar que com a morte do Professor Francisco Mendes encerrou-se um ciclo da história da nossa cultura.

E que certamente foi o ciclo mais fecundo de nossa vida intelectual, aquele em que se projetaram as expressões maiores da nossa inteligência, nas figuras de Dom Francisco de Aquino Corrêa, de José de Mesquita, de Cândido Mariano da Silva Rondon, de Virgílio Corrêa Filho, de Estevão de Mendonça, de Filogonio de Paula Corrêa, de Lamartine e Francisco Mendes, de Nilo e Isác Póvoas, de Cesário Neto, Olegário Moreira de Barros, de Cesário Prado, de João Vilasbôas e muitos outros. (Póvoas, L. de C. Abertura da sessão de posse do Acadêmico Natalino Ferreira Mendes na AML. Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p. 257)

Para Lenine, o vínculo maior com o empossando, Natalino Ferreira Mendes, se cindia ao ofício de professor, além das atividades administrativas que também ligaram as duas personalidades:

Professor nato, Francisco Mendes teve uma vida inteira dedicada ao magistério, exercendo, muitas vezes, com real proficiência, altos postos da administração de direção da instrução pública do Estado. Pesquisador infatigável da nossa história e do nosso folclore foi uma das mais constantes presenças, dentre os nossos intelectuais, nas colunas literárias dos jornais mato-grossenses. Suceder-lo nesta Academia, portanto, seria encargo de grande responsabilidade, que deveria caber a outro professor, historiador e jornalista (Póvoas, L. de C. *Abertura da sessão de posse do Acadêmico Natalino Ferreira Mendes, Cadeira 15, na AML*. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p. 257).

Já no discurso de recepção, Benedito Sant’Anna da Silva Freire procurou enaltecer o empossando, porém não deixou de citar o segundo ocupante, Francisco Alexandre Ferreira Mendes:

A partir de agora, uma comunidade dedicada ao estudo e à perquirição dos vários campos da intelectualidade, em Mato Grosso, está enriquecida, pois o novel companheiro, Natalino Ferreira Mendes, é o titular da camisa 15 da nossa seleção, ilustrada pelo patrono, Joaquim Mendes Malheiros e demais ocupantes, para ser glorificada, por último, pelo incansável atleta das belezas do espírito, na mesma linha da cepa familiar, o Prof. Francisco Alexandre Ferreira Mendes, de chorada ausência. (Freire, B. S. da Silva. *Discurso de recepção ao acadêmico Natalino Ferreira Mendes no momento de seu ingresso na AML*. In: AML. Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p. 264)

O terceiro ocupante

O terceiro ocupante da Cadeira 15 da AML foi o professor, administrador, historiador, memorialista e poeta Natalino Ferreira Mendes. Sua produção intelectual é de suma relevância e de extremado valor na reconstituição da trajetória histórico-literária de Mato Grosso.

Passos da trajetória de Natalino Ferreira Mendes

Natalino Ferreira Mendes nasceu em Cáceres, no dia 3/1/1924, e faleceu aos 87 anos, na mesma cidade, na data de 23/12/2011. Portanto, comemoraria 100 anos neste 2024.

Na página dedicada a Natalino Ferreira Mendes, lê-se:

Infância e adolescência

Nasceu em Cáceres, no dia 3 de janeiro de 1924. Por muito tempo foi o caçula de Anatólia Trindade Mendes (filha de Bento Anes da Fonseca - militar da guerra do Paraguai), e Bertholdo Ferreira Mendes (sapateiro), no seio de uma família de 6 filhos. Quando fazer chinelos e alpercatas deixou de ser rentável, seu pai abriu um *bolicho*, que tinha um pouco de tudo. Passou a infância no histórico bairro “Cavallhada”, tendo ao fundo de sua casa o córrego “Sangradouro”, de saudosa memória do universo infantil. Era colaborativo na família, apesar de ter a saúde bastante debilitada. Seu pai mantinha horta doméstica e a ele cabia o trabalho de aguar diariamente; sua mãe fazia doces e era ele quem entregava as bandejas no comércio local. Mesmo tendo uma infância de muito trabalho, Natalino nunca deixou de manter contato com os livros, encontrados em abundância na biblioteca da escola dos padres.

Atuação constante na educação

Natalino fez seus primeiros estudos formais no Colégio São Luiz, dos Padres Franciscanos, que muito contribuíram com a base do seu conhecimento, bem como para sua formação religiosa e a tendência para os livros. Tornou-se amigo de muitos religiosos, participando ativamente das atividades promovidas pela igreja e pela comunidade cacerense, principalmente nos festejos de São Luiz, padroeiro da cidade.

Nos anos 1940 frequentou Tiro de guerra em Cuiabá, ocasião em que construiu o diálogo com várias personalidades da cidade, que depois seriam seus colegas no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e na Academia Mato-Grossense de Letras/AML: Cesário Neto, Benedito Figueiredo, Pe. Firmo, Francisco Ferreira Mendes, entre outros.

Retornou a Cáceres, em 1944, quando começou a vida como profissional da educação. Foi Diretor e professor do Instituto “Onze de Março”, estabelecimento particular de ensino primário que ajudou a criar (1944 a 1948), transformado em escola pública com o nome de Colégio Estadual “Onze de Março”, atuando como professor de Português de 1948 a 1980. Desse Colégio, foi Diretor por dois períodos: de 1948 a 1956 e de 1961 a 1966, além de trabalhar, também, como professor da Escola Normal do Colégio Imaculada Conceição, das Irmãs Azuis de França. No final dos anos 1970 fez o Ensino Médio na Escola Técnica de Comércio *Raimundo Cândido dos Reis*, anexa à Escola *União e Força*. Por ser um homem de intensa atividade cívica e cultural, seu nome está na Escola Natalino Ferreira Mendes; no Auditório da Fundação Cultural de Cáceres e na Faculdade do Pantanal/FAPAN, tornando-se referência/símbolo da comunidade.

Em 1947 casa-se com Olga Castrillon, oriunda de família de imigrantes galegos, com quem conviveu durante 64 anos. Teve 6 filhos, 13 netos e 13 bisnetos. Não gostava de viajar. Dizia que já o fazia através dos livros, tendo construído uma vasta biblioteca que hoje é utilizada pela comunidade, abrigando a sede do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres/IHGC, que ajudou a criar. Nesse local atendia os jovens estudantes que o procuravam em busca de referência bibliográfica sobre a cidade ou o estado de Mato Grosso, dados sobre a cultura histórica e popular, ou simplesmente para troca de experiências e conversas informais. Seus ex-alunos sempre o visitavam para dizer o quanto foram beneficiados pela sua conduta como professor e diretor. Com os amigos mais próximos costumava manter longos diálogos em casa, ou durante as caminhadas matinais. Seu maior prazer era estar às margens do rio Paraguai e nas encostas da serra que margeia o sítio do Taquaral (antiga Sesmaria), localidade de origem de sua família. Uma pequena comunidade, a 18 Km da cidade, que vivia de suas roças, produção de farinha, rapadura, criação de gado e de pequenos animais comercializados no Mercado Municipal da cidade. Sua ligação com a terra se manifestou fortemente nos anos da aposentadoria, quando teve oportunidade de manter longas conversas com vaqueiros e ribeirinhos, bebendo na fonte dos “causos” e fatos da infância. Muito dessa memória estão presentes nas suas crônicas e poemas.

Vida civil e cargos

Vida narrada por ele mesmo em entrevista ao Sr. Batista Rup, do jornal “Correio Cacerense”, no dia 20/6/2006.

1. “Exerci as funções de professor durante 36 anos, em Cáceres-MT (de 1944 a 1980, nos seguintes estabelecimentos:

- * Diretor e professor do Instituto Onze de Março, estabelecimento particular de ensino primário (1944/1948).
- * Professor de Português do Colégio Estadual Onze de Março (1948/1980).
- * Diretor do mesmo Colégio Estadual Onze de Março, nos seguintes períodos: 1948/1956 e 1961/1966.
- * Professor de Português da Escola Normal do Colégio Imaculada Conceição.

2. Em atividade no serviço público municipal:

- * Secretário de Administração e de Desenvolvimento Social (onde se inseria a Educação), por 28 anos.
- * Chefia de Gabinete do Prefeito – 9 anos.
- * As administrações municipais de que participei foram:
 - Dr. José Gentil da Silva (1944/45 e 1945-46);
 - Des. Gabriel Pinto de Arruda (1945);
 - José Estêvão de Figueiredo (1946/47);
 - Dr. José Rodrigues Fontes (1947/51; 1955/59 e 1963/67);
 - Dr. Luiz Marques Ambrósio (1971/73);
 - José Souto Faria (1973/75);
 - Ernani Martins (1975/80);
 - Dr. Ivo Cuiabano Scaff (1980/83);
 - Ana Maria da Costa e Faria (1983/85);
 - Dr. Antônio Carlos Souto Fontes (1986/88 e 1993/96);
 - Dr. Walter Fidelis (1989/92).

Homenagens recebidas:

- Diploma “Honra ao Mérito – Fundação MOBRAL/Ministério da Educação e Cultura (1973).
- Diploma de participação nos festejos do bicentenário e composição da letra do Hino de Cáceres (1978).

- Diploma de “Honra ao Mérito” do Rotary Club de Cáceres pelos serviços prestados como professor e homem público (1979).
- Diploma de “Ordem do Mérito Legislativo de Mato Grosso” – Comenda Senador Filinto Müller (Cuiabá, 1984).
- Diploma de “Honra ao Mérito”, da Escola Estadual Onze de Março (Cáceres, 1989).
- Diploma de “Honra ao Mérito” da Câmara Municipal de Cáceres-MT (1989).
- Diploma de “Ordem ao Mérito de Mato Grosso no grau de Cavaleiro (Cuiabá, 1990).
- Diploma de Colaborador Emérito do Exército (Campo Grande/MS, 1994).
- Título de Sócio Honorário do Rotary Club de Cáceres-MT (anos rotários 1991/92 e 1993/94).
- Medalha do Pacificador – Ministério do Exército (1995).
- Moção de louvor da Câmara Municipal de Cáceres-MT pelo lançamento do livro *Memória Cacerense* (1999).
- Diploma “Amigo do Batalhão”, do 2º Batalhão de Fronteira de Cáceres-MT (1999).
- Comenda Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, da Câmara Municipal de Cáceres-MT (1999).
- “Amizade Maçônica”, homenagem da Loja Maçônica “União e Força”, de Cáceres-MT – centenário de fundação (2000).
- Comenda “Memória do Legislativo”, da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso (2001).
- Medalha do “Mérito Maçônico” Manoel Joaquim dos Santos, Grande Oriente de Mato Grosso (2001).
- Diploma de “Honra ao Mérito” da Escola Agrotécnica Federal de Cáceres-MT (s/data).

Gravadas em placas:

- Homenagem dos Poconeanos pela passagem do bicentenário da fundação da cidade de Poconé (1981).
- Homenagem dos funcionários da Secretaria de Desenvolvimento Social de Cáceres-MT (1981).

- Homenagem do Complexo Estudantil de Cáceres-MT no 35º aniversário do Colégio Estadual Onze de Março (1983).
- Homenagem da Escola Estadual de 1º e 2º graus Onze de Março (1987).
- Homenagem da Escola Estadual de 1º e 2º graus Professora Ana Maria das Graças de Souza Noronha/Cáceres-MT (1987).
- Homenagem do Centro Mato-Grossense de Tradições Gaúchas “Vaqueanos no Pantanal”, de Cáceres-MT (1988).
- Homenagem da Câmara Municipal de Cáceres-MT – Mérito Legislativo (1989).
- Homenagem da Escola Estadual de 1º e 2º graus Esperidião Marques, no 80º aniversário de fundação (Cáceres-MT, 1992).
- Homenagem da SR-05 e Escolas Estaduais de Cáceres-MT (1993).
- Homenagem do Prefeito Municipal de Cáceres-MT, na inauguração da Escola Estadual Prof. Natalino Ferreira Mendes (2005).
- Homenagem da Delegacia Regional de Educação e Cultura – DREC-03 (s/data).
- Tradições Gaúchas “Vaqueanos no Pantanal” (s/data).
- Homenagem do Cefapro, 2011.

Certificados conferidos pelos seguintes órgãos:

- Secretaria de Agricultura do Estado de Mato Grosso – participação no I Encontro do Prodepan, em Corumbá-MS (1974).
- Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Várzea Grande-MT – 1º concurso de poesia (1975).
- Fundação Projeto Rondon – Seminário de Estudos Integrados (1982).
- Instituto de Ensino Superior de Cáceres-MT – Estudos (ciclo) Mato-Grossenses (1983).
- Ordem dos Advogados do Brasil, Subseção de Cáceres-MT – I Conferência Jurídica (1985).
- Fundação Cultural de Mato Grosso – participação na II Plenária Estadual de Cultura (1988).
- Polícia Militar, 6º Batalhão de Cáceres-MT – I Curso de Reciclagem (1993).
- Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Cáceres-MT – Projeto Escola Sem Muro (1997).

- Rotaty Club de Cáceres-MT – I Exposição de Trabalhos “Jovem pesquisador”, 1997.
- Universidade do Estado de Mato Grosso – I Encontro de Educação Matemática e I Jornada de Educação Matemática (2001).

Funções desempenhadas

Presidências:

- Comissão Municipal do Mobral – Cáceres-MT.
- Comissão Municipal do Sesquicentenário da Independência do Brasil.
- Conselho Executivo do Conselho Pastoral da Paróquia de Cáceres-MT.
- Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais/Apae de Cáceres-MT.
- Comissão dos Festejos do Bicentenário de Cáceres-MT.
- Comissão Municipal de Civismo de Cáceres-MT.
- Comissão Municipal da Defesa Civil de Cáceres-MT.
- Associação Cacerense de Professores (Presidente de honra).
- Presidente de Honra e Patrono do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres/IHGC.

Outras funções:

- Secretário da Comissão Municipal de Coordenação do Ano Internacional da Criança-Cáceres-MT.
- Membro do Conselho Comunitário da Escola Agrotécnica Federal de Cáceres-MT.
- Membro do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente-Cáceres-MT.

Entidades a que pertenceu:

- Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso – IHGMT [4/6/1977].
- Academia Mato-Grossense de Letras/AML.
- Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres/IHGC. [desde 1973].⁹

⁹ Dados Biográficos de Natalino Ferreira Mendes. In: <<https://natalinoferreiramendes.com.br/o-mestre/funcoes-de-cunho-social>>. Acesso em: 15 abr. 2024.

Produção Intelectual

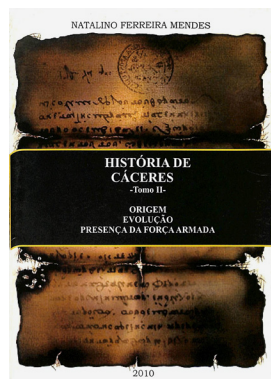
Publicou em livro:



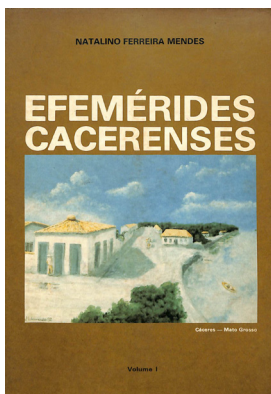
História de Cáceres: história da administração municipal (Tomo I)
Publicação indicada pela Câmara Municipal de Cáceres, através do Vereador Hênio Maldonado. Cáceres-MT, 1973. Prefácio: Rubens de Mendonça.



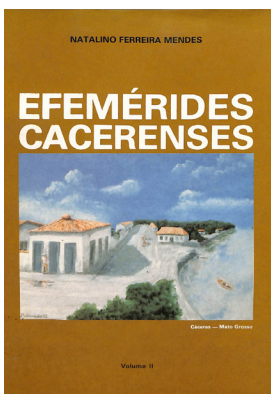
História de Cáceres (Tomo I): história da administração municipal – 2 ed. (Tomo I)
Cáceres-MT: Ed. , 2009. Apoio Fapemat e Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres/IHGC. Prefácio: João Carlos Vicente Ferreira.



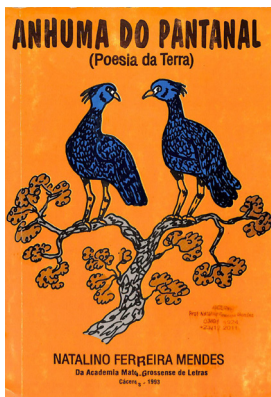
História de Cáceres: origem, evolução, presença da força armada (Tomo II)
Publicado no *Suplemento de Cultura do Diário Oficial do Estado de MT* (edições de 30/9 e 29/10/1992). Em formato livro, foi publicado através de incentivo da Fapemat e apoio do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres/IHGC. Cáceres-MT: Ed, 2010.



Efemérides cacerenses – Vol I
Brasília: Centro Gráfico do
Senado Federal, 1992.



Efemérides cacerenses – Vol II
Brasília: Centro Gráfico do
Senado Federal, 1992.



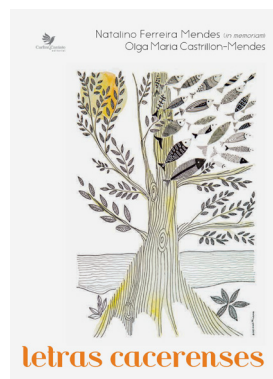
*Anhuma do Pantanal:
poesia da terra*
RS: Editora Pe. Berthier, 1993.
Prefácio de Olga Maria
Castrillon Mendes.
Patrocínio do genro Luiz
Emídio Dantas, funcionário do
Banco do Brasil/Cáceres.



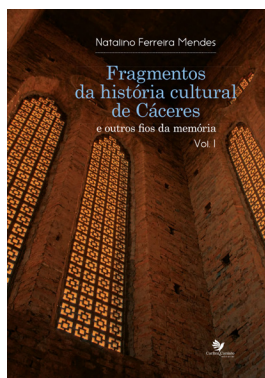
Memória Cacerense
Cuiabá: Ed. Carlini & Caniato,
1998.
Prefácio de Elizabeth
Madureira Siqueira.



*Pássaro Vim-Vim:
poesia da terra*
Apoio da Fapemat e Instituto
Histórico e Geográfico de
Cáceres/IHGC.
Cáceres: Ed, 2010.



Letras cacerenses
Cuiabá: Carlini & Caniato,
2021 (publicação póstuma
com Olga Maria Castrillon
Mendes).



Fragmentos da história cultural de Cáceres (vol. I)
Cuiabá: Carlini & Caniato,
2021 (publicação póstuma)



Fragmentos da história cultural de Cáceres (vol. II)
Cuiabá: Carlini & Caniato,
2021 (publicação póstuma)¹⁰

10 In: <https://natalinoferreira-mendes.com.br/o-mestre/funcoes-de-cunho-social>.

Parte De sua produção, em prosa e em versos, consta do acervo pessoal de Natalino Ferreira Mendes e está sendo catalogado, para futura publicação.

Publicação em Periódicos

Na Revista do IHGMT

MENDES, Natalino
Ferreira. *Cáceres – Duzentos Anos*. Ano L, Tomos CIX e CX – 1978. p. 35-36.

MENDES, Natalino
Ferreira. *Luis de Albuquerque e o Centenário de Cáceres*. Ano LIII, Tomos CXV e CXVI – 1981. p. 3-12.

MENDES, Natalino
Ferreira. *Primeiro Centenário da transladação do Marco do Jauru para a cidade de Cáceres – 02/02/1883 a 02/02/1983*. Ano LV, Tomos CXIX e CXX – 1983. p. 26-27.

MENDES, Natalino
Ferreira. *Dom Aquino: culto a Maria*. Ano LVII, Tomos CXXIII a CXXIV – 1985, p. 32-34.

MENDES, Natalino
Ferreira. *Sabinada – 150 anos*. Ano LX, Tomos CXXIX e CXXX – 1988, p. 67-70.

MENDES, Natalino
Ferreira. *Um marco na formação de Mato Grosso*. Ano LXX, Tomo CXLVI – 1998, p. 70-72.

MENDES, Natalino
Ferreira. *Luiz de
Albuquerque de Mello
Pereira e Cáceres*. Ano
LXXI, Tomos CXLVII –
1999, p. 65-68.

MENDES, Natalino
Ferreira. *Francisco
Alexandre Ferreira Mendes*.
Ano LXXI, Tomos CXLVII
– 1999, p. 271-272.

MENDES, Natalino
Ferreira. *Rosário Congro*.
Ano LXXI, Tomos CXLVII
– 1999, p. 322-323.

Na Revista da AML

MENDES, Natalino
Ferreira. *Cadeira nº 15*.
Revista da Academia Mato-
Grossense de Letras 1996.

MENDES, Natalino
Ferreira. *Discurso de Posse
na Cadeira 15*, da AML.
Revista da Academia Mato-
Grossense de Letras 2015,
p. 165-275.

MENDES, Natalino
Ferreira. *Memórias do Tio
Luiz*. Revista da Academia
Mato-Grossense de Letras
2016(2).

Cerimônia de posse de Natalino na Cadeira 15 e a Tríplice Peça Literária

A sessão de posse de Natalino Ferreira Mendes, ocorrida aos 6 de março de 1987, foi abrilhantada por três belas peças literárias: o discurso de abertura, o de recepção e o de posse.

Discurso de Abertura – Lenine de Campos Póvoas

No discurso de abertura, pronunciado pelo então presidente, saudoso Lenine de Campos Póvoas, ressaltou as qualidades e os atributos do empossando e do segundo ocupante, Francisco Alexandre Ferreira Mendes.

O mesmo Presidente Póvoas comparou os talentos de Francisco Alexandre Ferreira Mendes aos de Dom Francisco de Aquino Corrêa, de José de Mesquita, de Cândido Mariano da Silva Rondon, de Virgílio Corrêa Filho, de Estevão de Mendonça, de Filogonio de Paula Corrêa, de Lamartine e Francisco Mendes, de Nilo e Isac Póvoas, de Cesário Neto, Olegário Moreira de Barros, de Cesário Prado, de João Villas-Bôas e muitos outros. Por isso

considerou que Natalino Ferreira Mendes ao: ‘Sucedê-lo nesta Academia, portanto, seria encargo de grande responsabilidade, que deveria caber a outro professor, historiador e jornalista. Essa é a razão pela qual vem preencher a lacuna deixada pelo saudoso autor de *Lendas e Tradições Cuiabanas* e de *Folclore Mato-grossense*, a figura do homem de letras Natalino Ferreira, autor da *História de Cáceres, do Marco do Jauru* e da *Vida e obra de Luís de Albuquerque*’. (PÓVOAS, L. de C. *Discurso de abertura da sessão de posse de Natalino Ferreira Mendes*. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p, 257).

Pela primeira vez uma cadeira acadêmica era ocupada por membro do interior do Estado, fazendo jus ao título de Academia Mato-Grossense de Letras: “A cidade de Cáceres que sempre tem projetado filhos ilustres no cenário da política, da administração e das letras mato-grossenses estará agora representada, neste cenáculo, pelo seu mais lídimo expoente da atualidade, o Prof. Natalino Ferreira Mendes”. (Póvoas, L. de Campos. *Discurso de abertura da sessão de posse de Natalino Ferreira Mendes*. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p, 257).

Discurso de Recepção – Benedito Sant’Anna da Silva Freire

Natalino Ferreira Mendes foi recepcionado por uma das mais festejadas inteligências de Mato Grosso, o jurista, poeta, jornalista e cronista Benedito Sant’Anna da Silva Freire, o qual iniciou a saudação indagando os motivos que levaram Natalino a escolhê-lo, uma vez que há apenas dois anos havia ele ingressado na AML, ou seja, em 1985: “É sem dúvida que me perguntei, ensimesmando-me: – qual secreto motivo determinou o novel confrade, Natalino Ferreira Mendes, na escolha do meu nome para recebê-lo, nesta noite, quando a Academia Mato-Grossense de Letras mais se qualifica pelo reconhecimento e proclamação de um de nossos valores intelectuais?!” (Freire, B. S. da Silva. *Discurso de recepção ao acadêmico Natalino Ferreira Mendes*. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p. 259).

Buscando explicação plausível, tomou a empatia como mote, alinhavando as conexões de Natalino com sua trajetória:

Sim, nobres pares, eu me perguntei, e uma só explicação me acudiu: – empatia; empatia que, na psicanálise, é o estado de espírito no qual uma pessoa se identifica com outra, presumindo sentir o que esta está sentin-

do. Pois é verdade que tal fenômeno nos tem identificado de longa data, pela consideração recíproca, a par da estima e delicada atenção a mim dispensadas por este filósofo-professor, filho tão querido da querida Vila Maria do Paraguai, – a nossa Cáceres de hoje, estudante de vida-viva, paradigma do ensino técnico e humanístico, agora, em busca, de outras unidades universitárias, para melhor se realizar como centro: tradicional de irradiação de conhecimento, na linha nervosa de nossa fronteira...

[...] Eis, Senhores Acadêmicos, em linhas iniciais, o perfil de sensibilidade humana e espiritual do professor Natalino Ferreira Mendes: – uma vida inteira de pensamento, ação, emoção exemplar pela experiência do viver intenso no qual inteligência e amor têm sua união, dão-se em totalidade. – Pois o erudito filho de Bhertoldo Ferreira Mendes e Anatólia Trindade Mendes, nascido a 3 de janeiro de 1924 é o catedrático de ensino médio, ilustrando a cátedra de Português, e sempre ali na antessala do paraíso, que é a sua Cáceres natal; mas não é só: – ao longo do tempo, tem emprestado sua vocação de servir àquela municipalidade fronteira, na pasta da Administração, em várias gestões da Prefeitura local. Foi ele, o diretor do Colégio Estadual Onze de Março, por mais de uma década, e diretor também, por quatro anos, do Instituto Onze de Março, estabelecimento particular de ensino primário. Em 1972, o presidente da Comissão Municipal do Sesquicentenário da Independência do Brasil. Em 1973, vamos vê-lo conferencista enfocando a *História, Situação, Problemas e Soluções do Município de Cáceres*, para a Comitativa do Instituto Rio Branco, em viagem de estudo por Mato Grosso. Depois, o humanista exerce a Vice-Presidência do Conselho de Pastoral da Diocese de Cáceres, recebendo, ainda, a gratidão comunitária no grau de Presidente de Honra da Sociedade dos Amigos de Mirassol D'Oeste, hoje, um dos municípios mais desenvolvidos do médio-norte de Mato Grosso.

Senhores Acadêmicos, nesta mini-síntese, estamos andando por um caminho multipontuado, ouvindo sua voz multíssona, aqui, ali, acolá, habitando os espaços culturais, emprestando seu patriotismo intelectual ao ensino de gerações, fazendo-se figura viva, estuante do fazer comunitário na sua encantada São Luiz de Cáceres, aquela cidade, como escrevi um dia, onde a segunda-feira tem cara de sábado rural...; e o hino oficial da lavra do poeta Natalino Ferreira Mendes.

Sua compreensão do humano o faz estar sempre a serviço do homem, por estar sempre a serviço da verdade. E é assim que tem sabido gizar os melhores exemplos de zelo pelos valores permanentes de sua terra, ainda que insulado na faixa mediterrânea da Pátria, fora do eixo da comunicação e da promoção fáceis, tão longe da azáfama dos meios culturais das metrópoles, mas, como o eremita, construindo em solidão seu acervo de dar-se ao bem comum, que o enobrece e o dignifica, nobre acadêmico Natalino Ferreira Mendes! (FREIRE, B. S. da Silva. *Discurso de recepção ao Acadêmico Natalino Ferreira Mendes*. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p, 259).

Dono de uma escrita até então bastante solitária e pouco divulgada, Silva Freire fez questão de destacar, na escrita de Natalino, sua contribuição para os estudos voltados à reconstituição histórica de uma região fronteira:

Côncio, portanto, da importância da obra do silêncio, consciente de sua inserção em uma situação geopolítica-cultural de fronteira (na linha nervosa de relações humanas), comprometeu-se também com sua história, a que deu corpo e vida documental em preciosa obra intitulada – *História de Cáceres* Tomo I (ou História da Administração Municipal), – encarregado que foi pelo então Prefeito Dr. Luiz Marques Ambrósio, sensível à sábia indicação do atento edil, Dr. Ênio Maldonado, de tantos bons serviços prestados ao Legislativo e à faina forense municipal. (FREIRE, B. S. da Silva. *Discurso de recepção ao Acadêmico Natalino Ferreira Mendes*. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p, 260).

O receptuandário pontuou ainda o estilo da escrita por Natalino, a qual ia muito além de meros marcos cronológicos, visto que envolvida no compromisso social e político, de repercussão não só em Cáceres, mas no Estado, estimulando que outros municípios da região, a que denominou *região-atalaia de Mato Grosso*, também deixassem registrada sua trajetória. Nessa medida, Natalino foi um precursor no estudo do interior de Mato Grosso:

[...] Mas, nobres Acadêmicos, este pesquisador, este cuidador de valores permanentes do nosso povo, incursionando pela estatística em movimento, que é a própria história nascente, não se limitou à cronologia dos fatos

sequeenciados, não!, preocupou-se, ele, com a lucidez e sensibilidade que lhe são próprias, em retrospectar os antecedentes do arraial-freguezia da Vila Maria do Paraguai, radiografando as raízes humanas da sociedade em formação até sua estratificação sociológica, – e com tal clareza e síntese só encontradas no arraigado amor do estudioso à sua sociologia de ambientes em evolução. Dir-se-ia mesmo que minudência do atento Auxiliar-Protocolista do Tesouro do Estado de Mato Grosso, que o foi em 1943, o assistia na conferência metodológica do precioso acervo pesquisado.

Criador, farejador de futuros também o é, o novo acadêmico, Natalino Ferreira Mendes, bastando apenas que leiamos uma das apreciações que me endereçou, a propósito da publicação de meus Cadernos de Cultura, para sentirmos a força rítmica de sua verve poética, a energia coruscante, a atenção penetrada na essencialidade em busca de realidades subjacentes às palavras, mineração crítica no melhor estilo contemporâneo [...]

Senhores Acadêmicos, à parte a generosidade de avaliação estética do missivista-crítico, salta, explode e imanta a estrutura vocabular moderna, a acuidade construtiva de palavras híbridas, a força telúrica da ritmação vivenciada, captando o vir a ser, as imagens no acontecer, o homem no seu sendo, – o existindo num instante cósmico, e outras tantas fabulações do atento educador-poeta-crítico-homem público e cidadão plantado bem no centro do seu tempo; um fazedor de cultura para a cultura mato-grossense. (FREIRE, B. S. da Silva. *Discurso de recepção ao acadêmico Natalino Ferreira Mendes*. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p. 260-261).

Nas palavras finais, Benedito Sant’Anna da Silva Freire Silva Freire não deixou de demonstrar apreensão pelo momento político brasileiro, reivindicando a criação de uma secretaria específica para a Cultura em Mato Grosso, território que para os ali nascidos representava *a terra, o pasto, o túmulo!*:

Mas o sentido desta noite de sua posse, nobre Acadêmico, também é o de convocação para se preservar os valores espirituais permanentes da gente de Mato Grosso, para que o nosso desenvolvimento e integração não padeçam os riscos de descaracterizarem, engolidos pela desumanização tecnológica. Pois bem, distinto plenário, na linha desta preocupação, e em nome dos confrades na produção de “objetos estéticos”, queremos registrar nesta Casa e nesta noite, uma reivindicação endereçada ao futuro

Governador do Estado, o advogado Carlos Gomes Bezerra, para que opere a urgente dicotomia da Secretaria de Educação e Cultura, ensejando, a exemplo de outras unidades da Federação, organicidade àquela que será a Secretaria de Estado na Pasta dos Assuntos da Cultura.

[...] Nobre acadêmico, Natalino Ferreira Mendes, sua chegada nesta Casa de Letras, em que sempre esteve na distância operosa da criação, coincide com o grave momento da perplexidade nacional no ordenamento de sua vida política; neste momento, pois, em que a Nação se mostra desorientada no torvelinho dos rumos, é também chegado o momento histórico em que o País precisa ressuscitar a figura, hoje, *démodé*, a figura, hoje, ainda cafona, antiquada, que é a figura cívica contida na palavra patriota, para que a Pátria, do conjunto de esforços, se sobre-erga e se firme institucionalmente democrática. Nós bem o sabemos: o mundo está dividido em pátrias, mas a nossa é esta, o berço, pátria do coração, coração da consciência. E nem é preciso que nos digam, porque sentimos subindo da terra pelo corpo e pela alma um calor de preferência e de exclusividade, um frêmito de devoção absoluta. E Mato Grosso é nosso chão mais íntimo: a terra, o pasto, o túmulo! (FREIRE, B. S. da Silva. *Discurso de recepção ao acadêmico Natalino Ferreira Mendes*. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p, 262).

A escolha de Natalino Ferreira Mendes para ingressar na AML foi assertiva, na concepção de Silva Freire, o que requereu um olhar vagaroso e seletivo:

[...] Pois bem, ilustrado plenário, – olhar mais devagar os caminhos de trilheiros, trilhados pelo literato-humanista, – ouvir e ouvir bem devagar os silêncios do tecido cultural com que trabalha Natalino Ferreira Mendes, foi a sábia tarefa da Academia Mato-Grossense de Letras. Ele, que a esta Casa de Letras pertencia na distância dos silêncios da criação, como disse, para ela foi chamado a compor conosco o quadro de seus militantes, incorrigíveis otimistas na produção de objetos estéticos. Não quis e não podia esta Academia correr o risco de receber de Van Gogh, o epíteto de quem olha rápido demais o conjunto da obra de arte.

A partir de agora, uma comunidade dedicada ao estudo e à perquirição dos vários campos da intelectualidade, em Mato Grosso, está enriquecida, pois o novel companheiro, Natalino Ferreira Mendes, é o titular da camisa

15 da nossa seleção, ilustrada pelo patrono, Joaquim Mendes Malheiros e demais ocupantes, para ser glorificada, por último, pelo incansável atleta das belezas do espírito, na mesma linha da cepa familiar, o Prof. Francisco Alexandre Ferreira Mendes, de chorada ausência.

Eu o saúdo, novel Acadêmico, em nome desta Casa! (FREIRE, B. S. da Silva. *Discurso de recepção ao acadêmico Natalino Ferreira Mendes*. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p. 264).

Discurso de Posse – Natalino Ferreira Mendes

Ao ingressar no espaço maior da Academia Mato-Grossense de Letras, Natalino Ferreira Mendes, considerando ser ela um espaço sagrado, recorreu às palavras do Senhor a Moisés:

Ao adentrar-me nesta Casa, onde vicejam as mais brilhantes florações da inteligência mato-grossense, cuido ouvir repetirem-se no meu íntimo aquelas palavras de fogo do Senhor a Moisés, partidas da sarça ardente: “*Tira os teus sapatos dos teus pés, porque o lugar em que tu estás é terra santa*”. Para ele: “O livro dos livros é a fonte de inspiração de vida e tenho para mim, que a história da Bíblia se realiza na existência do ser humano, seja esta embora tão curta na sucessão dos séculos.

E prosseguiu:

Missão sobre-humana de salvar um povo da escravidão recebia Moisés do Senhor, quando tranquilamente apascentava o rebanho do sogro junto ao monte Horeb. Incumbência que a princípio o atemoriza e o faz exclamar com surpresa e sinceridade: “*Quem sou eu, que vá ao faraó e tire do Egito os filhos de Israel?*” Ninguém, entretanto, no plano de Deus, recebe um peso sem que seja munido da correspondente capacidade de suportá-lo. Para Moisés bastou saber que o Senhor estaria com ele: “*Certamente eu serei contigo*”. Aceitou e se lançou ao cumprimento da missão. (MENDES, N. F. *Discurso de posse do acadêmico Natalino Ferreira Mendes*. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p. 265).

Natalino Ferreira Mendes por ele mesmo

Sua admissão na Casa do Saber se deu quando já se encontrava na maturidade, como revelou no discurso de posse:

Senhores Acadêmicos, já na undécima hora da minha jornada, quando tudo parecia tender para um remanso em que se usufrui material e espiritualmente o saldo da existência, eis que uma corrente de intenções se forma no sentido de me conduzir para a Academia Mato-Grossense de Letras. (Mendes, N. F. *Discurso de posse do acadêmico Natalino Ferreira Mendes*. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p. 265-275).

Sua nata vocação para o Magistério foi por ele enaltecida e pontuada:

Trabalhador da última hora, como já disse, não acompanhei os primeiros nas lides das universidades para obtenção do diploma de curso Superior. Como que pressionado pela correnteza, fiquei à margem, começando cedo, por império da necessidade, o trabalho da vida, levado, sem o sentir, para onde me chamava inato pendor – o magistério, conjugado com a função Pública Municipal.

Fundei, com o então Capitão do Exército, cuiabano de nascimento e caceirense de coração, Cândido Nunes da Silva, uma escola primária que, como a Fênix, morreu quatro anos depois, para das cinzas nascer o primeiro curso secundário de Cáceres, o Ginásio Onze de Março.

À nova escola de ensino secundário me dediquei inteiramente, como professor e diretor, sem deixar a função pública do Município onde ainda me encontro desempenhando o cargo de Chefe de Gabinete do Prefeito. Meu trabalho desenvolveu-se na Escola e na Administração do município, ao qual procurei servir com dedicação e amor. Ao mesmo tempo que me dedicava à adolescência e à juventude na escola secundária, e também, à administração municipal, em contato com velhos arquivos, afeiçoava-me à pesquisa, no afã de conhecer melhor a terra em que nasci, a gente que a povoou antes de mim, sentindo crescer-me o amor ao Torrão Natal, que passei a cantar em prosa e verso e a unir os elos esparsos da corrente da sua história. Daí nasceu, humilde embora, a *História de Cáceres*, à qual o imortal Rubens de Mendonça deu asas, prefaciando-a. (MENDES, N. F.

Discurso de posse do acadêmico Natalino Ferreira Mendes. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p. 266).

Natural da colonial Vila Maria, atual município de Cáceres, Natalino fez questão, em seu discurso de posse, alinhar momentos relevantes do trajeto de sua terra natal e entorno:

Sou, portanto, Senhores Acadêmicos, um produto da terra e da cultura cacerense. Da terra que surgiu do gênio de Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, quando, para manutenção do território ocupado pelos portugueses, fundou estratégicos postos na fronteira, fortificações, povoados, que se transformaram em cidades, entre eles, Vila Maria, à margem do rio Paraguai, a meio caminho entre Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade, como sentinela avançada no sudoeste mato-grossense, consagrada a São Luiz, mais tarde elevada a município de São Luiz de Cáceres, em homenagem ao Santo e ao fundador, e, hoje, apenas Cáceres.

Albuquerque, na sua apurada visão política e administrativa, escolheu o sítio certo para os fundamentos de Cáceres, no cruzamento de estradas; a de terra, demandando a região guaporeana; e a líquida, pelo rio Paraguai, em demanda do sul, através de Corumbá até ao Prata. Cáceres seria, na visão de Albuquerque, uma porta de navegação com São Paulo.

Diante da imensa área de terras férteis de que dispunha a nova fundação, regada de abundantes águas, o arguto Governador previu, para Cáceres, um futuro promissor.

A sonhada ligação das bacias do Prata e Amazônica tornou-se realidade com a pavimentação das rodovias BR-070/174/364 – Cuiabá-Rondônia, fazendo de Cáceres importante porto, por onde se escoará parte da produção agrícola de Mato Grosso.

A visão do grande Luso concretizou-se na atual política do Governo Federal de implantação do sistema de transporte alternativo hidro ferroviário, que dará grande ênfase ao desenvolvimento do município.

A maciça migração de que foi alvo a terra de Albuquerque desenvolveu enormemente a agricultura e melhorou a pecuária; intensificou a indústria extrativa e ensinou o crescimento da nossa incipiente indústria de transformação de matéria-prima.

As perspectivas promissoras que se abrem para Cáceres no presente, partem /do trabalho e da constância, da fibra e do espírito empreendedor do cacerense que, segundo o conterrâneo, magistrado e escritor Gabriel Pinto de Arruda, revelou, desde o início, as suas tendências, o seu decidido espírito de viver preso à terra que o atraía com a opulência das suas selvas, com a abundância das suas águas límpidas, correntosas e povoadas de peixes, com a riqueza do seu solo, com a variedade abundante das suas caças, com a amenidade do seu salubre clima e o encanto do seu fecundo sol e beleza do seu límpido céu tropical. Fixo à terra eleita para seu habitat, tratou logo o cacerense de prosperá-la, engrandecê-la, regando-a com o seu suor honesto, cavando heroicamente o solo feracíssimo, para colocar a semente promissora que havia de multiplicar-se de maneira assombrosa, como em poucas regiões do globo. (MENDES, N. F. *Discurso de posse do acadêmico Natalino Ferreira Mendes*. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p, 267).

Cáceres enquanto espaço fronteiro e em desenvolvimento, faz do município um ponto estratégico no cenário nacional, como salientou o empossado:

Cáceres desempenhou cabalmente sua posição de sentinela da fronteira. Respondeu, por mais de dois séculos – Presente! ao chamamento da Nação, como o demonstra a sua história, atitude que se fez lema e hoje figura em sua bandeira: ADSUM.

Lá está, senhores, na Praça Rio Branco, o monumento da paz, resultado da compreensão e do diálogo entre os dois povos ibéricos – Marco do Jauru, comemorativo ao Tratado de Madri, de 1750, onde Alexandre de Gusmão fez gravar para a posteridade a inscrição que se lê na face sul do monumento: *Justitia et pax osculatae sunt* – a Justiça e a Paz se beijaram. Trago, Senhores Acadêmicos, uma tradição bicentenária para, com ela, participar convosco do “esforço a pró do comum patrimônio cultural”, como queria Dom Aquino, animado pela confiança que em mim depositais, a qual, de coração, vos agradeço. (MENDES, N. F. *Discurso de posse do acadêmico Natalino Ferreira Mendes*. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p, 267).

Ao ocupar a Cadeira 15 da AML, Natalino Ferreira Mendes discorreu ligeiramente sobre o Patrono e, também, sobre o primeiro ocupante, porém deu destaque especial no elogio a seu antecessor, Prof. Francisco Alexandre Ferreira Mendes:

Francisco Alexandre Ferreira Mendes é desses homens que se destacam pela cultura, pela autenticidade e, sobretudo, pela grandeza de alma. Qualidades que os tornam figuras incomparáveis – faróis balizando, nos meandros da caminhada humana, a direção certa na incerteza aparente da existência. Homens dotados de integridade de caráter e de talento, aliados a longa experiência adquirida no contato com as asperezas da vida, características que lhes enriquecem o espírito, que se transborda, em busca do semelhante, proporcionando-lhes, sob variadas formas, ensinamentos, cultura, educação, em prol do desenvolvimento da humanidade de que fazem parte, contribuindo, dessa forma, eficazmente, na procura da verdade, porque, já diziam os antigos, Só os que são absolutamente eles próprios no mundo, podem cumprir sua própria natureza; só os que preenchem a sua própria natureza podem preencher a natureza dos outros. Francisco Alexandre Ferreira Mendes tinha o conhecimento, através do estudo dos livros e a sabedoria da vida, consciente de que, conforme ainda a filosofia antiga, para ir do conhecimento dos livros ao conhecimento da vida, não basta tão somente pensar ou ponderar; é preciso tentar caminhos, ter a sensação das coisas como são e conseguir uma impressão correta dos inumeráveis aspectos da vida humana, não como partes sem relação, mas como um todo. Nisto de sentir a vida e adquirir experiência cooperam todos os nossos sentidos, e é através da cooperação dos sentidos e do coração com a cabeça que podemos ter o calor intelectual.

Por esse processo de formação, o homem chega à compreensão do mundo em que vive, tornando-se não só uma pessoa instruída, mas educada. O homem instruído na ciência – diz Humberto Rohden, pode ser bom ou mau, mas o homem que educou sua consciência é necessariamente bom e feliz. A instrução – prossegue o filósofo – ensina o homem a descobrir as leis da natureza, isto é, a ciência, mas a educação leva o homem a criar valores dentro de si mesmo.

Francisco Mendes era um homem instruído na ciência, e que soube educar a sua consciência, criando em si mesmo valores que aureolam a sua memória pelos trabalhos que produziu e pelas atividades que exerceu durante sua longa existência terrena.

Sua vasta produção literária, em maior parte inédita, guarda um tesouro que precisa ser descoberto para que os seus sucessores dela se aproximem e aproveitem o enorme manancial do pensamento do inolvidável mestre. [...] Francisco Mendes, como ele mesmo o diz, encaneceu na profissão de professor e educador. Como João Ribeiro, foi professor em tudo. Foi professor como jornalista, como historiador, memorialista e como folclorista, quando não estava na cátedra ensinando e educando levadas de adolescentes e jovens que se tornaram homens e mulheres úteis a Mato Grosso e ao Brasil.

É o professor que se lança à pesquisa histórica, ilustrando-se no conhecimento do passado na terra natal. E como ninguém acende uma luz para escondê-la, aquele que se ilustrou sente necessidade de transmitir aos outros a visão que adquiriu do mundo e das coisas, pelo estudo, pesquisa e meditação. É mister que o amor despertado pelo conhecimento da terra se espalhe e atinja o maior número de corações. Mostrar-lhes de forma amena e atraente, a origem e evolução do povo, como começou e se desenvolveu o torrão natal. Mostrar as lutas, os sacrifícios, as conquistas e as transformações que se operaram no tempo e no espaço.

Vivendo uma fase de transição, em que o progresso avassalador ameaça destruir tudo o que lembra o passado, a tradição, a crença Francisco Mendes, penso eu, preferiu dedicar-se à crônica, às memórias, aproveitando-se da imprensa como meio de chegar mais próximo do povo, falar-lhe com carinho do passado da terra, através de imagens e fatos, muitos dos quais o próprio autor foi testemunha e nos transmite, para que os elos da corrente da tradição não se percam.

É o professor, o educador, que se manifesta no historiador, no jornalista, no ensaísta, no folclorista. É ainda o professor e educador que conduz o saudoso mestre em ascensão na escala social e nos meios oficiais. Cate-drático de português, francês e outras matérias, ia buscar o adolescente no começo dos estudos secundários, no curso de admissão ao Ginásio, que mantinha, e o acompanhava através dos anos, vendo o adolescente desabrochar-se em jovem que se instruía e se educava.

Segundo Rubens de Mendonça, Ferreira Mendes exerceu os cargos de professor e diretor do Liceu Cuiabano, professor da Escola Normal Pedro Celestino, diretor de vários grupos escolares, secretário particular do Interventor Fenelon Müller, diretor da Instrução Pública e fundador e primeiro diretor do Departamento de Educação e Cultura. Colaborou nos jornais não só de Mato Grosso, como de São Paulo e Rio de Janeiro. Dirigiu o jornal O Evolucionista de Cuiabá. Foi sócio da Sociedade Amigos de Marden, do Espírito Santo, e do Instituto Histórico de Mato Grosso; membro correspondente do Grêmio Alfredo Paulino, do Ginásio do mesmo nome, de São Paulo; sócio da Associação de Imprensa Mato-Grossense; membro da Academia Mato-Grossense de Letras e assessor da Fundação Cultural de Mato Grosso.

Em 1939, quando adolescente vim a Cuiabá cursar o saudoso Ginásio Salesiano São Gonçalo, Francisco Mendes era já um nome querido e respeitado, uma reserva moral, um patrimônio de inteireza de caráter e educador emérito.

(Mendes, N. F. *Discurso de posse do acadêmico Natalino Ferreira Mendes*. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p. 268).

Francisco Alexandre Ferreira Mendes viveu intensamente o passado, o presente e projetando o futuro, sem barreiras ou preconceitos, enquanto pesquisador que tratou os grandes vultos e efemérides, mas também enquanto homem comum, ao se dedicar à cultura popular e ao folclore:

[...] Francisco Mendes se coloca no horizonte de dois mundos: o passado, que ele procura a todo custo manter vivo, e o faz através das suas crônicas; e o porvir, que ele intui promissor para a sua terra e a sua gente. Mas ele, o Autor, é o presente, vive a atualidade, é homem do seu tempo. A literatura, que faz, alimenta-se dos assuntos que lhe oferece a região.

Tem a qualidade que, segundo Machado de Assis, se deve exigir do escritor, que ele seja homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.

Da posição intermediária entre o que passou e o que há de vir, Francisco Mendes percebe o choque dos ritmos – o tradicional e o moderno. O progresso avassalador ameaça os valores da cultura e da tradição, pondo em perigo a nossa própria identidade cultural.

É preciso que se façam ouvir vozes de advertência. E ninguém melhor que o professor/historiador poderia fazer-se ouvir.

Por isso, o emérito historiador se dedica ao passado, penetrando-o, sempre mais, até chegar ao estudo do fabulário, do folclore, que o preclaro chama de elemento de interpretação dos aspectos da vida gregária dos povoadores de trechos do território pátrio, isolados no seio imenso das regiões afastadas da comunhão civilizadora. É como ele acentua, uma espécie de instrumento científico, de ligação e análise da alma popular, do coração sertanejo, constituindo-se dessa maneira em elo fortíssimo de coesão nacional. Certo estava o Mestre de que, como bem se expressou Paulo Setúbal, o estudo da história, o estudo da língua e o estudo do folclore são as três raízes que se afinam mais profundas no substrato duma nacionalidade. É a partir das origens, da própria alma popular, que Ferreira Mendes vai reconstituir a imagem do pretérito, a identidade cultural do povo mato-grossense, e onde vai buscar o elemento de formação sociológica, de vez que o Folclore situa os fatos registrados no ambiente ecológico da civilização vai, sub-repticiamente, modificando, transformando-se na metamorfose constante dos cenários fisiográficos da terra.

Essa reconstituição ele a faz com mestria, fidelidade e precisão, ao sabor das lembranças, revelando, no decorrer das narrativas, o valor da gente destemerosa, na luta, defesa e preservação do Patrimônio herdados dos maiores.

Homem do presente, assistindo, com vivo júbilo, a avançada da civilização, teme, contudo, pela perda da perspectiva do passado da terra, quando vê que a paisagem pitoresca, que envolvia a urbs cuiabana, vai desaparecendo no tempo, à medida que a civilização avança, destruindo, materialmente, a perspectiva do passado da terra.

Que não se apague a lâmpada maravilhosa que ilumina o passado, vinculando na alma das novéis gerações o elo inquebrantável, que a filosofia da vida chama tradição, que malgrado, na reminiscência do tradicionalismo histórico, vai-se apagando...

Como uma das raras testemunhas de um longo lapso de tempo que ficou para trás, o preclaro memorialista procura como que debuxar, ou pintar, sobre a realidade presente, a imagem da cidade antiga, da Cuiabá da sua infância, inspirado pela saudade. E o faz com segurança, memória fiel, e

profundo conhecimento da história regional, que é uma célula da história nacional e universal.

São os caminhos que o escritor vê transformarem-se nas ruas atuais, transpondo colinas de suaves inclinações, aumentando a extensão da cidade que se espalha por todos os lados. É a ladeira do Seminário da Conceição encoberta pelo urbanismo. O declive do outeiro da Boa Morte e o do Lava-pés, que se prolonga a noroeste indo desaparecer nas leiras do Ribeirão da Ponte. O quadro da velha mata marginal do rio Cuiabá. Por onde se olha, a abundância, a fertilidade do solo. Velhas ruas, com velhos nomes já substituídos. E, além, os caminhos das tropas, demandando o norte do Estado, onde floriavam Rosário Oeste e Diamantino, entrepostos de comércio da borracha do início do século. Os vilarejos que surgem nas trilhas sertanejas rondadas de laranjais. A poesia incomparável do passado, ao compasso das tropas viajeiras, soando guizos e campanhas... Ferreira Mendes percebe que perpetuar a tradição e o passado da terra na modéstia da sua crença ou na grandiosidade dos seus fastos, descrevendo-lhe a vida e a formação político-social do povo é contribuir para engrandecer a pátria, tornando-a conhecida e imortal.

[...] O que Francisco Mendes busca, como professor e historiador, é a valorização do homem, apontando aos contemporâneos os reais valores do passado, que se não destroem com o tempo – os valores do espírito.

De posse de enorme cabedal de conhecimentos históricos, inspirado no sublime amor à terra natal, o professor Francisco Mendes reproduz o passado consciente de que, como disse Antenor Vieira, um povo caminha a passos largos para o abismo em que se destruirá, quando a sua mocidade ficar indiferente às galas de seu passado e alheia ao seu índice de cultura. Admirável estilista, escritor escoreito, que revela o cultor das letras, Ferreira Mendes possuía natural aptidão para descrever os cenários e narrar os fatos, em estilo claro, vivo e harmonioso que prende e enleva o leitor. (MENDES, N. F. *Discurso de posse do acadêmico Natalino Ferreira Mendes*. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p. 271).

Natalino Ferreira Mendes, no momento de sua posse na AML, enalteceu as qualidades literárias de seu antecessor, o qual foi capaz, em prosa, também fazer poética:

Não me consta ter o professor Francisco Mendes escrito versos. Mas a poesia aflora na sua prosa, mormente quando, ante a visão de um passado, que morre, sensibiliza-se a alma do escritor, como nesta passagem digna de uma antologia:

“Córrego da Prainha! Como peregrino, deixas de ser nas feracíssimas paragens da terra quase tricentenária, oásis de fartura, para constituíres relíquia desprezada, tão cheia de saudades do tempo, em que abrias o leito fértil de promessas e de anseios, de dádivas e de belezas, representando na atualidade, na fralda do outeiro, que ainda beijas rastejante, apenas um traço recordativo do passado esplendor cuiabano. Não piam mais nas tuas matas marginais as jaós tristonhas, nem as saracuras entoam os duetos alegres, hosanas às lendas, que enfloram a tradicionalidade com que tuas fontes cristalinas fecundavam a mata abundante, na fartura dos frutos que saciavam a ânsia das bandeiras. Mudo, encerrado entre paredes artificiais da arte moderna do gênero humano, segues, entretanto o teu destino, entre as misérias das impurezas, que a ingratidão dos administradores da terra, te deixaram enfeiar. Sem mais as moitas das canaranas que te aureolavam os lindes, por onde corre tua linfa, onde outrora os ninhos das aves aladas, que te povoavam, cantavam nas antemanhãs o epitalâmio na saudação estupenda aos beijos vivificantes dos dilúculos ímpares da terra prodigiosa, trazem-te hodiernamente, vezes, o conforto das orquestrações de cortesia à lembrança, a melodia e a saudade da flauta maviosa dos sabiás, nas alvoradas primaveris, como uma nota melancólica no presente, ligando o passado que desaparece, ao futuro que sorri.

Córrego da Prainha! Na evocação do papel que representaste mais de dois séculos e meio, na obra civilizadora da terra, esta página, réquiem de recordações, representará na tradição da urbe, uma carícia, no seio infinito da natureza que fecundaste e em que ora te estiolas desamparado.” (Mendes, N. F. *Discurso de posse do acadêmico Natalino Ferreira Mendes*. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p. 273).

As premiações e outras insígnias recebidas pelo seu antecessor, se devia, na sua opinião, pela sua postura cívica:

[...] Amando e servindo com dedicação à Pátria, no estudo, no magistério, como pesquisador, historiador, cronista e jornalista, o Professor Francisco

Mendes era um modelo de civismo, reconhecido pela sociedade e pelo poder público, tornando-se merecedor de representar a Comissão Nacional de Civismo em Mato Grosso.

Em 1976 é, com justiça, escolhido pela Comunidade Acadêmica do nosso Estado, como Professor Padrão do ano. O homenageado se converteu, através de anos e anos de cátedra, em símbolo das qualidades que deve possuir o professor, para bem desempenhar a missão de ensinar e educar as novas gerações.

Do meu eminente antecessor na Cadeira nº 15, pode-se dizer com Machado de Assis que, quando a morte encontra um Goethe ou um Voltaire, parece que esses grandes homens, na idade extrema a que chegaram, precisam de entrar na eternidade e no infinito, sem nada mais dever à terra que os ouviu e admirou. (MENDES, N. F. *Discurso de posse do acadêmico Natalino Ferreira Mendes*. In: Revista da AML, v. 1, n. 1, 2015, p. 274).

Nessa medida, a humildade e o sentimento de gratidão marcaram a posse de Natalino Ferreira Mendes, adornada pelo precioso arcabouço cultural acumulado seja nas suas publicações ou nas peças histórico-literárias ainda inéditas.

A atual ocupante da Cadeira 15 – Olga Maria Castrillon Mendes

Pode-se imaginar a satisfação de Natalino Ferreira Mendes por ter sido sucedido, na Cadeira 15 da AML, por sua filha Olga Maria Castrillon Mendes, literata festejada e reconhecida pelos méritos de sua produção. Olga Maria tomou posse no dia 29/05/2015 e em seu discurso de posse produziu uma ode à Cadeira 15, com especial menção a seu progenitor, recordando a simbologia de Moisés “*Tira os teus sapatos dos teus pés, porque o lugar em que tu estás é terra santa*”. Por analogia, adentrar à Academia Mato-Grossense de Letras requeria cuidados especiais, uma vez que o solo da Casa do Saber e da Sabedoria exigiam humildade, cultura e reverência. Assim adentrou à AML o Acadêmico Natalino Ferreira Mendes, e nela se manteve com o mesmo perfil.

Como seu antecessor-genitor, a atual ocupante da Cadeira nº 15, é natural de Cáceres (24/01/1955). Do pai, herdou o gosto e o prazer pelos ar-

quivos e pelos estudos em torno da temática local, sem se desvencilhar do panorama mais geral da cultura brasileira e latino-americana. Dedicase à pesquisa da literatura produzida em Mato Grosso, tendo uma vasta publicação em periódicos nacionais e internacionais, além de obras autorais, em coautoria e como organizadora. Dentre elas, destacam-se: *Taunay viajante e a cons-trução imagética de Mato Grosso* (Cuiabá: EdUFMT; Cáceres: Ed, 2013); *Discurso de constituição da fronteira de Mato Grosso*, disponível em www.une-mat.br/editora, 2017; *Matogrossismo: questionamentos em percursos identitários* (Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2020); *Letras cacerenses* – coautoria (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021) e *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* – organizadora (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021).

É formada em Letras pela UFMT, com especialização em Letras, pela mesma Universidade, e em Literatura Infanto-juvenil, pela PUC/MG; Mestrado em Linguística, pela UNICAMP; Doutorado em História e Teoria Literária, também pela Unicamp e Pós-Doutorado em Literaturas Comparadas de Língua Portuguesa, pela USP. É professora aposentada da e atua no Mestrado Profissional em Linguagem/Profletras e como colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL.

Fundadora e associada efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres/IHGC, que presidiu, e é sócia efetiva da Academia Mato-Grossense de Letras. (Mendes, Olga M. C. AML. Revista comemorativa do centenário da instituição. Cuiabá: AML, 2021, p. 207).

Conclusão

Discorrer sobre Natalino Ferreira Mendes não constituiu tarefa fácil, na medida em que ele foi um homem plural, exercendo atividades administrativas e docentes, mas ao mesmo tempo, produzindo textos históricos e literários.

Procurei demarcar seu ingresso na Academia Mato-Grossense de Letras, seu dístico, criado por D. Francisco de Aquino Corrêa, os chamamentos e indicações, e especial destaque para o momento da posse, onde foram publicamente declamadas três peças literárias: a saudação, do presidente Lenine de Campos Póvoas, o qual fez questão de manifestar o contentamento da AML em acolher Natalino em seus quadros, um intelectual caceren-

se reconhecido e admirado. O discurso de recepção, proferido por Benedito Sant'Anna da Silva Freire que, mesmo ensimesmado pelo convite, visto que inesperado, soube alinhar as principais empatias que o aproximaram do empossando. Ao final, o discurso de posse de Natalino Ferreira Mendes, uma peça rica e delicada que remetia à sua terra natal, Cáceres, mote maior de sua inspiração.

Querido por todos os Acadêmicos, Natalino Ferreira Mendes procurou participar das principais festividades e publicações realizadas pela Academia Mato-Grossense de Letras, trazendo Cáceres ao seio da AML, visto ter sido representante de escol e literato de grande sensibilidade.

Natalino Ferreira Mendes, terceiro ocupante da Cadeira 15, da AML, foi honrosamente sucedido por sua filha Olga Maria Castrillon Mendes, expoente reconhecida da literatura de regional e nacional e personalidade que, antes mesmo do falecimento do seu progenitor, deu início à organização e catalogação do seu acervo documental e bibliográfico, hoje depositado no espaço ao Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres e aberto à consulta. Olga Maria também assumiu a coordenação das festividades do Centenário de Nascimento de Natalino Ferreira Mendes, neste ano de 2024, certeza de sucesso.

Referências

AML. *Revista da AML*, Comemorativa do Centenário da Instituição. Cuiabá, AML, 2021.

ARQUIVO DA CASA BARÃO DE MELGAÇO - ACBM. *Ofício de Augusto Cavalcanti de Melo ao Presidente do CML*, 20/06/1921. Acervo Digital AML, Caixa 13, Doc. n. 3.815).

BÍBLIA SAGRADA. *Eclesiastes 44-6*. Disponível em: <https://www.Biblegateway.Com/Passage/?Search=Ecclesiasticus%2044%3a6&Version=Vulgate>). Acesso em: 21 fev. 2024.

CARVALHO, C. G. de. Breves apontamentos para uma história da Academia Mato-Grossense de Letras. In: *AMÇ. Revista comemorativa do Centenário da Instituição*, 2021, p. 518-543.

DADOS BIOGRÁFICOS DE NATALINO FERREIRA MENDES. Disponível em: <https://Natalinoferreiramendes.Com.Br/O-Mestre/Funcoes-De-Cunho-Social>. Acesso em: 20 fev. 2024.

FREIRE, B. S. da S. *Discurso de Recepção ao Acadêmico Natalino Ferreira Mendes*. In: *Revista da AML*, v. 1, n. 1, 2015, p. 259-264.

LEITE, Gervásio. O lema da Academia - *Pulchritudinis studium abentes*. *Revista da AML*, 1946, p. 100-102)

MENDES, Natalino Ferreira. *História de Cáceres: História da Administração Municipal (Tomo I)*. Cáceres-MT: Câmara Municipal de Cáceres-MT, 1973.

_____. Cáceres – Duzentos Anos. *Revista do IHGMT. Revista do IHGMT*. Ano L, Tomos CIX e CX – 1978, p. 35-36.

_____. Luis de Albuquerque e o Centenário de Cáceres. *Revista do IHGMT*. Ano LIII, Tomos CXV e CXVI – 1981, p. 3-12.

_____. Primeiro Centenário da Transladação do Marco do Jauru para a Cidade de Cáceres – 02/02/1883 a 02/02/1983. *Revista do IHGMT*. Ano LV, Tomos CXIX e CXX – 1983, p. 26-27.

_____. Dom Aquino: Culto a Maria. *Revista do IHGMT*. Ano LVII, Tomos CXXIII a CXXIV, 1985, p. 32-34.

_____. Sabinada – 150 Anos. *Revista do IHGMT*. Ano LX, Tomos CXXIX E CXXX – 1988, p. 67-70.

_____. *Efemérides Cacerenses – v. I e II*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1992.

_____. *Anhuma do Pantanal: Poesia da Terra*. RS: Editora Pe. Berthier, 1993.

_____. *Memória Cacerense*. Cuiabá: Ed. Carlini & Caniato, 1998.

_____. Um Marco na Formação de Mato Grosso. *Revista do IHGMT*. Ano LXX, Tomo CXLVI – 1998, p. 70-72.

_____. Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres. *Revista do IHGMT*. Ano LXXI, Tomos CXLVII – 1999, p. 65-68.

_____. Francisco Alexandre Ferreira Mendes. *Revista do IHGMT*. Ano LXXI, Tomos CXLVII – 1999, p. 271-272.

_____. Rosário Congro. *Revista do IHGMT*. Ano LXXI, Tomos CXLVII – 1999, p. 322-323.

_____. *História de Cáceres (Tomo I): História da Administração Municipal – 2 ed. (Tomo I)*. Cáceres-MT: Ed. Unemat, 2009.

_____. *Pássaro Vim-Vim: Poesia da Terra*. Cáceres: EdUnemat, 2010.

_____. História de Cáceres: origem, evolução, presença da Força Armada (Tomo II). Publicado no *Suplemento de Cultura do Diário Oficial do Estado de MT* (Edições de 30/09 e 29/10/1992). Em livro publicado através de incentivo da Fapemat e Apoio do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres/IHGC. Cáceres-MT: EdUnemat, 2010.

_____. Discurso de Posse do Acadêmico Natalino Ferreira Mendes. In: *Revista da AML*, v. 1, n. 1, 2015, p. 265-275.

_____. Memórias do Tio Luiz. *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*, 2016 (2).

_____. *Fragments da História Cultural de Cáceres, v. I e II*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021.

_____. *Letras Cacerenses*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021

PÓVOAS, Lenine. Discurso de Abertura da Sessão de Posse do Acadêmico Natalino Ferreira Mendes. In: *AML. Revista da AML*, v. 1, n. 1, 2015, p. 257).

SIQUEIRA, E. M. *Índices das Revistas do CML e AML*. Cuiabá, 2024. (No Prelo).

3. O Centenário de um mestre do Pantanal: O legado educacional e histórico de Natalino Ferreira Mendes em Cáceres-MT

Jefferson Antonione Rodrigues¹⁰

Gisa Laura Egues dos Reis¹¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo principal resgatar e realizar uma análise crítica da trajetória intelectual, pedagógica e histórica do professor Natalino Ferreira Mendes, figura central no cenário educacional e cultural de Cáceres, no estado de Mato Grosso, especialmente no contexto das comemorações de seu centenário de nascimento (1924–2024). Reconhecido como uma das vozes mais relevantes da formação docente regional, Mendes destacou-se por seu engajamento com o ensino público de qualidade, pela valorização da cultura pantaneira e pela produção de crônicas e reflexões históricas que documentam e interpretam o cotidiano social e político do município cacerense ao longo do século XX. Sua atuação transcendeu os limites da sala de aula, consolidando-se também como um agente ativo na preservação da memória coletiva cacerense. A metodologia adotada baseia-se em pesquisa bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa, envolvendo a leitura e interpretação de textos e registros produzidos pelo próprio autor, além de fontes secundárias sobre a história da educação na região. O artigo estrutura-se em cinco seções: introdução; análise da trajetória e do contexto sociopolítico vivido por Mendes; contribuições para a educação regional; práticas pedagógicas e produção textual como instrumentos de formação e conscientização histórica; e considerações finais. Ao revisitar a vida e a obra de Natalino Ferreira Mendes, busca-se não apenas valorizar sua memória, mas também refletir criticamente sobre o papel dos intelectuais do interior na constituição de identidades regionais e na construção do saber histórico-educacional no Brasil. A valorização de sua figura representa um exercício necessário de reconhecimento dos sujeitos históricos locais como protagonistas na tessitura do patrimônio educacional e cultural nacional.

Palavras Chaves: Educação pantaneira; Natalino Ferreira Mendes; Legado histórico cacerense.

10 Doutorando em Ciências Ambientais junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres-MT; mestre em Teoria do Direito e do Estado, pelo Univem, Marília-SP; mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Nacional. E-mail: drjeffersonrodrigues@gmail.com.

11 Doutoranda em Ciências Ambientais junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres-MT; mestre em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável pelo Instituto de Pesquisa Ecológica – Nazaré Paulista/SP. E-mail: gisalaura@gmail.com.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
1 de maio de 2024	5 de setembro de 2024

THE CENTENARY OF A MASTER OF THE PANTANAL: THE EDUCATIONAL AND HISTORICAL LEGACY OF NATALINO FERREIRA MENDES IN CÁCERES – MT

ABSTRACT: The main objective of this article is to rescue and carry out a critical analysis of the intellectual, pedagogical and historical trajectory of Professor Natalino Ferreira Mendes, a central figure in the educational and cultural scene of Cáceres, in the state of Mato Grosso, especially in the context of the celebrations of his birth centenary (1924–2024). Recognized as one of the most relevant voices in regional teacher training, Mendes stood out for his commitment to quality public education, his appreciation of Pantanal culture and the production of chronicles and historical reflections that document and interpret the social and political daily life of the municipality throughout the 20th century. His work transcended the limits of the classroom, also consolidating himself as an active agent in the preservation of the collective memory of Cáceres. The methodology adopted is based on bibliographic and documentary research, with a qualitative approach, involving the reading and interpretation of texts, chronicles and records produced by the author himself, in addition to secondary sources on the history of education in the region. The article is structured in five sections: introduction; analysis of the trajectory and sociopolitical context experienced by Mendes; contributions to regional education; pedagogical practices and textual production as instruments of historical education and awareness; and final considerations. By revisiting the life and work of Natalino Ferreira Mendes, we seek not only to value his memory, but also to reflect critically on the role of intellectuals from the interior in the constitution of regional identities and in the construction of historical-educational knowledge in Brazil. The appreciation of his figure represents a necessary exercise in recognizing local historical subjects as protagonists in the weaving of the national educational and cultural heritage.

Keywords: Pantanal education; Natalino Ferreira Mendes; Cáceres historical legacy.

Introdução

No coração do Pantanal, nasceu um farol,
Feito de livros, saber e arrebol.
Com giz nas mãos e sonhos no olhar,
Fez da escola um templo popular. *Antony Wolfgang*

A trajetória de Natalino Ferreira Mendes representa um elo essencial entre a história da educação regional e a construção da memória coletiva do Pantanal mato-grossense. Completa-se em 2024 cem anos de seu nascimento. Este artigo propõe não apenas uma homenagem, mas uma análise acadêmica de sua relevância social e intelectual.

Natalino Ferreira Mendes construiu legado com trabalho e dignidade. Natural de Cáceres-MT, cidade banhada pelo majestoso Rio Paraguai e repleta de tradição e história, de onde Natalino Ferreira Mendes é um exemplo de perseverança, compromisso e amor pela sua terra. Ao longo de sua trajetória, se destacou por sua atuação íntegra, sua conduta ética e pelo respeito que conquistou junto à comunidade cacerense. Um homem de visão simples e atitudes firmes, Natalino construiu sua história pautada nos valores da honestidade, da solidariedade e da responsabilidade com o próximo. Sua jornada é marcada por um profundo vínculo com a educação, com o trabalho comunitário e com as causas sociais que promovem o bem coletivo.

Com humildade e sabedoria, foi uma referência em diversas esferas, seja como profissional dedicado, cidadão atuante ou pai de família exemplar. Em cada passo dado, deixou uma marca de compromisso com a justiça e com o progresso de sua cidade natal. Cáceres se orgulha de ter em Natalino Ferreira Mendes um legítimo representante de sua gente: um homem que honra suas origens, valoriza sua cultura e segue inspirando aqueles que acreditam na transformação por meio do exemplo e da ação.

Natalino Ferreira Mendes (03/01/1924–23/12/2011) é um importante nome da cultura mato-grossense. Escreveu história, memória, crônica e poesia. Foi também educador, professor, diretor de escola de ensino fundamental e médio e, ao mesmo tempo, funcionário da Prefeitura Municipal de Cáceres e participante ativo dos eventos da cidade. Sua história de vida reúne um conjunto de atividades que começa na sala de aulas, passa por

serviços de burocráticos e de gabinete e se complementa nas leituras e na pesquisa em arquivos da Câmara de Vereadores e do Arquivo Público de Cáceres. Nutriu pela cidade uma profunda curiosidade que o levou a produzir toda sua obra histórica, memorialística e poética. Pela dedicação à pesquisa e participação nos fatos e feitos da cidade foi homenageado por instituições civis, militares e eclesiásticas. É um dos mais conhecidos escritores locais. Seus textos são referência e sua memória é sempre reverenciada. (Mendes, 2021).

Assim, para a estruturação desta homenagem histórico-acadêmica a metodologia empregada será de natureza qualitativa que, segundo Triviños (1987, p. 128-132) tem como enfoque a profundidade, ressaltando as particularidades e a complexidade dos fenômenos, comportamentos e situações. A pesquisa “quali” não busca a generalização, mas sim o entendimento das singularidades. Na perspectiva qualitativa de abordagem do problema há o pressuposto da existência de um vínculo indissociável entre o mundo objetivo dos fenômenos e a subjetividade do sujeito — subjetividade esta que não pode ser traduzida em números. Além de combinar com a pesquisa bibliográfica elaborada a partir de material já publicado (livros, artigos, teses etc.), revisitando a literatura existente sobre determinado assunto em questão (Gil, 2010, p. 29-43); e análise de conteúdo de textos autorais do homenageado e fontes secundárias de historiadores e pesquisadores da educação. Utilizar-se-á também o método histórico-interpretativo que, por sua vez, busca compreender os fenômenos a partir de suas narrativas” (Silva, 2020, p. 45), para contextualizar a atuação de Natalino Mendes em seu tempo.

Deste modo, a estrutura desta produção organizar-se-á da seguinte forma: na segunda seção, será explorada a trajetória pessoal de Natalino Ferreira Mendes e o contexto político-social da época em que atuou; na terceira, serão analisadas suas contribuições à educação em Cáceres; a quarta seção aborda suas práticas pedagógicas, com ênfase nos métodos utilizados e sua produção textual como ferramenta de ensino e registro histórico; por fim, a conclusão refletirá sobre seu legado e suas implicações para a história da educação no Brasil interiorano.

Como destaca Saviani (2008), “conhecer a história da educação é reconhecer os sujeitos e os processos que constroem a escola como espaço de formação e de cultura”.

Trajetória de vida e formação intelectual: historicidade e momento político-social da época

“Entre as águas e o chão poeirento,
Cresceu firme, contra o vento.
Na lida, na luta, na lição,
Fez-se mestre da formação.
Seu tempo era de força e ardor,
De escolas frágeis, mas de amor.
E ele, com alma e vocação,
Deu voz à gente do sertão.”
Antony Wolfgang

Nas margens do Rio Paraguai, onde o tempo parece repousar sobre as águas que banham o Pantanal mato-grossense, nasceu em 3 de janeiro de 1924, em Cáceres – MT, aquele que se tornaria símbolo da resistência intelectual e educacional de sua terra: Natalino Ferreira Mendes. Filho do Brasil profundo, cresceu sob os ecos da Revolução de 1930 e das reformas centralizadoras do Estado Novo (1937–1945), período em que as estruturas do país foram redesenhadas sob as mãos firmes de Getúlio Vargas. Cáceres, por sua vez, com sua vocação fronteiriça e identidade pantaneira, representava um microcosmo das complexidades nacionais: isolamento, ausência de recursos e riqueza cultural invisibilizada.

Neste cenário, forjou-se o espírito inquieto de Natalino. As fragilidades institucionais da educação pública da época não o desencorajaram. Pelo contrário, serviram-lhe de estímulo para construir um pensamento pedagógico fundamentado na justiça social, na valorização das raízes culturais e no compromisso com a formação cidadã.

A década de 1930 marcou uma inflexão decisiva nas políticas educacionais brasileiras. A nomeação de Gustavo Capanema ao Ministério da Educação e Saúde Pública, em 1934, simbolizou a tentativa do Estado de transformar a educação em instrumento de construção da nacionalidade e consolidação territorial. Como aponta Miceli (1979):

O significativo crescimento do mercado editorial, que se fez sentir nos campos de produção de livros didáticos e de obras literárias, revela uma nova dinâmica política. Dinâmica que englobou os interesses da indústria cultural associados à ideologia nacionalista. (Miceli, 1979, p. 212).

Foi neste ambiente de tensão e renovação que Natalino iniciou sua formação intelectual, compreendendo que o ensino não deveria se restringir à repetição de conteúdos, mas deveria promover a conscientização dos sujeitos e o desenvolvimento do pensamento crítico.

Dotado de uma vocação genuína, formou-se em Letras e Pedagogia, preparando-se para atuar não apenas como professor, mas como intelectual orgânico, na acepção gramsciana do termo – alguém capaz de articular conhecimento e prática transformadora no seio da comunidade.

Seu legado se inicia ainda jovem, quando, aos vinte anos, retorna a Cáceres após frequentar o Tiro de Guerra em Cuiabá, em 1944. Ali, tece relações com nomes proeminentes que futuramente integrariam o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e a Academia Mato-Grossense de Letras: Cesário Neto, Benedito Figueiredo, Pe. Firmo, Francisco Ferreira Mendes, entre outros (Mendes, 2021).

Entre 1944 e 1948, participa da fundação do Instituto Onze de Março, escola particular que, posteriormente, seria transformada em Colégio Estadual, onde atuaria como professor de Português até 1980, e diretor em dois períodos: 1948 a 1956 e 1961 a 1966. Sua atuação, porém, não se limitou à esfera educacional: envolveu-se também com a cultura local, sendo colunista de jornais, organizador de eventos cívicos e promotor da literatura pantaneira.

Conforme observa Cruz (2024, p. 43):

Natalino Ferreira Mendes produziu textos sobre a história de Cáceres, além de centenas de crônicas e poesias. Foi educador, diretor de escolas, funcionário da prefeitura e participante ativo da vida cultural da cidade. Seu nome é reverenciado por diversas instituições.

Natalino Ferreira Mendes compreendia que a educação em regiões rurais carecia de um olhar sensível às especificidades do campo. Propôs, então, uma pedagogia que dialogasse com a vida cotidiana do aluno, valorizando sua experiência e cultura. Sua atuação foi decisiva para a consolidação de um currículo culturalmente situado, que respeitava a identidade do Pantanal.

Durante a ditadura militar, entre 1964 e 1985, período em que a repressão e a censura se tornaram políticas de Estado, Natalino manteve-se firme em seus ideais. Promoveu, mesmo sob vigilância, uma educação crítica e humanista, abrindo espaços para a reflexão e o debate. Utilizou a literatura como trincheira de resistência e a sala de aula como terreno de emancipação.

A essa altura, sua influência já era notável. Muitos de seus alunos tornaram-se professores, poetas, historiadores e líderes comunitários. Fundou e presidiu entidades culturais, e viu seu nome ser eternizado em espaços simbólicos: a Escola Estadual Natalino Ferreira Mendes, o Auditório da Fundação Cultural de Cáceres e espaços acadêmicos da Faculdade do Pantanal (Fapan).

A sua obra literária também merece destaque. Seus textos, marcados pela sensibilidade poética e pelo compromisso histórico, são fonte de estudo para quem deseja compreender as nuances do Pantanal. Sua pena foi tanto cronista do cotidiano quanto guardião da memória.

Como educador, Natalino defendia a formação contínua dos professores e a valorização da carreira docente. Organizava cursos e palestras, promovia rodas de leitura e seminários. Sua crença era clara: sem professores bem formados, não há transformação educacional possível.

O centenário de Natalino Ferreira Mendes não é apenas uma efeméride celebrativa, mas um convite à reflexão. Sua vida é um espelho onde se reflete a luta pela educação pública, crítica e libertadora. Diante dos desafios que ainda persistem – a precarização da educação, a desigualdade de acesso e o apagamento cultural –, seu exemplo ressurgiu como farol ético e pedagógico.

Natalino ensinou que a escola pode ser mais que um prédio: pode ser espaço de resistência, de acolhimento e de transformação. E que o educador não é apenas um transmissor de saber, mas um semeador de esperança, um guardião da memória coletiva e um artífice do futuro.

Contribuições à educação e à cultura regional

Com lápis, livros e coração,
Ergueu saber na imensidão.
Levou a leitura à beira rio,
Fez da cultura o seu navio.
Cada criança, um horizonte,
Cada lição, um novo monte.
Na escola ou sob o céu anil,
Plantou saber no Brasil sutil.

Antony Wolfgang

A ação pedagógica de Natalino Ferreira Mendes ultrapassou os limites do currículo tradicional. Para ele, a escola era mais que um recinto de instrução: era sementeira de sonhos, espaço de cidadania e instrumento de transformação da realidade social. No contexto de Cáceres – MT, onde o Pantanal se entrelaça à história e à cultura de um povo, destacou-se em três frentes essenciais: alfabetização de jovens e adultos, formação de professores e projetos pedagógicos com enfoque na cultura local.

Seu método de ensino não se ancorava apenas na técnica, mas na escuta atenta das vivências populares. Ao integrar saberes acadêmicos e conhecimentos tradicionais, forjava uma pedagogia singular, feita de metáforas do rio, da pesca, do ciclo das águas e das festas populares. Dessa forma, os conteúdos escolares se tornavam espelhos nos quais os alunos reconheciam suas histórias, saberes e modos de vida. Como adverte Arroyo (2004, p. 27), “A educação precisa dialogar com o universo cultural dos educandos para ser significativa e transformadora.”

A alfabetização de jovens e adultos, em especial, tornou-se um de seus compromissos mais enraizados. Em uma região marcada pelo analfabetismo funcional e pela exclusão educacional, Mendes desenvolveu programas de letramento sensíveis às realidades locais. Os materiais didáticos por ele utilizados eram repletos de referências ao cotidiano pantaneiro, respeitando o tempo e a linguagem dos educandos. Com isso, promoveu não apenas o acesso à leitura e à escrita, mas também a inclusão social e o resgate da dignidade cidadã.

A formação de professores foi outro campo de atuação estratégica. Natalino compreendia que a qualidade da educação passava, inevitavelmente, pela valorização e capacitação dos educadores. Realizou cursos de formação continuada, palestras e oficinas voltadas à incorporação da cultura regional no processo pedagógico. Como afirmam Pimenta e Lima (2012, p. 88), “a formação do professor deve ser um processo contínuo e reflexivo, que considere o contexto sociocultural e a prática cotidiana.” Sua proposta formativa baseava-se na reflexão crítica da prática docente, buscando romper com o ensino mecanicista e incentivar a pesquisa, a autonomia e o engajamento sociopolítico dos educadores.

Outro eixo fundamental de sua trajetória foi o desenvolvimento de projetos pedagógicos com foco na cultura local. Um exemplo notório foi a criação da *Biblioteca Comunitária Luz do Saber*, em uma escola pública onde atuava. A biblioteca, longe de ser um espaço silencioso e estático, era viva: acolhia rodas de leitura, saraus, clubes de poesia, encenações teatrais e exposições de arte popular. Em tais eventos, temas como a história da cidade, os mitos do Pantanal e a literatura regional eram tratados com profundidade e sensibilidade. Essas ações demonstram o compromisso de Mendes com a preservação da memória coletiva e com o fortalecimento da identidade cultural dos alunos. Para ele, o ato educativo deveria partir da valorização do chão em que se pisa. Como nos lembra Paulo Freire (1996, p. 23), “É fundamental que a educação parta da cultura dos educandos. Só assim ela se torna libertadora e capaz de promover a consciência crítica.”

Mais que transmissor de conteúdos, Natalino Ferreira Mendes via-se como mediador cultural: alguém que conecta o saber escolar ao universo simbólico da comunidade. Sua atuação extrapolava os muros da escola — organizava festas juninas, feiras culturais, encontros com artistas e fazedores de cultura local, sempre promovendo o protagonismo estudantil e a participação familiar.

Além disso, participou ativamente de movimentos educacionais e fóruns regionais, onde defendia políticas públicas voltadas à valorização docente, à expansão da educação rural e ao financiamento público da educação básica. Era presença constante em encontros pedagógicos, congressos e assembleias, onde seu discurso eloquente em defesa da educação pública inspirava professores e gestores. Essa militância não era partidária, mas profundamente humanista. Ele acreditava que a educação era um direito inalie-

nável e universal, e que o poder público tinha o dever de garantir seu acesso com equidade e qualidade. Como educador comprometido com o seu tempo, Mendes lutou contra o apagamento cultural, a desigualdade e o descaso com os saberes locais.

O legado de Natalino Ferreira Mendes permanece pulsante nas práticas pedagógicas desenvolvidas em Cáceres. Muitos dos que hoje atuam como professores, coordenadores pedagógicos ou diretores escolares foram seus alunos, seus colegas de formação ou seus leitores. Seu exemplo os inspira a buscar uma educação dialógica, participativa e crítica, que respeite a diversidade e promova a cidadania ativa.

Embora tenha colhido inúmeros frutos em vida – prêmios, homenagens, cargos de direção e reconhecimento acadêmico –, Natalino Ferreira Mendes jamais perdeu a simplicidade. Continuou escrevendo, ensinando, organizando eventos e participando da vida cultural da cidade até os últimos anos. Faleceu em 2011, mas deixou um rastro luminoso: o da esperança plantada em cada aluno, o da palavra viva nas bibliotecas e o da memória preservada nas narrativas do povo.

Celebrar seu centenário é, portanto, mais do que um ato de reconhecimento histórico – é um chamamento à continuidade de sua obra. É reafirmar que a educação transformadora só é possível quando alicerçada na cultura, na comunidade e no compromisso ético com o outro.

A herança que Natalino deixou à educação de Cáceres-MT é, acima de tudo, um convite à reinvenção constante, à escuta atenta dos saberes populares e à construção de projetos pedagógicos enraizados na realidade. Como educadores do presente, temos o desafio de honrar esse legado, alimentando nas novas gerações o mesmo brilho que um dia incendiou o olhar de Natalino Ferreira Mendes.

Nesse percurso de construção de uma pedagogia enraizada no contexto local, o pensamento de Edgar Morin oferece valiosas contribuições para compreender a formação do sujeito na contemporaneidade. Para Morin (2002), educar é preparar o indivíduo não apenas para o mundo do trabalho, mas para a vida em sua complexidade, incerteza e interdependência. Nesse sentido, a prática educativa de Natalino Ferreira Mendes pode ser lida como uma antecipação concreta dessas premissas: ele cultivava nos alunos não apenas habilidades cognitivas, mas também sensibilidade cultural, empatia e pertencimento comunitário.

Uma das competências essenciais indicadas por Morin é a capacidade de “situar os conhecimentos no contexto global” e de articular os saberes de diferentes áreas (Morin, 2002). Ao incorporar o ambiente pantaneiro, as manifestações culturais e as narrativas locais em sua prática pedagógica, Mendes possibilitava aos educandos uma visão integrada do conhecimento, rompendo com a fragmentação disciplinar. Isso permitia aos estudantes compreenderem-se como parte de um todo – histórico, ecológico e social –, desenvolvendo, assim, uma consciência crítica e reflexiva sobre sua realidade. Além disso, Morin defende que a educação deve promover a compreensão do outro e o exercício da ética da solidariedade (Morin, 2002). Tais valores eram intrínsecos às ações de Mendes, que estimulava o trabalho coletivo, a escuta ativa e o respeito às diferenças nas atividades escolares. O espaço da escola, sob sua coordenação, tornava-se um laboratório de convivência democrática e diálogo intercultural, onde os sujeitos aprendiam não apenas conteúdos, mas também atitudes fundamentais para a vida em sociedade. A educação, nesse contexto, cumpria seu papel civilizatório: formava cidadãos conscientes de seus direitos, deveres e da complexidade do mundo que os cerca.

Outro aspecto fundamental para Morin é a promoção da autonomia intelectual e da capacidade de julgamento dos estudantes. Ao valorizar a investigação, a oralidade e a produção criativa dos alunos, Mendes incentivava o protagonismo juvenil e o pensamento crítico, afastando-se de um ensino autoritário e reprodutivista. Os projetos pedagógicos desenvolvidos em sua gestão promoviam a curiosidade epistemológica e o engajamento social, elementos que fortalecem a formação de sujeitos capazes de enfrentar os desafios éticos, ambientais e sociais da contemporaneidade (Morin, 2000). Portanto, ao alinharmos a trajetória de Natalino Ferreira Mendes com os sete saberes necessários à educação do futuro, como propõe Edgar Morin, percebemos que sua prática já intuía a urgência de uma educação complexa, dialógica e transdisciplinar. Ao unir o local ao global, o saber ao sentir, o indivíduo à comunidade, contribuiu para formar sujeitos integrados à sua cultura, mas também abertos ao mundo. Seu legado nos convida a repensar a escola como um espaço de formação integral, em que a ética, a sensibilidade e a compreensão da complexidade da vida se tornem norteadores do processo educativo.

Práticas pedagógicas e produção histórica: métodos de ensino e crônicas de um tempo

Contava a história com o povo ao redor,
Fez da memória um campo maior.
Crônicas vivas, ditas com alma,
Ensino que cura, que sonha, que acalma.
Com mapas, causos, voz e calor,
Fez do saber ato de amor.
Na lousa, traçava o tempo e o chão,
Feito cronista coração.
Antony Wolfgang

Na sinfonia viva da sala de aula, entre o giz e o olhar atento dos estudantes, Natalino Ferreira Mendes compunha, diariamente, uma pedagogia do afeto, da memória e da transformação. Mestre do Pantanal, seu fazer docente era permeado pela delicadeza de quem sabia que o saber se enraíza quando dialoga com a vida. Seus métodos não se restringiam à transmissão de conteúdos: incorporavam experiências, tradições e narrativas do cotidiano cacerense.

Três eram os pilares de sua prática: contextualização cultural, incentivo à oralidade e estímulo à leitura crítica. Tais fundamentos organizavam não apenas suas aulas, mas também seu compromisso ético com uma educação que ultrapassa os muros escolares e penetra no tecido social.

A contextualização cultural ocupava posição central em seu método pedagógico. Natalino Ferreira Mendes compreendia que a escola deveria ser uma extensão da comunidade, e o currículo, um espelho da realidade local. Para tanto, integrava às aulas elementos da cultura pantaneira: festas populares, mitos indígenas, o ciclo das águas, a pesca artesanal, as expressões linguísticas regionais. Ao articular cultura e conteúdo escolar, conferia sentido ao aprendizado e fortalecia a identidade dos estudantes.

Outro eixo de sua prática era o estímulo à oralidade como fonte de saber. Em suas aulas, o falar não era interrompido, mas acolhido. Incentivava os alunos a narrarem causos, a compartilharem experiências familiares, a descreverem festas, comidas, ditos populares. Essas falas se tornavam insu-

mos pedagógicos, capazes de construir pontes entre o conhecimento acadêmico e o saber popular.

Organizava encontros com os anciãos da cidade, cuja voz, repleta de memória, era recebida com reverência. Segundo Bittencourt (2009, p. 113): “O ensino de história deve articular vivência e interpretação crítica do passado, promovendo identidades conscientes e plurais.”

Esses encontros geravam material valioso para discussões em sala, aproximando os alunos da memória coletiva, como fio condutor da história viva. Em suas aulas, também promovia o que hoje se chamaria de didática expandida. Utilizava mapas regionais desenhados à mão, preenchidos com relatos locais e detalhes geográficos significativos, o que despertava o interesse dos estudantes e facilitava a compreensão do espaço vivido. Era comum que organizasse visitas guiadas a sítios históricos, conectando teoria e prática, livro e chão, passado e presente.

Outro recurso didático marcante era o uso de crônicas de sua autoria como material complementar às aulas de história. Suas crônicas são verdadeiros documentos do cotidiano pantaneiro, em que o lirismo e a crítica social se entrelaçam. Eram lidas e debatidas pelos alunos como se fossem janelas abertas sobre o mundo ao redor.

A literatura era, portanto, um instrumento de historicidade. A crônica, gênero que cultivava com maestria, servia-lhe como ponte entre o saber e o sentir. Seus textos tornaram-se referência para pesquisadores da história e cultura regional, por registrarem aspectos pouco explorados pela historiografia oficial.

Além da leitura e da oralidade, o debate era prática constante em sua didática. Mendes acreditava que a sala de aula deveria ser espaço de escuta, discordância respeitosa e construção coletiva de conhecimento. Os alunos eram convidados a formular perguntas, a contradizer fontes, a problematizar narrativas dominantes.

Como educador, ele compreendia que a história é feita por múltiplas vozes, e não apenas por personagens ilustres. Suas aulas eram povoadas por lavadeiras, pescadores, benzedeiros, comerciantes e outros sujeitos que, apesar de silenciados nos livros, encontravam ali o espaço para sua devida valorização.

A utilização de recursos audiovisuais, como fotografias antigas, documentários e registros sonoros, também compunha seu repertório pedagógico. Com isso, Mendes estimulava uma abordagem sensorial e visual da história, permitindo que os estudantes “vissem e ouvissem o passado”, desenvolvendo empatia com os sujeitos históricos.

As festas populares eram igualmente objeto de estudo e celebração em sua prática educativa. Ensinava que o folclore, longe de ser um resquício do passado, era expressão viva da cultura de um povo. Analisava com os alunos os símbolos, os ritmos, os significados sociais das festas religiosas e profanas de Cáceres, promovendo uma educação patrimonial enraizada na experiência comunitária.

A concepção pedagógica era holística e interdisciplinar. Para ele, não havia fronteiras rígidas entre as áreas do saber. A história dialogava com a geografia, a literatura com a sociologia, a arte com a filosofia. Assim, promovia um ensino transversal, conectado à vida, em que os conhecimentos se entrecruzavam em favor da formação crítica dos alunos. Seu impacto como educador transcendeu a sua geração. Muitos de seus ex-alunos tornaram-se educadores, artistas, cronistas e pesquisadores, perpetuando seu método e sua filosofia de ensino. Essa continuidade evidencia a profundidade de sua influência no cenário educacional local.

Ainda a educação era um processo de emancipação. Acreditava que o conhecimento deveria libertar e não aprisionar, aproximar e não afastar. Preparava seus alunos para serem pensadores autônomos, capazes de interpretar e transformar o mundo. Como ele mesmo escreveu.

A celebração de seu centenário é, portanto, mais do que rememoração: é afirmação de princípios que continuam a inspirar educadores. É convocação para que se construa uma escola inclusiva, democrática e sensível à cultura de seus alunos. Mendes nos deixou um legado riquíssimo: uma pedagogia construída com humanidade, escuta e poesia. Suas práticas e sua produção histórica seguem vivas nas escolas de Cáceres, nos eventos culturais, nos arquivos da cidade, nos corações de quem aprendeu com ele que ensinar é um ato de amor e de coragem.

Conclusão

Hoje ecoa seu nome na canção,
Do Pantanal, é raiz e oração.
Natalino, mestre e centenário,
Segue vivo no dicionário.
Não há tempo que se apague a luz,
De quem no ensino pôs sua cruz.
Pois quem educa e faz memória,
Vira lenda, vira história.
Antony Wolfgang

O centenário de Natalino Ferreira Mendes não é apenas uma data simbólica, mas um marco de reflexão profunda sobre o papel transformador da educação e do educador. Celebrar sua vida é evocar uma pedagogia que se fez carne, chão e verso no interior do Brasil. É reconhecer que, mesmo à margem dos grandes centros, um mestre pode moldar consciências, preservar culturas e redefinir os contornos da cidadania a partir do saber enraizado em seu povo.

Natalino não foi apenas professor: foi cronista, mediador cultural, agitador de ideias e semeador de futuros. Sua atuação em Cáceres – MT alicerçou-se em uma visão de educação como prática da liberdade, em consonância com os preceitos de Paulo Freire, onde ensinar é também escutar, dialogar, pertencer e reconhecer o outro como sujeito histórico.

Sua pedagogia estava entrelaçada à vida cotidiana, e, por isso mesmo, era radicalmente política, no melhor sentido do termo: comprometida com a transformação social, com a valorização das identidades locais e com o fortalecimento da consciência crítica. Ao integrar oralidade, memória coletiva e cultura regional ao processo de ensino-aprendizagem, Mendes antecipou práticas que hoje compõem os marcos referenciais de uma educação em direitos humanos, conforme preconiza a Declaração das Nações Unidas sobre Educação e Formação em Direitos Humanos (2011). “Ensinar história é também preservar o que somos. O aluno precisa olhar para o passado e enxergar nele o rosto do avô, o ofício da mãe, a festa de sua vila. É preciso desenhar o mapa da história com o barro do lugar onde se pisa.” (Mendes, 1982, p. 49).

A educação deve promover uma cultura dos direitos humanos, da tolerância e da paz, baseada no respeito pela diversidade cultural e na solidariedade entre os povos (UNESCO, 2006, p. 18).

Seu legado evidencia que a educação, quando situada e humanizada, é uma das formas mais potentes de promoção dos direitos humanos fundamentais, não apenas no campo do acesso ao conhecimento, mas também na garantia da identidade, da voz e da memória coletiva. Mendes não educava apenas para a alfabetização, mas para a consciência de si e do outro, promovendo o que Edgar Morin (2001, p. 32) denomina como formação para a compreensão humana. “A educação deve ensinar a compreensão entre as pessoas, como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade.”

Ao considerar as singularidades culturais, sociais e afetivas dos alunos, Mendes aproximava-se de um paradigma educativo complexo, em que saberes distintos e interconectados se entrelaçam. Tal perspectiva é também defendida por Morin, para quem a educação do futuro precisa superar a fragmentação e abraçar a pluralidade das experiências humanas. “A missão da educação do futuro é promover a inteligência geral apta a referir-se ao contexto, ao global, ao multidimensional e ao complexo.” (idem, p. 14).

A prática pedagógica de Natalino, ao articular conhecimento acadêmico, cultura regional e sensibilidade social, reflete com precisão esse ideal de educação integradora, que compreende o ser humano em sua totalidade — cognitiva, afetiva, histórica e ética. Ao formar sujeitos pensantes, críticos e conscientes de seu tempo, Mendes promoveu um aprendizado que ultrapassa os limites da escola e ecoa na comunidade.

Neste cenário, a relevância deste artigo transcende o resgate biográfico. Ele representa também uma intervenção crítica na história da educação regional, evidenciando como práticas locais podem dialogar com grandes paradigmas da pedagogia contemporânea. A análise de sua trajetória oferece elementos concretos para repensar políticas públicas, currículos escolares e estratégias pedagógicas à luz de uma educação voltada para a equidade e a dignidade humana. Não se trata, portanto, apenas de revisitar o passado, mas de reposicionar o presente diante do legado de um educador que construiu pontes entre tempos, espaços e vozes. Ao fazer da sala de aula um terri-

tório de escuta e de criação, Mendes ensina que a educação é um direito e um dever coletivo, uma construção que exige sensibilidade e coragem.

A herança deixada por ele impõe um compromisso ético à geração atual de educadores e gestores: valorizar as práticas pedagógicas fundamentadas na realidade sociocultural do aluno e reconhecer o papel essencial da escola como espaço de proteção dos direitos humanos e de fortalecimento da cidadania. Natalino Ferreira Mendes nos mostra que, mesmo em meio à precariedade, é possível resistir com poesia, ensinar com generosidade e educar com firmeza.

Assim, a celebração de seu centenário não se restringe à homenagem: é ato de continuidade, de reafirmação dos valores que orientaram sua vida e sua prática docente. Sua história nos interpela e nos inspira a seguir construindo uma educação crítica, dialógica e libertadora — sobretudo, enraizada na vida real dos sujeitos que a compõem. Como sintetiza Paulo Freire (1996, p. 43): “A educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

Natalino Ferreira Mendes mudou pessoas. Tocou vidas. Criou histórias. Plantou esperança. Seu centenário é memória viva de uma educação que resistiu, floresceu e permanece. Que sua obra continue a iluminar gerações, como um farol pedagógico a guiar-nos rumo a uma sociedade mais justa, plural e profundamente humana.

Referências

ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CRUZ, Maria Helena. *Natalino Ferreira Mendes: um mestre do Pantanal*. 1. ed. Cáceres: Fundação Cultural de Cáceres, 2024.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Domingos Sávio da Cunha (Org.). *História e memória: Cáceres*. Cáceres: Editora da Unemat, 2011.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1979. 294 p.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?* 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

UNESCO. *Educação para todos: documento final da Conferência Internacional sobre Educação para todos*. Brasília, Unesco, 2006.

4. Entre letras e leis: O Legado de Natalino Ferreira Mendes na trajetória acadêmica de sua neta

Linnet Mendes Dantas¹²

RESUMO: Propõe este artigo uma reflexão sobre a influência transgeracional de Natalino Ferreira Mendes na trajetória acadêmica de sua neta. Para tanto, utilizou-se o método autoetnográfico, com abordagem qualitativa, a partir da memória familiar e das obras do homenageado. O texto entrelaça vivências pessoais e produção científica, revelando como experiências domésticas influenciaram, direta ou indiretamente, as escolhas profissionais da autora voltadas à educação, à administração pública e à valorização da memória local. O texto se apresenta estruturado em três partes. Inicia com o contexto familiar e os valores transmitidos, apresenta a atuação pública e cultural de Natalino e, por fim, identifica como sua obra foi incorporada às pesquisas acadêmicas da autora. A narrativa destaca o papel do afeto e da ascendência na formação do pensamento crítico e na produção do conhecimento sob o aspecto da memória enquanto ferramenta política e educativa.

Palavras-chave: Memória; Educação; Natalino Ferreira Mendes; Cáceres-MT; Autoetnografia.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
1 de maio de 2024	5 de setembro de 2024

BETWEEN LETTERS AND LAWS: THE LEGACY OF NATALINO FERREIRA MENDES IN THE ACADEMIC TRAJECTORY OF HIS GRANDDAUGHTER

ABSTRACT: This article proposes a reflection on the transgenerational influence of Natalino Ferreira Mendes on the academic career of his granddaughter. To this end, the ethnographic method was used, with a qualitative approach, based on the family memory and the works of the honoree. The text interweaves personal experiences and scientific production, revealing how domestic experiences influenced, directly or indirectly, the professional choices focused on education, public administration and the appreciation of local memory. The text is structured in three parts. It begins with the family context and the values transmitted, presents

12 Possui graduação em Direito (Unic). Especialista em Direito Penal e Processo Penal (Uniron-don). Especialista em Direito Ambiental e Urbanístico (UFMT). Mestre em Direito pela (Unaerp). Atualmente é professora e coordenadora do curso de Direito da Faculdade Católica de Cuiabá/MT. Sócia efetiva no Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres.

Natalino's public and cultural activities and, finally, identifies how his work was incorporated into the author's academic research. The narrative highlights the role of affection and ancestry in the formation of critical thinking and in the production of knowledge under the aspect of memory as a political and educational tool.

Keywords: Memory; Education; Natalino Ferreira Mendes; Cáceres-MT; Autoethnography.

Introdução

No contexto das comemorações do centenário de Natalino Ferreira Mendes, em 2024, surgiu o desafio de escrever sobre a sua influência enquanto professor, funcionário público, poeta memorialista, cronista, historiador e, acima de tudo, avô, na minha carreira acadêmica.

O objetivo é realizar uma breve descrição do convívio e produção de Natalino na minha construção acadêmica. Especificamente, identificar momentos relevantes na relação familiar que influenciaram, mesmo que inconsciente, ações voltadas à educação, administração pública e memória local.

Parte-se da problemática em se descobrir se realmente a produção profissional e a convivência familiar com meu avô refletiram na minha trajetória acadêmica.

O texto é construído a partir de uma narrativa que trata do uso da memória, da experiência vivida para descrever o exemplo de ações de cidadania preocupadas com a educação, arte, cultura e memória local nessa relação parental que se tornou intergeracional.

Sobre o método, utiliza-se a autoetnografia, numa abordagem qualitativa, pela centralização da pesquisadora com o sujeito do processo (no caso Natalino Ferreira Mendes). O critério da escolha do tema foi a experiência, a vivência pessoal, da sua história, memórias e vínculos familiares. A ferramenta de análise é a subjetividade, exigindo um olhar analítico sobre si, com distanciamento crítico.

A autoetnografia, como destaca Santos (2017, p. 219), caracteriza-se pela inclusão da experiência do sujeito pesquisador “tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa”, assumindo um papel político e transformador.

Ao valorizar a memória de Natalino como ferramenta para pensar educação, a história local e a cultura, há a minha atuação política no sentido de tornar pública uma narrativa familiar com relevância coletiva. Nesse contex-

to, são utilizados recursos como narrativa autobiográfica, histórias de vida, documentos pessoais e obras do meu avô, cuja fonte norteadora foi o *site* www.natalinoferreiramendes.com.br, que, entrelaçados, constroem um percurso de sentido e identidade acadêmica.

Estrutura-se o presente artigo em três partes. Inicialmente a narrativa se concentra no ambiente familiar para contextualizar a relação de parentalidade entre mim e Natalino Ferreira Mendes, bem como comportamentos transgeracionais, transmitidos e influenciados ao longo da família.

Na segunda parte, faz-se uma breve descrição de suas obras e atividades profissionais que marcaram sua atuação como funcionário público, professor, escritor e mestre da cultura. Há o destaque nessa seção quanto à relevância de Natalino e seu compromisso com a educação, a memória e a identidade local.

Por fim, na terceira parte a análise das produções acadêmicas, momento em que eu faço a reflexão sobre a convivência com Natalino e sua contribuição, direta ou indireta, nas escolhas de temáticas realizadas no decorrer das minhas pesquisas e ações no magistério.

O Ambiente Familiar como semente da Vocação Acadêmica

Desafiar-se a escrever sobre Natalino Ferreira Mendes por ocasião de seu centenário é, antes de tudo, um exercício de memória afetiva e formadora.

A memória de Natalino não se encerra em suas obras, ela vive nos laços familiares que ajudou a construir e inspirar.

Antes de chegar à influência acadêmica, é preciso apresentar o contexto familiar que moldou minha convivência com ele.

Natalino Ferreira Mendes casou-se com Olga Castrillon e tiveram seis filhos, sendo quatro mulheres e dois homens.

A segunda filha do casal, a mais velha das mulheres, Vanilda Castrillon Mendes, casou-se com o bancário Luiz Emídio Dantas, natural de Picuí (PB), e passou a se chamar Vanilda Castrillon Mendes Dantas. Desse casamento nasceram três filhos: Luiz Emídio Dantas Junior (Professor Universitário), Linnet Mendes Dantas (Advogada e Professora Universitária, autora deste artigo) e Marcos Vinicius Mendes Dantas (Cirurgião Dentista e Professor Universitário).

É importante destacar a influência de Natalino como pai, para sentir os reflexos nas gerações seguintes. Vanilda, minha mãe, teve sua formação literária construída entre versos, personagens e cartas manuscritas. Conforme disse em seu depoimento pessoal, concedido em maio de 2025:

ele me levava para dormir contando histórias, aliás, nem sempre eram contos da carochinha, mas poemas, um dos quais ficou na minha memória na íntegra, intitulado *A Flor e a Fonte*, de Vicente de Carvalho. Apresentou-me a Dom Quixote, Sancho Pança, Nemo (das *Vinte mil léguas submarinas*) e à Dona Benta Encerrabodes de Oliveira, personagem do mundo fantástico de Monteiro Lobato. Cresci no meio de livros, leitora compulsiva de romances e livros de aventura (informação verbal, 2025).

Vanilda também recorda como seu caminho profissional foi atravessado por esse ambiente cultural fomentado pelo pai, ainda que inicialmente resistisse à ideia de seguir o magistério:

Cursei o científico na esperança de fugir do destino de ser professora, mas, no terceiro ano, quando era permitido escolher entre exatas e humanas, optei pela segunda. Caí nas graças de uma professora que percebeu meu conhecimento em literatura e gramática. Ela era uma professora que utilizava métodos inovadores no ensino da literatura e despertou em mim o desejo de retomar aquelas obras sobre as quais eu ouvia falar em casa e, conseqüentemente, fui direcionada irremediavelmente para a Faculdade Dom Aquino de Filosofia (1968-1971) onde cursei letras com francês, atual Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

A escrita, para ela, também foi uma forma de troca intelectual com o pai na faculdade. Ela recorda que “escrevia longas cartas, de oito, nove e até dez folhas, que meu pai respondia com grande paciência, sempre enriquecendo meu aprendizado”.

Sua trajetória profissional revela como o legado de Natalino seguiu ativo em sua prática educacional. Formada aos 21 anos, foi praticamente convocada a retornar a Cáceres para assumir a Delegacia Regional de Educação e Cultura, cargo que exerceu por seis anos.

Desde então, Vanilda atuou em diversas funções de gestão educacional, como diretoria de escola, assessoria pedagógica, assessoria para assuntos da região sudoeste na Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso e, mesmo quando estava em cargos administrativos, continuou lecionando, especialmente nas ausências de professores habilitados em Literatura.

Esse legado de formação literária e comprometimento com a educação, recebido diretamente de Natalino, estruturou a forma como ela criou seus filhos e, sobretudo, moldou minha própria relação com os livros, com a cultura e com a vida intelectual.

A herança literária que Natalino transmitiu à sua filha Vanilda encontrou, em mim, continuidade e novos desdobramentos.

Meu ambiente também era rico em livros e marcado por encontros com muitos diálogos e discussões, que iam da literatura à política.

Um período foi muito marcante. O ano era 1994, eu tinha quinze anos e morava com meus avós na cidade de Cáceres-MT. Nesse contexto fui apresentada a Machado de Assis. Meu avô trouxe da sua biblioteca o exemplar de *Dom Casmurro*, parte da coleção que ele mantinha, para que eu utilizasse em um trabalho da escola.

Leitura difícil, confesso. Mas apaixonei pela escrita de Machado de Assis e me encantei ainda mais pela literatura. Nas atividades da escola, escrevi contos e arrisquei até na poesia, todos com a orientação do meu avô. Contando sempre com o estímulo dele.

Aquele ano, morando na residência dos meus avós, foi especialmente produtivo em termos de literatura, história e conhecimentos gerais. Cada almoço parecia uma aula. Sentávamo-nos todos juntos à mesa, no mesmo horário, e os assuntos variavam entre temas políticos, narrativas históricas, reflexões sobre livros e autores e, com a contribuição da minha avó, assuntos da família. Ela era boa para identificar a árvore genealógica dos parentes e, também, de conhecidos.

Uma das grandes influências que tive, era a familiaridade do meu avô com os assuntos ligados à história e à vida política de Cáceres. Ele falava com propriedade, envolvimento e um olhar atento sobre a cidade.

Além daquela vivência diária com meus avós, outras experiências reforçaram a presença constante da obra de Natalino na minha formação. Durante o ensino fundamental em Cáceres, utilizávamos em sala de aula o

livro *História de Cáceres: administração municipal*, escrito por ele. A partir dessa convivência compreendi que a minha relação com a cidade também passava pelo que ele havia registrado, pesquisado e eternizado em palavras impressas.

Com exceção da primeira edição de *História de Cáceres: administração municipal*, publicada em 1973 (Cáceres, 2021), participei de todos os lançamentos das demais obras de meu avô. Esses momentos sempre foram motivo de orgulho e pertencimento, não apenas para mim, mas para toda a família.

Meu pai, Luiz Emídio Dantas, era um entusiasta das obras do sogro. Além de participar ativamente das articulações para a reedição e lançamento de seus livros, ele patrocinou diretamente a publicação do livro de poemas *Anhuma do Pantanal* (1993), uma obra marcante.

Luiz Emídio faleceu em 2012, mas deixou, junto com minha mãe, o legado do respeito à palavra escrita, ao saber partilhado e à preservação da memória, pilares que hoje reconheço como fundamentos da minha própria trajetória acadêmica.

Na época, eu ainda não compreendia o impacto que toda essa vivência teria ao longo do tempo. Contudo, ao revisitar minha experiência acadêmica com o distanciamento que os anos permitem, percebo que a semente germinou.

Com o passar do tempo, entendi porque a leitura, a docência, a pesquisa e a valorização da história local não apenas me pareceram escolhas naturais, como também se tornaram valores que procuro incentivar em quem está ao meu redor.

Natalino Ferreira Mendes: entre a memória vivida e a palavra eternizada

Em sua biografia, Natalino Ferreira Mendes (03/01/1924 – 23/12/2011) é reconhecido como um importante nome da cultura mato-grossense (Cáceres, 2021).

Foi autor de obras de história, memória, crônica e poesia. Atuou como educador, professor, diretor de escola de ensino fundamental e médio, servidor da Prefeitura Municipal de Cáceres e participante ativo da vida cultural da cidade. Sua trajetória combina atividades na sala de aula, nos serviços

públicos e na pesquisa em arquivos históricos da Câmara de Vereadores e do Arquivo Público de Cáceres (Cáceres, 2021).

Por sua atuação intelectual e cívica, foi homenageado por instituições civis, militares e eclesiásticas, consolidando-se como um dos escritores mais reconhecidos da região, seus textos tornaram-se referência, e sua memória é constantemente referenciada.

Nascido em Cáceres, cidade conhecida como *Princesinha do Paraguai*, filho de Bertholdo Ferreira Mendes e Anatólia Trindade Mendes. A maior parte da sua vida morou em sua cidade natal, saindo apenas quando cursou em Cuiabá o conhecido “Tiro de Guerra”, em uma organização militar (Brasil, 2019).

Sua atuação ultrapassou o serviço público e a docência, projetando-se também no cenário institucional da cultura mato-grossense. Foi membro da Academia Mato-grossense de Letras (AML), do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT) e do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres.

Vale registrar que a cadeira número 15 da Academia Mato-grossense de letras, que foi ocupada por Natalino, hoje pertence à sua filha Olga Maria Castrillon Mendes.

A influência de Natalino nas atividades institucionais da cultura mato-grossense, foi intergeracional. Seu genro Luiz Emídio, suas filhas Olga Maria e Vanilda, tornaram-se membros efetivos do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres. E, em 2019, eu também me tornei membro efetivo do referido instituto.

Pela relevância de sua atuação intelectual, educacional e cívica, foi agraciado com diversas homenagens ao longo da vida. Entre as principais, destacam-se: a Ordem ao Mérito Legislativo de Mato Grosso – Comenda Senador Filinto Müller (1984); a Ordem ao Mérito de Mato Grosso, no grau de Cavaleiro (1990); o título de Colaborador Emérito do Exército (1994); a Medalha do Pacificador (1995); a Medalha do Mérito Maçônico (2001); e distinções conferidas pela Universidade do Estado de Mato Grosso, como o Mérito Universitário (2009) e o Mérito Acadêmico (2009), ambos por sua contribuição à cultura e à educação de Cáceres. Recebeu ainda moções de louvor e diplomas de instituições civis e educacionais da cidade, especialmente por sua atuação como escritor e pesquisador da história local (Cáceres, 2021).

No dia 20 de junho de 2006, Natalino Ferreira Mendes concedeu uma entrevista ao jornalista Batista Rup, publicada no jornal *Correio Cacerense*, na qual narrou sua trajetória profissional e compartilhou sua visão sobre a cidade de Cáceres. A entrevista está disponível na íntegra no site dedicado à sua vida e obra (Cáceres, 2021).

Lembro-me bem da sua relação com o jornal. Era leitor assíduo do *Correio Cacerense*. Antes da popularização da internet, nas visitas que eu fazia à sua casa, era comum encontrar exemplares recentes à disposição, especialmente na sala de televisão. Hoje, o acervo desse periódico, encontra-se no Núcleo de Documentação Histórica Regional/Nudheo, que fica na cidade Universitária em Cáceres.

Essa mesma sala guardava um dos seus hábitos mais marcantes, qual seja, a cadeira de balanço onde costumava sentar-se para assistir ao noticiário, fazer suas leituras ou receber parentes e amigos em conversas tranquilas e observadoras.

Abrindo um parêntese de memória familiar, registro um episódio que aconteceu em 1994 e se tornou um clássico doméstico. Meu avô sempre teve uma linguagem que se adaptava aos ambientes, desde o tom formal junto às autoridades à fala mais descontraída e coloquial quando estava na fazenda, entre funcionários. Porém, nada de palavrões ou xingamentos. Talvez por isso eu tenha sido a única neta a ouvi-lo transgredir essa marca. Na verdade, ele não xingou alguém diretamente, foi uma reação espontânea a uma cena de novela.

Estávamos na cozinha, no espaço onde ficava a mesa de almoço, assistindo à novela *Pátria Minha* em uma televisão pequena. Eu e minha avó acompanhávamos a trama, ela recém-chegada da missa ou reza, serena e em paz. A cena na TV era tensa: um personagem interpretado por Tarcísio Meira gritava intensamente. O volume estava alto. Meu avô, que se encontrava na sala em sua cadeira de balanço, em silêncio contemplativo, de repente rompeu o silêncio com um grito vindo do corredor que ligava os dois cômodos:

— *O que que esse filho da puta tá gritando?!*

Fiquei em choque. Nunca o tinha visto gritar naquela altura e muito menos xingar. Minha avó, que não aceitaria ninguém gritar assim, apenas olhou para ele e, com o bom sotaque cacerense, respondeu com naturalidade:

— *Ah bom.*

Logo em seguida ela abaixou o volume da televisão, que ainda era de botão. Ele se voltou para a sala como se nada tivesse acontecido e a paz foi restaurada.

Eu queria rir, mas permaneci em silêncio por medo de ser repreendida, afinal eu havia ligado a televisão naquela altura.

Dias depois, em uma festa na casa de uma tia, minha avó me chamou à mesa onde eles estavam sentados ao lado de outros parentes para confirmar o episódio. Queria saber se ele realmente tinha dito aquilo. Confirmei, claro. Ela contou que Natalino negava com convicção, provavelmente não se lembrava.

Foi naquele momento que, finalmente, consegui rir da situação e narrar o ocorrido para toda a família. Até hoje, quando recordo a cena, o riso vem fácil. Pode parecer insignificante para quem lê, mas para nós, que crescemos em um ambiente onde o xingamento mais grave era um “caramba” que saía quando arrastávamos a cadeira para nos sentarmos à mesa, aquele momento ficou marcado como um episódio único da história oral familiar.

Do cômico ao lúdico, havia outro momento que eu adorava reviver: ouvir meus avós contarem como se conheceram. Ouvi-os contando juntos era o ápice. Pareceu destino. E Natalino eternizou esse momento em um poema. É um privilégio reviver a história que ouvia no ambiente familiar em poesia, veja:

LEMBRAS-TE?¹³

Tu te lembras?
Estava na cidade paulista
de Campinas,
recuperando-se de uma cirurgia
num joelho.
Saudosos da terra natal,
era costume reunirem-se,
nos momentos de lazer,
os cearenses estudantes
e pessoas como tu

13 Mendes, 2010, p. 18.

buscando tratamento de saúde
na cidade de Campinas.

Num desses encontros costumeiros
aconteceu aparecer ali
um contrerrâneo conhecido,
recém-chegado da terrinha-berço,
trazendo notícias frescas
de casa.

As novidades eram poucas.
Contou-as todas ao grupo alvoroçado.
— Ah! disse ele concluindo,
ia-me esquecendo:
Chegou a Cáceres
pela última jardineira,
que liga a cidade com a capital do Estado,
juntamente com outros estudantes,
um poeta, filho da terra,
que concluirá o ginásio em Cuiabá.

Teu coração,
aberto como a flor
aos eflúvios de manhã,
bateu com mais vigor
ao impacto da notícia.

E a intuição
— Sabedoria pura,
que transcende o tempo,
te segredou:
— vais casar com esse moço.
Tinhas então dezessete anos
E o poeta vinte e um.

...

Profética mensagem!
Não tardou
e a graça e a musa
se encontraram
e se uniram...
Compondo juntas
a harmonia
(ou sinfonia)
da vida conjugal.

Nas festas em família, ele sempre era convidado para fazer uma fala antes que fosse autorizada a refeição. E nos brindava, como sempre, com seus discursos precisos e cheios de lirismo cotidiano. Eu observava atentamente sua postura, a entonação de voz, o domínio das palavras e o modo como escolhia cada frase como se falasse para o tempo, não apenas para a ocasião.

Da biografia à produção literária, Natalino Ferreira Mendes deixou um legado que transcende o âmbito familiar. Conseguiu transformar, tanto os fatos históricos que pesquisou com rigor, quanto as sutilezas do cotidiano que eternizou em poesia em um acervo acessível à comunidade. Registros que documentam, sensibilizam e educam.

A seguir, apresento o percurso das obras que influenciaram diretamente a minha escrita acadêmica e que estiveram presentes na elaboração da minha dissertação de mestrado.

A presença da Obra de Natalino Ferreira Mendes na trajetória acadêmica

Existem diálogos que nos marcam e meu avô tinha esse dom.

A minha trajetória na docência foi tardia, embora ela tenha sido despertada na infância. Uma professora na quarta série do primeiro grau (hoje ensino fundamental) despertou esse lado em mim. Ela me colocou para cuidar da sala de aula, com crianças, pois precisou se ausentar. Eu tinha apenas 10 anos. Duas emoções se destacaram: primeira, a dúvida: “Por que eu?”; segunda, a satisfação, com aquela sensação de: “Gostei!”. Mas não tinha maturidade suficiente para entender essa experiência.

Em um diálogo com meu avô, eu já estava com quase trinta anos, compartilhei minhas reflexões de instabilidades na carreira e no futuro. Ele fez dois apontamentos. Primeiro, falou sobre nivelamento, acompanhado de um gesto que utilizou para representar a fala: estendeu os dois braços à frente, o direito erguido acima do esquerdo, para demonstrar diferença de nível. E disse:

— *Você está nesse nível* (mexeu com o braço direito), *mas se sente nesse nível* (mexeu com o braço esquerdo).

A mensagem que ele quis transmitir foi que a minha autopercepção estava aquém da minha real capacidade e posição. Eu me via num nível inferior ao que eu realmente estava. Gotas de sabedoria que Natalino distribuíu.

A lição desse gesto, aparentemente simples, mas que ficou gravado na minha memória, é a importância de reconhecer o próprio valor e a trajetória construída, mesmo quando incertezas profissionais ou pessoais tentam minimizar as conquistas alcançadas.

E, nessa mesma conversa, o segundo apontamento foi quanto ao “dom”. Lembro-me de que começou a utilizar vários exemplos sobre o contato das pessoas com as coisas. Quando o dom aparece, a pessoa não solta mais a coisa ou a atividade. Deu exemplos com cavalo, violão, piano, inclusive com o magistério. “Você se identifica e permanece. Se não se identificar, se o dom não aparecer, você solta, e está tudo bem”. É assim que eu me recordo de suas falas.

Por todo esse ambiente que vivenciei somado à carreira e importância do meu avô no Município de Cáceres, percebi nesse desafio de escrever sobre a obra de Natalino e sua influência na minha vida acadêmica que, talvez de maneira subconsciente, ele tenha me inspirado na trajetória que realizei voltada para a educação, administração pública e pela memória de Cáceres.

Em 2015, ele já falecido, encontrei (ou reencontrei) meu dom quando ingressei como contratada temporária na Universidade do Estado de Mato Grosso, por meio de teste seletivo de provas e títulos em Barra do Bugres (MT).

Vivenciando esse ambiente, percebi a necessidade das produções científicas que movimentam o currículo *lattes*, para se manter na área acadêmica. Algo que não me senti sensibilizada na época da graduação. Concluí o curso de direito em 2006 e, hoje, estou na gestão do ensino superior, na coordenação do curso de direito, na Faculdade Católica de Cuiabá.

Lecionando em Cáceres em 2016, resolvi me aproximar mais das questões municipais para desenvolver em sala de aula.

Comecei a pesquisar sobre os assuntos relacionados ao centro histórico de Cáceres, região que possui proteção municipal, estadual e federal de preservação e memória, porém, gerava o sentimento de insatisfação e abandono na comunidade local.

Então direcionei os estudos para o tombamento do conjunto arquitetônico e paisagístico do Município pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), uma autarquia federal que se vincula ao Ministério da Cultura e tem por finalidade a preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro (Brasil, [20--]).

A partir da curiosidade e posteriores leituras sobre o tombamento do centro histórico de Cáceres (MT), decidi produzir um pôster em coautoria com a minha prima Anna Natale (mestre em Estudos de Cultura Contemporânea) com o tema: *Questionando a Efetividade do Tombamento como Instituto de Proteção do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural*. E nessa pesquisa, para contextualizar Cáceres com dados de sua fundação, utilizamos a obra *História de Cáceres: História da Administração Municipal*, de Natalino. Foi emocionante, confesso.

Submetemos o pôster ao XXVI Encontro Nacional do Conpedi (Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito) em 2017. Nosso estudo foi admitido. Eu apresentei o pôster em Brasília (DF) e recebemos, por esse trabalho, uma menção honrosa em virtude da “extrema qualidade da pesquisa desenvolvida”. E, agora, pensando bem, meu avô contribuiu para um início das minhas produções, com êxito e prêmio na pesquisa.

Paralelamente, também me envolvi, a partir de 2016 e em razão das aulas ministradas, com as atividades do Conselho da Comunidade local, órgão previsto na Lei de Execução Penal. Esse órgão tem o intuito de aproximar a comunidade civil na gestão e monitoramento do sistema prisional. Desse relacionamento, foi produzido um capítulo de livro em coautoria intitulado *Do Estado Democrático de Direito à Criminologia Crítica: Uma análise da Atuação do Conselho da Comunidade de Cáceres (MT) na Contramão da Execução Penal Brasileira* (Curty, Dantas e Rodrigues, 2020).

Publiquei também em coautoria um artigo em periódico intitulado: *Coleta Seletiva na Promoção da Cidadania: uma reflexão sobre os desafios en-*

frentados para a implementação da coleta seletiva porta a porta no Município de Cáceres-MT (Dantas e Lindote, 2022). Pesquisa que surgiu a partir da experiência vivenciada no cargo de Assessora Jurídica (2018 a 2018), na Águas do Pantanal, em Cáceres, uma autarquia municipal de saneamento.

Fiz uma especialização em Direito Ambiental e Urbanístico na Universidade Federal de Mato Grosso (2020-2021), e apresentei como trabalho de conclusão de curso o artigo intitulado: *Licenciamento Ambiental em Âmbito Municipal: relevância e desafios ao exercício dessa competência pelo Município de Cáceres (MT)* (Dantas e Irigaray, 2022). Nesse trabalho, utilizei trecho do livro *Letras Cacerenses*, publicação póstuma com incentivo da Lei Aldir Blanc/2000, uma das atividades do projeto “Natalino Ferreira Mendes: mestre da cultura mato-grossense”.

A escolha do tema da dissertação surgiu, de forma direta, a partir da minha participação no Conselho Municipal de Saneamento Básico de Cáceres e, mais especificamente, no comitê de revisão do projeto de lei do Código Ambiental Municipal de Cáceres. Houve algumas reuniões desse comitê, mas elas não tiveram continuidade, e o projeto de lei acabou sendo protocolado sem as contribuições daquele grupo do qual participei.

Entretanto, essa experiência despertou em mim o interesse em pesquisar sobre a temática ambiental na esfera municipal e, em interlocução com o orientador do mestrado Professor Doutor Juvêncio Borges Silva, decidimos colocar a experiência de Cáceres para exemplificar o percurso da elaboração de uma legislação de política pública ambiental municipal, atentando-se à participação social, inclusive, o meu orientador foi um grande apoiador em manter Cáceres na pesquisa.

O título da dissertação é *Estado Socioambiental de Direito e Gestão Participativa: uma análise dos instrumentos de participação democrática na elaboração do código ambiental municipal de Cáceres (MT)* (2024). Para construir o capítulo sobre Cáceres busquei as obras de Natalino, não pela relação familiar, mas porque ela é uma fonte historiográfica indispensável sobre a cidade, principalmente quanto à trajetória política e administrativa do Município.

Assim, ao construir o referencial histórico da pesquisa, revelou-se imprescindível a consulta às obras *História de Cáceres: história da administração municipal* (2009) e *História de Cáceres: origem, evolução, presença da força armada, tomo II* (2010).

Portanto, mais do que uma escolha metodológica, a utilização dessas obras na minha dissertação foi um gesto, ainda que inconsciente à época, de continuidade do legado intelectual e afetivo que Natalino construiu ao longo de sua vida.

Ao incorporar suas reflexões e registros históricos à minha produção acadêmica, percebo que reafirmei a relevância da memória familiar como um alicerce legítimo para a pesquisa científica e para a preservação da história da cidade.

Assim, a dissertação representa o ápice desse entrelaçamento entre memória pessoal, trajetória acadêmica e compromisso com a preservação e valorização de Cáceres. Essa convergência, que só se revelou de forma plena ao longo da elaboração deste artigo, será retomada e aprofundada nas considerações finais que seguem.

Além disso, a participação no Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres, rendeu uma crônica cujo título é *Centro Histórico de Cáceres: um olhar que ultrapassa os aspectos urbanos modernos* (Dantas, 2024).

Para finalizar, também participei do projeto “*Natalino Ferreira Mendes: um mestre da cultura mato-grossense*”. Projeto selecionado pelo edital n. 04/2020/Secel/MT, que possibilitou um sítio eletrônico sobre Natalino (Mendes, 2021), publicação de obras e um documentário disponível no *YouTube*, onde figurei como secretária.

É o legado de Natalino que mesmo depois de sua morte, ainda nos faz vivenciar experiências inéditas e, até mesmo, únicas.

Considerações finais

Natalino Ferreira Mendes nasceu em janeiro de 1924 e faleceu em dezembro de 2011, aos oitenta e sete anos. Deixou seu nome na cultura mato-grossense. Foi educador, professor, diretor de escola de ensino fundamental e médio, funcionário público, além de participante ativos dos eventos da cidade.

Figura pública reconhecida, seus textos tornaram-se referência. Com a curiosidade que lhe era peculiar e o compromisso em preservar documentos relevantes da Administração Municipal, eternizou com palavras a história, tanto na versão memorialística quanto poética.

Todas essas informações são de domínio público, inclusive disponível no sítio eletrônico que leva seu nome. Contudo, em 2024, quando se completou o centenário de seu nascimento, realizou-se uma justa homenagem que mobilizou, não só as escolas de Cáceres, mas os institutos dos quais foi membro.

A partir desse movimento, surgiu a oportunidade de abrir um pouco a sua intimidade e mostrar o avô como influência, direta ou indireta, transgeracional nas escolhas de sua neta.

Ao longo do estudo, desvelaram-se diversos aspectos coincidentes na trajetória construída pelo avô e que influenciaram sua neta.

Ao misturar o mundo das letras (de Natalino) e das leis (da Neta), mesmo ele não estando mais fisicamente presente, inaugurou-se uma nova experiência, qual seja, o método autoetnográfico, que proporcionou reflexões importantes.

Acostumada a fazer escolhas sem atenção consciente aos aspectos familiares, escrever sobre Natalino revelou que experiências vividas no ambiente doméstico influenciam (influenciaram) decisões tomadas ao longo da trajetória pessoal e profissional, cujos efeitos se estendem à sociedade.

Quando atuamos na educação, assumimos a responsabilidade de transformação. O conhecimento fortalece e movimenta a sociedade em busca da construção do sentido de cidadania. Valorizar a cultura e a memória local é, portanto, também é uma forma de educar.

Ao resgatar momentos da carreira de Natalino e confrontá-los com minha própria experiência, identifiquei ações convergentes, sobretudo o compromisso de uma educação voltada à formação de sujeitos preocupados com o espaço em que habitam e com as especificidades municipais.

Além disso, vivenciei uma experiência na Administração Pública Municipal que, além de pessoalmente significativa, possibilitou a produção de registros sobre a implantação da coleta seletiva porta a porta, em Cáceres.

Também participei de coletivos e colegiados voltados à participação cidadã no controle e nas decisões da gestão pública.

Ao ser sensibilizada, com este artigo, pela dimensão da vida e obra de Natalino e, também, por ser sua neta, resta uma reflexão: nivelei-me abaixo por ser neta de Natalino ou sua ascendência me moveu e continua movendo a construir meu próprio caminho, sem perder a sensibilidade humana e o envolvimento com as questões educacionais, sociais e públicas?!

Referências

BRASIL. EXÉRCITO BRASILEIRO
9ª REGIÃO MILITAR. (org.). *Tiros de Guerra*. Organizações Militares - Tiros de Guerra. 2019. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/9iFrX>>. Acesso em: 19 maio 2025.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. (ed.). *IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. [20--]. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1702/>>. Acesso em: 24 maio 2025.

CÁCERES. Olga Maria Castrillon Mendes. Estado de Mato Grosso (org.). *Natalino Ferreira Mendes: biografia*. Biografia. 2021. Disponível em: <<https://natalinoferreiramendes.com.br/o-mestre/biografia>>. Acesso em: 19 maio 2025.

CÁCERES. Olga Maria Castrillon Mendes. Estado de Mato Grosso (org.). *Natalino Ferreira Mendes: livros*. livros. 2021. Disponível em: <<https://natalinoferreiramendes.com.br/obras-publicadas/livros>>. Acesso em: 19 maio 2025.

CÁCERES. Olga Maria Castrillon Mendes. Estado de Mato Grosso (org.). *Natalino Ferreira Mendes: homenagens recebidas*. Homenagens recebidas. 2021. Disponível em: <<https://natalinoferreiramendes.com.br/o-mestre/homenagens-recebidas>>. Acesso em: 21 maio 2025.

CURTY, G. S., DANTAS, L. M., RODRIGUES, J. A. Do Estado Democrático de Direito à Criminologia Crítica: uma análise da atuação do conselho da comunidade de Cáceres/MT na contramão da execução penal. In: ANA CLARA SANTOS ELESBÃO (São Paulo) (org.). *Anais do 10º Congresso Internacional de Ciências Criminais - PUCRS: criminologia*. São Paulo: Tirant Lo Blanch, 2020. p. 843-866. Disponível em: <https://editorial.tirant.com/free_ebooks/E000020005516.pdf>. Acesso em: 24 maio 2025.

DANTAS, L. M.; LINDOTE, B. L. de A. Coleta Seletiva na Promoção da Cidadania: uma reflexão sobre os desafios enfrentados para a implementação da coleta seletiva porta a porta no Município de Cáceres-MT. *Revista Fides*, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 270–285, 2022. Disponível em: <<https://revistafides.ufrn.br/index.php/br/article/view/629>>. Acesso em: 31 mai. 2025.

DANTAS, L. M.; IRIGARAY, C. T. J. H. Licenciamento Ambiental em Âmbito Municipal: relevância e desafios ao exercício dessa competência pelo município de Cáceres/MT. In: SILVIA REGINA SIQUEIRA LOUREIRA OLIVEIRA (org.). *Coletânea de Direito Ambiental e Urbanístico*. Curitiba: Crv, 2022. p. 377-405.

MENDES, Natalino Ferreira. *Pássaro Vim Vim*. Cáceres-MT: Unemat, 2010. 88 p. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1Juy96-xTAqzVz-XTOfZz1UZItX9Me40y/view>>. Acesso em: 24 maio 2021.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. *O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios*. PLURAL – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 214–241, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/139507>>. Acesso em 31 mai. 2025.

5. Natalino Ferreira Mendes: arauto da história

Romyr Conde Garcia¹⁴

RESUMO: Este artigo é uma abordagem crítica da obra de Natalino Ferreira Mendes a partir dos “Fragmentos da história cultural de Cáceres”, Volumes I e II, procurando situar o autor dentro das principais correntes históricas do século XX, que são o Historicismo e o Positivismo, de modo a desenvolver um diálogo entre o emérito professor e o mundo acadêmico e político em que ele viveu. Passando pelo tempo de Getúlio Vargas (1930-1945), Primeiro Período Democrático (1945-1964), Ditadura Militar (1964-1986), até chegar à Redemocratização em 1986.

Palavras-chaves: Natalino Ferreira Mendes; Positivismo; Historicismo; Historiografia; Mato Grosso.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
1 de maio de 2024	5 de setembro de 2024

NATALINO FERREIRA MENDES: HERALD OF HISTORY

ABSTRACT: This article is a critical approach to the work of Natalino Ferreira Mendes based on the “Fragments of the cultural history of Cáceres”, Volumes I and II, seeking to place the author within the main historical currents of the 20th century, which are Historicism and Positivism, in order to develop a dialogue between the emeritus professor and the academic and political world in which he lived. Going through the time of Getúlio Vargas (1930-1945), First Democratic Period (1945-1964), Military Dictatorship (1964-1986), until Redemocratization in 1986.

Keywords: Natalino Ferreira Mendes; Positivism; Historicism; Historiography; Mato Grosso.

14 Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), graduado em História pela UFF, com mestrado e doutorado em história pela USP, pós-doutorado em História pela UFF. Mestre em defesa das artes das trevas, doutor em ciências ocultas, mago do chapéu Panamá. Atualmente como professor do curso de Direito, especialista em História do Direito. Escritor de artigos e ensaios acadêmicos.

Introdução

Pode parecer estranho o que irei lhes dizer, mas não se lê no curso de História, em Cáceres, a obra de Natalino Ferreira Mendes. Ou, pelo menos não se lia, já que deixei este curso em 2009, me transferindo para o curso de jornalismo em Alto Araguaia. Mas não acredito que mudou muito desde então.

A razão para não lermos a obra de Natalino, ou a desculpa que se dava, é que não existia uma disciplina específica de história de Cáceres, mas sim de história regional I e II, e que a obra do historiador cacerense seria mais para aqueles que teriam que estudar de forma mais específica, a história municipal.

Trata-se de uma desculpa esfarrapada pois praticamente a maioria dos nossos alunos faziam trabalhos de final de curso sobre Cáceres e região, e não tem como fazer isso sem citar o maior historiador cacerense, nem que fosse para criticá-lo.

Por trás desta desculpa posso lhes dizer a verdadeira razão.

Natalino Ferreira Mendes pertence a um tipo de história que não se faz mais.

A princípio pensava que ele seguisse a orientação teórica do historicismo brasileiro, bem conservador e nacionalista, porém, ao me aprofundar na sua obra, percebi que ele seria mais ainda da orientação positivista, bem nacionalista e progressista. Hoje vejo que seria uma mistura das duas correntes. Só o que assusta as novas gerações de historiadores, afastando-os da sua obra, é o fato de Natalino juntar história com literatura.

Um bom exemplo disso está bem no início da obra “Fragmentos da história cultural de Cáceres”, Volume I, na passagem “Fumaça: é a sua vez”. Obra organizada pela sua filha, professora Olga Castrillon-Mendes, no ano de 2021.

Esta pequena passagem junta muito das características que, acredito, estejam presentes em toda sua obra, pois ele procura mostrar que o solo de Cáceres é muito fértil, e que deste “viriam as plantações, desenvolver-se-ia a agricultura e as duas atividades, pastoril e agrícola, formariam a riqueza e a prosperidade da região” (p. 22).

No fundo, o que ele quer dizer é que, duzentos anos depois de Luís Albuquerque ter estabelecido Vila Maria do Paraguai, tanto pela sua localiza-

ção privilegiada como pela fertilidade da sua terra, Cáceres seria “sacudida pela nova bandeira de brasileiros de vários estados e alguns estrangeiros, que para aqui se deslocaram em busca de boas terras”.

Uma das características da corrente historiográfica historicista brasileira é justamente o nacionalismo e o amor pelo passado, já desenvolvimentismo, ou melhor, a ideia de progresso, pertence mais a outra corrente, a do positivismo. Junto com estas duas características, temos uma terceira característica: é a presença de uma certa visão teleológica da história. Ou seja, a história carrega consigo uma predestinação. Ela está destinada a um determinado fim. Neste ponto, ambas correntes podem ser citadas.

Quanto a visão teleológica da história, certa vez eu disse que...

Existem certos discursos históricos que carregam uma predestinação, como se os personagens e acontecimentos da história estivessem interligados e destinassem a um determinado fim. Tal qual a Teleologia aristotélica, onde existiria determinados fins, ou metas, que estariam guiando todas as transformações da humanidade para chegar ao momento em que vivemos. (o Autor)¹⁵.

No caso deste texto de Natalino Ferreira Mendes, a região de Cáceres estava predestinada a ser, em primeiro lugar, a Vila Maria do Paraguai: o entreposto militar e mercantil da Coroa Portuguesa no caminho da Estrada Real que ligava Vila Bela a Cuiabá. Em segundo lugar, pela riqueza do seu solo, por ser a cidade polo de um grande movimento de colonização agrícola iniciada nos anos de 1950 que irá gerar diversos municípios, como Mirassol, Quatro Marcos, Glória do Oeste, Rio Branco, entre tantos outros.

Está certo que esta predestinação é uma das características principais da sua obra. Pelo menos é assim que eu vejo, já que li muito pouco deste autor. Só que existe outra. E essa faz os historiadores contemporâneos virarem a cara.

Sem mais nem menos, durante a sua explicação histórico-geográfica, Natalino lança um poema de sua autoria no meio do seu texto.

Isso mesmo: é uma mistura de texto historiográfico com literário.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/.../23790.../posts/261075782852363/>>. Acesso em: 4 abr. 2024.

Esse tipo de escrita não existe mais.

Aliás, nunca peguei uma obra assim nos meus tempos de graduação.

Porém, encontrava muitos textos com esta verve quando visitava cidadeszinhas do interior do Rio de Janeiro.

Sobre estas obras, tanto os autores como o público, não estavam interessados em textos acadêmicos, mas sim entretenimento.

Talvez seja esta razão para a academia não adotar os textos de Natalino Ferreira Mendes, por não considerarem acadêmicos para os cursos de história.

Da minha parte, quando eu cheguei em Cáceres, cheio de ambições acadêmicas, sabia que só existiria alguém importante para ser desafiado: Natalino Ferreira Mendes. Ele era e ainda é o maior historiador de Cáceres.

Contudo, ao conhecê-lo pessoalmente esta vontade passou. Ele era um ser tão doce, educado, um cavalheiro das antigas, que não mereceria travar um duelo acadêmico com um jovem tão arrogante e ambicioso como o “Julian Sorrel” aqui.

Passado o tempo, depois de ver o jovem bonapartista ser executado na praça pública da minha vida acadêmica, ao invés de desafiar o velho historiador de Cáceres, prefiro lhe propor uma parceria.

Contextualização histórica

Tive contato com a obra de Natalino Ferreira Mendes logo que cheguei a Cáceres no ano de 1994, e por dois anos estudei a história fiscal/administrativa do município, período que vai da sua elevação a município em 1859/60 até a virada do século XX.

Li apenas a “História de Cáceres: História da Administração Municipal”, que para qualquer um que for estudar Cáceres, é uma leitura obrigatória. Mas preciso dizer que não lembro do que li, em parte por causa do horizonte teórico do autor.

Para falar neste horizonte teórico do autor, precisarei tocar nas três grandes correntes que dominavam o universo acadêmico no tempo em que ele viveu, que são o historicismo, o positivismo e o marxismo. Para estas correntes, gosto muito de usar os textos de Michel Lowy e de Walter Benjamin, a qual sou apaixonado.

A obra de Natalino Ferreira Mendes situa-se teoricamente entre as escolas historicistas e positivistas. A princípio, para quem lê, seria mais a primeira que a segunda. Posso até afirmar que praticamente temos neste autor a fusão das duas correntes. É fácil de perceber isso logo nos seus primeiros textos.

O Historicismo é uma corrente conservadora que se volta ao passado para resgatá-lo e para glorificá-lo. Esta corrente tem medo do futuro, pois quanto mais avançamos no tempo, mais distante estaremos do nosso “passado glorioso”. Por estas características o historicismo tende construir um tempo imóvel, fragmentado por eras estáticas e marcado pela passagem de grandes personagens, principalmente governantes, militares e artistas. Se bem que, dentro do historicismo alemão, temos uma clara identificação com aquilo que eles mesmos chamam de “Civilização”, particularmente a germânica. Neste ponto ela se volta para um futuro, conquanto que o povo jamais se esqueça do passado. Para avançar, precisa-se manter nos valores de outrora, dos seus antepassados. Sair deste trilho seria a perdição.

Ao falar deste “trilho” historicista dois movimentos surgem na minha memória de historiador: o romantismo e o nazismo.

É claro que as obras e autores historicistas carregam muito de subjetividade.

O Positivismo surge como uma corrente contrária ao Historicismo por duas características, ver a história de forma objetiva (científica) e por se voltarem para o futuro, para o progresso da humanidade. Não é a toa que eles abraçaram de forma entusiástica e perigosa, para não dizer equivocada, a Teoria da Evolução de Charles Darwin. Neste caso, o estudo da história serve para avançar adiante e não cometermos os mesmos erros dos nossos antepassados. E tem mais, pela sua lógica, estamos melhores que aqueles que viveram em eras de antanho.

A princípio, por oposição ao Historicismo, o Positivismo tem algo de contrário ao conservadorismo, mas não chega a ser revolucionário como o Marxismo. Os positivistas se interessam pelo social e por abordagens que tocam na vida do povo comum, se afastando do culto às personalidades e aos vultos históricos como fazem os historicistas.

Apesar da maioria dos positivistas brasileiros serem claramente conservadores e antirrevolucionários, as vezes encontramos algum autor que

foge deste perfil. Este é o caso de Capistrano de Abreu. Foi o historiador cearense, autor de “Capítulos de História Colonial” que me veio à cabeça quando li o texto de Natalino Ferreira Mendes “Cáceres: 196 anos em busca da concretização do sonho de Albuquerque”, que consta bem no início do primeiro volume de “Fragmentos da história cultural de Cáceres”.

Natalino inicia o seu texto citando o nome dos fundadores da cidade, um governador e um tenente de dragões para depois “destacar” os pioneiros da sua terra, ou seja, os fazendeiros, grandes proprietários de terras e lideranças políticas. Ele não esquece um sobrenome destes senhores. É isso o que se espera de um historiador historicista, mas logo em seguida ele irá falar em vários “heróis anônimos”. Estes heróis, como ele bem frisou, não tem nomes, e sim ocupações. São “lavradores”, “tropeiros”, “vaqueiros”, “poeiros”, “canoeiros” e “caçadores”. Como ele mesmo afirma: “Heróis anônimos que fizeram a grandeza do município” (p. 16).

Confesso que senti falta de outros ‘heróis’ como “comerciantes”, “agentes”, “profissionais liberais”, “militares” e até “governantes”. Mas talvez Natalino reconheça apenas aqueles em que o trabalho esteja vinculado a terra, afinal, ele buscava ouvir “a natureza dos pássaros mil”, sentia “o cheiro da terra nas primeiras chuvas” e o “sibilo das cigarras nos cajueiros”. Ele busca o homem natural. O homem que reflita a mais pura alma cacerense. Essa característica me lembra demais os historicistas mais românticos, porém, lembra também positivistas como Euclides da Cunha.

Este interesse de buscar o “herói anônimo”, o trabalhador, está muito presente em Capistrano de Abreu, porém, a tendência de Natalino é se afastar do historiador cearense. Apesar da sua obra se voltar para o futuro, para a predestinação de Cáceres, como o título sugere, o autor cacerense não mostrará as lutas, as revoltas muito menos a opressão sofrida por este povo comum. Coisa em que Capistrano era mestre.

A história de Natalino Ferreira Mendes, como está nítido neste primeiro texto, funde historicismo e positivismo de forma que não dá para separar um do outro. Cáceres está destinada a se desenvolver até cumprir o “sonho de Albuquerque”, onde algumas figuras ilustres serão destacadas enquanto a imensa massa de “heróis anônimos” faz a história girar.

Espero que esteja errado. Que possa encontrar em sua obra um destes heróis obscuros, seja poeiri, lavrador ou vaqueiro digno de constar na sua lista de “pioneiros”. Algum herói simples, mas com nome e sobrenome.

Ah, pela forma que estou me colocando, é claro que pertenço a corrente marxista. Justamente a única que ficou faltando na obra de Natalino Ferreira Mendes.

A quem Natalino estabelece uma relação de empatia na sua história?

Já disse que Natalino Ferreira Mendes situa-se entre duas grandes correntes teóricas e ideológicas, o historicismo e o positivismo, a ponto de combinar o ensejo de progresso com o culto das personalidades históricas.

Esta combinação fica evidente quando o nosso autor dedica sua lavra sobre as grandes datas nacionais. Foi o que constatei na coletânea “fragmentos da História Cultural de Cáceres” organizada por sua filha Olga Maria Castrillon-Mendes.

Não sei como a minha colega ordenou os fragmentos históricos do seu pai, se alguns parecem material de jornais e revistas, outros se assemelham a anotações.

Não sei se existe uma ordem cronológica ou temática, mas sei que no final do primeiro volume surge uma sequência de pequenos textos sobre datas importantes para a história do Brasil, como o 22 de abril, o Dia da Pátria, o Sete de Setembro, que dispensa comentários, 19 de novembro, o Dia da Bandeira, o 19 de abril, o Dia do Índio [hoje Dia dos Povos Indígenas] e o primeiro de maio, o Dia do Trabalho.

Existem datas interessantes para a história local, como o seis de outubro, fundação de Vila Maria do Paraguai; 13 de junho, retomada de Corumbá, como também outras datas da Guerra do Paraguai como 11 de junho, Batalha do Riachuelo e 24 de maio, Batalha de Tuiuti. Isso me faz lembrar das cidades do Rio Grande do Sul, como Santa Maria, onde ruas centrais homenageiam estas batalhas.

Gaúchos como mato-grossenses tiveram parte do seu território tomado pelas forças de Solano Lopez.

Mas voltando a Natalino e suas efemérides nacionais. Ao ler o seu texto percebo o quanto ele venera o progresso da sua terra, do seu Estado, do seu País e da humanidade.

Parece existir uma evolução natural e pacífica da história brasileira e mato-grossense, vejam o que eu quero dizer lendo o texto abaixo:

[...] vemos-te Brasil, em retrospecto descoberto por Cabral, ensaiando teus primeiros passos pelo litoral. Cresceste e, audacioso, fizeste a grande investida do sertão – Brasil – bandeirante! Experimentaste o Império, mas teu destino era a República. E agora, vemos-te todo voltado para a integração nacional. Teu solo, antes deserto no interior, está-se bordando de estradas. Deixas de ser a faixa litorânea para ser um todo – integração nacional. (Mendes, Vol. I, 2021, p. 155).

Ao ler este trecho como faz sentido a crítica de Walter Benjamin à história historicista, que para o filósofo alemão seria uma anti-história. A história de Natalino o “tempo histórico é ‘vazio e homogêneo’, que rumo sempre para o progresso.” (Garcia, *O Anjo Vingador...*, 2019, p. 8).

Como falei antes, estamos diante de um “processo atemporal sem rupturas e o que é pior, uma História que se identifica com os vencedores, e por estes evocar uma particular empatia” (idem).

Num ensaio do meu livro “O Anjo Vingador”, onde abordo a crítica de Walter Benjamin à história historicista, seguindo as recomendações do filósofo alemão, ao se ler uma história devemos perguntar “a quem o investigador historicista estabelece uma relação de empatia”? (idem, p. 9).

É claro que Natalino Ferreira Mendes, como qualquer outro historiador conservador, será com o vencedor.

São capitães gerais, tenentes de dragões, fazendeiros, políticos, empresários, e todos aqueles que pertencem às grandes e tradicionais famílias, sejam na cidade de Cáceres, como Cuiabá ou no Estado.

Precisam ler como ele descreve a beleza das “irmãs Miranda” no fragmento “Famílias onde enaltece a beleza da mulher cacerense (idem, p. 132). Das três irmãs, a primeira se casará com o último governador de Mato Grosso antes da divisão, e a outra, com o arquiteto professor universitário, prefeito da cidade de Corumbá e a terceira casada com um coronel reformado, diretor da Mineração Urucum”.

Percebe-se isso em várias outras passagens. Nem precisarei falar aqui como ele ataca as ideias revolucionárias contidas no Primeiro de Maio, em que condena o “excesso de liberalismo que prega concorrência sem freio” (idem, p. 166), bem como a luta de classes da filosofia marxista “que são contrários aos princípios cristãos e à própria natureza humana”.

Afinal, sendo um conservador, o que esperar de historiador assim?

Faz todo sentido ele defender estas bandeiras.

No Historicismo, a história segue sempre o mesmo sentido (o progresso) e as únicas vezes que corre perigo é justamente quando ela ameaça de sair dos trilhos, ou seja, nas rebeliões e, principalmente, nas revoluções. Tirando isso, a História nunca poderá seguir outros sentidos ou outras abordagens, ela sempre estará na camisa de força dos fatos no longo rosário que é a cronologia.

“O tempo histórico evolui, porém nunca sai do lugar”. (Garcia, 2019, p. 8).

Contudo, o que dói em ler na sua obra é justamente quando se trata do povo oprimido e anônimo que esta história ajuda a esconder.

A história “vencedora” faz de tudo para apagar a memória dos “derrotados”, dos oprimidos, para estabelecer uma realidade imutável que perpetua a opressão, a exploração e a miséria. Sendo que qualquer movimento, ação ou ideia que tende a ir contra isso se tornará anticristã e antinatural.

Como falei anteriormente, seus heróis anônimos tendem a ficar anônimos.

E existe um belo e triste fragmento que pode exemplificar isso, “Frente ao Túmulo” (Mendes, Vol I, 2021 p. 139), onde relata o sepultamento do “corpo inanimado da velhinha à terra do Cemitério, restituindo ao pó o que lhe pertencia”.

Como nos fala Natalino...

Era uma anciã que na miséria mais extrema vivera seus últimos instantes de existência. Felizmente, pessoas dedicadas a acudiram em tempo e lhe foi dado [...] uma rede, assim como algum recurso para atendê-la no desfecho da sua vida: a morte! (idem).

Essa triste história permite ao escritor cacerense refletir sobre a morte e como tudo entre nós é passageiro, efêmero...

neste ponto nosso pensamento desvanece. Os olhos não veem mais, a meditação se limita.

Chegamos ao ponto máximo em que podemos penetrar neste mistério inacessível às criaturas humanas.

A crença, porém, nos possibilita ir mais longe, assim como o telescópio permite aos estudiosos do céu, ver mundos que a olhos desarmados não veem (idem)

Procurei por todo o texto o nome da velhinha morta e não encontrei nome ou sobrenome.

A que família cacerense ela pertencia?

Qual bairro morou?

Se teve filhos e netos?

Se casou?

Teve algo além da sua miserável vida?

Se pelo menos amou alguém?

Pelo texto, o autor está mais atarrecido com a morte em si do que a pessoa que ele viu sepultar, muito menos com as condições que tornaram a vida desta senhora tão “miserável”.

Como tinha alertado, no historicismo os heróis anônimos tendem a ficar anônimos.

Essa velhinha teve o mesmo fim que poaeiros, roceiros, caçadores e vaqueiros da história de Cáceres.

Eles apenas fazem a história girar enquanto as grandes personalidades vão marcar a sua história e por isso serão lembradas.

É por essa razão que Benjamim clama que o historiador precisa “arrancar a tradição ao conformismo”.

Nos foi dado o privilegiado e exclusivo dom de “despertar no passado as centelhas da esperança”, pois estamos convencidos que nem “os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer.” (Benjamim, Teses sobre História, Tese VI)

E como nos mostra a obra de Natalino Ferreira Mendes, “esse inimigo não tem cessado de vencer”. (idem)

Contexto Histórico

Como já disse, conhecia muito pouco sobre a obra de Natalino Ferreira Mendes, contudo, ao ler “Fragmentos de história cultural de Cáceres e outros fios da memória”, me surpreendeu o otimismo de Natalino para com o

futuro da sua terra, pois esperava encontrar nele mais um romântico conservador historicista, que ama o passado e teme o futuro. Pensava encontrar mais um historicista clássico do que um positivista.

Minha postura era por demais preconceituosa, afinal, profissionais formados pela academia tendem a torcer o nariz para os historiadores amadores e autodidatas. Logo de cara pensamos nos velhos historicistas do passado.

Só que ao ler os dois volumes de fragmentos, percebi que Natalino está mais para memorialista e cronista do que historiador. Em seus textos a história é pano de fundo para algo maior, o problema é que este “algo maior” encontra-se mais no futuro do que no presente.

Falarei disso mais adiante, mas agora preciso falar um pouco mais sobre o autor. Tentar caracterizar e situar a sua obra dentro do momento histórico que ele viveu.

A paixão pelo progresso em Natalino Ferreira Mendes é explicado pela sua própria formação. Aliás, por toda educação regular que os brasileiros tiveram após a Proclamação da República em 1889, que tinha como espírito o lema positivista de “Amor, Ordem e Progresso”. Se forem ler a sua obra pensando neste lema perceberão como os textos fazem sentido.

O amor aqui vincula-se à sua terra natal e ao seu povo, que se estende para a os habitantes do seu Estado e do país até açambarcar toda humanidade. Porém, como ele veio para enaltecer a sua terra, fica evidente para que se destaque Cáceres e os seus habitantes.

Ordem e progresso era para ser o grande motor do nosso desenvolvimento como nação, mas sabemos que, seja pela elite dominante, como pelos militares que volta e meia a tutelava, estaria mais para “Progresso com Ordem”. Ou melhor, um determinado progresso, dentro daquilo que podemos oferecer ao povo.

Natalino Ferreira Mendes parece não se incomodar com isso. E na minha opinião, deveria compartilhar dos mesmos anseios que a elite dominante e militares. Em parte, pela sua educação, que é muito semelhante à dos meus pais; em parte pela classe social de que vinha e pelas relações de poder que estabeleceu com diversos governantes na sua longa vida pública.

O nosso autor nasceu, curiosamente, num dos anos mais conturbados períodos da República Velha, no dia três de janeiro de 1924, poucos meses

antes de estourar em São Paulo a Revolta Tenentista de 9 de julho. Lembrando que esta rebelião dará origem à Coluna Prestes, que iniciou e terminou sua aventura no Estado de Mato Grosso.

Partindo desta data, devemos refletir que ele estudou as primeiras letras no colégio São Luiz, administrado pelos freis franciscanos, sob a política educacional de Getúlio Vargas. E com menos de 18 anos, ainda na ditadura Vargas, serviu no Tiro de Guerra em Cuiabá. Em 1944. Antes da queda do ditador gaúcho (1945), ele já iniciara sua carreira como educador.

Estava aqui fazendo meus cálculos: se Natalino nasceu em 1924, teria que se apresentar para servir ao exército em 1941, passaria todo ano de 1942 servindo, justamente no ano que o Brasil declarou guerra à Alemanha, no dia 22 de agosto. Ficaria “preso” no quartel, assim como todos da sua classe e ano, e no ano seguinte estaria pronto para servir no *front* europeu, já que o governo deveria chamar aqueles jovens soldados que já tiveram treinamento militar.

Não sei como foi, mas o nosso autor escapou de lutar no maior conflito do século XX. Seus parentes devem estar levantando as mãos para aos céus, pois se fosse, corria o risco de não terem nascido.

Voltando ao assunto, resumindo, toda a sua formação escolar se dá no período Vargas.

E por que é importante?

Porque a educação dos tempos de Vargas foi aquela que imprimiu em gerações de brasileiros, com mais força, a ideia de Ordem e Progresso, que qualquer outro momento da nossa história. Nem mesmo a Ditadura Militar conseguiu realizar tal façanha. Sendo que o “amor” era para com a pátria e não para o próximo, como Jesus pregou.

Esta formação ajuda entender o autor e sua obra.

Natalino Ferreira Mendes passou por dois períodos ditatoriais, 1937/45 e 1964/84 e dois períodos de governo democrático, 1945/64 e 1984 até os nossos dias. Vindo a falecer no primeiro mandato da presidente Dilma Youssef. Pelos seus textos, mesmo sendo um cronista, não se percebe mudança de tom ou de abordagem nas suas histórias, pouco importando se o período fosse democrático ou ditatorial.

Natalino perpassa todos os períodos históricos e gestões municipais na sua mesma balada, no seu ritmo, como um bom historicista.

Postura assim pode ser boa para sobreviver em momentos ruins, e foram dois.

Fico imaginando: como seria a minha “miserável” vida de historiador contestador na ditadura de Vargas ou mesmo na Ditadura Militar?

Esta última, quando tomei conhecimento dela e me tornei um opositor, já estava em declínio e não tive que enfrentar a tropa na rua. Se bem que sofri com colegas da universidade, no início dos anos oitenta, ainda a censura e a impossibilidade de manifestar livremente.

Porém, esta postura de “neutralidade” traz problemas para Natalino e sua obra.

Como o autor não demonstra ou se esforça para ser apolítico, não existindo um olhar crítico aos governos que ele serviu e/ou conviveu, os seus textos não fazem reflexões originais sobre a história da sua cidade, estado e país.

O que eu quero dizer é que ele não traz nada de novo do ponto de vista histórico.

Tirando justamente seu livro sobre a História Administrativa de Cáceres, em que ele compila e nos revela atos e fatos da gestão municipal, que é algo muito relevante, os demais textos em que se volta para o passado ele reforça o que já foi dito por outros historiadores e principalmente, pelo discurso do IHGMT.

Vejo que a sua grande contribuição tenha sido justamente por fazer a junção entre história, literatura e educação.

A questão não era revelar algo novo, mas, como educador, imprimir nas gerações uma moral sobre a história de Cáceres, que praticamente não existia.

Estamos diante de um professor, que amava a sua terra e que gostaria que a sua história estivesse presente na vida dos seus alunos e se possível, em todos os cacerenses.

Uma história ao mesmo tempo moral e progressista.

E isso ele conseguiu realizar.

Pensando assim, vale hoje estudar aqueles que foram alunos de Natalino Ferreira Mendes. Agora fiquei curioso.

Vejo que não deu para falar do “algo maior” que cerca a obra de Natalino. Um algo maior que se encontra também na historiografia de Mato Grosso. Isso requer mais estudos que, infelizmente, não foram feitos.

A questão da predestinação

Neste último ponto pretendo desenvolver um aspecto que considero chave para entender Natalino Ferreira Mendes e a sua obra. Quase o desenvolvi antes, mas fico feliz por não ter feito, deixei o melhor para o final. Foi justamente ao ler os dois volumes dos “fragmentos” e de estudar a sua biografia que me permitiu desenvolver uma conexão entre este ponto e a importância da obra de Natalino.

Já mostrei que Natalino, fora a sua pesquisa sobre a administração municipal de Cáceres, não nos trouxe nada de novo do ponto de vista historiográfico. Ele não está interessado em descobrir algo novo, mas sim perpetuar o que já foi dito e que se sabe.

Neste ponto ele traz uma nova linguagem para os fatos históricos. O autor joga toda a sua verve literária para tornar esta história mais próxima dos seus conterrâneos. Mais do que isso, ele imprime um novo destino para a história de Cáceres e de Mato Grosso.

A história escrita por Natalino Ferreira Mendes, como um bom positivista, volta-se para o futuro.

Mas não se trata de um futuro qualquer.

Este futuro já se encontra determinado por uma visão de mundo. Uma ideologia... uma forte predestinação, que se encontra em/na fundação do Instituto Histórico de Mato Grosso e nos antigos discursos de políticos.

Esta “predestinação” se inicia nos registros das seções da Assembleia Legislativa em Cuiabá no século XIX, se consolida na ação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso na primeira metade do século XX, e ainda é perceptível em propagandas de televisão e em trabalhos acadêmicos.

Bem, é o que chamo de “predestinação”?

Existem certos discursos históricos que carregam uma predestinação, como se os personagens e acontecimentos da história estivessem interligados e destinassem a um determinado fim. Tal qual a Teleologia aristotélica, onde existiria determinados fins, ou metas, que estariam guiando todas as transformações da humanidade para chegar ao momento em que vivemos. [...] Tal lógica “teleológica” irrompe de uma natural sucessão de fatos, como se uma coisa levasse à outra. Mas, no fim, tudo termina da forma que conhecemos e que desejamos.

Muitas vezes, ao ler antigos e novos livros de história de Mato Grosso, a sensação que tive é que os bandeirantes estavam predestinados a esbarra-rem em veios de ouro e fundarem Cuiabá, [...]. Uma vez fundada Cuiabá, naturalmente a capitania surgiria, e, com ela, outras cidades e também o desenvolvimento de uma cultura que seria cuiabana. (Garcia, 2019, p. 21)

Ao ler os textos de Natalino, principalmente aqueles que falam da fundação de Cáceres, da criação da capitania, enfim, dos primórdios à expansão e conquista bandeirante, percebe-se que o autor não deseja alterar absolutamente nada nesta história. Não busca um detalhe que possa sair do trilho do destino pré-estabelecido. Não deseja encontrar um fato novo que possa mudar, inclusive para melhor, o resultado desta história.

Em primeiro lugar, como todos na corrente histórica conservadora, existe nele certa resignação para com os fatos históricos. Estas correntes entendem as suas narrativas como sendo a própria história e não uma construção posterior.

Eles confundem o fato histórico com a realidade do passado.

Em segundo lugar, agora falando especificamente dos positivistas, eles entendem a história como um longo caminhar evolutivo, para o paraíso terrestre.

O mesmo pode-se dizer dos marxistas e a passagem do capitalismo para o socialismo e deste para o comunismo. Acontece que os marxistas entendem a história a partir das contradições, do conflito, do motor da história que seria a luta de classes. São os conflitos que movem a história.

Positivistas como Natalino veem a história como uma linha evolutiva em que os conflitos mais atrapalham que ajudam. Até porque, a história e o mundo que os positivistas vislumbram é justamente o da classe dominante. Seus historiadores, cronistas e intelectuais estão a serviço desta visão de mundo.

Natalino Ferreira Mendes está imbuído não de alterar a história, mas sim de realizar aquilo que a história que ele conheceu estava destinada a cumprir. Ou melhor, predestinada. Por isso ele fala tanto em “Albuquerque” e a criação de Vila Maria.

Acho curioso ele tratar Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres por simplesmente de “Albuquerque”. A impressão que dá que são tão ín-

timos, as vezes chego a pensar que Natalino, quando criança, viu “Albuquerque” andando pelas travessas e ruas de sua querida Vila Maria do Paraguai.

Pois bem, nosso autor fala muito da “visão” excepcional de “Albuquerque” ao fundar Vila Maria. Para Natalino, não foi algo simplesmente pensado, muito menos ordenado, mas sim uma visão do ilustre nobre da Casa de Ínsua. Para ele, o governador teria criado a vila, com seu solo fértil, clima propício, localização fantástica, predestinada a ser o que ela viria a ser.

Natalino chegou a ver isso com os próprios olhos nos anos de 1950 e 1960, quando a imigração e colonização transformou Cáceres na terceira, ou segunda, cidade do Estado.

Se talvez, na sua mocidade essa predestinação pudesse ser apenas um sonho de criança, na sua maturidade ele teve a certeza de que estava certo. Cáceres viria sim a ser aquilo que “Albuquerque” sonhou.

É neste ponto que vejo a importância da obra de Natalino Ferreira Mendes. Ele deseja passar este otimismo e essa predestinação para as gerações futuras. No autor está mais para arauto que historiador. Mais para cronista do que para um pesquisador de fatos esquecidos e escondidos na história de Cáceres.

Natalino está mais para um educador, um professor que irá imprimir em gerações de cacerenses esta mesma visão de futuro. De que a cidade pode dar certo, pois tem tudo para dar certo. Ela está predestinada a isso.

Mas preciso fazer uma crítica. Uma crítica de historiador.

Se lermos as instruções dadas por Pombal à Luís de Albuquerque veremos que lá já existe a ordem de se criar uma vila no Rio Paraguai, no caminho de Vila Bela e Cuiabá. Lá também se encontra a orientação de atrair indígenas chiquitanos. Estas recomendações foram dadas pelo seu antecessor, o capitão-general Luís Pinto de Souza Coutinho e deve ter sido conversado com o primeiro governador de Mato Grosso, Antônio Rolim de Moura, que era praxe para aqueles que foram indicados para este cargo. O local chamado de Baiazinha do Paraguai, atual Cáceres, chamava atenção de todos pela sua posição estratégica e precisava ser ocupada e defendida.

“Albuquerque”, a caminho de tomar posse como governador em Vila Bela, passou pelo local em novembro de 1772, depois de mais de um mês em Cuiabá, e lá, ao chegar, faz um registro simples e não lhe dedica grande atenção. Como o fez em diversos pontos de sua viagem, como bem mostrou Gilberto Freyre no seu livro “Contribuição para uma sociologia da biogra-

fia: o exemplo de Luiz de Albuquerque, governador de Mato Grosso no fim do século XVIII”.

E vou mais além, mesmo com ordens expressas, só fundará Vila Maria seis anos depois da sua chegada, diferente de um Luís de Souza Coutinho que fundou Balsemão numa das cachoeiras do Guaporé, como lhe fora ordenado, antes mesmo de tomar posse em Vila Bela em 1769.

Talvez “Albuquerque” não tenha tido nenhum grande sonho para a vila que acabou de fundar, até porque não fez muito para engrandecê-la a ponto de se tornar um município. São Pedro del Rey, criado por ele um ano depois de Vila Maria, se tornou município bem antes. Trata-se de Poconé.

Mas, se o “Albuquerque” talvez não tivesse grandes sonhos para Vila Maria, outro governador de Mato Grosso teve. Falo de João Carlos Augusto d’Oeynhausien e Gravembourg, Marquês de Aracati, oitavo e penúltimo capitão-general governador da Capitania de Mato Grosso (1807-1819).

Este senhor, usando os mesmos argumentos de Natalino, ou seja, clima favorável, terra fértil e excelente localização geográfica, defendia que Vila Maria deveria ser a capital de Mato Grosso, e não Vila Bela ou Cuiabá.

“Oeynhausien” destinava a Cáceres um futuro bem maior que o sonhado por “Albuquerque”. Acontece que Natalino Ferreira Mendes não viu este sonho. Não descobriu por que não era historiador nato.

Um Historiador teria achado esse relatório e esfregado na cara da elite do Instituto Histórico e Geográfico de Cuiabá pela simples rivalidade bairrista. Um historiador teria tentado mostrar para sua gente cacerense que sua cidade poderia ter sido algo bem maior que o sonho de Albuquerque. Até porque, em 1824, um padre local, ligado à família Pereira Leite da Fazenda Jacobina, também defendeu essa transferência. E é bem provável que Natalino soubesse deste fato, pois encontra-se na obra de Sérgio Buarque de Holanda.

Natalino passou sua vida tentando mostrar que o sonho de “Albuquerque” estava se realizando. Esta foi a sua contribuição para gerações de cacerenses, imprimir um amor a terra e fortalecer a esperança de futuro. Minha crítica é que o “sonho de Albuquerque” era pequeno demais para as potencialidades da sua cidade e Natalino, tão apaixonado e preso numa história es-tática, não conseguiu enxergar outros sonhos, outra realidade.

Natalino Ferreira Mendes ficou prisioneiro na própria história que ele criou para si e para o seu povo. Nesta devoção aos seus “maiores”, tal como fez outro escritor local, Luís Philippe Pereira Leite, ele claramente se coloca

como um admirador de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, não só por ser o maior e mais famoso dos capitães-generais de Mato Grosso, mas por ele ser o fundador da sua querida cidade natal e que hoje carrega o nome do nobre português, senhor da Casa de Ínsua.

Esta predileção, quase uma paixão, lhe impediu de buscar novas fontes e outros registros, principalmente o que outros capitães-generais pensaram e sonharam para Vila Maria.

Com posturas assim que se percebe o quanto de historicista carrega o historiador cacerense que neste ano se comemora o seu centenário.

Natalino Ferreira Mendes não consegue e talvez nem quisesse ver além da paisagem da janela que sua residência histórica construiu. Esta residência é que lhe dá segurança e conforto. Qualquer informação que lhe tire da sua residência acabará ocasionado inseguranças e perigos quanto ao futuro da história que pretende anunciar. Por isso o vejo mais como um arauto do que um historiador.

Conclusão

Não é fácil realizar uma análise crítica de uma pessoa que, além de ser o maior nome da história de Cáceres, é pai de uma pessoa querida e que respeito muito. Algumas vezes tentei “passar o pano” na figura histórica de Natalino Ferreira Mendes para não criar conflitos. Mas sou um historiador crítico e justamente da corrente teórica que Natalino não só não pertencia como combatia: o marxismo.

Ao ler parte da sua obra percebi que a sua importância não estaria na pesquisa documental. Ele faz isso apenas em alguns trabalhos, como a *História Administrativa de Cáceres*, que muito se assemelha aos annais do senado das câmaras de Vila Bela e Cuiabá. Natalino não foi um “rato de arquivo” como os velhos historiadores historicistas, que passavam anos procurando numa carta ou num relatório, uma informação que poderia engrandecer a história de uma pessoa ou de uma localidade.

Não, Natalino não era este tipo de historiador.

Nem foi aquele que procurou formular uma nova explicação para a história da sua cidade.

Natalino Ferreira Mendes não conseguiu sair do trilho histórico que outros memorialistas e governantes forjaram para Cáceres. Mas ele acelerou

o trem da história cacerense sobre estes trilhos construídos nos séculos anteriores.

Natalino vê o trem chegando e deseja anunciar a todos a sua chegada.

Como um arauto nas paixões que vem de dentro, ele vê o trem chegando para brincar no quintal da sua terra.

Ele escuta os seus sinais e anuncia nos sinos da catedral.

Não, ele não é um historiador.

Memorialista, talvez.

Mas, certamente é o seu arauto.

Mais do que a história, ele ama a sua terra. E sonha que ela se torne aquilo que o “Albuquerque sonhou”. Mesmo que este nunca tenha sonhado nada ou sequer viu na vila que criou na beira do Paraguai, no ano de 1778, a cidade grandiosa que ela se tornou.

Referências

ABREU, Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Coleção Brasileira. São Paulo: Editora Itatiaia, 1977.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*, Volume I. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre Literatura e história da Cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987

BENJAMIN. Walter. *Teses sobre História*. Disponível em: https://www.proibidao.org/wp-content/uploads/2011/10/Sobre-o-conceito-de-historia_Walter-Benjamin.pdf. Acesso em 15 abr. 2024.

CUNHA, Euclides da Cunha. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Companhia das Letras. 1990.

FREYRE, Gilberto. *Contribuição para uma sociologia da biografia: o exemplo de Luiz de Albuquerque, governador de Mato Grosso no fim do século XVIII*. [s.l.]:[s.ed.], [s.d.].

GARCIA, Romyr Conde. *O Anjo Vigador e outros ensaios de história colonial de Cuiabá e Mato Grosso*. Mautitius: Nova Edições Acadêmicas. 2019

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. tomo II, vol. 1. 17ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil, [s.d.].

LEITE. Luís Philippe Pereira. *Vila Maria dos meus maiores*, Cáceres: 1978.

MENDES, Natalino Ferreira Mendes. *Efemérides Cacerenses - Vol I* Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1992.

_____. *História da administrativa de Cáceres, Publicação indicada pela Câmara Municipal de Cáceres*, através do Vereador Hênio Maldonado. Cáceres-MT, 1973.

_____. *Fragmentos da história cultural de Cáceres (vol. I)*, Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021.

_____. *Fragmentos da história cultural de Cáceres (vol. II)*, Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021.

LOWY, Michel. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*, 8.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

6. Natalino Ferreira Mendes e o exorcismo do esquecimento

*João Edson de Arruda Fanaia*¹⁶

RESUMO: O artigo analisa a obra de Natalino Ferreira Mendes sob a perspectiva de sua contribuição historiográfica para o que atualmente categorizamos como história local. Para este intento foram selecionadas três obras do autor onde podemos observar a forte presença do acontecimental, da cronologia e de personagens diversos da cidade de Cáceres. Procuramos, sobretudo, verificar o modo como o escritor constrói suas narrativas entremecendo fontes diversas e o trabalho memorialístico, assim como a fluidez de sua escrita.

Palavras-Chave: História; Memória; Poder; Educação.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
1 de maio de 2024	5 de setembro de 2024

NATALINO MENDES AND THE EXORCISM OF FORGETFULNESS

ABSTRACT: The article analyzes the work of Natalino Ferreira Mendes from the perspective of his historiographical contribution to what we currently categorize as local history. For this purpose, three works by the author were selected where we can observe the strong presence of the event, chronology and different characters from the city of Cáceres. Above all, we seek to verify the way in which the writer constructs his narratives by interweaving different sources and memorialistic work, as well as the fluidity of his writing.

Keywords: History; Memory; Power; Education.

Introdução

O leitor interessado em percorrer as obras de Natalino Mendes vai deparar com acontecimentos, personagens, datas e referências à espacialidade da cidade de Cáceres, porém não vai encontrar em seus trabalhos pretensões teóricas, conceitos, análises e demais procedimentos considerados fundantes

¹⁶ Professor aposentado do Departamento de História da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). Mestre pela Universidade de Brasília (UnB) e doutor pela Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ) com pesquisas em história política da Primeira República e os anos 1930. E-mail: jefanaia@gmail.com

no trabalho de construção da operação historiográfica. Entendemos que este distanciamento dos cânones estabelecidos e definidores da denominada produção acadêmica, não inviabiliza o esforço e relevância do seu trabalho no sentido de nos auxiliar na compreensão do passado desta cidade fornecendo informações para uma leitura mais holística de sua história.

A pretensão neste texto é o de abordar a obra de Natalino Ferreira Mendes a partir da perspectiva de sua contribuição historiográfica. Tendo este parâmetro como ponto de partida estabelecemos como propósito identificar os componentes que nos parecem salientes em seus textos. Ao percorrermos os trabalhos do autor podemos perceber como característica marcante sua preocupação com o registro de informações. Isto vale tanto para os que dizem respeito ao campo administrativo, assim como as relacionadas à memória da cidade de Cáceres, perpassadas pelos monumentos, logradouros, festas religiosas ou não em distintas temporalidades. Diríamos hoje, trata-se de uma construção historiográfica local com eventuais conexões ao plano regional e nacional.

Utilizamos como procedimento abordar os trabalhos em separado considerando que os três livros selecionados tratam de temas específicos. Para este intento lançamos mão dos seguintes títulos; *História de Cáceres: história da administração Municipal*¹⁷, *Memória cacerense* e, por fim, *Efemérides Cacerenses*.¹⁸ Guardadas as especificidades das informações e dados reunidos nas respectivas obras salientamos o fato do autor prescindir de referenciais teóricos e problematizações, procedimentos presentes nos textos historiográficos em especial, mas, não de modo exclusivo, oriundos do campo acadêmico. Isto não desqualifica sua obra, mas aponta para um papel bem definido em que está situada, dito de outra forma, os textos primam pelo aspecto informacional e neste sentido muito útil para consultas, cotejamento de dados e verificação cronológica.

A dispensa efetuada pelo autor de procedimentos considerados basilares em toda e qualquer operação historiográfica agrega um aspecto que cabe salientar. Nos referimos ao fato de que seus textos podem ser lidos por estudantes do ensino fundamental e médio sem maiores dificuldades considerando sua fluência. Se por um lado este aspecto positiva sua obra, por outro

17 Doravante *História de Cáceres*.

18 A citação completa consta nas Referências bibliográficas.

compromete sua verticalização ao afastar a análise como um componente vital dos estudos e textos históricos. Exatamente por esta ausência é que tomamos seus livros como objetos de releitura. Podemos construir a partir do que está ausente em suas obras uma perspectiva promissora para trabalhos futuros do ponto de vista historiográfico.

Quando temos dúvidas pontuais acerca de informações sobre a historicidade de Cáceres, são suas obras que utilizamos para consulta, aliás, este propósito é caro ao autor e sem dúvida foi o eixo que norteou Natalino Ferreira Mendes ao redigir seus trabalhos. Dito de outra maneira, são obras para obtenção e verificação de informações. Nesta perspectiva pode ser utilizado tanto pelo pesquisador acadêmico interessado em sua releitura para melhor situá-las no interior da produção historiográfica local e regional, como pelos escolares e a comunidade em geral. Estamos, portanto, falando de públicos diversos com interesses distintos e que certamente dará aos seus livros tratamento diferenciado.

No caso dos estudantes interessados em conhecer por ordem cronológica as sucessivas administrações municipais, estes encontram na obra *História de Cáceres* farto material para pesquisa. Importa destacar que ao longo de sua vida Natalino Mendes atuou na gestão municipal em distintas funções, porém podemos afirmar que foi na labuta como educador que o autor encontrou sua realização maior. Este dado influenciou sua escrita tanto do ponto de vista da preocupação em tornar a narrativa inteligível aos não iniciados nos estudos históricos, como também é perceptível sua preocupação em diligentemente reunir informações para que estas não fossem perdidas no tempo e posteriormente reunir os dados coletados em suas publicações.

Como servidor público certamente sentiu a necessidade de catalogar e ordenar informações esparsas. Este paciente trabalho o auxiliou em demandas futuras seja como orador em solenidades oficiais, escritor e, também, em seu cotidiano no Executivo Municipal. Afinal, todos temos clareza que as relações sociais estabelecidas pelos seres humanos não é um dado desprezível como definidoras do lugar de onde fala o autor. Sua atuação junto ao aparelho burocrático municipal foi certamente uma experiência que agregou ao seu cotidiano a oportunidade de conviver com diferentes prefeitos e demais servidores em distintos momentos da vida política do município.

Neste aspecto não há dúvida, ele foi extremamente diligente e cuidadoso ao separar as informações, de datas, personagens, fatos e lugares da cidade de Cáceres e isto vale para as três obras.

É evidente que com o passar dos anos, surgem textos diversos produzidos principalmente por professores da Universidade do Estado de Mato Grosso que evidentemente apresentam procedimentos que desaguardam em escritas diferenciadas em que é possível verificar a imprescindível presença de análises teórico-conceituais como prática basilar para enriquecer nosso conhecimento acerca do passado, do presente e do devir. Dito isto, não é demais alertar leitores e produtores do conhecimento histórico que em toda obra historiográfica e o caso em tela não é exceção, há saliências, reentrâncias, ocultações, revelações, em suma, há falas e silêncios.

História de Cáceres: registro e relato

Inicialmente cabe esclarecer ao leitor que não temos por intento realizar um estudo biográfico do autor, portanto, as informações expostas são sumárias. Pesquisas futuras podem realizar esta empreitada o que sem dúvida vai adicionar importantes elementos na construção de uma leitura mais holística da obra de Mendes. Tomamos como ponto de partida a constatação de que sem curiosidade e interesse em conhecer a história da região onde nasceu e viveu toda a sua vida, não seria possível a consecução dos trabalhos produzidos pelo autor. Natalino nasceu em 1924 e ainda jovem para dar continuidade aos estudos foi residir em Cuiabá. Aliás, única opção aos interessados em dar prosseguimento aos estudos, considerando a inexistência em Cáceres de instituição responsável pelo que atualmente denominamos de ensino médio. Em entrevista realizada com o autor, este nos relatou que a viagem a cavalo entre Cáceres e a capital de Mato Grosso levava em média sete dias. Este depoimento demonstra de forma inequívoca o interesse pelos estudos ainda na adolescência.

Outro ponto que consideramos importante na trajetória profissional do autor é o fato de ao longo de sua condição de servidor público e sua proximidade do aparato burocrático municipal certamente ter percebido a necessidade de reunir, anotar, catalogar e ordenar informações esparsas. Trabalho que o auxiliou em demandas futuras seja como orador em solenidades oficiais, professor, escritor e, também, em seu cotidiano no Executivo Municipa-

pal como gestor responsável em distintos períodos pela Secretaria de Administração, de Desenvolvimento Social e na Chefia de Gabinete da Prefeitura. Além destas atividades foi também professor e diretor em estabelecimentos de ensino público e privado. Este amálgama de múltiplas experiências, sem dúvida foi copartícipe da escrita do autor.

Faremos uma afirmação ainda hipotética, no sentido de que Natalino Ferreira Mendes era movido por uma “angústia”, se assim era percebida por ele, novos estudos podem abordar a questão e melhor esclarecê-la. Estamos nos referindo precisamente na preocupação transformada em método de trabalho ao reunir e procurar de modo metódico todo o material passível de utilização na formulação de seus escritos sobre a cidade de Cáceres. Cedo o autor percebeu o pouco apreço que, via de regra, as instituições públicas possuíam e de certa forma ainda possuem pela guarda e preservação das diversas fontes documentais. Entendemos que este aspecto foi nodal na sua relação com os vestígios do passado cacerense ao realizar o trabalho de seleção, coleta e ciosa organização de todo o material recolhido ao longo de sua vida. O objetivo é claro, perenizar às futuras gerações as informações recolhidas utilizando-as em seus escritos. Ousamos dizer que temos neste caso um misto mais de arquivista, memorialista, cronista e menos de historiador propriamente dito. Estas facetas, ora mais, ora menos, adquirem maior ou menor expressividade em seus trabalhos.

Feitas estas observações preliminares adentremos um pouco mais nos trabalhos produzidos por Mendes. Com este propósito iniciamos nossas observações tendo como objeto o livro *História de Cáceres*. Este trabalho foi editado inicialmente em 1973, com nova reedição no ano de 2009. Na capa da primeira edição consta a informação Tomo I, não há dados referentes à tiragem e edição. Já a segunda edição, revista e atualizada pelo autor, foi produzida pela Editora da e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (Fapemat).¹⁹

A primeira publicação trata do histórico administrativo de Cáceres desde sua fundação em 1778 até o ano de 1973. Já a reedição do livro amplia o recorte até o ano de 2008. A composição da obra pode de modo esquemático ser dividida em três partes, o que vale para as duas edições. A primeira

19 Unemat: Universidade do Estado de Mato Grosso. Fapemat: Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de Mato Grosso.

parte da obra é dividida em quatro capítulos e cobre o período colonial e monárquico, com informações gerais remontando aos bandeirantes paulistas. A segunda, bem mais extensa e que perpassa todo o período republicano ocupa dois terços do livro e sequência as administrações municipais até o ano de 1973. A terceira e última parte, trata do que o autor define como: “Flagrantes da nova Cáceres”. São matérias extraídas de periódicos acerca do município onde política e economia ocupa o papel central.

Como Mendes utiliza distintas nomeações pelas quais passou a cidade de Cáceres desde sua fundação, optamos com base em seu trabalho e fontes diversas elaborar o quadro abaixo de modo a facilitar ao leitor o período em que perdurou determinada designação com a respectiva cronologia.

DATA	DENOMINAÇÃO
06/10/1778	Povoação de Vila Maria do Paraguai
1780	Freguesia de São Luiz da Vila Maria do Paraguai
26/06/1850	Vila de São Luiz do Paraguai
30/05/1874	Cidade de São Luiz de Cáceres
26/10/1938	Cáceres

Fonte: Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/OneDrive/Documents/cmrodrigues,+Zattar.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2024.
Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/caceres/historico>>. Acesso em: 1 abr. 2024.

Dito isto a primeira observação com relação ao livro *História de Cáceres* é o grande número de informações elencadas como datas, aspectos relacionados ao povoamento da localidade, dados sobre economia, densidade populacional, mapas, nomes de ruas, cerimônias, festas, personagens, fatos, lugares da cidade, entre outras. Fica evidente ao leitor que diante da pluralidade de temas inseridos no texto não há uma verticalização no tratamento dos mesmos, ao contrário, o que verificamos em função da concisão dos pontos abarcados pelo autor é que estes funcionam mais como possível indicação para futuros estudos historiográficos.

Parte expressiva do livro como já mencionamos é um arrolamento sequencial das distintas gestões municipais e estaduais desde o período Imperial. Cabe aqui esclarecer que nas duas edições da obra com relação ao período monárquico são citados os nomes dos governadores de Mato Grosso de 1859 a 1889. Apesar do trabalho de remontar ao período colonial e o Império, não há na obra informações sobre o funcionamento da Câmara Municipi-

pal da Vila de São Luiz do Paraguai, posteriormente denominada cidade de São Luiz de Cáceres. A nomeação individualizada dos administradores só ocorre a partir da criação da figura do Intendente Geral e a primeira eleição para este cargo em 1892. Este é o ponto de partida para Mendes sequenciar todos os demais responsáveis pelo Executivo Municipal, com o respectivo período do mandato, como já foi mencionado, até o ano de 2008.

Em edição de 2009 do livro *História de Cáceres*, Natalino Mendes complementa os dados referentes ao Executivo Municipal com a inserção das administrações de 1973 a 2008.

INTENDENTES GERAIS	NÚMERO
1893-1931	14
PREFEITOS MUNICIPAIS	NÚMERO
1931-1971	21
PREFEITOS MUNICIPAIS	NÚMERO
1973-2008	11

Fonte: Mendes (1973 e 2009).

A preocupação fundamental do autor é realizar o registro das administrações responsáveis pela gestão do município enumerando suas realizações, os atores envolvidos, quando e em quais circunstâncias foram empreendidas e o significado delas para a cidade de Cáceres. O leitor não constatará a presença de análises, de observações contrastantes, de opiniões divergentes, significa dizer de problematizações e questionamentos. Foi sem dúvida uma estratégia do autor, no sentido de realçar os aspectos informacionais da obra, tornando-a um texto de consulta no sentido de auxiliar os estudiosos em sanar dúvidas pontuais ou cotejar dados obtidos em trabalhos diversos e demais fontes documentais. O fluxo da descrição é eminentemente cronológico. Para a realização da obra utilizou documentação atinente ao município oriunda sobretudo dos canais oficiais institucionais, o Executivo o Legislativo, além de periódicos.

Uma questão que apenas de modo parcial pode ser respondida diz respeito às influências das obras históricas presentes em sua escrita. Temos ciência que não são apenas os trabalhos constantes nas bibliografias das obras, os responsáveis por sua consecução. A formação educacional é per-

curso de uma vida e a interação experimentada desde a infância percorre as diferentes fases educativas e atua de modo poderoso no pensamento e composição de um trabalho com as evidentes mudanças ao longo do tempo. Ao verificar em seus livros o correspondente aporte bibliográfico como no caso da obra *História de Cáceres*, fica patente o predomínio de autores locais dedicados aos estudos da região mato-grossense. Podemos observar que neste caso consta da bibliografia quinze obras relacionadas à Mato Grosso de um total de vinte e dois autores. Para um quadro mais amplo, utiliza quatro textos relacionados à história do Brasil e um especificamente sobre Rondon, além de arquivos locais da Câmara Municipal e Prefeitura de Cáceres e um total de três periódicos.²⁰ A iconografia apenas ilustrativa inserida no trabalho é em boa parte retirada do *Album Graphico do Estado de Matto-Grosso*, obra referenciada na bibliografia de sua obra, assim como demais imagens obtidas contemporaneamente pelo autor quando de sua atuação no quadro administrativo da Prefeitura, neste caso não são citados os arquivos de onde foram reproduzidas.

Natalino Mendes e a história cronológica do factual

Algumas características estão fortemente presentes nos trabalhos do autor como por exemplo, o indiscutível viés positivista e alguns de seus corolários, em especial o de pensar o “processo histórico” em permanente “evolução” e de onde devemos extrair ensinamentos para a construção do devir. Na escrita de Mendes não há controvérsias quanto ao fato de se a história fica tensionada entre ficção e ciência. Ao contrário, o que fica evidente para o autor é a característica indiscutível dos dados e informações relatadas extraídas dos documentos, logo, inquestionáveis. É como se Natalino Ferreira Mendes dissesse a ele mesmo que conta o fato como realmente ocorreu. Uma espécie de cultivo exacerbado da ambição científica da história. A respeito desta perspectiva de abordagem inúmeras reflexões foram produzidas pela historiografia ao longo do século XX. Em certa medida parte delas também presentes em *Memória Cacerense*, trabalho ao qual são feitas considerações mais adiante. Mendes pensava que a reprodução documental por si só, bastava para ter acesso ao “real” sem se dar conta, o que é compreensível, dos

20 Estão referenciados os periódicos, A Razão, O Combate e Argos.

permanentes significados e ressignificados adquiridos pelas fontes, abordagens, métodos e temáticas do campo historiográfico em temporalidades distintas. O autor acreditava a partir de seu ponto de vista que ao manusear a documentação garantia com este procedimento o acesso à “verdade”.

Os pontos mencionados e ostensivamente presentes em suas obras não constituem um dado novo no universo dos estudos históricos. Entendemos ser prudente reproduzir algumas reflexões sobre estas questões tomando como referência as análises de historiadores como por exemplo, acerca do papel de exemplaridade da história onde Dosse remonta aos gregos ao afirmar:

A última determinação de Tucídides é política, no interior da configuração ateniense. O elo entre indivíduo e cidade é tão estreito que o primeiro só pode se realizar no segundo. Tucídides confere, pois, à sua obra de historiador uma virtude pedagógica em matéria política e, a esse título, ele definiu uma função que conhecerá grande futuro: **o das lições da história**. (Dosse, 2003, p. 23). [Grifo nosso].

Para Mendes uma das razões para o estudo do passado é utilizá-lo no processo formativo de caráter cívico, mesclado pelo sentimento de nacionalismo, atrelado ao contínuo progresso, assim como fizeram os franceses e alemães nas primeiras décadas do século XIX. O conhecimento histórico não apenas informa, mas sobretudo forma. Deixemos que fale o autor quando das comemorações do Sete de Setembro em Cáceres. Quando da abertura da oitava Exposição Agropecuária de Cáceres, a cidade recebeu a visita do Ministro da Agricultura e o governador do Estado José Fragelli. Ao descrever o evento reproduz o autor as palavras das autoridades nos seguintes termos:

[...] o ilustre visitante Sr. Fernando Luiz de Cirne e Lime, agradeceu as homenagens recebidas falando do marcante **progresso do Brasil** em todas as regiões até mesmo as mais longínquas. [...] Encerrou a solenidade o Sr. governador do Estado, para abordar vários assuntos da sua administração, frisando que Mato Grosso possui um território muito grande, um dos maiores do Brasil, e que dois terços dele ainda desabitado, o que quer dizer, será este Estado a **plataforma do Brasil no futuro**. (Mendes, 1973, p. 272). [Grifo nosso].

Na perspectiva do autor este é o papel central da história, ou seja, servir como guia e para isto o caminhar da humanidade não pode ser pensado fora de uma trajetória que não aponte para sua constante evolução. Para atingir este desiderato os procedimentos adotados por Mendes na elaboração de seus trabalhos estão fundamentalmente centrados em reunir determinadas informações esparsas ordenando-as de modo cronológico. Neste sentido, o autor foi por excelência um sistematizador ao anotar, registrar e de modo meticuloso ordenar legando a estudiosos futuros material de pesquisa. Em parte, pensamos que a forma como constrói seu universo referencial em meios aos dados coletados apresenta uma clara face herdada e imbricada com as atividades burocráticas que ao longo de sua vida desempenhou aliada à sua atuação no campo educacional em Cáceres. Suas obras têm como primazia mencionar os eventos, sem, no entanto, analisá-los. O propósito é tão somente do registro, onde o documento fala mais alto. Em estudos futuros será possível apontar os autores e autoras que em alguma medida influenciaram Mendes, mas nas dimensões deste artigo optamos por não fazer inferências acerca deste ponto. Este papel da história como “iluminadora” do futuro e garantidora do progresso esteve em voga na França no século XIX e início do XX e segundo Reis:

Os ‘positivistas’ franceses praticarão os mesmos princípios defendidos por Ranke, mas traduzidos para o espírito francês. [...] O Iluminismo que sustentará essa historiografia metódica francesa será aquele evolucionista, progressista, gradualista, anti-revolucionário, mas atualizado pela filosofia comtiana e seu ‘espírito positivo’ bem como influenciado pelo evolucionismo darwiniano. (Reis, 2004, p. 20).

Do ponto de vista teórico, cabe destacar com relação a datação que mesmo não sendo um componente vital da escrita historiográfica e de certa forma tido por alguns historiadores como supérflua, nem todos endossam esta posição e sua aplicação não deve ser desconsiderada nos estudos históricos. Afinal, sua presença situa o leitor temporalmente localizando-o na cronologia dos fatos descritos. O historiador norte-americano Lowenthal, em trabalho já há muito divulgado, salienta acerca deste ponto na escrita histórica que não podemos exorbitar no uso da cronologia partindo do princípio de que texto histórico é o simples arrolamento de fatos e suas respectivas da-

tas e em outro extremo, como é o caso de determinadas abordagens temáticas tratar a datação como um dado desprezível. O autor aborda esta questão nos seguintes termos:

Todavia, perde-se muito ao abrir mão de datas e narrativas; os acontecimentos são confundidos numa miscelânea de épocas e impérios, figuras e movimentos sociais significativos são deixados à deriva em relação a qualquer período específico. A assim chamada história temática – por exemplo, estudos que misturam as diversas revoluções como a puritana, a francesa, a americana, a russa, a cubana – traça paralelos que iluminam, mas menosprezam o fato de que as pessoas em cada uma dessas épocas viveram vidas, agiram baseadas em motivos, e moldaram situações que eram bem diferentes. A compreensão do passado requer alguma consciência da localização temporal de pessoas e coisas; uma estrutura cronológica esclarece, coloca as coisas em contexto, demarca a singularidade indispensável dos eventos passados. (Lowenthal, 1998, p. 125).

Não podemos, portanto, superestimar e nem subestimar a presença da cronologia cientes de que ordenar os acontecimentos pode ser extremamente útil em trabalhos de consulta como é o caso da *História de Cáceres* que em seu subtítulo não deixa dúvidas a que veio, ou seja, narrar as ações da administração pública municipal. Este é o propósito. Assim tipificada, sua função maior está na busca e registro de informações específicas de quando, onde e como os eventos ocorreram e os respectivos atores envolvidos, ainda que os fatos em si não sejam problematizados.

Não há conformidade com relação ao tema da cronologia e historiadores diversos o pensam de modo distinto, como é o caso de Ankersmit baseado em Mink que reflete sobre este tópico nos seguintes termos:

As datas que temos são de um significado meramente preliminar para a visão histórica; tudo o que é de real importância para a crítica histórica só começa após deixarmos o tempo e a cronologia para [a] trás. As maiores obras-primas da escrita histórica do século XX raramente mencionam datas. Por isso, temos todas as razões para concordar com a tese de Mink ‘de que o tempo não é a essência da narrativa’. Mais ainda, é a essência das narrativas históricas para *apagar* ou para *transcender* o tempo, tanto

quanto possível; a narrativa histórica deve colocar o tempo em segundo plano, ou melhor ainda, eliminá-lo. (Ankersmit, 2012, 315).

Para Natalino Mendes datar é fundamental e registrar e o relato basta. Aqui reside a importância de seu trabalho, como fonte de consulta sendo este seu propósito maior. Outro aspecto é não permitir com sua escrita o esquecimento do que ele considera importante ser preservado e conhecido a partir de sua ótica e concepção. Considerando que estamos em um país de pouco apreço pela preservação memorial, esta predisposição do autor em tela não é pouco.

Outro aspecto bastante presente no debate historiográfico trata da leitura feita sobre o *acontecimento* o que produziu e ainda produz fortes reverberações no interior da operação histórica. Trazemos este ponto para esta análise em função do uso frequente da abordagem do documental e em certa medida como seu corolário a cronologia histórica por parte do autor.

Os estudos historiográficos já há várias décadas aponta que não devemos tratar do *acontecimento* em si e muito menos apenas relatar, mas principalmente abordar a forma de como é dada sua construção no tempo. Natalino Mendes oferece em seus trabalhos tão somente o relato, cabe ao historiador de ofício pensá-lo e através de referenciais teóricos, conceituais e categorias do campo historiográfico desenvolver sua análise.

O modo como o autor dispõe os fatos não deixa dúvidas de que Cáceres caminha de forma inexorável em direção ao progresso. Essa é sua percepção e leitura. É a escrita que na segunda metade do século XIX foi definida como escola *metódica* alemã e atribuía à história o papel de trabalhar em prol do progresso humano no interior de uma perspectiva linear. Ainda que não haja qualquer referência em seus livros a esta escola historiográfica, a forma como Natalino Mendes discorre acerca da história do município recebeu com certeza influência de autores nacionais cultivadores desta abordagem. A similaridade com esta corrente em voga na França, entretanto termina aqui, pois não há em *História de Cáceres* a regra então considerada basilar para os historiadores europeus na formulação do texto historiográfico, o então procedimento da crítica externa e interna do documento utilizado como pré-condição fundamental na produção da história científica. Há nos

trabalhos do autor um certo fetichismo do documento. Para Mendes, neles repousa a verdade e o fato exatamente como ele se deu. Não sem razão, na parte inicial do livro citado, o autor transcreve na íntegra a ata de fundação da cidade, verdadeiro e compreensível elogio às origens. O começo de tudo. Segundo Carlos Reis esta corrente historiográfica entendia a operação histórica nos seguintes termos:

O historiador para eles, narra os fatos realmente acontecidos e tal como eles se passaram. Os fatos ‘narráveis’ eram os eventos políticos, administrativos, diplomáticos, religiosos, considerados o centro do processo histórico, dos quais todas as outras atividades eram derivadas, em seu caráter factual: eventos únicos e irrepetíveis. (Reis, 2004, p. 18).

Estas características estão por demais presentes nos estudos históricos de Natalino Mendes. Ao tratar da história administrativa de Cáceres pareado com a respectiva cronologia nos deparamos com uma relação das ações de sucessivos prefeitos entremeadas com informações adicionais transcorridas durante os respectivos mandatos. O autor acredita que a enumeração dos feitos basta e esta característica marca a sua produção nas três obras analisadas. Ambiciona a fidedignidade, porém ser fidedigno não nos isenta como historiadores, de escolhas e de opções. O autor fez a sua, ao eleger como temática o exercício do Poder Executivo através dos atos praticados pelos mandatários sem a presença de perguntas e questionamentos, pontos aliás por demais presentes na escrita historiográfica a partir da ótica em especial francesa de forte influência em nosso país nos anos 1960 em diante. Desta observação extraímos e reforçamos o caráter informativo de seu trabalho a servir de base para problematizações dos estudos historiográficos contemporâneos. Sua obra *História de Cáceres* apesar de não incorporar os elementos renovadores dos estudos do político nos lega material para futuras investigações. A historiografia política, em especial ao longo dos anos 1970 procurou e em alguns casos tomou como verdadeira *profissão de fé* suplantando de modo vigoroso os estudos até então produzidos no campo da história política do final do século XIX e início do XX. Ao retomar o campo político foi verificado que o problema não era propriamente a temática, ou com o objeto (palavra forte

na historiografia contemporânea) mas a forma como era pensado, a maneira como era operado²¹.

Deixemos bem claro que não se trata do descarte do *acontecimento*, pois em se tratando de escrita historiográfica, cultivar esta ambição em nosso ofício é no mínimo um equívoco. Neste aspecto, Veyne (1987, p. 14) com procedência afirma que: “A história é narrativa de acontecimentos: todo o resto daí decorre”. Em seus trabalhos em especial *História de Cáceres*, Natalino Ferreira Mendes chancela as sucessivas administrações municipais, afinal parte das fontes utilizadas são oriundas de seu local de trabalho e em sua operação histórica entende o documento como portador da “verdade”. Este ponto abre perspectivas interessantes no sentido de melhor perceber de onde fala e constrói Mendes os seus textos, os propósitos com que foram produzidos e a que público estava destinado, são algumas das perguntas a serem respondidas. No nosso entendimento esta obra é um relato oficial e produz apagamentos de vozes que com o caminhar dos estudos historiográficos ao repensar seus relatos e narrativas retoma estes falantes, reside neste ponto um dos elementos a serem repensados. Silenciar e expor são características de textos historiográficos vinculados à distintas correntes e filiações teóricas, desde os que exorbitam a presença dos personagens tomando o puro e simples registro como ponto central até o abandono em nome de uma narrativa “estrutural” separando-a das vidas humanas. Diríamos que tanto uma orientação como a outra têm dificuldades em estabelecer um ponto de equilíbrio, porém é fundamental que os personagens tenham densidade e não sejam obliterados pela teorização ostensiva ou pela escrita demasiadamente positiva. Um equilíbrio difícil, porém, extremamente enriquecedor dos estudos históricos. Acerca deste ponto as palavras de Durval Muniz nos parecem por demais procedentes ao afirmar:

Como poderemos tornar a História um saber sedutor se ela não tem corpo, se seus personagens estão mortos e parecem mesmo com defuntos conservados em formol? Como pode seduzir os vivos algo que não tem vida, que se faz por fórmulas conceituais? Como dizia Nietzsche, a história

21 Não é o propósito deste texto adentrar na extensa análise da denominada nova história política, seus temas, objetos e abordagens. A menção tem apenas o propósito de destacar que o estudo do político foi enriquecido sob todos os aspectos e não guarda similitude com o predomínio desta corrente ao longo do século XIX e primeiras décadas do XX.

conceitual é uma monstruosidade, é o resfriamento do que é calor e vida, é a mumificação do que foi vivo e quer ainda respirar. Como podemos atrair os leitores da História para personagens que não têm sexo, não desejam, não brincam, não jogam. (Albuquerque Júnior, 2007, 175).

A assepsia adotada por Mendes em História de Cáceres de certa forma se, por um lado afasta o leitor, por outro o aproxima, se este toma a obra como desafio no sentido de problematizar os personagens, de adensá-los e de finalmente os apreender não apenas como dados, mas passíveis da leitura crítica.

Memória cacerense ou era uma vez...

Este subtítulo não deve causar estranheza considerando o modo como foi escrito a obra *Memória Cacerense*. Como observou Elizabeth Siqueira na introdução do livro, salienta que Mendes mescla “... *competência, muita pesquisa, excelente memória e extrema sensibilidade, o autor convida-nos a um passeio pela região de Cáceres...*” (Madureira, 1998, p. 7). Esta é sem dúvida a impressão mais forte causada por seu trabalho, vez que assim como o livro anteriormente analisado se a ausência de referenciais teóricos e conceituais o afasta do campo acadêmico, o aproxima pela agradabilidade da leitura do público não especializado em virtude da fluência da narrativa. A relação de proximidade com os tópicos relatados na obra em parte é garantida por Mendes ao lançar mão do exercício da memória, como veremos a seguir. Podemos acrescentar que neste processo é possível perceber o nítido entrelaçamento das memórias do autor sendo perpassada pela memória coletiva.

O tema da relação memória e história já rendeu inúmeras reflexões no campo dos estudos historiográficos, filosóficos, etnográficos e psicológicos, apenas para citar algumas áreas de investigação. A parceria para a formulação de estudos históricos via utilização da memória não foi de todo amistosa, porém o entrelaçamento das distintas perspectivas está consolidado como veremos adiante. Mesmo nos anos 1970 quando a historiografia ampliava de forma significativa seus horizontes temáticos e suas operações a percepção era a de que “A memória, assim como o patrimônio, ainda não era considerada entre os novos objetos ou as novas abordagens. De fato, mesmo que os

historiadores tenham sempre lidado com a memória, eles quase sempre desconfiavam dela”. (Hartog, 2015, p. 158).

Este afastamento e posterior aproximação entre história e memória é relativamente recente. Inicialmente os estudos historiográficos não consideravam os trabalhos com fontes orais onde a memória ocupa lugar de destaque como crível e capaz de fornecer com confiabilidade as informações necessárias aos pesquisadores. Este quadro mudou e a história oral garante o seu lugar com trabalhos consistentes e tratamento rigoroso das fontes, firmando seus estudos no campo acadêmico. O historiador Philippe Joutard esclarece com procedência acerca deste encontro entre duas perspectivas de abordagem do passado ao afirmar que:

A reconciliação começa com este mútuo reconhecimento dos limites da memória e da história: investir-se, uma e outra, de modéstia, e saber que as aproximações do passado são parciais.

Conclui-se, assim, que os dois campos se fortalecem a partir da mútua colaboração.

[.....]

E por fim a história não pode ser a ressurreição integral do passado, mas a memória pode lhe fornecer o fio de Ariadne, o vínculo carnal do qual, ela ainda assim, tem a necessidade para tornar o passado inteligível. Ela faz escutar outras vozes que iluminam os fragmentos de realidades passadas (Joutard, 2007, p. 233).

Inicialmente deixemos claro que ao considerar textos que utilizam da memória para sua composição, apenas lança mãos de mais um recurso disponível no sentido de apresentar uma leitura inteligível do passado. Não se trata, portanto, de hierarquizar as fontes como mais, ou menos valorosas para a escrita historiográfica. Evidente que Natalino Mendes procura com seu testemunho situar seu lugar em meio ao conjunto memorialístico com os quais lidou ao longo de sua vida e deste modo constrói de forma concomitante sua memória.

Cabe também salientar que a obra *Memória Cacerense*, assim como a anteriormente analisada, em boa medida, oferta aos estudiosos múltiplas temáticas a serem tomadas como ponto de partida para releituras por parte dos historiadores de formação. É oportuno lembrar que ao construir e re-

construir o passado ou, como no caso de Mendes, também o tempo presente, podemos referendar, refutar, criticar e situar os textos historiográficos de sua autoria, este é um dos papéis primordiais da historiografia.

Há no trabalho em tela produzido por Natalino, o propósito explícito em compartilhar suas memórias, a forma como lia a cidade de modo que a experiência vivenciada pelo autor não pereça. Mais uma vez temos presente neste livro seu esforço diuturno na luta contra o esquecimento. Não sem razão o autor em determinados momentos utiliza fontes diversas, sejam escritas, iconográficas e extraídas de periódicos que adensam e complementam suas memórias. Uma estratégia utilizada pelo autor como forma de atestar positivamente suas impressões e relatos. Podemos afirmar que o livro *Memória Cacerense* guarda similitude com o trabalho realizado por cronistas ao relatar episódios do cotidiano da cidade de Cáceres.

Para melhor obter uma dimensão das temáticas coligidas em seu livro montamos o quadro abaixo com o título dos seus escritos destacando trechos que consideramos representativos da maneira como o autor pensa a cidade, sua relação com os fatos ocorridos e em alguma medida sua visão de mundo. Podemos através das transcrições perceber por ordem de exposição os seguintes pontos: a preocupação com o esquecimento nos dois primeiros quadros; no terceiro o papel da história como “mestra da vida”; a partir do quarto quadro até o quinto prevalece a abordagem nostálgica da narrativa com colorações edênicas da cidade e por fim, no sexto e sétimo quadros, o entendimento do processo histórico como ponta de lança do “progresso”, unidade nacional e cultura cívica.

TÍTULO	TRECHO EXTRAÍDO
1) A cadeia velha	“ Infelizmente , nenhuma foto se guardou desse velho casarão que marcou época e estilo. Só nos resta apelar para os artistas plásticos da Terra: vamos reproduzir na tela a desaparecida CADEIA VELHA de Cáceres”. (p. 20). [Grifo nosso].
2) Onze de julho	“O tempo passa, porém. A distância vai cobrindo de névoas certos fatos, até desaparecerem da mente. Rua do Alegre perde aos poucos a conotação com o acontecimento histórico. Passa a ser apenas Rua Alegre na linguagem popular, tornando-se a palavra alegre um adjetivo, com a simples qualidade que exprime”. (p. 81-82). [Grifo do autor].
3) De Freguesia a Vila Maria	“A memória de um povo não é apenas lembrança de fatos, mas sim um manancial de ensinamentos , que alimenta o presente e prepara o futuro”. (p. 68). [Grifo nosso].

TÍTULO	TRECHO EXTRAÍDO
4) Figueira Secular	“Nessas noites, o bairro, sem luar e sem luz artificial, dormia cedo, ao embalo das fábulas que as vovós contavam” (p. 204). E mais adiante: “Que de histórias, visões e saudades não nos contaria hoje a Figueira Secular do bairro mais antigo de Cáceres”. (idem). [Grifo nosso].
5) ‘Boulevard’ na praça da Matriz	“Infelizmente, não me foi possível conhecer o local exato que ocupara o Boulevard na Praça da Matriz, nem como fora planejado e executado. (Grifo do autor). Mais uma cena que desapareceu, na lenta evolução de nossa cidade” (p. 216). [Grifo nosso].
6) A perene busca de progresso	“Mas o que aconteceu algumas décadas depois, como vimos, foi a conquista dos espaços, ainda vazios e férteis do município, pelos próprios brasileiros dos diversos estados da Federação. O gênio criador e obstinado nacional para aqui se deslocou e produziu a explosão desenvolvimentista de Cáceres e a consequente multiplicação de novos pólos de progresso espalhados na sua primitiva vasta área territorial” (p. 149). [Grifo do autor].
7) Civismo: 7 de setembro, há 40 anos	“Cáceres foi sempre uma cidade em que se praticou o Civismo . Desde os tempos mais remotos, mostra-nos a história , o povo cacerense, pelos seus representantes, esteve atento ao desenrolar dos acontecimentos nacionais e internacionais, que aqui eram recebidos e comemorados, nos tempos mais recuados, com a iluminação das frentes das casas, passeatas e outras formas de expressar-se a reação da comunidade” (p. 21). [Grifo nosso].

Podemos perceber que neste trabalho de Mendes não há o desenvolvimento de um tema específico e sua correspondente trama perpassando toda a obra, ao contrário, o que vemos são fragmentos datados referentes à cidade de Cáceres. Como já observado, recortes estes onde o autor mescla a memória individual com as demais fontes disponíveis e ao seu alcance. Poderíamos replicar outras passagens, mas fica para trabalhos posteriores, as transcrições já feitas nos permitem afirmar que Natalino Mendes rememora o que lhe toca. Para os que pretendem estudar o autor importa observar como Mendes opera com suas lembranças ao delinear o que na sua percepção deveria não ser esquecido.

É evidente que os fatos, episódios e vivências relatadas por Mendes podem, devem e é fundamental que gerem novas abordagens. Os historiadores lidam com um campo do conhecimento onde tudo é fonte, tudo pode ser lido e relido, pensado e repensado a partir de novas abordagens e perspectivas. Sendo historiador com formação acadêmica ou autodidata como é o caso, tanto expomos, como omitimos. O importante para Mendes, a partir da percepção de como lê o mundo era necessário não esquecer.

Ele observa, ele acompanha e arquiva informações. E com certeza tinha ciência de que conhecimento é poder. Natalino Mendes demonstra também sensibilidade, ao tratar de temáticas atinentes ao município seja de sua autoria valendo-se da memória como uma espécie de testemunha ocular ou extraídos de autores diversos. Um ponto que consideramos de suma importância na composição deste livro.

As efemérides cacerenses

Por fim faremos algumas rápidas considerações sobre o livro *Efemérides Cacerenses*, considerando as dimensões deste trabalho. Em linhas gerais é possível afirmar que esta obra tem como referência o trabalho intitulado *Datas matogrossenses* de Estevão de Mendonça, considerando a forma como foi composto. Não é propriamente um estudo de biografias coletivas, o que historiograficamente denominamos de estudo prosopográfico, aliás não tem este propósito, entretanto, apresenta volumosa informação de personagens da cidade de Cáceres e eventos diversos, expostos alguns de modo detalhado. Constituí material útil a ser utilizado para a obtenção de informações em futuros estudos mais detalhados e densos. O livro traz um índice onomástico que facilita sobremaneira ao leitor ou pesquisador a localização dos personagens sob os quais pretende desenvolver seus estudos.

A prosopografia pode ser sumariamente definida nos seguintes termos:

A prosopografia reúne dados biográficos de um grupo de atores históricos que têm algo em comum, seja uma função, uma atividade, ou ainda uma posição social; ela é, portanto, um ‘estudo coletivo’ de suas vidas [...] Em suma, a prosopografia permite, graças à biografia, um gênero histórico mais tradicional, tratar um grupo social em seu conjunto. (Roy & Saint Pierre, 2006, p. 204-205).

A prosopografia adquiriu nos anos 1980 em diante uma valoração quando a questão é compor quadros que nos auxiliem a melhor perceber os percursos de formação e inserção de aspirantes no interior do campo político, conformando o que com o devido cuidado pode ser assemelhado como

“rito de passagem” para acesso ao “Clube”.²² Não podemos evidentemente generalizar que a existência por si só das elites prenuncia mecanismos de seleção, inserção e construção de carreiras políticas. Esta variante pode estar mais ou menos presente nas práticas e cultura política de uma região, estado ou nação em função de especificidades locais no processo de recrutamento e aceite pelos pares, de modo a garantir a constituição de capital político entre os atores envolvidos.

Não há na obra o intento em compor um quadro focando as atenções apenas nas elites políticas, haja vista os inúmeros personagens expostos nos dois volumes que guardam relação com determinado evento ocorrido em data específica sem necessariamente ter atuação no campo político. É um trabalho que exige disciplina e conhecimento para coletar em fontes esparsas, em distintos formatos de documentos quando não em locais diversos, as informações necessárias na composição de cada um dos eventos.

Das três obras constantes neste artigo esta é a que possui maior volume de informações e sem dúvida deve ser consultada quando do estudo de questões relacionadas à história de Cáceres, isto vale para o século XIX e XX.

Para finalizar cabe ressaltar mais uma vez o forte viés de exemplaridade atribuído ao conhecimento histórico em consonância com as duas obras analisadas anteriormente. A apresentação do livro é feita pelo vereador Hênio Maldonado nos seguintes termos:

As Efemérides Cacerenses, são mais do que atuais, elas avançam e falam para o futuro, **é o espelho, é o guia, é a bússola**, para nossos estudiosos que desejarem conhecer *Cáceres*, seu passado-presente, sua gente, seu dinamismo e idealismo. O livro aí está. Belo. Majestoso. Depositário de informações históricas, geográficas, políticas e sociais sobre Cáceres (Maldonado, 1991, p. 10). [Grifo nosso].

Em síntese, o “sentido” maior da história é nos servir de “lição”.

22 Expressão utilizada por José Murilo de Carvalho ao tratar da formação da elite Imperial no Brasil que almejava principalmente exercer mandatos eletivos na Câmara e Senado Federal.

Conclusão

Procuramos dentro do possível tornar a leitura deste pequeno artigo acessível aos iniciados e não operadores do conhecimento histórico. É um desafio na contemporaneidade diante da tecnologia da informação e seus atrativos como a imagem, o som, através do simples toque dos dedos acessar pelo smartphone grande número de informações que concorre com os livros e torna ainda mais angustiante atrair o estudante para as páginas impressas. Neste sentido, a obra *Memória Cacerense* pode constituir em material adicional ou complementar no estudo da cidade de Cáceres, desde que utilizado de modo adequado. A seleção dos fatos relatados feita pelo autor, por si só constitui material de análise e em nossa percepção é um exercício adequado seja utilizado como texto adicional no ensino superior e médio.

Os leitores interessados em conhecer por ordem cronológica as sucessivas administrações municipais encontram na obra *História de Cáceres* em ordem sequencial os nomes e ações desenvolvidas por cada um dos gestores. Trata-se de um arrolamento das distintas gestões, com alguns acontecimentos e imagens. Não há uma preocupação com a análise propriamente dita, como já observamos, mas apenas em relatar informações consideradas importantes por parte do autor.

Já os interessados em um texto mais arejado encontram em *Memória Cacerense* passagens sobre o dia a dia da cidade, numa linguagem apazível de fácil entendimento e destinado ao grande público. Por fim *Efemérides Cacerenses* interessa mais aos pesquisadores em busca de informações pontuais acerca dos mais diversos atores sociais.

Em síntese são estas considerações que entendemos do nosso ponto de vistas as mais relevantes como um primeiro exercício de aproximação no intuito de melhor apreender as motivações e inquietações que porventura pautaram a vida de Natalino Ferreira Mendes numa perspectiva historiográfica e sua consequente produção.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007.

ANKERSMIT, Franklin Rudolf. *A escrita da história: a natureza da representação histórica*. Londrina: Eduel, 2012.

AYALA, S. Cardoso; F. SIMON(Org.). *Album Graphico de Matto Grosso*. Corumbá/Hamburgo: s/ed., 1914.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite imperial*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981.

DOSSE, François. *A história*. Bauru: Edusc, 2003.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

JOUTARD, Philippe. Disponível em: <<http://escritos.rb.gov.br/numero01/sumario01.php>>. Acesso em: 27 mai. 2024.

LOWNENTHAL, David. Como conhecemos o passado. Projeto história: *Revista do Programa de Pós-Graduação de história*, São Paulo, v.17, p. 63-201, nov. 1998.

MENDES, Natalino Ferreira. *História de Cáceres: história da administração municipal*. Cáceres-MT: Editora da Unemat, 1973.

_____. *Efemérides Cacerenses*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1992.

_____. *Memória cacerense*. Cáceres: Carlini & Caniato, 1998.

_____. *História de Cáceres: história da administração municipal*. Cáceres-MT: Editora da Unemat, 2009.

MENDONÇA, Estevão de. *Datas matogrossenses*. Niterói: Tip. Salesiana, 1919.

REIS, José Carlos. *A História, entre a Filosofia e a Ciência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ROY, Fernand e SAINT-PIERRE, Jocelyn. A alta redação dos jornais em Quebec (1850-1920). In: HEINZ, M. Flávio. *Por outra história das elites*. (org.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 1987.

7. A criação literária e a cadência dos instantes, nas obras *Anhumas do Pantanal* e *Pássaro Vim-Vim*, de Natalino Ferreira Mendes

*Maria Elizabete Nascimento de Oliveira*²³

*Jocineide Catarina Maciel de Souza*²⁴

*Almerinda Auxiliadora de Souza*²⁵

RESUMO: Apresentamos a intrínseca relação entre a poesia e a música, tendo como objeto focal as obras líricas do escritor Natalino Ferreira Mendes. Para tanto, partimos da premissa de que o mundo é regido por uma sinfonia musical, embora muitas vezes esta musicalidade presente no universo não seja percebida por conta das urgências cotidianas. Assim, selecionamos os poemas: *Anhumas do pantanal*; *Cigarra*; *Pássaro vim-vim* e *Música* para legitimar nossas arguições e, também, possibilitar o contato com a produção do autor, vislumbrando apontar pistas para futuras pesquisas. Nesse diálogo, convidamos Octávio Paz (1972; 2012); Gaston Bachelard (2005, 2010), entre outros autores que anunciam a vinculação entre a existência, a natureza e a arte. Deste modo, o espaço natural é imbuído de significado emocional e simbólico, portanto, se constitui como um elemento essencial na construção da experiência poética-vivencial.

Palavras-chave: Música; Poesia; Natalino Ferreira Mendes; Diálogo; Inter-relações.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
1 de maio de 2024	5 de setembro de 2024

LITERARY CREATION AND THE CADENCE OF INSTANTS, IN THE WORKS ANHUMAS DO PANTANAL AND PÁSSARO VIM-VIM, BY NATALINO FERREIRA MENDES

ABSTRACT: We present the intrinsic relationship between poetry and music, with the lyrical works of the writer Natalino Ferreira Mendes as the focal object. To do so, we start from the premise that the world is governed by a musical symphony, although this musicality pre-

23 Doutora em Estudos Literários/PPGEL-Unemat. E-mail: maria.elizabete@unemat.br

24 Doutoranda em Estudos Literários/PPFEL-Unemat E-mail: jocineide.souza@unemat.br

25 Doutoranda do Programa Ensino Aprendizagem em Geografia. E-mail: almerinda.auxiliadora@unemat.br

sent in the universe is often not perceived due to everyday emergencies. Thus, we selected the poems: Anhumas do pantanal; Cicada; Pássaro vim-vim and Música to legitimize our arguments and also enable contact with the author's production, aiming to point out clues for future research. In this dialogue, we invited Octávio Paz (1972; 2012); Gaston Bachelard (2005, 2010), among other authors who announce the link between existence, nature and art. In this way, the natural space is imbued with emotional and symbolic meaning, therefore, it constitutes an essential element in the construction of the poetic-living experience.

Keywords: Music; Poetry; Natalino Ferreira Mendes; Dialogue; Interrelations.

Considerações preliminares

O mundo é regulado por um compasso musical imposto pela cadência dos instantes. Se pudéssemos ouvir todos os instantes da realidade, compreenderíamos que não é a colcheia que é feita com fragmentos da mínima, mas é a mínima que repete a colcheia. É dessa repetição que nasce a impressão de continuidade. (*Gaston Bachelard*)

A epígrafe que impulsiona nossas reflexões afirma que “o mundo é regulado por um compasso musical”, nesse sentido a relação da música com a poesia tem como marco o surgimento do próprio gênero literário, pelo fato de que o texto poético em diferentes gerações e povos da antiguidade exerceu essa conexão quase unívoca.

A relação entre música e poesia vem desde a antiguidade. Na cultura da Grécia Antiga, por exemplo, poesia e música eram praticamente inseparáveis: a poesia era feita para ser cantada. De acordo com a tradição, a música e a poesia nasceram juntas. De fato, a palavra “lírica”, de onde vem a expressão “poema lírico”, significava, originalmente, certo tipo de composição literária feita para ser cantada, fazendo-se acompanhar por instrumento de cordas, de preferência a lira. (Cavalcanti, 2009, p. 30)

A relação entre o gênero poético e a música, para além da lira, está associada à sua forma e composição (Hinos, Odes, Trovas e outros). Em Natalino Ferreira Mendes, a Poesia está associada ao canto dos pássaros e a cultura popular que remete a significados aos sons que emanam das aves. Sobre essa vinculação entre a natureza e a arte Maurice-Jean Lefebvre (1975, p. 9) salienta que:

À tese da arte como imitação da natureza sucedeu, na História, a do mundo da natureza e do mundo da arte considerados como essencialmente distintos. E é um facto que a natureza, ao contrário da arte, não resulta de uma intenção humana, que ela não nos pode parecer «bela», «significativa», «comovente», senão quando «projectamos» nela uma tal intenção, isto é, em suma, quando a consideramos como uma obra de arte.

Ao percebermos a beleza natural do pantanal nos registros poéticos de Natalino Ferreira Mendes, não só consideramos como arte a multiplicidade das imagens que a seleção de vocábulos provoca no leitor, mas também os sons que emanam de suas palavras, aliados às crenças populares da região pantaneira em que os cantos dos pássaros são permeados de mensagens e superstições. Nessa perspectiva, Lefebvre (1975, p. 69) se ancora em Pope para afirmar que “o som deveria ser o próprio sentido”, nas duas obras em apreciação, o poeta por meio da escrita literária nos permite visualizar a mágica da palavra poética por meio dos sons e imagens que vivificam a cultura popular.

O nosso objeto de estudo são as duas obras poéticas de Natalino Ferreira Mendes, **Anhuma do pantanal**: poesia da terra (1993) e **Pássaro Vim-Vim**: poesias da terra (2010), com as quais buscaremos apontar como a música é apresentada pelo autor nas duas obras, com suas diversas evocações. Gaston Bachelard poetiza uma possibilidade de vivência pautada na concepção sensível e subjetiva com o espaço, é nessa percepção que delineamos essa reflexão, ressaltando que são apenas evocações que nos afetam os sentidos ao olhar/sentir o outro e o mundo, tendo como dispositivo sensível, a poesia de Natalino Ferreira Mendes. Neste sentido, destacamos:

Sabe-se da existência de três tipos de música: a primeira, a mundana; a segunda, a humana; e a terceira, a de alguns instrumentos. A **música mundana** se reconhece principalmente nos elementos que se observam no céu ou na terra, na variedade dos princípios e na sucessão das estações [...] Ainda que esse som não chegue aos nossos ouvidos, no entanto o percebemos porque a harmonia do ritmo está no céu. A **música humana** é muito rica no microcosmo, isto é, no pequeno mundo que os filósofos denominam “homem” [...] O que é que funde a incorpórea força vital da razão com o corpo a não ser a harmonia e o tempo, que produz uma espécie de consonância, como a das vozes graves e suaves. Ademais, o

que é que une as partes do homem, a alma e o corpo? O **terceiro tipo de música** é aquele que se produz com instrumentos, com órgãos, cítaras, liras e muitos outros²⁶.

Na produção em foco, essas concepções de músicas movimentam-se, atribuindo ritmos e melodias aos versos que compõem os poemas das obras selecionadas para esta abordagem. A primeira aparece em abundância nos sons dos espaços e da natureza pantaneira, com sua generosidade de fauna e flora que emite sons ao imaginário por meio da poesia-memória; a segunda é perceptível nas inúmeras vozes que contribuíram na formação da cidade e que o poeta transforma em personagens ao trazê-los para o espaço ficcional, a exemplo, citamos o aguateiro (1993, p. 41): “[...] e se fosse o filme sonoro/ ouviríamos por certo, /De espaço em espaço, /O carreiro gritando:/- Aguateiro! Olha o Aguateiro!”. E a terceira quando o autor nos apresenta o Boa, músico, líder do primeiro “conjunto” musical de São Luiz de Cáceres; além de ser um dos acendedores de lampiões e anunciador de todas as festas que havia na cidade (Mendes, 2021, p. 242).

Salientamos ainda, a necessidade de olharmos para a convergência poética a partir das imagens sonoras no canto dos pássaros e insetos (no caso da cigarra), no ritmo sinalizado pelas aliteraões e assonâncias dos poemas e na própria reflexão sobre o gênero musical abordada pelo poeta. Ao discorrer um pouco mais sobre esse processo da arte musical que reverbera da palavra poética, nos envergamos a perspectiva da fenomenologia de Maurice Merleau Ponty (1999) que considera o eu, o outro e o mundo em suas inter-relações.

[En]cantos dos pássaros do Pantanal

Uma casa tão dinâmica permite ao poeta habitar o universo. Ou, noutras palavras, o universo vem habitar a sua casa. [...] a casa bem enraizada gosta de ter uma ramificação sensível ao vento, um sótão que tem barulho de folhagem. (*Gaston Bachelard*)

26 Disponível em: Ética e Estética da Música – Na filosofia de Ramon Llull (1232-1316) | Idade Média – Prof. Dr. Ricardo da Costa (ricardocosta.com). Acesso em: 4 abr. 2024.

Iniciamos com a epígrafe acima, retirada do livro “A Poética do Espaço”, porque acreditamos que esta sugere uma profunda relação entre o espaço da casa e a experiência poética do ser humano. Ao descrever uma casa dinâmica, Bachelard se refere a uma casa que não é apenas um espaço físico estático, mas sim um ambiente que está em constante interação com o mundo ao seu redor e com as experiências do indivíduo que a habita. Acreditamos que esta perspectiva abraça a poética de Natalino Ferreira Mendes, o filósofo diz que a casa permite ao poeta habitar o universo, destaca assim como o espaço da casa pode se tornar um microcosmo que reflete e integra a vastidão do mundo exterior. A casa se torna um ponto de partida para a exploração do universo, uma fonte de inspiração e contemplação para o poeta.

Por outro lado, quando Bachelard (2005) afirma que o universo vem habitar a casa do poeta, ele sugere que este é capaz de transformar sua casa em um espaço poético que transcende as limitações físicas e se abre para a vastidão do cosmos. A casa se torna um receptáculo para as experiências do mundo exterior, uma extensão do universo que se manifesta no ambiente doméstico. A imagem do sótão com barulho de folhagem e a ramificação sensível ao vento evocam uma sensação de conexão com a natureza e de movimento dentro da casa. Esses elementos sugerem que a casa não é apenas um espaço fechado, mas sim um lugar onde a vida e a energia fluem livremente, onde o poeta pode se sentir em sintonia com o mundo ao seu redor, essa passagem de Bachelard (2005) ressalta a importância da casa como um espaço poético que permite ao indivíduo habitar o universo e, ao mesmo tempo, receber a influência e a energia do mundo exterior. É uma reflexão sobre a relação entre o espaço físico e a experiência subjetiva, entre a morada humana e o vasto cosmos que a cerca. Neste viés, sugerimos pensar a casa como metáfora do espaço vivido/sonhado pelo eu-poemático, o pantanal de Mato Grosso, com sua poética/musical. No entanto, como imagem sugestiva porque aberta ao cosmo.

Os títulos dos livros selecionados para esta abordagem já trazem implícitas percepções de como o canto, de certo modo, ressoa na obra de Natalino Ferreira Mendes, ofertando musicalidade à poesia da terra, da casa do eu-poemático. Outra demarcação passível de contemplação que se repete nas duas obras é o afeto pela terra natal. Neste sentido, os pássaros do pantanal são os protagonistas que adornam as capas dessas obras, como se desde a porta principal pudéssemos ouvir seus cantos como anfitrião de um percur-

so não apenas poético, mas também musical. Primeiramente, apresentamos a **Anhuma do Pantanal**: poesia da terra, obra datada de 1993, que traz um poema de mesmo nome, que apresenta o pássaro e sua relação com a infância, bem como, com sua integração à natureza pantaneira.

O poema “Anhuma do Pantanal” evoca a experiência sensorial e emocional diante da presença e do canto da ave anhuma, situada em seu habitat natural no Pantanal. Não podemos deixar passar despercebido que a anhuma do pantanal, segundo o eu-poemático é alvissareira, alerta seus companheiros dos perigos do predador.

ANHUMA DO PANTANAL²⁷

Um grito ecoa
estridente,
na calada da campina alagadiça.
— “Atenção! bicharada,
estranho penetrando em nosso espaço!”
É o grito da Anhuma
empoleirada em alto galho
num capão de mato em meio ao campo aberto.

Novo grito, sinal de que o desconhecido
mais penetra em seus domínios.
E quando mais perto chega o intruso,
alça o voo o alado guarda
em busca de outra árvore
mais longe,
gritando sempre,
como se dissesse:
“quem puder se salve!”

A essa hora a caça esquiva
já procurou outras paragens

27 Mendes, 1993, p. 28-29.

mais seguras,
escapando ao caçador.

Para mim, ave do pantanal
da minha terra,
teu grito tem sentido diferente.

É um encantamento
que me conduz ao longo do passado,
despertando, lá da infância,
a primeira Anhuma
que escutei
à beira da baía do Malheiros
nas vizinhanças da cidade.

Não morreu aquela ave
passados tantos anos!
Adormeceu, apenas...
E quando, hoje, uma irmã sua
canta,
lá desperta ela
com toda carga de recordações
que, na solidão da beira da baía,
mais se animam
e se aproximam...
como se tudo fosse um ontem.

Canta, Anhuma pantaneira,
tal e qual a vez primeira,
infante, te vi cantar.

Canta, canta, ave amiga!
Enche o ar de emoção
para que, no coração,
nunca morra
a Anhuma da minha infância.

Ao considerar as percepções de Gaston Bachelard sobre a arte musical, podemos ponderar alguns elementos presentes no texto que remetem à sua teoria, especialmente sobre a poética do espaço e a reverberação emocional da música. O poema utiliza uma linguagem que sugere ritmo e sonoridade, especialmente nas descrições do grito da Anhumá. A repetição de palavras como “grito” e “canta”, juntamente com a aliteração e a assonância, cria a musicalidade da linguagem e apresenta uma atmosfera musical que ressoa com a natureza sonora da experiência.

O autor argumenta que a música tem o poder de evocar memórias e sentimentos profundos e pode acionar uma ressonância emocional. O eu-poemático é transportado de volta à infância pela melodia do canto da Anhumá. A imagem da primeira vez em que o eu-poemático ouviu o canto da ave, à beira da baía do Malheiros, é revivida com intensidade, sugerindo que a música da natureza tem o poder de despertar memórias adormecidas e recriar experiências passadas.

O filósofo discute ainda como os espaços físicos e imaginários influenciam a criação artística, destacando o espaço como elemento poético. No poema, o Pantanal e seus elementos naturais, como a Anhumá e a baía do Malheiros, não são apenas cenários, mas são também fontes de inspiração e reverberação emocional para o eu-poemático. O espaço natural é imbuído de significado emocional e simbólico, tornando-se um elemento essencial na construção da experiência poética.

A música, ainda segundo Gaston Bachelard, transcende a linearidade do tempo, conectando o passado, o presente e o futuro. No poema, a Anhumá é descrita como uma presença que evoca memórias da infância; mas também como uma entidade atemporal, cujo canto ressoa “como se tudo fosse um ontem”. O canto da ave é capaz de criar uma ponte entre o passado e o presente, perpetuando a emoção e a memória ao longo do tempo.

Nos dois primeiros versos do poema o escritor anuncia o canto da anhumá num grito estridente e já aponta o *habitat* natural da ave, as campinas alagadas, para demarcar a intensidade e a urgência da atenção dos demais moradores daquele espaço, ele apresenta a tradução do canto: “/-” Atenção! bicharada, /estranho penetrando em nosso espaço!”. Na região pantaneira de Mato Grosso, o canto da anhumá é um canto de alerta, o cumprimento dessa ave guardiã é concluída pelo poeta nos quatro versos que compõem a terceira estrofe.

Encerrada as apresentações sobre ave no seu sentido natural, o eu poético aponta o tom do cântico da ave, como sendo um som de encantamento e nostalgia, / Para mim, ave do pantanal / da minha terra, / teu grito tem sentido diferente. / É um encantamento / que me conduz ao longo do passado, / despertando, lá da infância, / a primeira Anhuma / que escutei /. Nota-se que nesses versos o poeta estabelece uma conexão da natureza com o seu próprio mundo, em sua tenra idade. As duas estrofes que encerram o poema, é demarcado pela aliteração em ‘a’ e gera um quadro de várias imagens que emanadas pelo som do canto das anhumas garantem a emoção infantil do olhar primeiro.

Ao nos depararmos com a súplica pelo canto das anhumas nas últimas estrofes, ocorre o que Octavio Paz (2012, p. 133) descreve como divino no que tange as circunstâncias de espaço e tempo:

[...] Uma espécie de ritmo tece o tempo e espaço, sentimentos e pensamentos, palavras e atos, e faz um único tecido com o ontem e o amanhã, o aqui e o lá, náusea e delícia. Tudo é hoje. Tudo está presente. Tudo está, tudo é aqui. Mas tudo também está em outro lugar e em outro tempo.

Implicitamente o autor enfatiza a perenidade das coisas da natureza e, de certa forma, a conexão existente pela ancestralidade: “Canta, canta, ave amiga/Enche o ar de emoção/para que, no coração, /nunca morra/ a anhuma da minha infância”. Nas duas obras em análise, Natalino Ferreira Mendes tem a natureza como campo de observação e criação poética.

O poema “Anhuma do Pantanal” reflete muitas das percepções bachelardianas sobre a relação entre arte, espaço e emoção, especialmente no que diz respeito à música como uma experiência que transcende os limites da realidade física e temporal. Possibilidades também perceptíveis no poema **Cigarra**, vejamos:

CIGARRA²⁸

Sol a pino causticante e amarelo,
sol de outubro.
Choveu e faz calor.
Emanações sobem da terra quente e úmida.
Nas árvores, as folhas se renovam
– sinal de vitalidade.
Nos cajueiros, frutos
sazonados,
vermelhos e amarelos...
Minha terra estua em vida!

De repente, corta os ares
zunido curto e forte.
É o ensaio da cigarra.
Experimenta o tom
uma, duas e três vezes,
para então um longo silvo
desferir pelo arvoredos...
Canta forte, dá o que pode,
naquele silvo comprido
como se nele quisesse
a vida toda escoar...

Enquanto cantas, cigarra,
na mangueira do quintal,
tu inocente não sabes
que no instante em que tu cantas,
do passado, que vivi,
bem juntinho do arvoredos,
acordas tantas cigarras
– irmãs tuas –
que dentro em mim

28 Mendes, 1993, p. 30-31.

no curto tempo do teu canto,
Põem-se todas a cantar,
refazendo a sinfonia
dos meus anos primeiros
– já vividos –
desta vida e neste mundo,
na feliz intimidade
da pujante natureza.

Canta, cigarra, canta...
Alvoroça a minha vida
para que ela seja sons
e vibrações
contemplação
dessa eterna maravilha,
que nos envolve e comove,
das obras da criação!

Neste poema temos uma figura clássica das fábulas, de acordo com Nelly Novaes (1991, p. 107) ora “a cigarra era valorizada, seu canto representava o valor e a beleza da arte, a função não-utilitária da arte”, como na tradução de La Fontaine, em outras traduções “[...] Já na maioria das versões que chegaram até nós, a cigarra é tida como preguiçosa, irresponsável, vagabunda”. Todavia no poema de Natalino Ferreira Mendes, a cigarra com seu canto tem a função de acordar o passado do eu poemático e lhe enche de nostalgia de uma infância que só é possível visitar pelo canto da cigarra.

Na primeira estrofe, a terra cacerense é apresentada com sua característica climática, por meio das imagens criadas temos uma possibilidade de vislumbrar um dia típico do mês de outubro, as cores amarelas, ressaltado no calor, na luz do sol e na cor do caju, também nos leva ao amarelar do tempo passado, acrescida do vermelho que cobre a pele suculenta do caju, remetem ao calor e a vivacidade dessa memória. As cores e o paralelo da chuva com o sol confirmadas no verso / emanações sobem da terra quente e úmida. / reafirmam o calor dessa terra, podem ser considerados resquícios da própria dualidade entre passado/presente, que a arte proporciona.

A musicalidade advinda do espaço pantaneiro entoa vários poemas da obra, podemos citar ainda: “[...] Canta, cigarra, canta.../Alvoroça a minha vida/para que ela seja sons/e vibrações/contemplação/dessa eterna maravilha, /que nos envolve e comove, /das obras da criação” (Mendes, 1993, p. 31). Nessa passagem, notamos o apelo do eu-poemático à cigarra, para que preencha sua vida de sons e vibrações de modo a lhe permitir a ser sensível às coisas que compõem o cosmo. O uso do verbo no presente do indicativo nos remete a duas situações marcadas por sua repetição no clamor do verso, o que indica uma ação habitual da cigarra, a certeza de que essa ação se repetirá no futuro, como também nos evidencia o fato histórico, que demarca uma fase da sua vida.

Nessa passagem, como em tantas outras dessa mesma obra, o eu-poemático ressalta que esses sons e ritmos da natureza o fazem reviver, trazer para o presente o passado, por meio do acionar de memórias e, portanto, tais elementos estão incorporados ao seu próprio corpo porque o permite revisitar a história do passado. Ainda neste poema “Cigarra”, percebemos a experiência sensorial e emocional do eu-poemático diante da presença e do canto da cigarra em um dia quente de outubro. Em suas considerações Gaston Bachelard assegura que “A Intuição dos Instantes”, podemos analisar este poema sob a perspectiva da intuição poética e da ressonância dos instantes na memória e na imaginação. Bachelard discute a importância da intuição poética, que capta o instante de uma experiência e aprofunda sua compreensão por meio da imaginação.

O eu-poemático se encontra imerso no momento presente, capturando os detalhes sensoriais do ambiente, como o sol causticante, as árvores renovadas e os frutos maduros. O canto repentino e enérgico da cigarra serve como um catalisador para a experiência intensificada desse instante de vida vibrante e pulsante. O filósofo sugere também que os instantes poéticos têm o poder de evocar memórias e experiências passadas, conectando o presente com o passado. O canto da cigarra desperta lembranças da infância do eu-poemático, quando as cigarras cantavam em harmonia com a natureza ao seu redor. Esse revigorar das memórias antigas por meio do canto da cigarra demonstra como os instantes poéticos podem ser portais para vivências passadas, enriquecendo a experiência presente.

Gaston Bachelard argumenta que a intuição poética revela a profunda interconexão entre o eu e o mundo ao seu redor. No poema, o eu lírico se

funde com a paisagem natural e com os elementos que a compõem, como as árvores e a cigarra. O canto da cigarra não é apenas um evento isolado, mas uma expressão da vitalidade e da harmonia da natureza, que ressoa com a própria vida interior. O autor enfatiza a importância da contemplação dos instantes poéticos como uma forma de conexão com a maravilha e a beleza do mundo. No poema, o eu-poemático é convidado a contemplar o canto da cigarra como uma expressão da eterna maravilha da criação. O canto da cigarra, com sua intensidade e persistência, desperta uma apreciação renovada pela vida e pela complexidade da natureza. O poema “Cigarra” encapsula muitos dos conceitos e ideias presentes em “A Intuição dos Instantes” de Gaston Bachelard, destacando a capacidade da poesia de capturar e ampliar os momentos de experiência vivos e significativos, conectando o presente com o passado e revelando a profunda interconexão entre o eu e o mundo natural.

Os poemas supramencionados compõem o conjunto de textos poéticos do livro **Anhumas Do Pantanal: Poesias da Terra**. Os próximos poemas são do livro **Pássaro Vim-Vim: Poesias da Terra**.

PÁSSARO VIM-VIM²⁹

Ele chega de improviso
Assobiando soffrego
— “vim... vim...”
Repetidamente.

Minha mãe dizia emocionada,
Mudando levemente o trino:
— “vem... vem...” está cantando,
Alguém vai chegar...

Quem será?
Um filho ausente?
amigo
ou parente?

29 Mendes, 2010, p. 8.

A avezita não diz quem
ou o que está para chegar.
Pode ser também
apenas uma carta,
que o correio vai trazer.

O tempo passou,
mundo mudou,
eu mudei

Mas o pio do “vim... vim...”
não variou.
É sempre o mesmo.
não importa que a modernidade
lhe tirou o encanto
das mensagens cifradas
que trazia aos lares crentes
de antigamente.
Insiste... anunciando
– no seu pio –
que algo novo virá
nas asas da esperança.

A característica alvissareira da Anhuma do Pantanal se repete na obra **Pássaro Vim-vim**: poesias da terra, haja vista que este também alerta para a chegada de algo: “Minha mãe dizia emocionada, / Mudando levemente o trino. / – vem... vem está cantando, / Alguém vai chegar”. Além disso, enfatiza novamente a perenidade das coisas da natureza: “Mas, o pio do Vim... vim... / não variou / É sempre o mesmo” (Mendes, 2010, p. 8). A música assim compõe como estribilho a sua obra poética: “[...] – Lyra Cacerense – / organizada e mantida / por idealistas / amantes da beleza / da arte musical” (Mendes, 2010, p. 35) ou em: “[...] e a alma sensível / desabrochando / nas mais belas expressões do ser humano / – a música e a poesia” (Mendes, 2010, p. 49). Ou ainda: “[...] Onde canta a alma do povo / nos alegres concertos / das noites serenas / donde o nome lhe veio / a cidade das serestas” (Mendes, 2010, p. 49).

O poema “Pássaro Vim-vim” simboliza a experiência cotidiana de ouvir o canto de um pássaro, especificamente identificado como “vim-vim”, e reflete sobre o significado simbólico desse evento. Neste sentido Octávio Paz (2010) discute a ideia de que os signos são fluidos e estão em constante movimento, mudando e se transformando ao longo do tempo. No poema, o canto do pássaro “vim-vim” é apresentado como um signo que persiste, apesar das mudanças no mundo e na vida do eu-poemático. Mesmo que a modernidade tenha tirado o encanto das mensagens cifradas que o pássaro costumava trazer, seu canto ainda persiste como um símbolo de esperança e de algo novo que está por vir.

Octávio Paz (2012) também discute a relação entre a poesia e a música, destacando como a poesia compartilha características com a música, como ritmo, harmonia e melodia. No poema, o canto do pássaro é descrito como um assovio repetitivo e melódico, que evoca uma atmosfera musical. Essa musicalidade do canto do pássaro ressoa com a ideia de que a poesia pode ser encontrada não apenas nas palavras escritas, mas também nos sons da natureza e nas experiências cotidianas.

Tanto em “Signos em Rotação” quanto em “O Arco e a Lira”, Paz aborda o simbolismo do pássaro em diferentes culturas e tradições poéticas. No poema, o pássaro “vim-vim” assume um significado simbólico de esperança e de novos começos. Seu canto repetitivo e persistente é interpretado como um anúncio de algo novo que está por vir, seja um filho ausente, um amigo, um parente ou, até mesmo, uma carta importante. Assim, o pássaro se torna um símbolo de expectativa e de possibilidade para um devir.

O “Pássaro Vim-vim” encapsula muitos dos temas e conceitos abordados por Octavio Paz em suas obras, destacando a persistência dos signos poéticos na vida cotidiana e o poder simbólico da natureza, especialmente dos pássaros, como portadores de significado e de esperança.

Natalino Ferreira Mendes em – **Poesia não morre** – discorre a relação intrínseca da poesia com a música, lembrando que as primeiras manifestações literárias em Portugal já anunciavam essa conexão. Vale destacar que essa aliança é descrita em várias passagens de sua obra. Assim, destaca que:

[...] as primeiras manifestações literárias em Portugal foram poesia, cultivada pelos trovadores. Os poetas cantavam os versos acompanhando-os

aos instrumentos de música. A arte trovadoresca originou-se no sul da França, onde era denominada ‘gaia ciência’. (Castrillon Mendes, 2021, p. 148)

Nessa toada, o autor enlaça diversos ritmos e sons que fazem a harmonia do mundo vivido, apresentando não apenas o ritmo das músicas regionais como cururu e siriri, como também, os sons que fazem parte do ruído natural do mundo, com seus ritmos diversificados e capazes de prender a atenção dos seres humanos sensíveis às coisas do mundo. Porém, não deixa de trazer a concepção tradicional que temos da música, como na poesia seguinte:

MÚSICA³⁰

Abençoado lenitivo desta vida,
que, mesmo curta, nos encanta,
a música tem o condão
de acender na gente
indefiníveis emoções.
Músicas há inumeráveis
que nos extasiam
e nos elevam o espírito.
Há as preferidas nossas,
aquelas que exprimem o estado d’alma do autor
e se afinam com a nossa sensibilidade,
convidando-nos a viajar no tempo,
revivendo fatos
da nossa própria história,
que bem ou mal elaboramos.

Dizemos, então, que tal música
é a nossa predileta,
porque serviu de sonoro fundo

30 Mendes, 2010, p. 68.

num tempo e num lugar,
para uma das cenas da nossa vida.
Sempre que essa música ouvimos,
o quadro antigo à nossa mente volta,
revestido de saudade.

Tu, Música, no teu ritmo e harmonia,
– eloquente ou lírica –
Só podes ser divina,
ao lado da irmã-gêmea – a Poesia.

O poema “Música” traz a possibilidade de percebermos o poder transformador da música na vida humana, evoca emoções profundas e nos permite reviver memórias pessoais. Paz enxerga a música como uma linguagem universal que transcende as barreiras culturais e temporais, capaz de evocar emoções universais e conectar as pessoas. No poema, a música é apresentada como um “abençoado lenitivo desta vida”, uma força que encanta e desperta emoções indefiníveis. Ela é descrita como detentora do poder de nos extasiar e elevar o espírito, sugerindo, dessa forma, uma experiência transcendental que vai além do intelecto e da razão.

O filósofo Gaston Bachelard salienta que a experiência poética está intrinsecamente ligada aos espaços físicos e imaginários, que podem evocar memórias e sentimentos profundos. No poema, a música serve como um elo entre o passado e o presente, conectando o eu lírico às cenas da sua própria vida. Cada música preferida é associada ao tempo e a um lugar específico, funcionando como um “sonoro fundo” para as cenas da vida. Assim, a música não apenas evoca emoções, mas também revigora e recria espaços interiores e exteriores na existência humana.

O poema destaca a estreita relação entre música e poesia, sugerindo que ambas são formas de expressão divinas. A música é descrita como a irmã-gêmea da poesia, compartilhando sua capacidade de tocar as profundezas da alma humana e comunicar sentimentos além das palavras. Essa associação ressalta a importância das artes na exploração da experiência humana e na busca pela transcendência. Assim, o poema “Música” oferece uma reflexão profunda sobre o papel da música na vida humana, conectando as percepções de Octavio Paz sobre a universalidade da música e sua capacidade de

evocar emoções, com a poética do espaço de Gaston Bachelard, que destaca a relação entre música, memória e imaginação na experiência poética.

A sensibilidade do poeta nos apresenta como diferentes manifestações são elementos que acionam nossa memória. Nos poemas “Anhuma do Pantanal”, “Cigarra” e “Pássaro Vim-Vim” são os sons da natureza, no cantar das aves, que se tornaram marcos de sua infância, desta forma eu-poemático nos brinda com sua percepção aguda e poética sobre a música e instiga para que possamos perceber como ela está envolta na tecelagem da nossa passagem humana na terra.

É interessante observar que a concepção da vida ligada ao teatro costura a produção do autor de forma discreta e delicada, tal qual como nos quatro últimos versos do poema. Ademais, não nos passa despercebida a relação que faz entre o eu-poemático e o leitor, de modo que o autor parece se ausentar da autoria do texto: “Há as preferidas nossas, / aquelas que exprimem o estado d’alma do autor / e se afinam com a nossa sensibilidade”.

Enfatizando a relação da música com a poesia, no livro: *Anhumas do pantanal: poesias da terra* (1993, p. 47), o autor também traz esta conexão no poema arte, destacando que: “A música... a poesia... a própria voz humana / Artisticamente modulada, / São êxtases à nossa alma atribulada, / Oásis no deserto da existência!”. Nesta conjectura, o autor discorre sobre a musicalidade da própria voz humana, deixa entrever a sua sensibilidade para as coisas que, muitas vezes, passam despercebidas, evoca nessa criação a relação unívoca do ser humano com o mundo.

ARTE³¹

(A Comissão Organizadora da Festa de Arte – fevereiro de 1947)

A flor da arte há muito tempo adormecida
Em nossa terra,
– Flor custosa e fina – dileto adorno
Das cidades cultas,
Bafejada pelo ardor de um ideal acalentado

31 Mendes, 1993, p. 47.

E nobre,
Desperta-se de longa letargia...

Ei-la que ressurge bela, esperançosa,
Espargindo seu divino aroma em nosso peito!
Ei-la gentil, fascinadora,
Convidando-nos a cultivá-la com carinho
No jardim da nossa vida!

A música... a poesia... a própria voz humana
Artisticamente modulada,
São êxtases à nossa alma atribulada,
Oásis no deserto da existência!

ARTE... gotas do sobrenatural vazadas
No coração do homem...
Rosa cujas raízes têm no infinito
A sua fonte de energia...
Mística pérola de luz oculta
No coração do homem...
Incentivo bendito ao espiritualismo.
Certidão da existência da luz de Deus
Junto ao nosso corpo material...
Atração do pensamento humano
Para a região sem mancha da beleza.

Este último poema, que encerra por ora esse percurso, é uma síntese que nos aproxima da percepção de Natalino Ferreira Mendes sobre a relação da arte com a vida na perpetuação da memória. O poema expressa a exaltação da arte como uma força revitalizadora que desperta e enriquece a alma humana. Ao considerar a relação unívoca entre poesia e música, podemos destacar como ambos os elementos se entrelaçam na busca pela expressão artística, enlaçando-se as percepções de Gaston Bachelard e Octavio Paz.

Ainda nesta produção, o autor destaca a disfunção da arte em tirar o ser humano da letargia, despertando-o para a beleza que envolve o cosmo: “[...] – Flor custosa e fina – dileto adorno/ das cidades cultas, / bafejada pelo ar-

dor de um ideal acalentado / E nobre, / Desperta-se de longa letargia”. Apresenta ainda o poema a relação do imaterial e o material que de certa forma faz o adubo humano: “ARTE... gotas do sobrenatural vazadas/ no coração do homem.../ [...] junta-se ao mesmo corpo material... / Atração do pensamento humano/ para a região sem mancha da beleza”. Chama-nos ainda a atenção que vários poemas do autor vêm demarcados pelo momento de produção, a exemplo o poema ARTE, é dedicado à Comissão Organizadora da Festa de Arte, datado de fevereiro de 1947.

Ressaltamos que Gaston Bachelard destaca a importância do espaço físico e imaginário na criação artística. No poema, a arte é descrita como uma flor que ressurge, espargindo seu aroma divino no peito dos indivíduos. Essa imagem sugere a ideia de um espaço interior, um jardim da vida, onde a arte floresce e é cultivada com afeto. Assim como a música e a poesia, a arte proporciona um oásis no deserto da existência, um espaço de beleza e encantamento que alimenta a alma.

Para Octavio Paz, a música e a poesia são formas de expressão que transcendem as limitações da linguagem verbal, alcançam as profundezas da experiência humana. No poema, a música, a poesia e a voz humana artisticamente modulada são descritas como êxtases à alma, oásis no deserto da existência. Essas manifestações de arte não apenas proporcionam prazer estético, mas também servem como dispositivos para a expressão de emoções e ideias que ultrapassam os códigos linguísticos.

Ao considerar o exposto, a “Arte” demonstra a relação unívoca entre poesia e música ao apresentá-las como meios de acesso à beleza e à espiritualidade, como manifestações da busca humana pela expressão artística e pela transcendência. Ambas as revelações de arte, poesia e música, são vistas como fontes de inspiração e renovação, capazes de elevar o espírito e conectar os seres humanos ao sublime e ao divino.

Considerações finais

O propósito desse artigo foi apresentar como a música/canto são elementos que acionam nossas memórias, num panorama poético em que autor e leitor se fundem entrelaçados pela arte sonora que nos remetem aos diferentes tempos e espaço, sendo este derradeiro tema muito observado pelo escritor, principalmente no que tange, ao espaço histórico do município de

Cáceres, ressaltando a arte arquitetônica, como em outros poemas há destaque para arte corporal através da apresentação das danças, para o teatro e cinema.

Os cinco poemas apresentados evidenciam a relação intrínseca entre a música e a memória, ao mesmo tempo em que nos remete a cultura dos saberes populares na decifração dos cantos das aves, como também o poder criador do ser humano no uso dos instrumentos e da voz. Para além desses poemas, há outros, como: a “Valsa Vienense” e a “Banda do Dezenove”, nos quais o eu-poemático revela sua admiração pela arte musical que, segundo ele, está diretamente ligada às suas referências afetivas maternas, muito presentes também no poema “Violão”.

Por ora, destacamos que são infindáveis as possibilidades de olhares sobre a sensibilidade de perceber as diversas manifestações da arte nas escritas de Natalino Ferreira Mendes, em especial a música, para além de sua apreciação a essa manifestação artística, o escritor escreveu vários hinos e canções, inclusive o hino oficial da cidade de Cáceres no estado de Mato Grosso, alguns desses sistematizados no livro: “Anhuma do Pantanal: poesias da terra”, na seção intitulada: “Hinos e Canções”. Essas indicações podem, quem sabe, servir como disparadoras para novos estudos e pesquisas.

Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A Intuição do instante*. Tradução Antonio de Padua Danesi. - 2º ed.- Campinas, SP: Verus Editora, 2010.

CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. *Música e Poesia em Manuel Bandeira*. Estação Literária - Vagão-volume 3. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL3Art3.pdf>

CASTRILLON-MENDES. Olga Maria; MENDES, Natalino Ferreira (orgs.). *Letras Cacerenses*. Cuiabá: Carlini e Caniato editorial, 2021.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Forma e Sentido do Texto Literário*. São Paulo: Ática, 2007.

LEFEBVE, Maurice-Jean. *Estrutura do Discurso da Poesia e da Narrativa*. Tradução: José Carlos Seabra Pereira. Livraria Almeida. Coimbra-Portugal, 1975.

MENDES, Natalino Ferreira. *Anhumas do Pantanal: poesia da terra*. Passo fundo: RS, 1993.

_____. *Pássaro vim-vim: poesias da terra*. Cáceres-MT: Editora da , 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. Martins Fontes, São Paulo, 1999.

PAZ, Octavio. *Signo em Rotação*. Editora Perspectiva: São Paulo, 1972.

_____. *O arco e a lira*. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

8. Reminiscências de uma cidade pantaneira

Maria de Lourdes Fanaia Castrillon³²

RESUMO: Este texto contempla as reminiscências da cidade de Cáceres através de algumas produções literárias do protagonista cacerense Natalino Ferreira Mendes, articuladas com os documentos do poder público da cidade (APMC) e a historiografia da Câmara Municipal. Natalino Ferreira Mendes reúne diversos aspectos sobre a cidade, ressalta as instituições, a política e a educação; aponta as festividades cívicas e religiosas, os aspectos culturais, além de elencar alguns fatos históricos do local e da História do Brasil. Essas questões são abarcadas nas diversas temporalidades por meio de fontes documentais elaboradas pela administração Municipal. Para tanto, neste texto, as reminiscências da cidade estão contidas nas obras: Memória cacerense e História de Cáceres, Evolução e Forças Armadas, suportes para compreensão da História local e de Mato Grosso.

Palavras-chave: Cidade; Cáceres; Natalino Ferreira Mendes.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
1 de maio de 2024	5 de setembro de 2024

REMINISCENCES OF A SWAMP CITY

ABSTRACT: This text contemplates the reminiscences of the city of Cáceres through some literary productions of the protagonist from Cáceres Natalino by F. Mendes, articulated with the documents of the city's public authorities (APMC) and the historiography of the City Council. Natalino F. Mende brings together various aspects about the city, highlights the institutions, politics, education, civic and religious festivities, cultural aspects, in addition to listing some historical facts about the place and the History of Brazil. These issues are covered in different temporalities through documentary sources prepared by the Municipal administration. For this purpose in this text, the reminiscences of the city are contained in the works: Memória cacerense and História de Cáceres, Evolution and armed forces, supports for understanding the local history and of Mato Grosso.

Keywords: City; Cáceres; Natalino.

32 Doutora em Estudos da Cultura Contemporânea (ECCO-UFMT), professora da Universidade de Cuiabá (Unic). E-mail: mary_lourdes1996@hotmail.com.

Introdução

A memória de um povo
Não é apenas lembranças de fatos,
Mas um manancial de ensinamentos
Que ali alimenta o presente.
Mendes (1995)

O Escritor cacerense Natalino Ferreira Mendes nasceu nas primeiras décadas do século XX, em 3 de janeiro de 1924, em São Luiz de Cáceres-MT. Filho de Anatólia Trindade Mendes e de Bertholdo Ferreira Mendes, faleceu em 2011 aos oitenta e sete anos deixando muitos legados na cidade natal. Durante sua trajetória de vida exerceu várias funções: professor, funcionário público Municipal, Diretor de escola, Secretário da Administração Municipal de Cáceres de Desenvolvimento Social por mais de vinte anos.

Diretor e professor do Instituto “Onze de Março”, estabelecimento particular de ensino primário que ajudou a criar (1944 a 1948), transformado em escola pública com o nome de Colégio Estadual “Onze de Março”, atuando como professor de Português de 1948 a 1980. Desse Colégio foi Diretor por dois períodos: de 1948 a 1956 e de 1961 a 1966, além de trabalhar, também, como professor da Escola Normal do Colégio Imaculada Conceição, das Irmãs Azuis de França. No final dos anos 1970 fez o Ensino Médio na Escola Técnica de Comércio Raimundo Cândido dos Reis, anexa à Escola União e Força (Mendes, 2021).

Além disso foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT), empossado em 1977 e da Academia Mato-Grossense de Letras (AML), fundou o Instituto Histórico de Cáceres (IHGC) em 2002. Como todos sabem, Natalino F. Mendes era poeta, memorialista, cronista e historiador. Seu estilo de escrita envolve vários gêneros: poesias, crônicas, fatos históricos e o cotidiano cacerense, além dos discursos oficiais disponíveis no site Natalino Ferreira Mendes³³. O personagem cacerense passou ho-

³³ Disponível em: <<https://natalinoferreiramendes.com.br/o-mestre/biografia>>. Acesso em: 14 jul. 2024.

ras em sua rica biblioteca anotando, transcrevendo, datilografando fontes, ou seja, cuidando da memória cacerense. De modo muito versátil sua escrita reúne um amontado de produções literárias, fictícias ou não, envolvem casos do cotidiano, fatos históricos, lendas e poemas que expressam um determinado acontecimento nos diversos aspectos: econômico, político, social e cultural da cidade.

Desse modo, Natalino F. Mendes produziu uma escrita focado sempre no mesmo espaço: a cidade de Cáceres, perpassando por várias temporalidades, apontando diversos assuntos sobre a cidade, ruas e praças, o rio e a poluição, a natureza paisagística, dados populacionais, localização geográfica entre outros. O autor enfatiza vários personagens da localidade, do Estado mato-grossense e da história do Brasil, de outros municípios e envolve diversas categorias sociais, do homem rural ao governante, através de documentos, especialmente os que foram produzidos pelo poder público, em especial a Câmara Municipal de Cáceres. Zattar (2022, p. 20) considera que uma das preocupações do memorialista Natalino Ferreira Mendes são os temas históricos e sociais da cidade de Cáceres que têm como protagonista o homem em suas múltiplas faces, a partir de sua fundação. A cidade foi movimentada não só pelo homem governante, fosse capitão general, vereador de vários períodos, prefeitos, heróis e mitos, mas também inclui moradores de diferentes segmentos sociais entre outros:

[..] o guató, o trabalhador rural, o agregado, o vaqueiro, o canoeiro, o boia-deiro, o tropeiro, o peão, o carreiro, o pescador, e, continuando o espírito aventureiro dos ancestrais, fez-se, também, o garimpeiro, o seringueiro, o caçador de animais silvestres, e, sobretudo, o poaieiro, que sustentou rendoso comércio no Município (Mendes, 2021, p. 63).

Portanto, pode-se dizer que o cacerense teve a intenção de abarcar as reminiscências citadina pelos vários gêneros literários em diversos momentos históricos, reunindo assuntos sobre a economia, política, cultura e o aspecto social. Os assuntos contemplam eventos, memórias, sentimentos e, como já mencionado, os diversos moradores de diferentes categorias sociais. Na época em que Natalino produziu suas obras, observa-se que não teve a pretensão de seguir uma linha teórica metodológica. Isento de regra ou de um estilo literário, produziu uma escrita flexível, sem fronteiras entre as

áreas do conhecimento. Distante das formalidades, sua produção aproxima-se de um hibridismo. Ao falar dos lugares Natalino enfatiza a geografia, a história, as comemorações, as instituições, a economia, a cultura da cidade, as festas cívicas e religiosas, o cotidiano dos moradores, ao mesmo tempo em que demonstra sensibilidades e o sentimento de pertencimento. Canclini (2019), ao estudar as culturas na América Latina, considera que não há uma cultura homogênea numa sociedade e defende o processo do hibridismo cultural, quando duas ou mais culturas se dialogam permeadas por conflitos e negociações. A hibridação pode ser encontrada em outros campos: na política, economia, e até mesmo na literatura.

A América Latina, por exemplo, propõe-se como lugar de produção de conhecimento híbrido por natureza, pois os gêneros literários têm alcançado aqui uma funcionalidade inovadora nos processos cultura (D'Angelo, 2009, p. 2). Nas diversas obras de Natalino Ferreira Mendes encontram-se crônicas, poemas, contos, lendas, fatos históricos e o cotidiano da cidade, são gêneros literários reunidos numa mesma obra características da hibridação. Como já foi dito, sua escrita não se resume a um só gênero. De maneira versátil o autor reconstrói o espaço citadino pantaneiro numa fronteira que, para além da geográfica, envolve descendentes da cultura indígena, afro-brasileira, portuguesa, italiana, espanhola, boliviana, síria e libanesa, entre outros, portanto uma diversidade de culturas. Dessa forma, o uso das abordagens literárias histórica, ficcional, realista e/ou poéticas enriquece suas produções, porque, além de recontar o cotidiano recriando a realidade, oferece mais condições ao leitor para se impor perante o mundo em que vive. (Rigo; Rodrigues e Fortaleza, 2019, p. 4).

O autor apresenta a cidade articulando-a com o passado não só pelos registros documentais, mas pelas experiências vividas, mostrando vários lugares que constituem memórias significativas, qual seja a temporalidade. Esses lugares da cidade são constantemente utilizados pelas pessoas, que convivem em um cotidiano urbano, buscando dar sentido as suas existências. (Leite, 2018, p. 63).

As fundamentações das diversas edições publicadas sob autoria de Natalino F. Mendes estão amparadas nas variadas fontes documentais criadas pelo poder público do município de Cáceres. É possível dizer que foi um dos primeiros a abordar as diversas fontes históricas produzidas pelo poder público local, e que compreendem os séculos XVIII até meados do século XX,

Figura 1: Ferramenta de trabalho de Natalino Ferreira Mendes



“A máquina de onde
brotaram as histórias
e as poesias da cidade.
Utilizou-a até o fim da
vida e ainda hoje é parte
do seu acervo pessoal.”

Fonte: acervo do site de Natalino Ferreira Mendes

localizadas no Arquivo Público Municipal de Cáceres (APMC). Natalino F Mendes foi um estudioso visionário que dedicou parte de sua vida produzindo memórias sobre a cidade e seus moradores, possuía um rico acervo bibliotecário, jornais, revistas entre outros que constitui atualmente o acervo do Instituto Histórico Geográfico de Cáceres (IHGC). O escritor Natalino, já pesquisava a farta e rica documentação existente no arquivo Público Municipal de Cáceres (APMC), antes de surgir a Universidade Estadual de Cáceres, que atualmente oferta à comunidade acadêmica diferentes modalidades de cursos incluindo os Programas de Pós-graduações (*Lato Senso e Strito Senso*).

Vale lembrar que, na época em que Natalino Ferreira Mendes começou a publicar seus livros na década de 1970, o ensino da História, era baseado nos fatos cronológicos, numa história linear distante das problematizações, não havia ocorrido a revolução historiográfica. Essa forma de registro e interpretação histórica só se alterou com o surgimento da História nova no final da década de 1980, que proporcionou novos objetos, novas abordagens e novo repensar sobre a história, portanto novas problemáticas. Para tanto a Lei de 9934/96 proporcionou a quebra de paradigmas no ensino de história com os temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS).

Consequentemente, surgiram as mudanças curriculares considerando especialmente as manifestações culturais de diferentes etnias indígenas e africanas. Reafirma-se que o momento em que o autor produziu suas pesquisas não envolvia as propostas educacionais e historiográficas mencionadas, portanto, é preciso entender o momento em que foram produzidas as obras, como também a formação escolar do escritor cacerense que provavelmente tenha sido na década de 1940.

Outro ponto importante a observar é a época em que o autor pesquisou, não havia recursos financeiros e maiores facilidades como atualmente. Hoje, as universidades possuem incentivos para a produção de pesquisa e órgãos de fomento, como é o caso da Fapemat, assim como as Secretarias de Educação do Estado e do Município disponibilizam recursos financeiros pela Lei de incentivo à cultura. Atualmente, com o acesso à tecnologia, sabemos que são instantâneas a circulação de informações e das publicações literárias devido as redes sociais e os *eboccks*, meios acessíveis para que as mensagens comunicacionais atinjam o cotidiano dos consumidores. Nas décadas de 1970, 1980 e 1990 não existia essa possibilidade. Não havia informações à disposição para se encontrar uma referência bibliográfica. No entanto, isso não significa que o autor seja o inventor da roda e que a sua produção literária deve ser considerada como se estivesse em estado de graça, mas é preciso reconhecer o momento em que escreveu, o lugar social que ocupou. De modo geral as produções contribuem com os aprendizados na educação básica e especialmente com os estudos da História local, talvez seja um suporte pedagógico capaz de contemplar a proposta da Base Nacional do Currículo Comum (BNCC).

Ao ler as obras de Natalino Ferreira Mendes num determinado momento da vida acadêmica senti a curiosidade de conhecer a documentação utilizada pelo autor, que se encontram no Arquivo Público Municipal de Cáceres (APMC). Na ocasião me deparei com as fontes do século XIX e primeiras décadas do século XX da Câmara Municipal de Cáceres e a partir da consulta das documentações, leituras, transcrições e fichamentos surgiram vários questionamentos e desse modo desenvolvi a pesquisa no curso de Mestrado em História da UFMT: “O governo local na Fronteira Oeste do Brasil: A Câmara Municipal de Cáceres no século XIX”. Um dos objetivos da pesquisa foi mostrar como os vereadores pensavam a cidade naquele momento e o principal fundamento da abordagem são as fontes do arquivo Muni-

pal. Mas o que as fontes registram? Quem são os protagonistas mencionados nas fontes? Abaixo consta uma breve abordagem sobre a documentação que transcrevi aproximadamente 500 atas, além de outros que complementam dados da referida fonte.

Breves apontamentos sobre o Guardião da Memória Cacerense.

O Arquivo público Municipal de Cáceres (APMC), é um órgão da Prefeitura Municipal criado pela Lei nº 695 de 9 de maio de 1978, onde estão reunidas a documentação da Câmara e da prefeitura.

Ressalta-se que os primeiros registros da memória da Câmara Municipal de Cáceres surgiram em 1859, com a instituição camarária. Os registros da Câmara Municipal de Vila Maria do Paraguai foram confiados ao escrivão, que acompanhava registrando passo a passo os assuntos discutidos nas sessões ordinárias e extraordinárias da Câmara. O arquivo no século XIX, ficava em uma das salas da própria instituição camarária e no artigo 49 da Lei de 1828 consta o seguinte:

Art. 49. Igualmente mandarão fazer os cofres e armários precisos não os havendo, para a guarda dos documentos das eleições, escrituras, e mais papéis que formam o arquivo da Câmara, e onde se tenham os livros de vereações, tombos, e quaisquer outros: os quais todos devem ser numerados e rubricados pelo presidente gratuitamente, com seus termos de abertura, e encerramento.

Na época, a maior importância do cargo do escrivão era a habilidade da escrita, uma característica não apenas do escrivão da Câmara de Vila Maria do Paraguai, mas de todos os municípios do Brasil. Outra função do escrivão era zelar pelas correspondências da Administração Municipal, uma prática comum aos escrivães de outras Câmaras no período império português.

Em Vila Maria do Paraguai, as deliberações mais frequentes instituídas pela Câmara correspondiam à manutenção da tranquilidade dos municípios, da segurança, da ordem pública, da saúde e da comodidade dos habitantes, a construção dos edifícios públicos e privados, a abertura de

esgotos e limpeza de ruas, iluminação, regulação das tabelas de preços dos gêneros alimentícios, autorização da abertura de lojas e vendas e podiam ainda editar as arrematações dos contratos. Em suma, todas as deliberações do governo municipal estavam relacionadas à urbanidade (Castrillon, 2006, p. 44).

Nesses registros são abordados todos os assuntos sobre a cidade de Cáceres, e muitos deles utilizados por Natalino F. Mendes. De modo geral, é possível perceber na documentação como Cáceres foi descrita sob a ótica dos vereadores.

O orçamento do Município do século XIX compõe o *corpus* documental do arquivo contendo as receitas e despesas, e dessa documentação pude averiguar as atividades comerciais, seus proprietários, o consumo dos gêneros alimentícios pela população e o perfil socioeconômico dos vereadores e as relações de poder. Através da documentação foi possível estudar e compreender todas as deliberações da administração pública as quais podiam interferir no cotidiano dos moradores tais como: as deliberações do funcionamento da economia, o traçado urbano e sua expansão, as formas de arrecadações, as receitas e despesas entre outros.

Cabia à Câmara Municipal cuidar, administrar e legalizar a regras políticas, econômicas e culturais que interferiam no modo de viver dos moradores e, nesse sentido, “policia” a vila Maria do Paraguai. No século XVIII, no Brasil pelas Ordenações Filipinas as câmaras municipais tinham funções administrativas, judiciais, fazendárias e de polícia. Já no século XIX, elas compreendiam só o poder executivo e o legislativo, legitimadas pela Constituição de 1824 e pela Lei de 1828. Essa última Lei autorizava o processo eleitoral, estabelecia a arrecadação das rendas, funcionamento da Câmara e suas funções.

Os primeiros registros da administração pública municipal de Cáceres, são os livros atas, datados dos anos de 1860 a 1880. No Arquivo Municipal de Cáceres, constam livros atas do século XIX que compreendem os anos de 1860 a 1889 e as do século XX compreendem os anos de 1890 a 1940. Esses documentos referentes ao século XIX estão constituídos em livros, organizados em caixas; os livros registros são legíveis em sua maioria, porém são documentos que estão sem tratamento de arranjo e catalogação e sem um ambiente com bom acondicionamento.

As atas do século XIX compreendem um total de quarenta e três livros, reunidos em sete caixas e, já os documentos avulsos encontram-se em apenas uma caixa, com algumas folhas ressecadas e rasgadas. Os documentos avulsos compõem-se de uma diversidade de peças documentais, como: recibos de pagamentos referentes à limpeza pública fornecidos às pessoas que não tinham “agência”; recibo de compra de velas para iluminação da cadeia; recibos pagos ao fiscal da Câmara, ao porteiro e ao secretário. Os livros contêm o termo de abertura e o de encerramento, assinados pelo presidente da Câmara e pelo escrivão. Todas as páginas são numeradas e rubricadas.

Nesses livros estão registradas as correspondências recebidas e expedidas e aquelas que circulavam na localidade. As correspondências recebidas, geralmente eram aquelas que os vereadores recebiam do Presidente de Província e as expedidas eram aquelas enviadas pelos vereadores aos presidentes de Província e ao imperador. Por sua vez, as correspondências internas eram aquelas que circulavam entre a Câmara e autoridades locais como: Comandante da Guarda Nacional, comandante do distrito militar, delegado de polícia, juiz de paz e juiz de direito. Assim, mediante uma leitura atenta é possível perceber as classificações das atas se recebidas, expedidas ou de circulação interna.

Geralmente o termo de abertura dos livros atas, era da seguinte forma:

Há de servir este livro para registro de toda a correspondência feita pela Câmara Municipal desta Vila, suas folhas são todas por mim numeradas, rubricadas com o apelido que eu Jorge assino levando no fim termo de encerramentos: Vila Maria [...].

As atas da Câmara Municipal de Vila Maria demonstram a hegemonia do poder público cargos ocupados pelos vereadores que formaram a elite local na época, além de disso ocuparam vários cargos nas demais instituições (delegado polícia, juiz municipal, comandantes da Guarda Nacional, militares, proprietários de terras e de lanchas entre outros). Era um grupo que detinha posição de poder mais que outras pessoas da vila, além da posição social, fosse pelo cargo que ocupava ou pela questão socioeconômica. Os registros das Atas revelam múltiplas ações administrativas, vários aspectos relacionados à vida orçamentária da Câmara, o processo urbanístico, o processo eleitoral e o papel dos segmentos sociais no espaço urbano. Por outro

lado, as informações registradas por esse oficial da Câmara também devem ser consideradas, conforme o período do século XIX, as quais podem ter sido filtradas compreendidas e registradas de acordo com seu entendimento e contexto da época.

Outro documento criado no século XIX foi o Código de Posturas, um dispositivo elaborado pelos vereadores no qual constam as prescrições que regulavam o cotidiano da vila e a forma como se dava a arrecadação de tributos. Isso significa que os vereadores não governavam sem essa ferramenta. Importante ressaltar que o governo provincial interferia tanto na elaboração das prescrições das posturas, como nos impostos a serem cobrados pelo município, aspecto que trataremos mais adiante (Castrillon, 2006, p. 44). Encontram-se no arquivo dois Códigos de Posturas para Vila Maria, o de 1860 e o de 1888.

O Código de Posturas de 1860 é composto de menos artigos que o de 1888, a diferença é que esse último contém normativas do cemitério São João Batista. Os itens contidos no Código de 1860 referem-se à saúde pública, venda dos gêneros alimentícios, concessão e alinhamentos das ruas, limpeza pública, ornamento das ruas, obras públicas, medidas preventivas, estradas, conservação das matas e artigos regimentares. Compreendem conjunto normativo sobre o ordenamento urbano ao mesmo tempo segregando espaços para determinado segmento social os escravizados.

Vale lembrar que são escassos os estudos referentes à administração municipal no período imperial. Na historiografia local e de Mato Grosso é uma documentação rica e farta que envolve muitos questionamentos ainda a estudar. O arquivo possui também registros de intendentess municipais até a década de 1940, bem como variados jornais de diferentes épocas a partir do século XIX incluindo o século XX. Entre as fontes encontram-se, jornais, uma rica e farta documentação do processo eleitoral do século XIX e das primeiras décadas do século XX, decretos e legislações diversas. Além disso, consta também documentos variados da prefeitura municipal, como exemplo contratos e distratos de trabalho, documentos da Secretaria da Saúde do município em estudo, entre outros.

Reminiscências da cidade

Na obra “Memória Cacerense” o autor de Natalino F. Mendes apresenta um cenário urbano e rural em diversos períodos elegendo vários lugares como a própria fundação da cidade, o Rio Paraguai, a organização da cidade no século XIX, e algumas instituições, como escolas, comemorações cívicas e sociais, a cadeia pública, o Etrúria, a Câmara Municipal, entre outras.

Segundo Natalino F. Mendes, após a criação da capitania de Mato Grosso (1748), Luís de Albuquerque de Melo P. e Cáceres, para consolidar as conquistas da soberania portuguesas, lança o olhar sobre o majestoso Rio Paraguai, e diz que do Jauru até o Guaporé e o lugar escolhido não poderia ser o melhor:

[...]aquele ponto do mapa em que Cuiabá e Vila Bela cruza com o rio Paraguai, francamente navegável nas proximidades da linha da fronteira com os espanhóis. A povoação é fundada sob nome de Vila Maria do Paraguai em obséquio ao real nome de sua majestade a rainha de Portugal, D. Maria I. (Mendes, 1998, p. 30).

Cáceres surgiu em 6 de outubro de 1778 como parte da política da Coroa Metropolitana portuguesa de defesa da fronteira oeste contra a invasão dos espanhóis (Peraro, 2001, p. 27). Importante lembrar que embora a povoação tivesse sido fundada e designada na ata de fundação com a categoria de “vila”, fora apenas uma questão nominal. Dois anos depois da fundação 1778 era apenas uma “freguesia”, categoria adquirida em 1780 que perdurou até 1859 (Castrillon, 2006).

Segundo Caio Prado Júnior (1957, p. 304), freguesia era uma circunscrição eclesiástica que formava a paróquia, sede de uma igreja paroquial e que servia também para a administração civil. A passagem de uma povoação à freguesia dependia do reconhecimento da igreja e seus adros pela metrópole e, além disso, o nome de um santo, geralmente o do padroeiro frequentemente dava nome ao lugar. A referida localidade quando elevada à categoria de freguesia no ano de 1780, foi denominada de: “São Luiz de Vila Maria do Paraguai.

No entanto para um local adquirir o status de vila, um dos critérios segundo Murilo Marx (1991) dependia de um ajuntamento esparso de casas

em torno de um templo, um certo aumento populacional (maior que o da freguesia), bem como o aumento da riqueza material. O reconhecimento da casa da Câmara estava associado com o aumento demográfico que permitia arrecadação de impostos e garantia o processo eleitoral. Sobre essa passagem de freguesia à vila, depois à cidade, Mendes revela em sua obra:

[...] a freguesia conseguiu emancipação em 1859 quando foi criado o município e quinze anos mais tarde a elevação municipal á cidade em 1874 com o nome de São Luís de Cáceres em homenagem ao padroeiro e ao fundador lusitano Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres (Mendes, 1988, p. 60).

Com a instalação da Câmara Municipal em 1859, pelo Decreto provincial de nº 1, uma nova etapa surgia em Cáceres, antes considerada freguesia passando a ser vila, já que adquiriu a emancipação política, denominada de Vila Maria do Paraguai, passou a ser a ser conduzida pelos vereadores. Ressalta-se que Vila era sinônimo de Câmara Municipal, e no século XIX, a instituição fazia parte da estrutura política do governo imperial, era um órgão administrativo que conjugava com as decisões da Coroa imperial cujos estatutos foram legitimados pela Lei de 1828, hoje denominada de Lei Orgânica. A Câmara localizava-se onde atualmente é a escola Raimundo Candido dos Reis. Na parte de baixo estava a cadeia velha (transferida em 1938 para a Rua 13 de Junho). Em cima a Casa da Câmara. Porém como já foi dito, era na casa da Câmara que ficava o arquivo da administração Municipal.

Pelas leituras das atas da Câmara são constantes as reclamações feitas pelos vereadores ao Presidente de Província sobre a insuficiência da arrecadação municipal, responsável pelo entrave para que ‘os bons desejos’ fossem realizados, aquelas voltadas para as obras públicas de Vila Maria. Na época o governo central era macrocefálico, tinha cabeça grande, mas braços curtos, não alcançando as municipalidades e mal atingia as províncias (Carvalho, 1996, p. 384). Vila Maria do Paraguai como fazia parte da configuração do sistema político brasileiro, da Corte Imperial acabava recebendo influências fosse por meio da existência dos partidos políticos Liberais e Conservadores, que se constituíram a partir das regências; das arrecadações de impostos pois muitos não ficavam nos cofres da localidade, eram destinados aos cofres do governo provincial, e da Corte imperial além de outras questões.

Vila Maria se torna cidade em 1874 pela Lei provincial de nº 03, documento transcrito por Mendes (1988) que, ao se referir à cidade de Cáceres no século XIX, se apoia no Código de Posturas, documento que regulou o espaço citadino e destacou a preocupação com o Rio Paraguai, assunto contido no referido documento, ou seja, a principal ferramenta da governança dos vereadores. Além disso, Mendes faz referência sobre o Porto Mário Correa inaugurado em 1928, atribui adjetivo à cidade como *Princesinha do Rio Paraguai* e relembra a navegação fluvial, assunto esse que também consta na documentação da administração pública Municipal de Cáceres, incluindo a guerra do Paraguai. Esses acontecimentos, a navegação fluvial e a Guerra do Paraguai, são também assuntos abordados na pesquisa que desenvolvi, como consta abaixo.

A Guerra do Paraguai e a navegação fluvial

O Tratado de Amizade, Comércio e Navegação foi estabelecido em (1856), mas a questão dos limites e do domínio da margem direita do Rio Apa resultou em dissensões entre o Brasil e o Paraguai, culminando no conflito de 1864, quando as tropas paraguaias invadiram Mato Grosso (Reynaldo, 2004, p. 60). Durante A Guerra do Paraguai, Cuiabá e Vila Maria do Paraguai tiveram que se adaptar a uma nova realidade: o sul da província de Mato Grosso estava em poder dos paraguaios e a navegação do Prata bloqueada, o que provocou reflexos na província de Mato Grosso, sob vários aspectos.

Segundo Garcia (2005, p 34), quando a Guerra do Paraguai se iniciou:

“[...] a partir da ocupação da região sul de Mato Grosso por forças paraguaias ficou evidente o contraste entre as preocupações e iniciativas com a questão da defesa frente aos vizinhos platinos e bolivianos e o despreparo pela insuficiência das forças encarregadas de efetivar essa defesa na fronteira oeste.”

É preciso considerar que mesmo antes de ocorrer o conflito com o Paraguai, a fronteira boliviana, divisa com Cáceres, já era visada pelas autoridades da província de Mato Grosso com desconfiança por estar muito próxima de Vila Maria (Castrillon, 2006). Havia o medo dos paraguaios, bolivianos

e/ou desertores, considerados pelas autoridades como inimigos perigosos e conhecedores dos terrenos e das possibilidades de defesa da população, que tinham destino certo e procuravam os quilombos existentes na província (Volpato, 1993, p. 77). Para Volpato (1993), o medo do ataque por parte da Bolívia só foi controlado após a assinatura do Tratado de Comércio e Navegação em 1867, entre o Brasil e aquela República.

A fronteira boliviana fora ressaltada com veemência pelas autoridades políticas do governo provincial, sendo possível verificar nos relatórios dos presidentes de província, nos relatórios dos chefes de polícia na década de 1870, e em especial nas atas da Câmara Municipal de Vila Maria. Durante a Guerra do Paraguai, a referida fronteira foi alvo de atenção das autoridades do governo provincial e local de maneira mais intensa, pois os rumores difundidos na província de Mato Grosso, provocavam os micros rumores, numa revelação de que os variados medos não se tratavam apenas das epidemias. A fronteira não se resume apenas na delimitação geográfica entre um território e outro, entre Brasil (Cáceres) e Bolívia, mas sim, como espaço de construções linguísticas, culturais, econômicas e, também, políticas. A fronteira nessa perspectiva é caracterizada pela diversidade cultural, lugar simbólico (Silva, 2016, p. 50).

De modo geral a fronteira Boliviana foi enfatizada como um espaço da marginalidade, da criminalidade e como espaço que possibilitava fugas dos desertores e escravizados. Era, segundo Castrillon (2006), o lugar do perigo, da instabilidade, de desencontros e de movimentos diversos, pois havia notícias de quilombos no território da Bolívia. Os rumores diziam respeito à epidemia da varíola que na época gerou consequências negativas para a província de Mato Grosso. Os discursos sobre a “segurança pública” eram veementes, pois na época o termo segurança pública tinha um sentido mais amplo, pois também significava medidas preventivas contra as epidemias.

[..] quando uma população inteira espera o aparecimento de um inimigo, é bem raro que a presença deste não seja anunciada num dia para o outro um rumor quando é lançado, manifesta-se de tudo, produz metástases em múltiplas direções, passando do estatuto de “diz-se” ao de certeza (Lefebvre, 1979, p 59).

O fim do conflito trouxe em questão os limites com o Paraguai e possibilitou a abertura do Rio Paraguai à livre navegação para embarcações, favoreceu a exportação dos recursos naturais e importação de produtos manufaturados, beneficiando o comércio mato-grossense (Reynaldo, 2004, p. 82).

Para Mendes (1998, p. 61), a navegação fluvial firma-se com Corumbá, sul do Estado, com variantes para Cuiabá a nordeste e Barra do Bugres ao norte, o que dinamizou a região ribeirinha, sítios, fazendas e estabelecimentos de produtos da agropecuária e as atividades extrativas.

De modo geral, Mendes afirma que o comércio fluvial proporcionou uma fase de prosperidades pelas relações comerciais com outros Estados e com o exterior. O Presidente de Província Augusto Leverger (1869) dizia: há mais de um século, os limites ocidentais das freguesias de Albuquerque, Corumbá, Poconé, Vila Maria e Mato Grosso que são também limites do império com a república da Bolívia [...] foram definitivamente fixados pelo supramencionado Tratado de 1867. Vila Maria, a 60 quilômetros da República Boliviana, constituída por um destacamento militar desde 1868, quando os bolivianos se retiraram do lugar razão pela qual o presidente de província mencionou em seu relatório as “povoações do lado brasileiro.” Na Ata da Câmara Municipal de São Luís de Cáceres de (1875) consta:

[...] o Rio Paraguai atravessa o Mato Grosso constitui a Bacia do Alto Paraguai, separa-o da República da Bolívia; penetra na República do Paraguai e limita-se com a República Argentina, indo desaguar no Rio Paraná, aproximadamente a 40 quilômetros ao norte da cidade de corrientes. Considerando um rio de baixada, passa por Cáceres e estendesse dessa maneira, até a sua foz, permitindo assim, acesso a embarcações.

A partir da navegação fluvial, Vila Maria foi inserida numa rede de comunicações que a interligava a várias áreas do império e a outras nações. Surgiram estabelecimentos comerciais de maior porte, diferentes do comércio existente antes da navegação. Nesse comércio participavam Inglaterra, França, Alemanha, Bélgica e as importações vinham de Montevideú, Inglaterra, Alemanha, Itália e Portugal (Ayala & Simon, 1914).

Ao abordar a navegação fluvial pelo Rio Paraguai e a utilidade do comércio pela atividade industrial, os laços familiares e o intercâmbio social, Mendes (1998) destacou as lanchas, para tanto, descreve o desfile fluvial das

embarcações, citando nomes das mesmas, como a Itajaí de Gattas, Cabichi de Cassar, Santa'na de Leopoldo Chame e o Etrúria, pois, segundo Mendes (1998), Albuquerque já previa que Cáceres seria um Porto aberto para o mundo. O português Francisco dos Santos Fanaia (*in memoriam* em 1952, meu avô) era comandante de navio, proprietário da lancha Linda Aidê, que fazia o trajeto com passageiros de Cáceres para Corumbá, na época era o principal meio de transporte.

Na obra *Anhumas do Pantanal*, Mendes (1993, p. 53) apresenta o poema sobre o vapor Etrúria, elucidando o passado da época da navegação, com o movimento do Porto e do Rio e desse modo manifesta a ausência da embarcação registrada no final da estrofe do poema que diz o seguinte: Etrúria!... O Paraguai está vazio... Fecharam-te o cais... Mas tu, navio, continuas vivendo na saudade (Mendes, 1993, p. 59).

A navegação fluvial ou o comércio fluvial perdurou aproximadamente até os anos de 1950, pois com o crescimento do Estado de Mato Grosso novos municípios foram incorporados. Para tanto surgiram a construção de rodovias, pontes e estradas de ferro, novos meios de transporte, favorecendo o escoamento da produção econômica, assuntos que não escaparam aos estudos de Mendes. O Etrúria é um poema descrito por Mendes que demonstra o movimento da navegação fluvial revela a ausência das embarcações que movimentaram as águas do referido Rio.

Mas é preciso lembrar outras utilidades do Rio que não se resumem a navegação fluvial.

O rio é referência para a cidade, no início do século XX, além de abastecê-la de água potável, é um espaço de sociabilidade intensamente utilizado, principalmente aos finais de semana, para pescaria, passeios de barco, banhos de rio, práticas esportivas aquáticas, antes de canalizar o abastecimento de água da cidade, fora espaço onde as “lavadeiras” ganhavam seus sustentos (Leite, 2018, p. 112).

Ao abordar o contexto do Rio Paraguai, Mendes aponta o Festival da Pesca, as lavadeiras e, diante do cenário citadino, a economia também é destaque na obra “História de Cáceres, origem evolução e presença das Forças Armadas”. Várias propriedades rurais são citadas como exemplo de economia, entre elas a fazenda Jacobina, a Descalvados, os estabelecimentos da

Ressaca, o paiol, Flechas, os sítios Taquaral, Formigas, Cachoeirinha, entre outros. Segundo Mendes (2010, p. 13), a economia cacerense baseava-se na agropecuária, nas atividades industriais e extrativistas e no comércio, cujo escoamento se deu pelo Rio Paraguai atingindo outras regiões do Brasil e o comércio de exportação. Sobre a propriedade Descalvados Mendes transcreveu a publicação do jornal do Brasil de 09-04-1891:

[...] Uma parte do Estado ocupada com o mais importante estabelecimento...

Descalvado propriedade do grande industrial Sr. Jaime Cibilis Buxaréu cuja atividade incansável e inteligente labor, ali criou um estabelecimento maravilhoso, onde trabalham máquinas possantes e moderníssimas e onde se exerce sua direção produzindo fecundíssimos resultados de onde tira a mais farta remuneração. Por muitas vezes o distinto registrou já o seu nome entre os beneméritos dos certames internacionais recebendo prêmios conferidos prêmios à superioridade dos produtos e à inteligência do trabalho (Mendes, p 12).

Outro exemplo de produção econômica da cidade, a partir da década de 1870, é a Fazenda Descalvados que tinha o saladeiro, um tanque com água e sal, para a produção do charque destinado ao mercado externo e interno, assim como o extrato de carne, além dos produtos derivados da criação do gado como o couro e a carne de gado.

A reabertura da navegação fluvial integrou Vila Maria aos centros mais importantes do país e da Europa. As exportações dos produtos retirados das propriedades rurais da localidade e os produtos importados oriundos da Europa ou de outras províncias brasileiras que segundo Castrillon (2006) chegavam ao porto do Rio Paraguai, provocaram o consumo bem como alteravam, em parte, o modo de viver de alguns moradores dessa vila pela circulação de notícias e ideias que ali chegavam.

Considerações finais

Cáceres surgiu no período colonial enquanto um pequeno povoado na fronteira Oeste do Brasil, tornou-se freguesia, depois Vila e cidade de São Luís de Cáceres, localizada na margem esquerda do Rio Paraguai, teve um dos mais importantes portos de Mato Grosso aproximadamente cinquenta anos relevantes para o comércio de exportação e importação pela navegação fluvial. O que se observa diante das produções do autor Natalino Ferreira Mendes são os diversos temas sobre o local que ajudam no aprendizado escolar somando-se a outras pesquisas existentes. Por outro lado, observa-se que há uma quantidade de assuntos ainda a serem pesquisados sobre Cáceres, e as pistas são indicadas nas obras de Mendes, disponíveis no site da biblioteca virtual ou física localizada na biblioteca Municipal de Cáceres, além do rico acervo do APMC. Pode-se dizer que pela abundância de temas e das fontes existentes é complexo fazer um fechamento sobre as reminiscências da cidade de Cáceres apontadas no texto, assim como também é complexo enumerá-las nas obras de Mendes.

Referências

AYALA & SIMON. *Album Graphico do Estado de Matto-Grosso*. Corumbá: Hamburgo Editores, 1914.

D'ANGELO Biagio. História híbrida da literatura uma questão de gênero. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.14, 2009. Acesso 19-06-2024.

CARVALHO, Murilo José. *A Construção da Ordem*. Teatro das Sombras. Rio de Janeiro: UFRJ-Dumará, 1996.

CASTRILLON, Maria de Lourdes Fanaia. *O governo local na fronteira Oeste do Brasil: A Câmara Municipal de Vila Maria do Paraguai no século XIX*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. MT. 2006.

GARCIA, Domingos S. da Cunha. *Uma Província na Fronteira do império (1850-1889)*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp. 2003.

_____. *Territórios e Negócios na Era dos Impérios*. Os Belgas na Fronteira Oeste do Brasil. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005.

LEFEBVRE, George. *O grande medo de 1789: Os camponeses e a revolução francesa*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

LEITE, Solange M. de Sã. *A Cidade de Cáceres/MT e o seu Patrimônio Cultural: Produção de um guia didático-histórico*. Dissertação ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – Prof História da Unemat. 2019.

MARX, Murilo. *A Cidade no Brasil: Terra de Quem?* São Paulo: Edusp Nobel. 1991.

MENDES, Natalino Ferreira. *História da administração Municipal*. Cáceres: s/ed. 1973.

_____. *Memória Cacerense*: Carlini & Ciniato. 1998.

_____. *História de Cáceres: origem, evolução, presença da força armada*. Tomo II. Cáceres, ed , 2010.

_____. *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória*. Olga M. C. M. (Org.). Cuiabá: Carlini & Ciniato Editorial, 2021.

_____. Disponível em: <<https://natalinoferreiramendes.com.br/o-mestre/biografia>>. Acesso em: 23 mai. 2024.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1957.

RIGO, Larissa Bortoluzzi; RODRIGUES, Luciane Volpato; FORTALEZA, Keynayanna Késsia C. O hibridismo da Literatura e do Jornalismo: crônicas de Juremir Machado. *Revista Literatura em Debate*, v. 13, n. 24, p. 149 - 167, jan./jun. 2019.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. *Cativos do Sertão: Vida Cotidiana e Escravidão em Cuiabá em 1850-1888*. São Paulo: Marco Zero; Mato Grosso: UFMT, 1993.

9. Uma história em prosa e verso contada por Natalino, Cáceres

*Rosana Lia Ravache*³⁴

*Jeane Aparecida Rombi de Godoy*³⁵

RESUMO: Este artigo descreve a presença de Cáceres-MT na obra de Natalino Ferreira Mendes, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-grossense de Letras. A abordagem é qualitativa com objetivo descritivo, através de pesquisa bibliográfica. Demonstra-se a paixão de Natalino e seu orgulho de nascença na “princesinha do Paraguai”, relatada em verso e prosa nas obras do acadêmico.

Palavras-chave: Natalino Ferreira Mendes; Cáceres; Memória.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
1 de maio de 2024	5 de setembro de 2024

A STORY IN PROSE AND VERSE TOLD BY NATALINO, CÁCERES

ABSTRACT: This article describes the presence of Cáceres, Mato Grosso, in the work of Natalino Ferreira Mendes, a member of the Historical and Geographical Institute of Mato Grosso and the Mato Grosso Academy of Letters. The article uses a qualitative approach with a descriptive purpose, based on bibliographic research. It demonstrates Natalino's passion and natural pride in the “little princess of Paraguay,” recounted in verse and prose in the scholar's works.

Keywords: Natalino Ferreira Mendes; Cáceres; Memory.

Introdução

O professor Natalino Ferreira Mendes, nasceu em Cáceres-MT, em 3 de janeiro de 1924, e faleceu no dia 23 de dezembro de 2011, na mesma cidade.

34 Pós-doutora em Arquitetura e Urbanismo e doutora em Geografia Humana.

35 Pós-doutora e doutora em Arquitetura e Urbanismo.

Cacerense “até a medula”, dedicou grande parte da sua vida a enaltecer, em canto, prosa e verso, sua terra e motivar a sociedade a conhecer este pedacinho de terra que até a metade do século XX pouca gente conhecia.

Este artigo descreve a presença de Cáceres-MT na obra de Natalino Ferreira Mendes, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT) e da Academia Mato-grossense de Letras (AML).

A abordagem é qualitativa com objetivo descritivo, através de pesquisa bibliográfica.

Natalino e Cáceres: Amor de nascença

Cáceres, principal cidade do Pantanal Mato-grossense a fazer fronteira com a Bolívia, está na microrregião do Alto Pantanal e tem hoje uma população estimada em 91.626 (IBGE, 2024).

Na ata de fundação ditada por Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, em 6 de outubro de 1778, constavam os seguintes termos que podem ser assim resumidos:

Anno de nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1778, aos 6 dias do mez de outubro do dito anno, n'este districto do rio Paraguay e margem oriental d'elle, no lugar onde presentemente se dirige a estrada que se seguia à Cuyabá desde Villa Bella, sendo presente o Tenente de Dragões Antonio Pinto do rego e Carvalho, por elle foi dito que tinha passado e esse dito lugar por ordem do Ilmo. e Exm. Snr. Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, Governador e Capitão General d'esta Capitania de Mato Grosso, para com effeito fundar erigir e consolidar uma povoação civilizada onde se congregassem todo o maior número de moradores possível comprehendidos todos os casaes de índios castelhanos proximamente desertados para estes Domínios Portuguezes da Província de Chiquitos, que fazem o número de 78 indivíduos de ambos os excessos a que juntando-se todo o número das pessoas congregadas para o dito fim faz o total de 161 indivíduos de ambos os sexos, a que juntando-se todo o numero das demais pessoas congregadas para o dito fim faz o total d 161 individuos de ambos os sexos; cuja população segundo as ordens do dito, se denominará de hoje em diante, em obsequio do real nome de Sua Majestade – Villa Maria do Paraguay, - esperando-se que de semelhante

estabelecimento haja de resultar grande utilidade ao real serviço e comodidade pública; (Mendes, 2009)

Dáí, por mais alguns parágrafos, a carta de fundação de Cáceres estabelece várias normas a serem seguidas por seus habitantes, tanto para a construção de casas como para o planejamento urbano.

O poeta Natalino contou este capítulo da história de um modo muito peculiar em seu poema “**Cáceres – Princesa do Alto Paraguai**”³⁶:

Descia o rio dos Paiaguás
princesa linda das terras diamantinas
do alto Paraguai.

Vinha de longe, muito longe,
num airoso barco ornado
de Vitória-Régias...
– Seu nome ninguém sabe.

Encantada com a visão
das terras que se espraíam
desde o rio

até a Serrania Azul
do lado que o sol nasce,
à praia abicou
no ponto em que o Paraguai
graciosa curva descreve
antes de procurar o sul.

Caía a tarde merencória...

A princesa, admirada,
quedou-se a contemplar
o maravilhoso pôr-do-sol
que da margem do rio
se aprecia

Em êxtase ficou
voltada para o poente...

Alguns naturais correram

36 Mendes (1993).

e, plantando suas choças
de folhas de palmeira,
fizeram-lhe a corte.
Assim nasceu Cáceres,
a princesa do alto Paraguai.
Até hoje, pelas cercanias
da cidade, na estação chuvosa,
as Vitórias-Régias
das enseadas e baías
cobrem-se de flores,
relembrando a viagem da princesa peregrina
do alto Paraguai.

De acordo com J. C. Freitas Barros, em relato sobre as notas que encontrou nos apontamentos de Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, em 1952, Cáceres gozava de uma situação excelente, enquanto a navegação fluvial proporcionava o movimento comercial para São Paulo, paralelo ao incremento da fronteira sudoeste.

Além da fertilidade do solo, houve o descobrimento do ouro no rio Cabaçal, aumentando ainda mais a expectativa de que a vila estivesse destinada a se desenvolver rapidamente. Mas isto não aconteceu.

Os rumores de perigo rondando a fronteira e a mudança do poder político-administrativo de Vila Bela da Santíssima Trindade para Cuiabá, deixou Cáceres entre a primeira capital da província e o novo centro administrativo. As duas cidades, importantes para o novo direcionamento das políticas na província, acabaram empurrando Cáceres para o ostracismo e a entregaram à sua própria sorte.

Entretanto, a fertilidade do solo local, com abundantes recursos hídricos e a resiliência do seu povo, fizeram de Cáceres um ponto de referência na região, por meio do destaque alcançado pela Fazenda Jacobina:

Jacobina é contemporânea da fundação de Cáceres. Já em 1786 tinha roça no local, conforme registrou Ricardo Franco que por ali passou de regresso de Cuiabá a Vila-Bela, donde saíra em missão exploradora. [...] Em 1827. Segundo testemunho de Hercules Florense, Jacobina era a mais rica fazenda da Província, tanto e área como em produção. Avaliava-se

em sessenta mil o número de reses que povoavam os campos jacobinos. Diz mais o citado autor que para os trabalhos da fazenda havia duzentos escravos. As roças abrangiam canaviais, plantações de mandioca, feijão, cereais e café para abastecimento dos núcleos adjacentes. Possuía, também engenho movido a força hidráulica. (Mendes, 1973).

Para Oliveira Viana, Jacobina teria sido a célula-*mater* não só de Vila Maria do Paraguai, primeiro nome de Cáceres, mas também de todo o vale do rio Paraguai.

Paralelamente, a necessidade de defesa da fronteira sudoeste de Mato Grosso, além da comunicação pelo rio Paraguai entre Vila Bela da Santíssima Trindade e Cuiabá, amenizou os rumores de perigo na região de Cáceres e ratificaram sua importância na conexão com a capitania de São Paulo até 1748, quando foi criada a capitania de Mato Grosso.

Pelo Decreto nº 1.782, firmado em 14 de Julho de 1856, é promulgado o Tratado de Amizade, Navegação e Commercio entre o Império do Brasil e a República do Paraguay, completado com o tratado de 1859, quando o rio Paraguai se abre à navegação franca, em todo o seu percurso, e Jacobina transfere sua importância comercial para Vila Maria do Paraguai, que é alçada à condição de porto principal, e passa a contar com um lucrativo comércio para o norte e para o sul, agora capitaneado por embarcações que transportavam poaia, borracha e peles, resultado da indústria extrativa da região e retornavam com mercadorias finas, como sedas, cristais e louças vindas da Europa. Assim nascia uma permuta que acabou aproximando a comunidade cacerense do convívio social com os grandes centros no Brasil e no exterior.

E o poeta Natalino relembra com saudades do...

PORTO NOVO³⁷

Lembro-me bem,
Estava eu nos meus dez anos,
de existência,
abrindo a consciência
para as surpresas do mundo.

37 Mendes (2010).

Ao meu redor a família
e, fora de casa, a cidade
que eu aos poucos dominava.

Por esse tempo, era costume, em noites de luar,
saírem as pessoas a passeio
pelas ruas e praças – adultos e crianças –
apreciando a lua-cheia
e a paisagem da cidade.

Numa dessas noites,
fomos ver o “porto novo”,
que a intendência construía
no velho ancoradouro do “Fonseca”
na rua dos Operários,
no ponto de travessia
do rio Paraguai.

Envelheceu o “porto novo”.
Hoje ninguém dele já se lembra...
Mas ficou-me a visão
do renovado porto do “Fonseca”
numa noite enlutarada.

Em 1860, a então Vila-Maria do Paraguai já contava com sua Câmara Municipal, mas só em 1874 foi elevada à categoria de cidade, com o nome de São Luiz de Cáceres, homenageando, no mesmo nome, ao padroeiro e o fundador da cidade.

Em fevereiro de 1883, foi assentado na Praça da Matriz, atual Barão do Rio Branco, o Marco Jauru, peça arquitetônica, seccionada em duas partes, uma portuguesa e outra espanhola, erguida em 1750, com a finalidade de demarcar a fronteira territorial, estabelecida pelo Tratado de Madri, entre os domínios espanhóis e portugueses na América do Sul, selando o fim das disputas territoriais entre os dois países na América.

O Marco do Jauru é conhecido como o símbolo da soberania brasileira na fronteira oeste, pois foi justamente desta região que veio a maior parte

do 6º contingente do batalhão do Exército Brasileiro presente na Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti, apelidado de “Força Jauru”, em homenagem ao marco.

O monumento comemorativo ao Tratado de Madri (1750) é lembrado pelo poeta Natalino em seu livro Anhuma do Pantanal, com:

MARCO DO JAURU³⁸

Guardando velhos arcanos
Da gente antiga, valente,
— Dos Lusos e Castelhanos,
Como um gigante imponente
Jaz na praça principal,
Desta terra hospitaleira,
Em frente da Catedral,
Velho Marco de Fronteira.
Traz nas faces as legendas
Das conquistas ideais...
— A vitória nas contendias
Entre dois povos rivais.
Atestado da potência
Do português valoroso
Na longa, antiga pendência
Co'o vizinho poderoso
O Tratado comemora
De setecentos cinquenta
Celebrado em boa hora
Com Castela sempre atenta;
Disciplinando a expansão
Dos dois reinos colossais,
Que se valem da ocasião
Dos parentescos reais!
Ele nos lembra GUSMÃO

38 Mendes (1993).

— Contrerrâneo original,
Alcunhado com razão
Na Espanha, em Portugal,
Por seus feitos e valia
(Alma forte e varonil!)
“O pai da Diplomacia”
Que muito honrou o Brasil.

O monumento está instalado diante da Catedral de São Luís, cuja construção iniciou em 1919, enfrentou uma série de obstáculos, como problemas estruturais e o falecimento precoce do arquiteto Leon Joseph Louis Mounier, responsável pelo projeto e também pelo desenho da Igreja do Bom Despacho em Cuiabá.

Na sua estrutura se percebe a forte influência da arquitetura francesa da Catedral de Notre Dame, em Paris, evidenciando um estilo que combina elementos góticos e neogóticos.

Em 1949, a estrutura sofreu danos significativos, provocando questionamentos sobre a viabilidade de conclusão do projeto. Entretanto, a persistência da comunidade local e o compromisso do Bispo D. Máximo Biennés foram decisivos para que a construção fosse finalmente completada em 1965.

Tanto a Catedral como o Marco Jauru, são monumentos que têm grande importância histórica, arquitetônica e turística para o município e, por isso, são mantidos com todo zelo pelas administrações municipais.

Quando em 1938, o município que passou a se chamar apenas Cáceres, o movimento no rio Paraguai havia aumentado ainda mais a importância do porto, de onde partiam lanchas com destino a Corumbá levando poaia (ou ipecacuanha), como é conhecida a Carapicheia ipecacuanha, que recentemente foi classificada como vulnerável à extinção, constando, inclusive, na lista vermelha da flora do Brasil. A planta é uma espécie medicinal brasileira que tem em suas raízes dois princípios ativos importantes para a indústria farmacêutica: a emetina e a cefalina. A partir deles é possível produzir expectorantes, anti-amebicidas e anti-inflamatórios. Bastante conhecido no Brasil, o xarope Melagrião possui em sua composição princípios ativos da poaia que Natalino homenageou focando o poaieiro:

O POAIEIRO³⁹

Nos sertões da minha terra,
Em meio à floresta escura,
Onde rondam feras mil
E toda sorte de agrura,
Com ciosa avareza,
Escondeu a natureza,
Com cuidado e com justeza,
A POAIA negra e pura
Mas o homem destas plagas
— Sertanejo aventureiro,
Descobrimo a rica planta,
Arbusto bem brasileiro,
Com firme disposição
Dela fez exploração.
E se tornou desde então
O conhecido Poaieiro.
Eis renasce nesse herói
Da aventura o sentimento
Herdado de seus maiores!
Só escuta um chamamento:
É da mata que fascina!
— Ali jaz alguma mina!
Parte alegre – é sua sina!
A buscar o encantamento!
Ei-lo já em meio à selva
Rica, imensa, luxuriante,
Guiado só pelo instinto,
Que bom rumo lhe garante.
Vai rompendo a cordoalha
Do cipoal – qual muralha –
Sem mais coisa que lhe valha
além do braço possante.

39 Mendes (1993).

No coração da floresta,
Numa zona mais sombria,
Seu rancho humilde constrói
A faina principia:
Traz consigo o saracuí
O facão, o sapicuá,
Co'ò excitante guaraná;
— Espingarda e... ousadia!

De manhã segue p'ra lida
Abrindo, com seu facão,
Picadas para avançar.
Cada dia, do sertão
Vai entrando mais no meio.
Fura o mato sujo e feio,
Marcha firme, sem receio,
Com a fé no coração.

Anda o dia todo à cata
Da raiz ambicionada.
O mistério ronda em torno:
Essa floresta assombrada,
Que vara com valentia,
Em sua alma simples cria
Visões mil e fantasia
Que têm sempre alertada!

Pressente em torno de si
Perigo tal que o abafa:
A feroz onça pintada!
Dos insetos não se safa,
Nem da cobra venenosa...
Além de tudo assombrosa,
Surge a figura asquerosa
Do cruel Pé-de-garrafa!
Já bem longe vai andando

Da mata no coração,
Atento ao pio das aves,
Sozinho na solidão...
E, num trecho da floresta
Escura, sua alma em festa,
Dos ramos por uma fresta,
Divisa um rico “fogão”!

— “Um canteiro de Poaia!
Está compensada a fadiga!”
Co’o saracuí já trabalha
Não há dor, fera inimiga:
Tudo jaz no esquecimento.
Colhe a erva... Em pensamento
Vê-se rico num momento
— “Terra boa! Terra amiga!”

Cheia a sacola, à tardinha,
Procura o rancho o mateiro.
Cansado de solidão,
Vai gritando ao companheiro
No rumo da feitoria.
A tarde cai lenta e fria:
Uma funda nostalgia
Cai na alma do Poaieiro...

É anônimo herói
Esse audaz bandeirante:
Sob chuva copiosa
Ou sob o sol escaldante,
Enfrenta de peito aberto,
O tempo, a fera, o deserto,
Atrás de um tesouro incerto,
Que gera a mata estuante!

Corre atrás do fogo-fátuo
Da riqueza que o domina,
Inconsciente, talvez,
Que o mundo a ele se inclina.
Presta auxílio, de verdade,
À ciência, à sociedade,
À inteira humanidade,
Fornecendo-lhe a emetina!

Além da poaia, a região desenvolveu o plantio de seringueiras e a extração da borracha passou a exercer forte atração sobre empreendedores visionários desde o início da segunda metade do século XIX.

A borracha natural, proveniente do látex, substância extraída da seringueira, é nativa da Amazônia e fonte de vários produtos. Seu principal produto, o látex, quando coagulado, dá origem à borracha natural.

A atividade extrativista do látex se revelou de imediato muito lucrativa na região de Cáceres, e a borracha natural logo conquistou um lugar de destaque no comércio, como nas indústrias europeias e norte americanas, alcançando elevado preço. Isto fez com que diversas pessoas viessem ao Brasil na intenção de conhecer a seringueira, métodos e processos de extração, a fim de também lucrarem de alguma forma com aquela riqueza.

Dentre as pessoas que se interessaram pelos resultados lucrativos da borracha, estava o inglês Henry Wickham, responsável pelo contrabando de aproximadamente 70 mil sementes de seringueira, *Hevea brasiliensis*, encaminhadas ao *Royal Botanic Gardens*, em Londres, em 1876. Depois de selecionadas geneticamente, estas sementes foram enviadas para plantações inglesas na Malásia e, quarenta anos mais tarde, com a extração do látex das plantas adultas, a Inglaterra dominou o mercado da borracha e os seringais brasileiros entraram em declínio, levando à bancarrota seus produtores e parte da população cacerense.

Resiliente, a população tornou a se fortalecer com a produção de charque, uma carne salgada e seca ao sol, com o objetivo de mantê-la própria para o consumo por mais tempo. As condições de isolamento da região incentivaram a salga e a exposição solar das carnes que eram empilhadas como mantas em lugares secos para desidratação. O charque, produzido do mes-

mo modo como era feito no Altiplano Andino, servia, basicamente, para a alimentação de trabalhadores e escravos.

Já o couro, preparado com pele de animais, era curtido com as mesmas técnicas dos tempos ancestrais, sendo trabalhados com grande variedade de estilos e decorados com uma ampla gama de desenhos e recortes aplicados em objetos nobres ou na confecção de diversos artefatos, tanto para o uso humano, como calçados, roupas, bolsas, além serem usados nas encadernações de livros, acessórios e móveis.

Como afirma o Prof. Natalino,

O homem que aqui se fixou, revelou, desde logo, as suas tendências modeladas pelas energias do meio físico a que se adaptou. Tornou-se ele o trabalhador rural, o agregado, o vaqueiro, o canoeiro, o boiadeiro, o tropeiro, o peão, o carreiro, o pescador, e, continuando o espírito aventureiro dos ancestrais, fez também o garimpeiro, o seringueiro, o poiaieiro, que sustentou rendoso comércio por muito anos em nosso município (Mendes, 2021).

Graças a este perfil de pantaneiro inabalável, o cacerense alavancou o desenvolvimento econômico nas áreas portuária e pecuária, enquanto continuava a estimular a atividade extrativista, aproveitando sua localização privilegiada, no cruzamento das rodovias BR070/174 e 364 com o rio Paraguai, hidrovía com importante papel na política de integração latino-americana chegando à enseada da “baía de Cáceres”, assim interpretada pelo poeta em seu livro Pássaro “Vim-Vim” – Poesia da Terra:

BAÍA DE CÁCERES⁴⁰

Enseada que se formou
do próprio curso do rio
desviado
por ação da mão humana.
Eis a baía de Cáceres
remanso das tranquilas águas.

40 Mendes (2010).

Na graça de tua forma
Sinuosa
beijando as barrancas
do nosso centro urbano,
campões, ó baía,
com os balaústres do porto,
a ilha verdejante e o céu da tarde,
cambiante de cores,
o fenômeno sem-par
do pôr-do-sol cacerense
O espetáculo é todo nosso!
Por isso te chamamos,
enseada amiga,
carinhosamente
Baía de Cáceres.

Foi amalgamado neste cadinho de sonhos e frustrações, sucessos e derrotas, marchas e contramarchas, que se moldou o perfil cacerense e fez do Prof. Natalino um narrador da cultura e da história dessa região que, por muito tempo, ficou isolada protegendo a fronteira do Brasil.

Como ele mesmo relata, em Fragmentos da História Cultural de Cáceres e outros fios da memória, organizado por Olga Maria Castrillon Mendes, com base na entrevista do ex-prefeito, Sr. Antônio Ferreira Souto, em 1953:

O principal motivo do isolamento de Cáceres foi a falta de comunicação rápida. Esta situação começou a modificar com a ligação aérea a partir dos anos trinta. A aproximação das metrópoles com o sertão exerceu influência benéfica para o desenvolvimento do Estado de Mato Grosso. Chegam a estas longínquas paragens, frequentemente, homens de negócios, industriais, representantes de empresas colonizadoras, os quais se mostram vivamente interessados no desbravamento de nossas terras (Mendes, 2021).

No prefácio do livro Anhuma do Pantanal, Dr. Carlos Alberto Reyes Maldonado enaltece o texto do Prof. Natalino, identificando-o como pantaneiro...

Viajando nas “hidroletras” de poemas aquáticos pelo inteiro Pantanal e até o sul-atlântico, remando versos livres como estes dedicados ao rio Paraguai [...] A presença indígena permeia, nas nomenclaturas e passagens, uma visão fugaz do processo do seu abugramento, e entre uma poesia e outra, o brado forte nominante do Jauru, as lembranças do que foram Parecis, Guatós, Caburés, Guaranis, - de senhores originários de toda pujança da terra e personagens secundários, sacrificados indistintamente na paz e na guerra (Mendes, 1993).

Ao ilustrá-lo com este perfil, o então presidente da Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso (Fesmat), Maldonado, rendeu homenagens ao grande poeta, memorialista, historiador e jornalista, cujos textos, frutos de pesquisas históricas em arquivos públicos e particulares, o elevaram ao patamar de um dos principais intelectuais da região, que dedicou sua vida à educação e à conservação da memória cultural da região, e se destacou como jornalista por meio dos artigos publicados em diversos jornais e revistas, incluindo a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHG-MT) e da Academia Mato-grossense de Letras (AML), onde ocupou a cadeira nº 15.

Como funcionário da Prefeitura de Cáceres, participou ativamente dos eventos da cidade e a sua paixão pela história local o levou a realizar pesquisas que resultaram em uma obra rica em detalhes que refletem, como vimos até aqui, sua profunda conexão com Cáceres.

Para falar sobre a sua contribuição, amplamente reconhecida na cultura mato-grossense pela expressão do seu talento, Natalino perenizou o cotidiano de Cáceres transpirando-o com seu modo muito peculiar de captar a emoção emanada pelo rio Paraguai amalgamada nas almas cacerenses.

Entre suas obras estão: História de Cáceres: administração municipal (1973 e 2009); Marco do Jauru (1983); Efemérides cacerenses vol I e II (1992); Anhuma do Pantanal: poesia da terra (1993); Memória cacerense (1998); História de Cáceres: origem, evolução, presença da Força Armada (2010); Pássaro Vim-Vim: poesia da terra (2010).

Ninguém melhor que o professor Natalino viveu o que expressou seu amor à pátria, como a revelada no texto em homenagem à independência do Brasil, em 1971:

A vida de um povo está cimentada de suores, sacrifícios e sangue. Uma civilização custa inúmeras vidas, quer dadas em holocausto à cauda pública, quer consumidas inteiras em estudos, meditação e pesquisa. Em toda parte, os homens, em essência, são iguais: filhos da terra que os prende pelo corpo, procuram pelo espírito, alçar o voo através do tempo e do espaço, sondando atrás dos fenômenos uma nova realidade (Mendes, 1993).

A vida deste memorialista trouxe até nós, por meio de sua pesquisa histórica, a análise da evolução da sociedade cacerense que não só marcou sua população, como deu a pauta para muitos setores da política mato-grossense ao longo do tempo.

As teclas da máquina de escrever que transbordaram a emoção e o amor por sua terra e por sua gente, desnudaram o idealismo e a subjetividade, atônitos diante das formas assumidas pela realidade local que, dentro do seu próprio tempo, confessava o início do materialismo que se manifestava com mais ênfase a partir da década de 1990.

Mesmo que os novos tempos o encontrassem meio aturdido diante do cabedal de novas informações, mesmo que as pessoas se permitissem chamar aquela metamorfose de evolução racional do capital, o poeta voou e gritou como a Anhuma do Pantanal, que “havia algo estranho penetrando em nosso espaço”, mas não recuou e, com um grito diferente, continuou sentindo, absorvendo todo o novo conhecimento para lhe dar outros enfoques, réstias de experiências próprias movidas por um empirismo cidadão.

ANHUMA DO PANTANAL⁴¹

Um grito ecoa
Estridente, na calada da campina alagadiça.
— “Atenção! Bicharada,
estranho penetrando em nosso espaço!”
É grito da Anhuma
empoleirada em alto galho
num capão de mato em meio ao campo aberto.

41 Mendes (1993).

Novo grito, sinal de que o desconhecido
mais penetra em seus domínios.
E quando mais perto chega intruso,
alça o vôo o alado guarda
em busca de outra árvore
mais longe,
gritando sempre,
como se dissesse:
— “quem puder se salve!”
A essa hora a caça esquiva
Já procurou outras paragens
mais seguras,
escapando ao caçador.
Pra mim, ave do Pantanal
da minha terra,
teu grito tem sentido diferente,
É um encantamento
que me conduz ao logo do passado,
Despertando, lá da infância,
a primeira Anhuma
que escutei
à beira da baia do Malheiros
nas vizinhanças da cidade.
Não morreu aquela ave
passados tantos anos!
Adormeceu, apenas...
E quando hoje, uma irmã sua
Canta.
lá desperta ela
com toda carga de recordações
que, na solidão da beira da baia,
mais se animam
e se aproximam...
como se tudo fosse um ontem.
Canta, Anhuma pantaneira,
tal e qual a vez primeira,

infante, te vi cantar.
Canta, canta, ave amiga!
Enche o ar de emoção
para que, no coração,
nunca morra
a Anhuma da minha infância.

O historiador Natalino Ferreira Mendes narra em seus livros que, em meados do século passado, Vila-Maria do Paraguai experimentou algum progresso, graças ao advento do ciclo da indústria extrativa, que tinha entre seus principais produtos a criação de gado, a borracha, a ipecacuanha, que possibilitaram a abertura da navegação fluvial.

Para homenagear este novo passo, ele cria o poema Vapor Etrúria, em homenagem ao Etrúria, vapor com 30 cavalos de força, com acomodações para passageiros de ré e de proa, além de porões de carga que, durante muitos anos, fez a rota de Corumbá a Cáceres (Mendes, 2021).

VAPOR ETRÚRIA⁴²

Um longo apito ecoa sonoro!
— Etrúria!... Diz o povo emocionado.
Já o porto de gente está apinhado:
— Eis, na volta do rio, o barco airoso.

Anos mais de cinquenta, no passado,
Ligaste a Corumbá, Vapor formoso,
A Urbe de Albuquerque (nome honroso)
— Único meio de transporte usado.

Assim, tanto te uniste à nossa vida
No abraço da chegada e da partida,
Que símbolo já eras da cidade.

42 Mendes (1993).

Etrúria!... O Paraguai está vazio...
Fecharam-se o cais... Mas tu, navio,
Continuas vivendo na saudade.

Esta singela síntese apresenta um pouco da trajetória do Prof. Natalino Ferreira Mendes que continua a ser celebrada e conservada por meio de iniciativas culturais e educacionais, refletindo sua importância na história e na cultura de Mato Grosso.

Considerações

Ao falar sobre este eminente mato-grossense, é essencial destacar seu papel como guardião da memória de Cáceres e sua dedicação em registrar e proteger a história e a cultura de seu povo por meio de suas múltiplas atividades como educador, pesquisador e escritor, que deixou um legado inesquecível para Cáceres e Mato Grosso, sendo lembrado por sua dedicação à educação, à cultura e à conservação da memória histórica da região.

Referências

CASTRILLON-MENDES, Olga Maria (Org.) *Fragments da história cultural de Cáceres e outros fios da memória*. Vol 1. Natalino Ferreira Mendes, 1ª ed. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021.

MENDES, Natalino Ferreira. *História de Cáceres: história da administração municipal*. Tomo 1. Cáceres: Câmara Municipal de Cáceres, 1973.

_____. *Anhuma do Pantanal* (Poesia da Terra). Cáceres: Academia Mato-grossense de Letras, 1993.

_____. *História de Cáceres: história da administração municipal*. 2ª ed. Revisão e atualização pelo autor. Cáceres-MT: Editora da Unemat, 2009.

_____. *Pássaro Vim-vim: poesia da terra*. Cáceres, MT: Editora da Unemat, 2010.

10. Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória (Resenha)

Obra:

MENDES, Natalino Ferreira. *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória*. Vol. I e II. Org. Olga M. Castrillon-Mendes. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021.

Olga Maria Castrillon-Mendes⁴³

RESUMO: Esta resenha analisa a obra *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória*. Vol. I e II, de Natalino Ferreira Mendes e seu legado histórico-cultural em relação à cidade de Cáceres, pelo olhar de um filho dileto, e pela dimensão multidisciplinar decorrente dessas relações identitárias e nas interações sociais com o espaço vivido.

Palavras-chave: Natalino Ferreira Mendes; História cultural de Cáceres; resenha.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
1 de maio de 2024	5 de setembro de 2024

Memória em fragmentos

À primeira vista, evocar a memória parece trabalho de saudosista preocupado em remexer baús de papéis, registros e objetos aparentemente mortos. No entanto, percebendo mais cuidadosamente, a memória é processo de relações entre temporalidades, pois ao ser evocada, leva o pesquisador ao

43 Olga Maria Castrillon-Mendes é professora e pesquisadora da literatura brasileira. Aposentada da e colaboradora do PPGEL/Unemat/Tangará da Serra-MT. Sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres e da Academia Mato-Grossense de Letras. E-mail: olgmar007@hotmail.com.

passado, sem perder de vista o presente e o futuro. São três dimensões temporais de caráter simbólico à medida que é parte da constituição das identidades.

Os espaços das lembranças abertos pelo pesquisador entre essas dimensões, mobilizam sentidos que relacionam, tanto os tipos de memória, ligados às lembranças do cotidiano e repassadas de geração em geração, quanto os da memória cultural, que são aquelas lembranças institucionalizadas. Estas estão fortemente materializadas nos registros textuais, celebrações, objetos e outros suportes mnemônicos e funcionam como gatilhos que acionam as heranças simbólicas. Pelo poder de retenção, durabilidade e significados variados, a memória cultural é mítica, remonta às experiências coletivas unificadoras que asseguram a noção de pertencimento. Os “lugares de memória”, como analisados por Pierre Nora (1984), nascem e vivem do sentimento que há na memória espontânea. Por isso, como pontua, é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais e, se não há espontaneidade da memória, deve haver a possibilidade de reconstituí-la, tanto pelo esforço físico (material), que lhe dá suporte, quanto pela formação de uma memória coletiva (imaterial), que permite ao indivíduo o acesso aos processos de identificação. São, portanto, formas de conhecimento criticamente elaborados pelos diálogos proporcionados pelos documentos (e monumentos) que colocam essa tradição em movimento.

Nesse sentido, o livro *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória*, de Natalino Ferreira Mendes, está pensado sob dupla perspectiva: do legado histórico-cultural da cidade de Cáceres, pelo olhar de um filho dileto, e pela dimensão multidisciplinar decorrente dessas relações identitárias, centradas em maior ou menor grau, nas interações sociais com o espaço vivido, lugar das contradições e das ambiguidades. Na memória se circunscrevem os registros coletados em jornais, numa espécie de “miscelânea” articuladas (ou não) com os saberes produzidos em diferentes contextos do pesquisador e que são colocados em xeque pela intervenção dos olhares contemporâneos e do próprio olhar do autor, cuja memória individual entra no jogo dessas representações. Os fragmentos são unidos por fios que se estendem do conhecido para o desconhecido, como metáfora da dialética de um passado mais ou menos percebido e as incertezas do presente e do



futuro. O esforço voluntário projetado nos resultados da aventura pelos labirintos (desafios) postos pela pesquisa, conduz ao involuntário desejo de conhecer o lado incógnito do mundo que é o mundo de cada leitor. Desta forma, os registros da história e da memória são ferramentas para (des)cobrir os insondáveis mistérios, como se encontram nos textos, e que funcionam como crônicas de um cotidiano permeado por reflexões da e sobre a vida.

Então a pesquisa deixada por Natalino Ferreira Mendes funciona como o fio de Ariadne que o leitor vai tecendo para deslindar as lacunas deixadas pela história e pela memória. Desta forma, os textos costurados neste livro foram, meticulosamente, organizados entre os manuscritos e os recortes de jornais, colhidos diretamente dos arquivos da Prefeitura Municipal de Cáceres. São recortes factuais e oficiais pertencentes à memória comunicativa e à memória cultural, responsáveis pela ativação dos sentidos diante dos acontecimentos narrados, como explica Jan Assman (2016), ao sintetizar os dois aspectos principais de sua pesquisa. Por esse viés teórico, os livros constituem ferramentas de acesso aos vestígios que cada leitor encontra para legitimar (ou não) uma determinada ação política do presente. Como fruto da pesquisa bibliográfica e em arquivos da cidade de Cáceres, possibilitam, também, a reconstituição dos esgarçados tecidos de um tempo em que as “verdades” eram tomadas como absolutas e inquestionáveis. Desta forma, colocados à

luz do contemporâneo, os livros são campos de conflito em que se reconhecem as rupturas e as incoerências.

A escrita está atualizada pelo autor, o que garante a fluidez dos textos e o reconhecimento dos fatos que, revistos hoje, estão colocados como “fragmentos”, pois são registros, cujas bases foram amplamente utilizadas pelo escritor em suas narrativas e poemas. Em variados momentos, os registros bibliográficos encontram-se complementados pela organizadora, o que explica a ausência da marcação de datas em alguns deles, pela dificuldade de acesso às fontes originais para os devidos confrontamentos.

Os dois volumes dos inéditos de Natalino Ferreira Mendes, que vieram à luz por incentivo da Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer SECEL/MT, através da Lei Aldir Blanc/2020, trazem fragmentos da história e da memória cultural do município de Cáceres. Oriundos de um projeto que objetivou revitalizar a memória do escritor como Mestre da Cultura mato-grossense, os textos estão colocados de modo a instigar a curiosidade do leitor, com bem gostaria de concluir o seu próprio autor, acostumado ao trabalho de despertar os jovens para a pesquisa sobre a cidade e esperançoso da dinamização dos espaços das investigações acadêmicas. É como se o Mestre, em sala de aula, colocasse à disposição dos alunos, o planejamento de uma viagem pelo mundo das redescobertas do local de origem, a partir do conhecimento do seu próprio espaço de representação. Portanto, é uma aventura pelos meandros da cultura, da história, da memória e da reconstrução das manifestações do humano, que se solidificam nas temporalidades, muito próprios da constituição das identidades e do imaginário de cada leitor.

As comemorações do Centenário de nascimento de Natalino Ferreira Mendes relançam luzes sobre esta publicação. Seguindo a linha do antológico livro *Memória cacerense*, de 1988, pela editora Carlini & Caniato, os dois volumes destes *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória*, de 2021, serão fundamentais para complementar informações históricas e dinamizar o interesse pelas pesquisas nos arquivos públicos e particulares do Estado, evitando, assim, que se percam indícios que possibilitam revitalizar a tradição. O material coletado pelo escritor encontra-se hoje sob a guarda da Biblioteca Pública Municipal e do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres, organizados de forma a facilitar o manuseio pelos pesquisadores, mas aguardando novos projetos que possibilitem a sua digitalização e manuseio.

Referências

JAN, Assman. Memória comunicativa e memória cultural. Trad. Méri Frotscher. *Revista História oral*. Vol. 19, n. 1, p. 115-127, 2016.

MENDES, Natalino Ferreira. *Memória cacerense*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 1988.

_____. *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória*. Vol. I e II. Org. Olga M. Castrillon-Mendes. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: LIPOVESTKL, G. *L'ère du vide*. Garnier, Flammarion, 1984.





SEGUNDA PARTE

Transversalidades

11. Da magia à modernidade: a missionariedade religiosa e o desenvolvimento de Araputanga sob o legado do monsenhor Ermínio Celso Duca

Jefferson Antonione Rodrigues⁴⁴

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão sobre o legado da atuação missionária do Monseñor Ermínio Celso Duca em Araputanga-MT, compreendendo sua contribuição não apenas como agente religioso, mas também como catalisador de desenvolvimento social e cultural. A pesquisa tem como objetivo analisar como a missionariedade de Duca articulou a religiosidade popular – permeada por elementos mágicos e simbólicos – com os processos de modernização da cidade. Metodologicamente, a investigação se apoia em fontes históricas, relatos orais, documentos e bibliografia especializada em religião, magia e modernidade. A análise é guiada por uma perspectiva qualitativa e interdisciplinar, envolvendo história, antropologia da religião e sociologia. A justificativa para este estudo reside na necessidade de valorizar o papel da religiosidade local como força estruturante de identidade e progresso, além de contribuir para o registro histórico da região. O Monsenhor Duca é compreendido como figura liminar, que transita entre o sagrado e o profano, entre a tradição e a transformação. Através de sua atuação, Araputanga vivenciou um processo de eclosão religiosa que ultrapassou os limites do templo, influenciando profundamente a educação, a saúde, o urbanismo e a coesão comunitária. O estudo destaca como o sagrado, quando incorporado à prática social, torna-se vetor de mudanças concretas.

Palavras-chave: Monsenhor Ermínio Celso Duca; Araputanga; Missionariedade e magia.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
1 de maio de 2024	5 de setembro de 2024

⁴⁴ Doutorando em Ciências Ambientais junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres-MT, mestre em Teoria do Direito e do Estado, pelo Univem, Marília-SP, mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Nacional, especialista em Direito Ambiental Urbano, Direito Penal e Processual Penal, Direito Médico e Hospitalar, Direito Internacional, Justiça Restaurativa e Mediação de Conflitos, Direito Agrário, Agronegócio, Segurança do Trabalho, Gestão e Coordenação Escolar. Membro do corpo docente da Faculdade Católica Rainha da Paz – FCARP, Araputanga-MT, coordenador do curso de Gestão do Agronegócio na mesma IES e líder do Grupo de Pesquisas “Direito, Historiografia e Cultura Brasileira”. E-mail: drjeffersonrodrigues@gaill.com.

FROM MAGIC TO MODERNITY: RELIGIOUS MISSIONARITY AND THE DEVELOPMENT OF ARAPUTANGA UNDER THE LEGACY OF MONSIGNOR ERMINIO CELSO DUCA

ABSTRACT: This article proposes a reflection on the legacy of the missionary work of Monsignor Ermínio Celso Duca in Araputanga-MT, understanding his contribution not only as a religious agent, but also as a catalyst for social and cultural development. The research aims to analyze how Duca's missionary work articulated popular religiosity – permeated by magical and symbolic elements – with the processes of modernization of the city. Methodologically, the investigation is based on historical sources, oral accounts, documents and bibliography specialized in religion, magic and modernity. The analysis is guided by a qualitative and interdisciplinary perspective, involving history, anthropology of religion and sociology. The justification for this study lies in the need to value the role of local religiosity as a structuring force of identity and progress, in addition to contributing to the historical record of the region. Monsignor Duca is understood as a liminal figure, who moves between the sacred and the profane, between tradition and transformation. Through its work, Araputanga experienced a process of religious outburst that went beyond the confines of the temple, profoundly influencing education, health, urban planning and community cohesion. The study highlights how the sacred, when incorporated into social practice, becomes a vector for concrete changes.

Keywords: Monsignor Ermínio Celso Duca; Araputanga; Missionary work and magic.

Introdução

Evangelifação é o anúncio a boa nova de que Deus
está interessado na restauração dos seres humanos caídos
e que a restauração se dá mediante a fé na encarnação,
na vida e na obra substitutiva, justificatória,
vicária e representativa de Jesus na cruz e sua ressurreição.

Caio Fábio d'Araújo Filho

A história de Araputanga-MT é marcada por um entrelaçamento profundo entre fé, religiosidade popular e construção social, tendo como figura central o Monsenhor Ermínio Celso Duca. Sua atuação transcendeu a esfera religiosa e eclesial, moldando também os contornos políticos, culturais e institucionais da cidade. Desde sua chegada, Duca transformou-se não apenas em líder espiritual, mas em referência ética e articulador de redes sociais e comunitárias, promovendo uma jornada de evangelização, solidariedade e

progresso. Seu percurso expressa com nitidez como a Igreja Católica, através de sua presença institucional e missionária, exerceu papel central na formação de cidades do interior brasileiro, agindo como força moral, educativa e organizadora da vida coletiva.

A presença da Igreja em Araputanga, por meio da atuação persistente e dedicada do Monsenhor Duca, deu origem a uma verdadeira jornada de fé e religiosidade. Essa caminhada foi marcada por ritos, festas, peregrinações e práticas devocionais que configuraram um *ethos* comunitário centrado em valores cristãos. Em especial, destaca-se a intensa devoção à Nossa Senhora, cuja figura materna e protetora inspirou não apenas manifestações religiosas, mas também projetos sociais, culturais e educativos. A religiosidade local encontrou em Duca um pastor que compreendia profundamente o valor simbólico e transformador da fé vivida – aquela que, como afirma Geertz (1989, p. 141), “organiza o mundo em torno de significados poderosos que orientam a conduta e as emoções humanas”.

Este artigo tem como objetivo central analisar o legado do Monsenhor Ermínio Celso Duca sob a ótica da missionariedade religiosa como força simbólica e operativa de progresso social, com especial atenção à maneira como sua atuação articulou elementos da fé popular (muitas vezes associados ao mágico e ao simbólico) com projetos concretos de desenvolvimento comunitário. A justificativa da pesquisa repousa na necessidade de registrar e interpretar experiências históricas em que a religião – mais do que um conjunto de doutrinas – aparece como prática viva, promotora de cidadania, identidade e transformação. A trajetória de Duca é, nesse sentido, também a própria narrativa da construção política e religiosa de Araputanga, pois sua liderança espiritual converteu-se, ao longo do tempo, em pilar de organização social e mobilização local.

A metodologia adotada é qualitativa e interdisciplinar, com base em análise documental, entrevistas orais e bibliografia especializada. O estudo dialoga com contribuições da história cultural, da antropologia da religião e da sociologia da memória. Autores como Bosi (1994), Geertz (1989), Campos (2007) e Magnani (2000) fundamentam a análise, permitindo compreender como a fé e a memória coletiva moldam estruturas simbólicas e práticas de vida. Bosi (1994), por exemplo, afirma que a memória “não é apenas evocação do passado, mas alicerce da ação presente”, o que justifica o foco na trajetória de Duca como um símbolo que ainda orienta a comunidade.

O artigo organiza-se em três seções principais. A primeira, “Magia, Fé Popular e o Sagrado em Movimento”, explora as expressões religiosas locais, como promessas, festas, devoções e bênçãos, e como o Monsenhor integrou essas práticas ao trabalho pastoral. A segunda, “A Missionariedade como Projeto Civilizatório”, investiga as obras sociais, educacionais e urbanas impulsionadas por Duca, demonstrando que sua missão religiosa também foi um projeto de civilização. A terceira, “A Eclosão Religiosa e Suas Potencialidades em Araputanga”, analisa o florescimento de movimentos pastorais, lideranças leigas e a consolidação da religiosidade como força comunitária e política.

Ao traçar este percurso, o presente artigo busca lançar luz sobre uma experiência singular de evangelização e desenvolvimento, apresentando a figura do Monsenhor Duca como expressão máxima da união entre espiritualidade, resistência e compromisso social. Convidamos o leitor a caminhar conosco por essa narrativa viva, marcada por fé, persistência e devoção – elementos que continuam a moldar o presente e o futuro de Araputanga.

Magia, Fé popular e o Sagrado em movimento

A religiosidade popular em Araputanga-MT constituiu, desde as primeiras décadas de formação da cidade, um espaço vivo de resistência cultural, expressão simbólica e organização social. Influenciada por tradições orais, práticas devocionais, romarias, promessas e festas religiosas, essa religiosidade se desenvolveu em diálogo com a cultura local, sendo acolhida e reconfigurada pela atuação pastoral do Monsenhor Ermínio Celso Duca, nascido em 24 de novembro de 1928, em Talamona, província de Sondrio, no Norte da Itália, e ordenado sacerdote em 12 de junho de 1954.

Pe. Celso, como era conhecido, iniciou o trabalho de evangelização no Brasil na Diocese de São Mateus, na cidade de Montanha, no Estado do Espírito Santo. Posteriormente, recebeu a ordem vocacionada missionária a ser cumprida em Araputanga-MT, em 1975.

Em 23 de março de 1975, a coragem e o espírito empreendedor batiam às portas das longínquas terras do rincão do estado de Mato Grosso – Araputanga. Era o início de uma grande mudança, era chegado o operário do senhor para uma grande missão que a partir de então faria o progresso da

tão pequena Araputanga. Era a chegada do jovem Pe. Celso, com o objetivo de coordenar e estruturar a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. (Rodrigues e Silva, 2012, p. 31).

A fé popular que floresceu em Araputanga continha elementos que, aos olhos da teologia institucional, poderiam ser classificados como “mágicos”, como bênçãos de objetos, benzimentos, curas e exorcismos. No entanto, tais práticas não eram meramente supersticiosas, mas representavam formas legítimas de busca por sentido, proteção e bem-estar. Duca, ciente da força dessas manifestações, adotou uma postura pastoral aberta ao diálogo com o sagrado popular. Ao invés de reprimir, ele canalizou essas expressões em direção à comunhão, à catequese e à promoção da dignidade humana. Segundo Magnani (2000), a fronteira entre o sagrado e o profano, entre o dogmático e o mágico, é porosa na cultura religiosa brasileira:

O campo religioso popular é um lugar de transições e ambiguidades. Nele convivem santos e orixás, promessas e simpatias, liturgias e ritos informais, compondo uma paisagem onde o sagrado circula com fluidez e intensidade, dialogando com a vida cotidiana (Magnani, 2000, p. 45).

O Monsenhor Duca soube interpretar esse campo simbólico, respeitando a diversidade de expressões e valorizando os significados afetivos e sociais da fé popular. A devoção a Nossa Senhora, por exemplo, era central nesse imaginário. As novenas, as procissões e os pedidos à Virgem Maria não apenas preenchiam o calendário litúrgico, mas também organizavam o tempo comunitário, criando uma estrutura espiritual de pertença.

Em singelo espaço temporal, Pe. Celso, com muito fervor e zelo pela palavra do senhor, passou a visitar as comunidades desde as mais próximas até as mais longínquas, locomovendo-se a pé, de bicicleta e a cavalo, fazendo o trabalho pastoral: confessando, aconselhando e celebrando a Santa Eucaristia. Várias eram as comunidades atendidas por nosso padre, dentre elas destacamos: Cachoeirinha; Farinópolis; Indiavaí; Santa Cecília; São João; Taboca; Nova Floresta; Sereno; Santa Maria; Dracena; Alto Jauru; Santa Rosa; Córrego Grande; Rio Bugre; Córrego do Meio; Queixada; Fazenda São Miguel; Água Clara; Assentamento Santa Rosa;

Assentamento São Benedito; Assentamento Barro Preto; Assentamento Barreirão; Assentamento Imbé; Assentamento Floresta; Boa Vista; Barra da Água Clara; Córrego Rico; Córrego do Café; Córrego São José; Comunidade São Mateus do Bugre; Estrela do Mar; Monterlândia; Nossa Senhora Aparecida; Pitomba; Rio Vermelho; Santa Luzia; Sumaúma; Sagrado Coração de Jesus; Santo Antônio das Pitas; Santa Terezinha; Vila Maria; e, os bairros Araputanga: São Sebastião, Santo Antônio, São José, São Miguel e São Luiz (Rodrigues e Silva, 2012, p. 33).

Campos (2007) observa que, no interior brasileiro, a missionariedade católica frequentemente incorpora elementos da religiosidade popular como estratégia de aproximação cultural e evangelização:

A adaptação das práticas pastorais à religiosidade popular não significa condescendência, mas sensibilidade ao universo simbólico do povo. A missão se fortalece quando o evangelho encontra expressão nos códigos culturais da comunidade (Campos, 2007, p. 92).

Dessa forma, a ação do Monsenhor Duca deve ser compreendida como uma mediação entre o cristianismo institucional e a fé popular viva. Sua presença nas festas religiosas, nas missas campais, nos batizados coletivos e nos atendimentos pessoais reforçava um modelo de Igreja encarnada na realidade local. Essa presença pastoral contínua e acessível gerou confiança, reconhecimento e reciprocidade – estabelecendo um vínculo afetivo e espiritual entre o povo e a figura do líder religioso.

A precariedade era tamanha que Pe. Celso e D. Maria Lina confeccionaram o primeiro sacrário da paróquia com uma caixa de papelão e papel laminado. Após a celebração de sua chegada fora-lhe oferecido um almoço na chácara do Sr. Sebastião Felipe da Silva e D. Maria Lina da Silva. Algumas senhoras promoveram o chá de casa nova, para aquisição dos utensílios domésticos e móveis básicos para confortarem o recém-chegado padre (Rodrigues e Silva, 2012, p. 32).

A construção do sagrado em Araputanga ocorreu, assim, em movimento: integrando símbolos, práticas e ritos diversos em uma vivência co-

munitária que reconhecia o sagrado tanto nas celebrações quanto nos pequenos gestos cotidianos. Como observa Geertz (1989), a religião fornece modelos para a realidade social: “A religião não apenas reflete uma visão de mundo, mas fornece um modelo para a realidade. Ela confere forma e legitimidade às ações humanas ao envolver as emoções em sistemas simbólicos” (idem, p. 150).

Pe. Celso contava com o apoio de pessoas de boa vontade que lhe ofereciam refeições em suas casas; suas roupas eram lavadas por senhoras que faziam caridade, somando-se a outras que colaboravam na organização da casa. O desenvolvimento do labor missionário era tamanho que surgiu a necessidade de contratar uma funcionária para auxílio nos trabalhos domésticos e móveis básicos para confortarem o recém-chegado padre (idem).

Com isso, entende-se que o sagrado, em Araputanga, não estava restrito ao templo. Ele circulava nas casas, nas lavouras, nas escolas e nas praças, materializando-se em rezas, bênçãos, gestos de solidariedade e na força da memória coletiva. A religiosidade, com sua carga simbólica e afetiva, foi mobilizada como força de coesão, consolo e esperança – e o Monsenhor Duca foi, ao longo de décadas, o canal principal por onde essa energia sagrada fluía e ganhava forma.

A missionariedade como projeto civilizatório

“O que vale na vida não é o ponto de partida
e sim a caminhada. Caminhando e
semeando no fim terás o que colher.”

Cora Coralina

A ação missionária do Monsenhor Ermínio Celso Duca em Araputanga não se limitou ao campo da evangelização tradicional ou ao ministério litúrgico. Ela se consolidou como um verdadeiro projeto civilizatório, capaz de integrar fé, desenvolvimento e cidadania. O Monsenhor compreendia que o anúncio do Evangelho não poderia ser desvinculado das condições concretas de vida da população. Assim, sua missão pastoral foi, também, uma

missão social: articulou ações que abrangeram educação, saúde, moradia, saneamento básico, formação política e promoção da dignidade humana.

Neste sentido, cabe ressaltar que nessa missão para com a sociedade Pe. Celso desenvolveu e impulsionou até os seus últimos dias de vida uma centena de obras, dentre as quais destacam-se com maior zelo: Osca – Obras Sociais de Araputanga, sem fins lucrativos, era uma Gráfica; Coopnoroeste – Cooperativa Agropecuária do Noroeste Matogrossense (1975); Escola Pe. José de Anchieta (1985); Sicredi – Cooperativa de Crédito Rural do Noroeste de Mato Grosso (1989); Fundação Arco-Íris de Araputanga (1993); Rádio Difusora Arco-Íris (1989); Faculdade Católica Rainha da Paz (1999); e, Mosteiro Nossa Senhora das Alegrias (2010).

Esse modelo de missão pastoral encontra respaldo na tradição católica, especialmente na concepção pós-conciliar de uma Igreja em saída, voltada ao mundo e aos desafios sociais. Porém, no contexto específico de Araputanga, o projeto civilizatório do Monsenhor se destacou pela capacidade de mobilizar recursos humanos e simbólicos da própria comunidade, integrando fé e ação em prol do bem comum. Como observa Campos (2007):

A missão católica no interior do Brasil frequentemente assumiu o papel de agente civilizador, promovendo não apenas a evangelização, mas também a introdução de normas de convivência, estrutura educacional e assistência social. O padre não era apenas o sacerdote, mas o articulador de uma nova ordem social. (Campos, 2007, p. 104).

A atuação do Monsenhor Duca na fundação de escolas, creches, centros comunitários e unidades de saúde revela essa dimensão prática da evangelização. Ele foi o idealizador de diversas obras que ainda hoje constituem pilares da infraestrutura pública e social de Araputanga. O incentivo à educação, por exemplo, expressava sua compreensão de que o saber é também instrumento de libertação e de justiça. O mesmo se aplica à sua atenção às famílias em situação de vulnerabilidade: era comum que ele mobilizasse doações, mutirões e redes de apoio em favor de pessoas pobres e doentes, inspirando um senso coletivo de responsabilidade cristã.

A presença ativa da Igreja na política local, por meio de valores éticos e ações sociais, também foi parte da missão do Monsenhor. Sua autoridade moral fazia com que ele influenciasse decisões administrativas, participasse

de conselhos e fosse frequentemente consultado por lideranças civis. No entanto, essa influência nunca se confundia com partidarismo: ela se expressava como compromisso com os princípios da justiça, da paz e do bem comum.

Geertz (1989) oferece uma chave interpretativa para esse tipo de atuação ao afirmar que a religião fornece não apenas consolo, mas também orientação prática e legitimidade moral para a ação social:

A religião, ao estabelecer modelos de conduta enraizados em concepções de realidade última, opera como fundamento moral e organizacional de sociedades complexas. Ela não apenas orienta, mas legitima formas de organização social (Geertz, 1989, p. 151).

Assim, a prática missionária do Monsenhor Duca ultrapassou a doutrina e tornou-se pedagogia social e projeto político de base comunitária, refletindo a lógica de um cristianismo encarnado nas lutas e esperanças do povo. Nesse processo, sua perseverança e capacidade de diálogo foram fundamentais para articular diferentes setores da sociedade: agricultores, professores, comerciantes, lideranças indígenas, jovens e idosos encontravam na Igreja um espaço de escuta e participação.

O padre Celso é uma pessoa dinâmica, de visão e conhecedor profundo da pessoa humana. Quando projeta e realiza algo, sempre o faz em consideração a pessoa humana; ele faz em busca do bem comum e o reconhecimento da pessoa. Acreditamos que uma pessoa que tem fé tem mais possibilidades de realização. Acreditando nos ideais do presente e do futuro. Essa região foi desenvolvida, cresceu e se desenvolveu, tendo uma aspiração no futuro muito grade tendo em vista esta experiência de fé. É a fé que coloca Deus como princípio das coisas, dos acontecimentos, da própria vida. Como missionário ele (Pe. Celso) deixou sua terra, e veio para uma terra nova – plantar esperança. Araputanga permaneceu estável nos momentos de crises, dentre elas a econômica, enquanto outros municípios não resistiram. Ressalto também um singelo apanhado de suas obras: a Cooperativa e a Faculdade Católica Rainha da Paz. Ele é um homem místico, de fé profunda: acredita no presente e tem esperança de futuro. Homem de oração é um devoto de Nossa Senhora. Ele tem

declarado a mim que Nossa Senhora tem guiado os seus passos, aclarado sua mente na condução dessa comunidade, ela o guia no caminho da fé e da formação da sociedade araputanguense. A força humana dele na idade que tem, vem desta vivencia da sua fé, da sua confiança em Nossa Senhora e do seu amor à vocação sacerdotal. Sem esses três elementos (fé, amor e vocação) não seria possível formar uma cidade assim. Relato de Dom José de Lima, Bispo Emérito de Cáceres, entrevista concedida em 10/08/2011) (Rodrigues e Silva, 2010, p. 110).

A presença constante do Monsenhor nos bairros mais afastados e nas zonas rurais, inclusive a cavalo nos primeiros anos, reforça essa imagem de um líder que se doava integralmente ao seu povo. A missão evangelizadora, portanto, foi também um exercício de cidadania, um esforço contínuo por justiça social e desenvolvimento integral. Sua vida e ação tornaram-se símbolo da capacidade transformadora da fé quando esta se alia ao compromisso com a vida concreta.

Além disso, a missão do Monsenhor Duca trouxe à comunidade uma nova concepção de cidadania, onde os cidadãos eram incentivados a participar ativamente da vida social e política. Ele acreditava que a verdadeira cidadania estava ligada ao engajamento e à responsabilidade coletiva. Esse entendimento fomentou um ambiente em que as pessoas se sentiam parte de um todo, levando à criação de associações e grupos de apoio que ampliavam as ações sociais e comunitárias.

Primeiro Pe. Celso construiu um grande barracão na igrejainha São José, e nós, da comunidade, sempre lutando com ele com muito entusiasmo, fazendo festas. Na construção da Igreja, depois que todo mundo passava o dia ajudando, o Pe. Celso também ajudava carregando pedras, ele celebrava uma missa (final da tarde) debaixo de um pé de bambu para nós. Isso era lá na saída para Jauru e acontecia principalmente aos domingos. Eu vejo o padre Celso, realmente como um representante de Cristo. A sua maneira de agir, é apoiada por nós, pois ele gosta das coisas da forma certa. Faz todo esforço para cumprir aquilo que desconfiou para ele. Se não fosse Cristo ele já teria desanimado. Afinal são trinta e tantos anos, ne?! A experiência de Igreja com Pe. Celso ajudou muito com minha família. Nós nos sentimos mais perto de Deus. Na época da festa da padroeira a

gente trabalha também. A festa é um momento muito importante. É uma festa que acaba e tá todo mundo sossegado, pois não tem confusão. As pessoas vêm das diversas comunidades e voltam felizes para casa. Essa festa anima a nossa fé. Trabalhei muitos anos na catequese, preparação para o batismo, depois com o trabalho apostolado, era um vai aqui e vai ali. Hoje sua ministra da Eucaristia, graças a Deus. E tudo o que estou falando é a realidade daquilo que aconteceu e acontece – Depoimento da Sra. Zilda de Souza Reis Torres em 21/09/2011. (Rodrigues e Silva, 2012, p. 121-122).

Outro aspecto importante a ser destacado é a formação de líderes locais. Através de sua atuação, o Monsenhor promoveu capacitações e treinamentos que permitiram que os membros da comunidade assumissem papéis de liderança. Essa estratégia não apenas fortaleceu a estrutura social, mas também garantiu que a missão continuasse a prosperar, mesmo após a sua partida. A criação de lideranças locais sustentáveis é um dos legados mais significativos de sua obra.

Para mim é um grande líder. Todo ser humano e, desde a história antiga somos movidos por alguma coisa, precisamos de líderes. E, a população de Araputanga tem um líder! Tudo aqui foi feito com a participação desta pessoa que é solidária, cooperativa, empreendedora. Ele é um grande líder. Hoje se temos o desenvolvimento é sem dúvidas por causa da população, mas também por causa de um grande líder: Pe. Celso. [...] vejo uma liderança com um comprometimento fora do comum – Jorge Alexandre em 01/02/2012 (idem).

Ademais, a relação entre a fé e a prática social foi algo que Monsenhor Duca enfatizou ao longo de sua trajetória. Ele sempre trabalhou para que a espiritualidade fosse uma força motriz para ações concretas no cotidiano das pessoas. Essa abordagem holística do evangelho, que integra a espiritualidade à ação social, é um caminho que ainda pode ser explorado por líderes religiosos contemporâneos.

O legado de Monsenhor Duca, falecido em 21 de janeiro de 2022, na cidade de Araputanga (MT), de causas naturais, aos 93 anos, é um exemplo claro de como a missionariedade pode ser um vetor de transformação social. Ao unir fé, educação, saúde e cidadania, ele deixou uma marca indelével na

vida de Araputanga, mostrando que a missão vai além das práticas religiosas e se torna um verdadeiro projeto civilizatório. Sua vida e obra continuam a inspirar gerações, ressaltando a importância de uma fé que se manifesta em ações concretas para o bem da comunidade.

A eclosão religiosa e suas potencialidades em Araputanga

“A força mais potente
do universo é a fé.”

Madre Teresa de Calcutá

A atuação do Monsenhor Ermínio Celso Duca em Araputanga produziu um fenômeno religioso de grande amplitude e profundidade, que pode ser compreendido como uma eclosão religiosa – um despertar coletivo da fé que extrapolou os limites da Igreja institucional e irradiou para todas as esferas da vida social. Essa eclosão não se deu de forma súbita, mas como resultado de um processo histórico e pastoral progressivo, que combinou evangelização, inserção comunitária e formação de lideranças locais. O Monsenhor plantou sementes espirituais e sociais que floresceram em diferentes expressões de religiosidade, ampliando significativamente a presença da Igreja Católica na região.

Essa eclosão teve como características centrais a formação de grupos pastorais, movimentos de base, organizações de leigos, além da intensificação das atividades litúrgicas e devocionais. A religiosidade em Araputanga se fez presente não apenas nos domingos e festas religiosas, mas também no cotidiano das famílias, nas escolas, nos eventos públicos e até mesmo na política local. Como afirma Bosi (1994), a memória coletiva é o solo onde brotam as ações significativas de um povo:

A memória é a tecedura da identidade coletiva, e nela se inscrevem os gestos cotidianos, os ritos e as narrativas que dão sentido à vida social (Bosi, 1994, p. 47).

A partir da liderança de Duca, a comunidade católica não apenas cresceu numericamente, mas se qualificou espiritualmente. Os fiéis foram mo-

tivados a assumir o protagonismo na condução de celebrações, catequeses, grupos de reflexão, obras sociais e campanhas de solidariedade. O Monsenhor entendia que a missão evangelizadora não deveria ser centrada apenas na figura do padre, mas compartilhada com o povo, formando uma Igreja viva, participativa e missionária. Essa perspectiva está em sintonia com o modelo de cristianismo comunitário defendido pelo Concílio Vaticano II e por documentos latino-americanos como Medellín e Puebla.

Além disso, a eclosão religiosa gerou fortes laços de solidariedade e pertencimento comunitário, expressos na organização de mutirões, celebrações conjuntas, festas de padroeira e ações voluntárias em prol dos mais necessitados. A religiosidade deixou de ser apenas um espaço de interioridade e passou a ser um motor de ações concretas, fortalecendo o tecido social da cidade. Como ressalta Magnani (2000), a religiosidade popular, quando legitimada e incentivada, torna-se uma força de mobilização social:

A religiosidade vivida, que emerge dos vínculos familiares, do território e das práticas rituais, é também um espaço de resistência e organização comunitária, um campo onde se elaboram sentidos compartilhados e ações coletivas (Magnani, 2000, p. 56).

É nesse contexto que a figura do Monsenhor Duca adquire uma dimensão simbólica ampliada: ele torna-se mais do que um pastor – é reconhecido como patrimônio moral e espiritual da cidade. Sua memória permanece viva nos nomes de ruas, em monumentos, nas orações e nas narrativas transmitidas entre gerações. Araputanga passou a se identificar como “terra de fé”, uma cidade cuja identidade foi profundamente moldada por essa experiência religiosa comunitária. A relação com o sagrado passou a informar não apenas os hábitos devocionais, mas os modos de convivência, a linguagem política e a organização do espaço urbano.

Eu fui educado a uma espiritualidade Mariana, de devoção à Nossa Senhora, por isso ela leva a frente as coisas, nem eu acredito, não sei como algumas coisas podem acontecer, é Nossa Senhora que realiza tudo, posso dizer que é algo simples e misterioso ao mesmo tempo – Pe. Celso, 27/10/2010 (Rodrigues e Silva, 2012, p. 133).

A eclosão religiosa, portanto, deve ser interpretada como expressão de uma espiritualidade histórica, enraizada na realidade concreta e impulsionada por uma liderança pastoral sensível, perseverante e profundamente comprometida com o povo. Monsenhor Duca cultivou uma religiosidade viva, dinâmica e transformadora – capaz de articular fé, cultura, justiça e esperança. Seu legado continua gerando frutos, tanto espirituais quanto sociais, fazendo da fé um dos principais fundamentos da vida coletiva em Araputanga.

Se Araputanga não tivesse o Pe. Celso seria muito pacata, sem desenvolvimento. Desde que chegou ele já tinha uma visão muito ampla de desenvolvimento. Trabalhava um lado espiritual que não deixava as pessoas dependentes, ele trabalhou muito o desenvolvimento libertador. Ao mesmo tempo ele trabalha com a fé e o progresso de Araputanga. Temos hoje toda estrutura que é a Coopnoroeste, a Fundação Arco-Íris que desenvolve projetos maravilhosos empregando muito jovens. Ele (Pe. Celso) é um grande diretor espiritual. Tudo que temo como casal foi orientação dele: relação marido e mulher, a criação dos filhos, o espírito cristão pessoal e social. A vida da gente não se move por acaso e ele ajudou muito, com muita solidez. Todas as respostas que satisfazem e nos fazem crescer. Temos um respeito profundo pelo Pe. Celso. É muita fé que infundiu na vida da gente, de todas as pessoas que passaram na vida dele. Sempre tratou e trata a parte religiosa com muita coerência. Um excelente diretor espiritual! – Sra. Sibéria Oliveira da Silva e Sr. Raimundo da Silva. (Entrevista concedida em 30/05/2011) (Rodrigues e Silva, 2012, p. 92-93).

Ademais, a presença do Monsenhor Duca na comunidade refletiu uma abordagem inclusiva que incentivou a participação de todos, independentemente de sua formação ou condição social. Esta inclusão resultou em um ambiente onde as vozes mais silenciadas encontraram espaço para se manifestar, promovendo um diálogo intergeracional que fortaleceu os laços comunitários. O Monsenhor não apenas liderou, mas também escutou e aprendeu com a sabedoria popular, criando um ciclo de aprendizado mútuo que enriqueceu a vivência da fé.

Outro aspecto relevante foi a relação entre a religiosidade e a cultura local. As celebrações religiosas começaram a incorporar elementos da cultu-

ra popular, criando um sentido de pertencimento e identidade que ressoava profundamente com a população. Essa sinergia entre fé e cultura contribuiu para que os rituais não fossem apenas eventos religiosos, mas celebrações da vida comunitária, que uniam as pessoas em torno de tradições e valores compartilhados. Assim foi com a tradicional Festa da Padroeira, Nossa Senhora do Rosário de Fátima que sempre acontece no primeiro final de semana do mês de junho e, com a tradicional Queima do Alho, um evento cultural, uma cavalcada que marca a Rodeio do Município sempre realizado no mês de agosto em que Pe. Celso sempre fazia questão de abrir o desfile montado no seu burrinho.

Segundo o casal Sr. Rezende e D. Creuza, a festa da padroeira sempre fora realizada a partir de doações da comunidade: donativos, leilões e trabalho. Sempre envolveu toda a comunidade, segundo os festeiros de 2011, são cerca de 400 (quatrocentas) pessoas trabalhando para que tudo aconteça perfeitamente. E o Pe. Celso sempre lá, o pastor que marca presença e acompanha em todos os momentos. Atualmente, a Festa está na sua 48ª Edição (2025).

Tem diversas equipes. Quem coordena são os festeiros, junto como padre Celso. Ele participa de todas as reuniões. E o melhor de tudo: a festa só dá certo se ouvir o que ele diz. É um serviço voluntário. Você é voluntário. Em regra, os festeiros são dois casais – Sr. Rezende e D. Creuza. (Rodrigues e Silva, 2012, p. 65)

A gente vê que tem dias que ele tá na missa que não aguentando, mas ele não se entrega. Ele não mão. Ele quer acompanhar tudo... tá presente mesmo (Casal D. Maria Terna e Sr. Ado – festeiros de 2010) (idem).

A eclosão religiosa também trouxe um novo olhar sobre as questões sociais e econômicas enfrentadas pela comunidade. A Igreja, sob a liderança de Duca, começou a se posicionar mais ativamente em relação a problemas como a pobreza, a educação e a saúde, promovendo iniciativas que buscavam não apenas aliviar a dor imediata, mas transformar a realidade social. Essa atuação pastoral comprometida com a justiça social consolidou a imagem da Igreja como um agente de mudança e esperança.

Em consonância com a teologia da integralidade, ensinava que cuidar da alma exige também cuidar do corpo, da vida concreta, dos lares, da saúde, da educação e da dignidade de cada pessoa. Assim, tornou-se um fervoroso incentivador das pastorais sociais, enxergando nelas a presença viva do Cristo que caminha com os pobres e marginalizados. Entre essas ações, destaca-se a atuação vigorosa da Pastoral da Criança, que, por longos anos, acompanhou mulheres em situação de vulnerabilidade, desde o período gestacional até os primeiros anos de vida da criança. Foram realizadas orientações sobre nutrição – como a preparação da multimistura –, cuidados maternos e práticas de solidariedade que ultrapassaram os muros da Igreja, tornando-se um verdadeiro serviço à vida. Como ensina Dom Hélder Câmara: “A pastoral da criança é o jeito da Igreja cuidar da vida desde o seu início, com ternura e compromisso”. Outra iniciativa que traduz o compromisso social do Monsenhor foi o fortalecimento da Pastoral das Cáritas, que até os dias de hoje ampara cerca de 70 famílias da comunidade araputanguense. A Cáritas, sob sua liderança espiritual, promoveu cursos de formação cultural e geração de renda por meio de oficinas de artesanato, culinária e outras expressões de trabalho digno. Essas ações não apenas ofereceram auxílio imediato, mas fomentaram autonomia, cidadania e o florescimento de lideranças sociais e religiosas no seio da comunidade (Pe. Celso Ferreira de Jesus, sucessor do Monsenhor Erminio Celso Duca, 07/07/2025).

Ainda, a formação de grupos de jovens e a promoção de lideranças femininas foram aspectos fundamentais da eclosão religiosa. A juventude, muitas vezes considerada a futura geração da Igreja, encontrou na liderança de Duca um espaço para desenvolver suas habilidades e assumir papéis ativos na comunidade. Da mesma forma, as mulheres, historicamente sub-representadas, começaram a ocupar posições de destaque, contribuindo para uma Igreja mais equitativa e representativa.

Deste modo, Monsenhor Celso não foi apenas um sacerdote que celebrou a fé; foi também um profeta que encarnou a esperança. Sua vida foi expressão concreta do que a Encíclica *Caritas in Veritate* nos ensina: “A caridade é a via mestra da doutrina social da Igreja”. Sua obra permanece,

não apenas nos muros da paróquia, mas nos corações moldados pela fé e transformados pela ação (Pe. Celso Ferreira de Jesus, sucessor do Monsenhor Erminio Celso Duca, 07/07/2025).

O legado deixado por Monsenhor Duca é uma testamentação da capacidade da fé de transformar vidas e comunidades. A eclosão religiosa em Araputanga não apenas revitalizou a espiritualidade local, mas também gerou um movimento social que reverbera até os dias atuais. A fé, ao se entrelaçar com a vida cotidiana, continua a inspirar ações de solidariedade, justiça e amor ao próximo, reafirmando a importância da religiosidade como um componente essencial da identidade coletiva araputanguense.

Conclusão

“As orações de Maria junto à Deus
têm mais poder junto da Majestade
divina que as preces e intercessão de todos
os anjos e santos do Céu e da Terra.”

Santo Agostinho

A trajetória do Monsenhor Ermínio Celso Duca em Araputanga-MT constitui um capítulo singular na história religiosa, política e cultural da região. Ao longo de décadas de dedicação pastoral, ele transformou a missão evangelizadora em um verdadeiro projeto de desenvolvimento humano e social, integrando fé, solidariedade e cidadania. Sua atuação não apenas consolidou o catolicismo no município, mas também mobilizou forças comunitárias e simbólicas capazes de transformar a realidade concreta do povo. A fé, nesse contexto, foi mais do que crença: foi ação, construção coletiva e instrumento de mudança.

A análise desenvolvida ao longo deste artigo revelou que o Monsenhor Duca operou como mediador entre o sagrado e o cotidiano, entre o imaginário popular e a estrutura institucional da Igreja. Sua sensibilidade à religiosidade popular – permeada por expressões simbólicas e mágicas – e sua postura pastoral aberta e participativa permitiram o fortalecimento de laços comunitários, a valorização da cultura local e a consolidação de uma iden-

tidade coletiva centrada em valores cristãos e humanos. Como vimos, a fé promovida por Duca se traduziu em obras sociais, redes de solidariedade, formação de lideranças e um profundo senso de pertencimento à cidade e à Igreja.

Por meio da abordagem qualitativa e interdisciplinar adotada, este estudo demonstrou que a missionariedade do Monsenhor Ermínio Celso Duca não se restringiu à liturgia ou à doutrina, mas assumiu um papel civilizatório, educativo e político. Sua perseverança, sua escuta ativa, sua ação direta junto aos mais vulneráveis e seu compromisso com a justiça social construíram um legado que permanece vivo no imaginário e na prática da população de Araputanga.

Nesse sentido, o legado de Duca dialoga diretamente com os princípios fundamentais dos Direitos Humanos. Sua ação pastoral estava alicerçada na promoção da dignidade da pessoa humana, na defesa do bem comum e na luta contra as desigualdades. Ao fomentar a educação, o acesso à saúde, a organização comunitária e a valorização da cultura local, ele contribuiu de forma concreta para a efetivação de direitos básicos – como o direito à vida, à liberdade religiosa, à educação, à participação e à memória.

A Igreja, sob sua liderança, tornou-se espaço de acolhida, proteção e promoção de direitos. A religiosidade vivida em Araputanga, impulsionada por sua presença, assumiu uma função social emancipadora, dando voz aos excluídos e motivando ações coletivas de transformação. Como tal, este artigo pretende não apenas documentar uma história local, mas também afirmar que a fé, quando praticada com sensibilidade e compromisso social, pode ser uma das mais poderosas ferramentas de garantia e promoção dos Direitos Humanos.

Assim, ao resgatar e analisar o legado do Monsenhor Ermínio Celso Duca, este trabalho convida à reflexão sobre o papel que líderes religiosos e comunidades de fé podem desempenhar na construção de sociedades mais justas, solidárias e humanas. Que a memória do Monsenhor siga iluminando caminhos de esperança, justiça e paz – em Araputanga e além.

Referências

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAMPOS, Luís Henrique Dreher de. *A missão e o progresso: o catolicismo como agente civilizador no interior do Brasil*. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festas religiosas no Brasil: entre o sagrado e o profano*. São Paulo: EdUSP, 2000.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.
- RODRIGUES, Jefferson Antonione. SILVA, Edna Soares da. *Igreja e missionariedade: um legado em Araputanga-MT*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012.
- SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

12. Da situação de rua na Cuiabá dos delírios urbanos: antes e depois do projeto Copa do Mundo

Edson Benedito Rondon Filho⁴⁵

RESUMO: O presente trabalho teve como inspiração a etnografia urbana de Magnani, com orientação fenomenológica, e apresenta a observação realizada no centro histórico da cidade de Cuiabá-MT, precisamente no espaço urbano caracterizado por pedaços, manchas e pontos onde se concentram variados coletivos da população em situação de rua que, para efeito deste artigo, compreendem aquelas pessoas que vivem, ou são, ou estão na rua. O método atende às perspectivas da Teoria Fundamentada e dispensa a formulação de hipóteses. A observação marcou a descrição do trajeto percorrido e retratado antes e depois do projeto Copa do Mundo 2014 que elegeu Cuiabá como uma de suas subdeses. Talvez o trabalho passe a sensação de “congelamento” da paisagem, mas não podemos desprezar a importância dessa técnica de coleta de dados como construção de um quadro que marca uma historicidade, um tempo e, sobretudo, uma espacialidade de sujeitos invisibilizados pela sociedade, mas inseridos nesse contexto.

Palavras-chave: Situação de rua; Centro Histórico de Cuiabá; Copa do Mundo.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
1 de maio de 2024	5 de setembro de 2024

THE HOMELESS SITUATION IN CUIABÁ OF URBAN DELIRIUM: BEFORE AND AFTER THE WORLD CUP PROJECT

ABSTRACT: This work was inspired by Magnani’s urban ethnography, with a phenomenological approach, and presents observations conducted in the historic center of the city of Cuiabá, Mato Grosso, precisely in the urban space characterized by fragments, patches, and points where various groups of homeless people are concentrated. For the purposes of this article, these are those who live, are, or are on the streets. The method adheres to the perspectives of Grounded Theory and dispenses with the formulation of hypotheses. The observation marked the description of the path traveled and portrayed before and after the 2014 World Cup project, which chose Cuiabá as one of its sub-venues. The work may give the impression of a

45 Doutor em Sociologia (UFRGS), mestre em Educação (UFMT), bacharel em Ciências Sociais (UFMT), Direito (UFMT) e Segurança Pública (APMGO). Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT). Associado ao Instituto Brasileiro de Segurança Pública (IBSP) e ao Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

“frozen” landscape, but we cannot overlook the importance of this data collection technique in constructing a framework that marks a historicity, a time, and, above all, a spatiality of subjects invisible to society but inserted into this context.

Keywords: Homelessness; Historic Center of Cuiabá; World Cup.

Introdução⁴⁶

Esta narrativa pode soar como uma ode fenomenológica de um cuiabano à situação de sua cidade natal – inalada, incrustada, cheirada, ouvida e deglutida em clarificadas e obscuras nuances de campo reproduzido em diário baseado na etnografia urbana de Magnani (2002, p. 11-29), onde a composição da ‘música urbana’ cuiabana teve sua partitura construída com categorias aplicáveis à temática da esquizofrenia do urbano no estranho ato de estranhar ou de se conformar com o percebido na mancha histórica⁴⁷ da urbe, indelevelmente aposta no coração da América do Sul⁴⁸ –, mas é de suma importância para compreensão do vivido pelos sujeitos em situação de rua observados e considerados híbridos no projeto humanidade/natureza como parte integrante que são da cidade de Cuiabá e marcados pelo projeto da Copa do Mundo de Futebol, organizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA).

O estranhamento ao aparentemente conhecido antes do Projeto Copa do Mundo

Curiosidades pelas respostas das realidades multifacetárias do contexto urbano e de rua permeiam as mentes de muitos pesquisadores que se propõem a mergulhar no concreto das cidades ante as múltiplas possibilidades

46 Este artigo fez parte do livro denominado “*RuAção: das epistemologias das ruas à política da rua*”, organizado por Solange T. de Lima Guimarães, Cláudia Cristina Ferreira Carvalho, Luiz Augusto Passos e José Marin, e publicado pela EdUFMT em 2014, resultado de pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa em Movimentos Sociais e Educação do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

47 Mancha Histórica porque os casarões coloniais, da época do Brasil Colonial, marcam os limites do Centro histórico de Cuiabá.

48 Cuiabá é o centro geodésico da América do Sul.

do ato de conhecer ou de desconhecer. Esse mergulho é potencializado pelos variados meios de acesso aos conhecimentos disponíveis na aldeia global, na tentativa de descobrir possibilidades que tangenciam tanto a objetividade quanto a subjetividade, no dilema reinante entre a ação e a estrutura.

Não raras vezes, situações percebidas do cotidiano, às quais não temos respostas imediatas e satisfatórias, e, também, situações “invisíveis”, nos proporcionam reflexões e nos impulsionam às buscas pelas respostas pretendidas. Um dos meios para se tentar o alcance de tal intento se dá através da realização de pesquisa, dentro, é claro, das restrições que naturalmente se apresentam às compreensões do campo e interlocução com os sujeitos envolvidos.

O esquema mental, fugindo é claro do projeto cartesiano, deve se transformar em algo realizável e conversível em concretude, propiciando um duplo entre o desbanalizar e o *retour* do conhecimento.

A inspiração deste trabalho teve como veio de nascença o projeto desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Movimentos Sociais e Educação (GPMSE) do Instituto de Educação (IE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), cuja coordenação restou à cotutela do professor Luiz Augusto Passos. Cotutela porque a liberdade da pesquisa, pelos pesquisadores, marcou o projeto do início ao seu termo e o roteiro para o vislumbre do urbano “tchapeacruz”.⁴⁹

A delimitação do espaço percorrido e observado por este pesquisador se deu com base nas cartografias originadas dos dados coletados junto ao Centro de Referência Direitos Humanos da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Estado de Mato Grosso (SEJUDH/MT), onde se percebe os “pedaços” ou “manchas” de concentração dos diversos coletivos da população em situação de rua.

O ponto de irradiação do percurso realizado várias vezes, em diversos dias, foi a Igreja de São Benedito da Paróquia do Rosário, localizada na avenida Coronel Escolástico, próximo ao Morro da Luz e da antiga ‘Lavra do Sutil’, início do pulsar da Vila de Nosso Senhor Bom Jesus de Cuiabá⁵⁰

49 “*Tchapa e cruz*” é expressão cuiabana que representa aquele(a) que é nativo(a) de Cuiabá. Exemplo, “*Sou cuiabano de tchapa e cruz*”.

50 Segundo a Súmula de informações do município de Cuiabá, a origem de seu nome vem de “[...] ‘IKUIAPÁ – IKUIA – flecha-arpão. – PÁ – lugar (lugar da flecha-arpão). Designação: – de uma localidade onde se pesca com flecha-arpão. – de uma localidade onde antigamente os bororos (et-

nos longínquos anos de 1719.⁵¹ O caminhar cruzou a avenida Tenente Coronel Duarte (Prainha) e adentrou na rua Voluntários da Pátria, ‘quebrando’ na Galdino Pimentel até a Cândido Mariano, onde subi o beco até a praça Alencastro desaguando na avenida Getúlio Vargas, com coroamento da caminhada na praça da República após vista das ruas próximas à Igreja Matriz, ao Palácio da Instrução, aos Correios e ao Museu Histórico de Mato Grosso.

Das inúmeras vezes que caminhei e observei pelo percurso planejado destacarei dois campos considerados emblemáticos, sendo um antes da realização dos jogos da Copa do Mundo e outro depois do evento esportivo mencionado. Lembro que a narrativa, em que pese a delimitação de sua temporalidade, é correlacionada e até mesmo contaminada com as impressões advindas das outras vezes em que o percurso foi realizado, mas não pode ser desconsiderada.

Conforme descrito no parágrafo anterior, por volta das 19 horas do dia 18 de fevereiro de 2014, estava em frente à Igreja de São Benedito para início do trabalho de campo, segundo orienta Cicourel (1965). O local não poderia ter sido mais providencial. Na minha frente o símbolo religioso de Cuiabá, edificado por escravos na época do Brasil colônia, com sua arquitetura deslumbrante, aberta para realização da missa, onde os fiéis devotos do padroeiro São Benedito enchiam as instalações da Igreja. Alguns em estado de êxtase (transe), estimulados pela fé ao santo protetor, aparentavam estar ‘fora de si’ em uma fervorosidade tamanha, inefável às palavras, possível de imaginação e percepção somente às testemunhas presentes. Lembramos Park (1987, p. 26) ao afirmar que “[...] a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição”.

À frente da Igreja, as imagens de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário estavam iluminadas por dezenas de velas acessas por pagadores de promessas e fiéis, o que entorpecia o ar com o cheiro de parafina misturado ao de ‘churrasquinhos’ e da fumaça carbônica expelida pelos veículos pas-

nia indígena) costumavam pescar com flecha-arpão, correspondente à foz do IKUIÉBO, córrego da Prainha, afluente da esquerda do rio Cuiabá, na cidade homônima. Julgamos que o nome da capital de Mato Grosso, Cuiabá, justamente edificada nas duas margens do córrego da Prainha, não seja outra coisa que a corrupção e sonorização de Ikuiapá.” (IPDU/PDI, jan. 2000).

51 Cuiabá tem como marco de sua história a fundação do Arraial da Forquilha em 1719. As lavras do Sutil foram descobertas em 1722, nas proximidades do morro do Rosário, onde foi edificada a Igreja de São Benedito.

santes nas avenidas Coronel Escolástico e Tenente Coronel Duarte. Outro cheiro marcante, tangente ao ocre, era aquele que advinha dos fiéis que estavam no interior do templo; cheiro humano de trabalhador; forte e profundo; de alguém que saiu cedo para a lida e que até àquela hora da noite não tinha ainda visto ‘água’; mesmo assim, não podia deixar de cumprir sua ‘devoção obrigatória’ com São Benedito.

A devoção observada era praticada majoritariamente por mulheres, enquanto seus companheiros ficavam aguardando o término da missa em barzinho localizado atrás da igreja, misturando-se a taxistas, sentados em banquinhos de madeira na calçada do estabelecimento. O visual é nostálgico, um antigo ‘bolicho’ onde os fregueses, na totalidade do sexo masculino, conversam no aguardo das mães, tias, esposas, filhas e primas devotas. Ressalvo meu pesar pela impossibilidade de captar o teor das conversas; seria muito interessante ‘bisbilhotar’ aquele pedaço⁵², mas não tínhamos o “passaporte” e o meu desiderato era outro, ou seja, observar quem estava na situação de rua.

Do ponto de vista ‘das estátuas’, o visual próximo às escadarias da Igreja de São Benedito, é deslumbrante. Passa a sensação de que os santos estão a guardar a cidade e esta segue seu caminho, barulhenta, iluminada pelos faróis – dos carros e de trânsito – com destaque à luminosidade imponente da mesquita mulçumana localizada no topo do Morro da Luz, também avistada do local. O ato de conviver lado a lado, bem pertinho, mulçumanos e afrodescendentes católicos em seus espaços de adoração, expressando-se harmoniosamente e sem interferências beligerantes de suas crenças nos levam a refletir sobre a violência religiosa tão comum em alguns cantões de nossa Terra, mas, ao mesmo tempo, nos tira a atenção daqueles que estão ‘invisíveis’.

O auditivo profano foi percebido à porta da Igreja do Rosário e creio que funciona como uma provocação ao sagrado, lembrando que existem almas a serem salvas. Dentro da Igreja, música sacra moderna; na porta, som de música sertaneja vindo de um ‘botequim’ localizado na avenida Tenente Coronel Duarte, atrás de uma outra igreja (Senhor dos Passos), e no início do ‘beco do Candeeiro’, palco de chacina de adolescentes algum tempo

52 Segundo Magnani (1996, p. 32), “[...] quando o espaço – ou segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebe o nome de pedaço”.

atrás⁵³. É como se a tentação estivesse bem ali, às portas do templo, provocando os fiéis a pecar no fragmentar dos sons, só esperando o encantamento acontecer pelo chamado de Baco.⁵⁴ Esse bar funciona como um pórtico, pois o beco do Candeeiro, à noite, não oferece passaporte a todos que pretendam por lá transitar. A passagem para o mundo do ‘candeeiro’ passa pelo bar, ali se dá a aceitação na interação e autorização dos atores que fazem parte daquela paisagem.

No beco, pedras de ‘crack’ e pasta base estalavam misturando-se à fumaça dos cigarros das prostitutas, cafetões e bêbados, constituindo-se em região moral de concentração desse tipo de atividades desenvolvidas pelos grupos citados (Park *apud* Becker, 1996, p. 182).

Interessante que, há alguns anos, a movimentação desses atores no bar do pórtico do beco do Candeeiro não era tão marcante, devido à existência de uma câmera de monitoramento instalada no cruzamento das avenidas Tenente Coronel Escolástico e Tenente Coronel Duarte com a rua Voluntários da Pátria. Ao ser danificado o *big brother*, tais sujeitos se revigoraram e foram resgatados da obscuridade. Atores outrora marginalizados e invisibilizados pelo ‘dedo duro’ saíram do beco e se expuseram em uma das vias arteriais mais movimentadas da capital de Mato Grosso. ‘Chaminés humanas’, ‘mariposas’ e seus comerciantes enfim puderam mostrar quem manda no pedaço, como se despertassem, após o uso de ‘crack’, do sistema de vigilância de um sono casual, podendo, enfim, viver o modo *blasé* de ser⁵⁵ (Simmel, 1987, p. 16), nos seus vícios comercializados (Park, 1987, p. 54) e afronta direta à moral conservadora cuiabana. Mesmo se consertando o equipamento de monitoramento visual, o pedaço continuou dominado pelos seus viventes e dependentes.

Seguindo a Voluntários da Pátria, a suntuosidade dos casarios deixados pelos portugueses embasbaca quem nunca se deixou aperceber-se dos deta-

53 A chacina do “Beco do Candeeiro”, como ficou conhecida a tragédia que marcou Cuiabá, no dia 10 de julho de 1998, com a morte de três adolescentes assassinados a ‘sangue frio’ do local citado. Disponível em: <<http://www.expressomt.com.br/matogrosso/pm-reu-da-chacina-do-beco-do-candeeiro-deve-ir-a-juri-em-cuiaba-113237.html>> e <http://www.reporternews.com.br/noticia/401543/dezesseis_anos_apos_%93chacina%94_pm_sera_julgado>. Acesso em: 20 set. 2014.

54 Deus do vinho e da fertilidade para os romanos. Representa a vida dissoluta.

55 “Vida em competição desregrada ao prazer”, com agitação dos nervos “[...] até seu ponto de mais forte reatividade por um tempo tão longo que eles finalmente cessam completamente de reagir” (Simmel, 1987, p. 16).

lhes minimamente trabalhados em tais edificações. O Museu da Imagem e do Som de Cuiabá (MISC), instalado em um casarão nessa mesma rua, é um ponto do circuito artístico cuiabano, lembrando que por lá, também aconteciam reuniões festivas *urderground*. Mais uma vez o profano insulta o sagrado, pois de frente ao MISC se localiza a Igreja Nosso Senhor dos Passos,⁵⁶ cujas missas são frequentadas por beatas. É o paralisar do tempo naquele templo contraposto à contemporaneidade e cosmopolismo do pedaço. Poderíamos dizer que há sim uma sobreposição de papéis, pois durante o dia o local é frequentado por um tipo de público que o usa, principalmente, para o comércio e à noite é ocupado por outro que o tem como refúgio – no caso do calçadão da Sete de Setembro – ou como ponto de encontro alternativo cultural⁵⁷ – no caso do MISC – e até para consumo de drogas – nos pontos obscuros do calçadão. É a apropriação do pedaço por vários grupos com interesses distintos.

Ao caminhar pelo calçadão da Sete de Setembro, rumo ao calçadão da Galdino Pimentel, percebi, em uma viela sem iluminação, um grupo de aproximadamente seis pessoas consumindo drogas. O cheiro era de “*marijuana*”, mas ouvia-se, também, o estalar das *pedras*. O sentimento de não pertencimento me conduziu a uma aceleração dos passos. A pouca iluminação conferia uma robustez ao meu medo daqueles “donos do pedaço”, afinal não havia me apresentado e não tinha passaporte, o que me tornou “invasor”. A “invasão” desautorizada é prática corriqueira da polícia naquele pedaço. Batidas (de mãos e cassetetes) e conduções dos “desviantes” são constantes. A simples presença naquele pedaço é um risco. Risco aos “nativos” pela ro-

56 Segundo Negrão e Morales (2008, p. ?), “[...] diz a história (ou seria lenda?) contada por um certo Joaquim Ferreira Moutinho, em 1869, que ‘a Igreja do Nosso Senhor dos Passos teria sido construída por um português chamado José Manuel. Após sofrer um ataque de catalepsia, José Manuel foi considerado morto e sepultado’. ‘Por ter conseguido escapar do seu sepulcro com vida, o homem, para agradecer, passou a angariar fundos para construção de uma capela em homenagem ao Senhor dos Passos. Assim nasce a Igreja bicentenária’, conta Joaquim em seus escritos. A outra versão, mais aceita, é a de Eduardo Etzel. Em seu livro ‘O Barroco no Brasil’, citando o padre Wainir Delfino César – cujo corpo foi sepultado sob a torre – ele relata: ‘Na segunda metade do século XVIII os devotos de Nosso Senhor dos Passos resolveram buscar uma imagem para ser venerada na Matriz, visto que as prescrições reais não permitiam a construção de uma capela própria. No entanto, depois que veio a imagem, os mesmos devotos não ficaram satisfeitos e aos poucos foram construindo a Capela do Nosso Senhor dos Passos [...]’.

57 O lazer aqui poderia ser muito bem deslocado de categoria nativa para categoria compreensiva (Magnani, 1996, p. 31-32).

tulação imposta pelos empreendedores morais. E risco aos “invasores” por serem considerados uma ameaça às atividades dos “nativos”.

No calçadão da Galdino Pimentel foi percebido o uso dessa via como atalho para pessoas que se deslocam aos pontos de ônibus localizados na avenida Tenente Coronel Duarte. Os passos dos transeuntes, sempre acelerados e largos, deixavam a dúvida se a pressa se dava pelo medo do local ou pela ansiedade de retorno para casa, após jornada de trabalho ou escolar. Ponto de destaque é um hotel, pequeno, de arquitetura e detalhes peculiares, que resgata o *glamour* da antiga ‘rua de baixo’.

Subindo um pequeno trecho calçado da Cândido Mariano (semelhante a um beco), deparei-me com um bar, provavelmente pertencente a um fluminense ou cuiabano fanático por times fluminenses, pois escancaradas à vista de qualquer um estavam duas bandeiras, uma do Botafogo e outra do Flamengo. O público era eminentemente masculino, que tinha na cerveja a companhia para a música ali tocada.

Na praça Alencastro, fui recepcionado por um odor proveniente, possivelmente, do mijo e da boca-de-lobo localizada na esquina da Cândido Mariano com a Pedro Celestino. O calor intenso de Cuiabá potencializa os odores e chega a causar indisposição nos transeuntes que passam pelo local. Sobrepostos na praça, vários pedaços se entrelaçam, em uma diversidade de atores que espanta. Meninos, pré-adolescentes e adolescentes, jogam futebol com minitraves confeccionadas em metal, o que indica uma continuidade nessa prática desportiva naquele local, talvez pelo fato de residirem nos edifícios circunvizinhos e inexistir áreas para prática de esportes, restando como opção a praça. Também, estudantes adolescentes, trajando uniformes de suas escolas se reúnem no coreto e proseiam horas a fio.

Um grupo de jovens do sexo masculino em situações bem íntimas chamava a atenção de senhoras que passavam pelo local. Como corolas e guardiãs da moral da cidade, cochichavam, expressando ar de espanto dirigido às relações homoafetivas visualizadas. Mas, a cidade está longe dessas restrições, como bem lembrado por Simmel (1987, p. 20) em suas palavras que afirmam a liberdade do homem metropolitano, “[...] em um sentido espiritualizado e refinado, em contraste com a pequenez e preconceitos que atrofiavam o homem de cidade pequena”.

Ainda, várias pessoas que vivem na rua estavam deitadas no coreto da praça e ali proseavam. Pedacos de papelões indicavam o seu uso como cobertores, apesar da previsão de elevada temperatura para aquela noite.

Aquela altura, a empolgação acabou por suggestionar uma mudança no itinerário previamente pensado, desviando-me para uma visita à antiga residência dos Governadores do Estado, localizada na rua Barão de Melgaço.⁵⁸ Ao subir a rua paralela à prefeitura, sede do Poder instituído do município, localizada na praça Alencastro, encontrei um casal de moradores de rua. Os dois falavam em alto tom e pareciam discutir. Ele estava com um “corotinho”⁵⁹ de cachaça em uma das mãos e com a outra gesticulava e tentava afastar sua companheira. O quadro indicava um conflito instaurado pelo desejo do álcool. Ela, ávida por sorver a bebida; ele, resistente em dividir o pouco que lhe restara. Desse quadro, percebi a indiferença do casal para com os transeuntes da mesma forma que destes para com aquele. A marca na relação entre quem está na rua e quem não está é justamente essa, a indiferença. O quadro se apresenta e todos ignoram como se não existisse – é a invisibilidade da carne humana, doente e sedenta pelo álcool, no caso observado por aqueles que se acham dotados de muitas preocupações “mais importantes”.

Desci a Barão de Melgaço e ‘dobrei’ a Getúlio Vargas, avenida de considerável movimento e retornei à Praça Alencastro após passar em frente ao Cine Teatro Cuiabá. No ponto de ônibus da praça, observei muitas senhoras e estudantes aguardando ansiosamente pelo transporte coletivo. De maneira indiferente de uns para com os outros, comportavam-se negativamente à presença do próximo não tão próximo. A reserva extremada estava clarificada naquele quadro (Simmel, 1987, p. 17). Disse ‘ansiosamente’ porque algumas dessas pessoas, a todo instante, ficavam olhando seus relógios, demons-

58 A Residência Oficial dos governadores de Mato Grosso foi construída entre os anos de 1939 e 1941, no governo do Interventor Júlio Müller. Foi a primeira construção das Obras Oficiais do Governo Vargas. Getúlio Vargas foi o primeiro presidente brasileiro a visitar o Estado e, também, o primeiro hóspede ilustre da casa. Durante 45 anos a residência abrigou 14 dirigentes do estado de Mato Grosso e seus familiares, sendo desativada como residência oficial em 1986. A última reforma/restauro em 2000 devolveu à residência suas características do projeto original. Foi também palco de grandes decisões políticas e governamentais. Construção: 1941; Estilo: Arquitetura típica do Estado Novo. Ocupação Atual: Banco de Desenvolvimento de Mato Grosso/MT Fomento. Tombamento: Portaria nº 53/83 D.O. 9/01/1941. Situação Atual: ótimo estado de conservação. Antiga Residência dos Governadores, localizada na Av. Barão de Melgaço atrás do prédio da prefeitura de Cuiabá. Disponível em: <http://www.cultura.mt.gov.br/TNX/galerias_indice.php>. Acesso em: 9 out. 2008.

59 “Corotinho” é a forma como se denomina pequenos volumes em plástico ou vidro com cachaça.

trando ansiedade. Ajustando meu foco naquele quadro percebi que a impaciência decorria do fato de haver nas proximidades um morador de rua que ali dormia, balbuciando palavras incompreendidas, não sei se em sonho ou em pesadelo.

Atravessei a Getúlio Vargas e contornei a Matriz⁶⁰ que, naquela hora (21h30min), já estava fechada, melhor dizendo, trancada, com seus portões impedindo qualquer um que quisesse se aproximar de seu alpendre. Lembrei-me que “sem-teto” faziam o uso do alpendre da Igreja para abrigo do relento e talvez isto tenha sido o motivo de se levantar o portão como barreira. Com a instalação dos portões da Igreja Matriz, aos “sem-tetos” restaram, como opção de cama, os bancos da praça da República.

Em seguida, fiquei apreciando a arquitetura do Palácio da Instrução⁶¹ e mais uma vez resolvi alterar o roteiro, descendo até a Isaac Póvoas pelo

60 Segundo o disponível em <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=47486&edicao=9916&anterior=1>>, Acesso em: 28 jul. 2014, a Igreja Matriz “[...] foi construída, no longínquo ano de 1722 [...]”. Quem primeiro teve a iniciativa de levantá-la foi o bandeirante paulista, e então capitão-mor do Arraial de Cuiabá, Jacintho Barbosa Lopes. A primeira igreja foi um rancho de pau-a-pique levantado próximo às minas de ouro da Prainha. Somente em 1723 foi fundada a Freguesia de Cuiabá, posto que era o costume, nas novas terras descobertas, levantar primeiro a igreja matriz e só depois, e em volta dela, se constróem os outros poderes, as sedes da administração, as casas dos ricos ou privilegiados. Em 1739, a igreja ganhou paredes de taipa-socada e, de 1775 até 1928, sobreviveu com as paredes sólidas e os ares barrocos que até ontem resistiram muito antes de virar poeira”. Em 26 de setembro de 1968 ela foi demolida para a construção da atual matriz (IGREJA..., 2014).

61 Segundo matéria disponível em <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=150982&edicao=10701&anterior=1>>. Acesso em: 20 set. 2014, o Palácio da Instrução foi “[...] construído em estilo neoclássico no ano de 1913, o prédio tem grande valor histórico e arquitetônico. Edificado em alvenaria e pedra canga levou três anos para ser concluído. [...] Durante 57 anos funcionaram as escolas: Normal, Pedro Celestino, Liceu Cuiabano, entre outras. Abrigou ainda diversas instituições culturais. Pelo Palácio passaram nomes da política e literatura regional como: Lenine Póvoas, Dunga Rodrigues, D. Maria de Arruda Müller, e tantas outras celebridades históricas. O Palácio da Instrução foi tombado para integrar o Patrimônio Histórico Artístico e Cultural, através da portaria nº 03/1983 da Fundação Cultural de Mato Grosso. [...] Com projeto do Engenheiro João da Costa Marques, e firma Magalhães & Melo teve início a obra. Porém, no governo Costa Marques (1911 a 1915) – o projeto sofreu alteração. O prédio foi edificado em alvenaria e pedra canga, em estilo neoclássico. Construído em terreno isolado a fachada principal voltada para praça da República com área coberta de 1286 metros quadrados sendo o terreno todo de 4.757 metros quadrados, a fachada principal com 54 metros e a fachada lateral com 27 metros. Pé direito de 13 metros de altura levando-se ao centro um frontão a 16 metros com o Brasão da República e a data de sua construção 1913. O local possuía 27 salas destinadas às necessidades escolares, quatro gabinetes sanitários, toaletes, vestíbulo e um vasto e espaçoso salão. No centro do edifício como que o dividindo em partes iguais encontra-se o Salão Nobre, e o acesso ao andar superior feito por uma ampla escadaria. As janelas com duas folhas de almofadas e duas de vidro, ao todo 88, com detalhe especial: os vidros foram fabricados na Bélgica, e traziam gravados o Brasão de Armas de

calçada da Antônio Maria. Destaco a nova roupagem do centro antigo de Cuiabá com o processo de revitalização, que funcionou como uma higienização, onde atores ‘donos do pedaço’ foram invisibilizados em detrimento de tal política.

Da Isaac Póvoas fui até a Praça Maria Taquara⁶² e ali observei uma verdadeira ‘torre de babel’ com representantes de diversos grupos de referência, em uma mistura difícil de descrever. Mototaxistas, garis, estudantes, trabalhadores e algumas pessoas embriagadas, em um ponto considerado restrito e defronte à Igreja do Bom Despacho, opondo, mais uma vez, o profano com o sagrado.

Todo o percurso pode ser considerado uma mancha comercial (durante o dia), pois é a prática que domina majoritariamente esse espaço geográfico. Muitos pedaços estão ali marcados, inclusive de maneira sobreposta. Ainda, existem na mancha pontos de circuitos culturais (por exemplo, o MISC) e religiosos (Igrejas) e os pórticos de passagem para áreas não permitidas. A população em situação de rua também integra esses espaços nos seus mais variados coletivos que variam em conformidade com a temporalidade do dia, mas é “invisível”, rotulada, discriminada, oprimida, ignorada etc. Muitas vezes vista como “caso de polícia”, a rotulação que lhe sobra é de escória, marginais, bandidos, drogados, desocupados, perturbados mentais etc. em uma perversidade sem métrica, reproduzida estruturalmente, inclusive, por aqueles que deveriam compreender e ver a situação dessas pessoas com olhos mais humanos.

Essa descrição é uma breve ideia de como foi o transitar pelo campo naquela noite de fevereiro de 2014 e, para marcar a mudança na paisagem, apresentarei, de maneira comparada, o quadro descritivo do espaço percorrido, levando em conta o lapso temporal de apenas alguns meses que separaram a noite da descrição e o marco histórico-político da Copa do Mundo, uma vez que Cuiabá foi selecionada como uma das doze subsedes brasileiras. Isto considerando, contextualizarei, primeiramente, o evento futebolístico em referência.

Mato Grosso. (Dados históricos fornecido pelo livro História do ensino em Mato Grosso, de Marílio Humberto, e Revista do Arquivo Público de Mato Grosso)”.

62 Maria Taquara é personagem do folclore cuiabano. Mulher simples, lavadeira, inovou em seu tempo ao usar calças, vestimenta tipicamente masculina para a época. Sua estátua foi construída pelo artista plástico Aroldo Tenuta e pesa 450 quilos com 4,20 metros de altura, trabalhada em ferro.

Cuiabá e os jogos da Copa do Mundo de futebol

O Brasil tem sua identidade nacional marcada pelo carnaval e pelo futebol. Imiscui-se nessa paixão um misto de diversão e controle político, encapsulado no “sapatinho” e na “pátria de chuteiras”. No carnaval ocorre a suspensão da moralidade cotidiana. Há máscaras para os papéis assumidos nesse período de euforia e diversão (Da Matta, 1997). No futebol, a difusão de ideia de vitória, de resiliência, de sucesso e, sobretudo, da potência Brasil, celeiro de craques.

Entretanto, o mapa do futebol mundial se reconfigurou e o Brasil que nunca desceu do 4º lugar do *ranking* mundial, ao tempo da pesquisa, ocupava o 6º lugar. Há um componente político e capitalista muito forte que, inclusive, conduziu a candidatura brasileira à copa de 2014. O processo foi deveras concorrido, com disputa em primeira fase, no ano de 2003, entre Argentina, Brasil e Colômbia, candidatos apresentados pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol). Importante frisar que a FIFA imprimiu um rodízio entre as federações, possibilitando a realização da Copa do Mundo de maneira alternada nos continentes componentes do globo terrestre. Ou seja, a Copa de 2014 já tinha seu lócus definido, a América do Sul. Em 2007, foi anunciado o Brasil como único candidato e bastava o país atender as exigências da FIFA para se consolidar como sede de maneira oficial.

Ao reboque da escolha do Brasil veio uma disputa interna pela definição das cidades sedes que receberiam os jogos do torneio. No Centro-Oeste, candidataram-se todos os Estados mais o Distrito Federal, marcando-se nessa disputa a exacerbação da rivalidade regional entre Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, fruto da raiz comum entre os dois Estados. A seleção do Distrito Federal, com Brasília como capital do Brasil e subsede, inviabilizou a candidatura de Goiânia. A outra vaga, após um processo tenso, foi direcionada para Cuiabá. *Slogans* como “*chupa essa manga*” ganharam a pauta das manifestações em comemoração à vitória no processo seletivo, inflando o ego cuiabano que viu na Copa do Mundo a redenção para os problemas urbanos de Cuiabá.

A direção da organização do evento prometeu colocar em prática projetos engavetados há décadas e referentes à arquitetura urbana da cidade. O modal de transporte escolhido, Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), também foi acompanhado de inúmeras rugas políticas e judiciais. Ao final, definiu-se

pelo “padrão FIFA” de “organização e execução”, mesmo com a resistência da oposição, que denunciou o uso político do projeto ante à exiguidade do tempo, o que inviabilizaria a concretização daquilo que foi planejado.

Viadutos, trincheiras, avenidas, pontes, passagens, ‘revitalizações’, arena Pantanal, *Fanfest* e investimentos comerciais foram alguns dos ganhos anunciados como solução para os problemas estruturais da cidade que teria mobilidade urbana e qualidade de vida. Com estes sonhos vendidos, a população aderiu ao projeto e apoiou a iniciativa do governo. Dessa paisagem de concreto, pouco ou quase nada se falou daqueles que nela estavam. A população em situação de rua foi extirpada não só desse projeto, mas, também dos seus espaços de ocupação.

Das vezes que percorri o trajeto descrito em passo anterior, e com a missão específica de descrever o observado, a cidade estava um verdadeiro caos, com suas artérias expostas. O verde foi retirado das avenidas principais para a construção do VLT e, digo mais, Cuiabá não mais faz jus ao título de “cidade verde”. Buracos e mais buracos, desvios, trânsito insuportável, a sensação de que a temperatura está mais alta que o habitual (talvez pela ausência das árvores para amenizar tal sensação), mesmo sendo o ano de 2014 um ano atípico devido às chuvas constantes até quase o final de maio. Obras interditadas, outras embargadas e refeitas por falhas na execução do projeto foram as manchetes que se repetiram na mídia local. O cúmulo do absurdo, a título de exemplo, aconteceu com o viaduto de acesso à UFMT que teve falhas, visíveis a olho nu, denunciadas por estudante do curso de Engenharia em contrassenso ao megaprojeto elaborado pelos responsáveis técnicos⁶³. Em muitas avenidas a “grama foi pintada de verde” literalmente⁶⁴, pois para encobrir o atraso na execução das obras o governo ‘colocou’ grama para esconder os buracos deixados pelas empreiteiras.

Enfim, chegou a Copa do Mundo e o que houve de interferência na paisagem anteriormente descrita?

63 Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2013/06/governo-e-consorcio-admitem-erro-em-obra-de-viaduto-da-copa-em-cuiaba.html> e <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=434494>>. Acesso em: 20 set. 2014.

64 Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/mt/copa-do-mundo/noticia/2014/05/jeitinho-brasileiro-grama-e-plantada-em-area-onde-o-vlt-vai-passar-em-mt.html>>. Acesso em: 20 set. 2014.

É nessa perspectiva que passo doravante a descrever minhas impressões.

Retrato pós-Projeto Copa

Esse segundo marco temporal e espacial, também foi percorrido de maneira solitária e nos levou a situações limites, mas o desejo incontrolável pela exploração nos impulsionou a realização do campo, que contou com as fortes referências anteriores, para percepção das alterações havidas.

Dessas impressões, escolhi as advindas do campo pesquisado, realizado em uma terça-feira, dia 15 de julho de 2014, mesmo horário (19 horas) do campo relatado em linhas atrás, após os jogos destinados a Cuiabá, registrando-se em resenha futebolística quatro jogos realizados, sendo Chile e Austrália (13/06); Rússia e Coreia (17/06); Nigéria e Bósnia-Herzegovina (21/06) e Japão e Colômbia (24/06).

Como da primeira vez, o percurso foi irradiado da Igreja de São Benedito da Paróquia do Rosário. O cheiro de parafina misturado ao de ‘churrasquinhos’ e da fumaça expelida pelos veículos permaneceram, mas o beco do Candeeiro estava diferente. Ainda que a música profana do bar pórtico do beco persistisse em alto e bom tom, o pedaço estava vazio. Seus ocupantes anteriores desapareceram, ao menos naquela noite não os vi, o que me soou estranho. De fato, agora eles estavam verdadeiramente invisíveis como se estivessem sido abduzidos em razão da higiene tão almejada pelo padrão FIFA de excelência. A região moral, antes existente, foi encapsulada. O sistema é perverso e, para atender interesses maiores, aceita tudo, até mesmo esconder sua realidade como se tais pessoas fossem mazelas e não fruto das próprias condições e oportunidades ofertadas de maneira excludente pela estrutura.

Talvez o marco físico e simbólico desse quadro seja a inauguração da Companhia de Polícia Militar,⁶⁵ acontecida em 13 de março de 2014, como resultado de Parceria Público Privada (PPP), através da Câmara de Diretores Lojistas (CDL), Prefeitura Municipal e Governo do Estado. Essa iniciativa é parte do processo de higienização daquele pedaço com o intuito de controle das prostitutas e usuários de drogas e maior “segurança aos transeuntes”.

⁶⁵ Disponível em: <<http://midianews.com.br/conteudo.php?sid=3&cid=191614>>. Acesso em: 20 set. 2014.

Ao seguir para a rua Voluntários da Pátria, percebi novamente a ausência dos sujeitos anteriormente viventes naquele espaço e a outrora suntuosidade dos casarios exalava agora um ar fantasmagórico. Por sua vez, a Igreja Nosso Senhor dos Passos me lembrava mais uma catacumba sem ninguém para marcar aquele pedaço.

Rumo ao calçadão da Galdino Pimentel, visualizei, na viela, um grupo de três pessoas agachadas enrolando o ‘baseado’, ou seja, por mais que se queira ‘higienizar’ a rua, ela sempre nos surpreende como se nos falasse: “Eu não tenho dono ou dona, sou de todos e de todas!”. No calçadão, o mesmo frenesi marcado pelos passos acelerados dos transeuntes ansiosos pelo retorno às suas casas.

Na praça Alencastro, reminiscências da Copa – uma semana depois do vexame do jogo do Brasil contra a Alemanha – marcavam um quadro com algumas pessoas trajando camisetas da seleção canarinho e de outros times que atuaram na Copa do Mundo. Naquele ambiente, estabeleci contato com moradores de rua que me apresentaram notícia impactante. Segundo um informante morador de rua, o Centro POP de Cuiabá que se localizava na rua Pedro Celestino, próximo à praça Alencastro, foi fechado. Indícios dão conta que o ato de fechamento se deu por reivindicação do setor comercial cuiabano que via na aglomeração das pessoas em situação de rua, naquele ponto de apoio, um ‘perigo’ aos anseios capitalistas. A simples presença deles naquele ponto gerava medo e afugentava a clientela. Ou seja, rotulação imposta, diferença convertida em desvio, e a fórmula potencialmente mortal consumada. Retirem-se os desviantes. E assim foi feito, começando pelo fechamento do ponto de apoio a esses marginalizados.

Desse relato me veio uma perspectiva tangente a uma possibilidade de exclusão entre os pedaços percebidos, uma vez que os representantes da mancha comercial e sua autoconsideração como donos do pedaço se articularam politicamente para desativar ponto de apoio dos coletivos da população em situação de rua, por mim considerados, também, donos do pedaço, mas inferiorizados nessa relação de poder.

Na rua Barão de Melgaço, bem como na avenida Getúlio Vargas, observamos a ausência das pessoas em situação de rua. Na praça da República, localizada em frente à Matriz, alguns *hippies* ofertavam seu artesanato para os poucos transeuntes daquele dia. O portão da Igreja, tal qual na última vez, estava fechado.

Ao descer o calçadão da Antônio Maria rumo à avenida Isaac Póvoas o mesmo vazio, com poucas pessoas transitando sob os olhares do corpo de vigilantes responsável pela guarda dos estabelecimentos comerciais no período noturno.

O quadro retratado anteriormente, no que toca à praça Maria Taquara, parece que foi congelado, pois que encontramos a mesma ‘torre de babel’ com a presença de mototaxistas, ébrios, pedintes, trabalhadores, mulheres, adolescentes, idosos e outros coletivos concentrados nas proximidades dos pontos de ônibus ali existentes. Esta ambiência/*topoi* reporta-me à Cunha (2009), pesquisadora que investigou o fenômeno *trabalhadores de rua*, quando pondera que a rua, um dos principais espaços públicos, não é meramente um lugar de passagem e circulação, é também o lugar do encontro, do movimento, da mistura como teatro espontâneo.

Logo, esse teatro espontâneo denota lugar de ocorrência dos mais diversificados fenômenos, e neles incluem-se os educativos. Neste contexto, a rua configura-se como lugar de educação não-formal e informal, emprestando as palavras de Gohn (2006, p. 29, grifo da autora), segundo a qual, nesses processos, “[...] o grande educador é o ‘outro’, aquele com quem interagimos ou nos integramos.”

Essas situações relacionais remetem aos ensinamentos de Paulo Freire (1986, p. 35) quando, em sua obra *Educação como prática da liberdade*, expressa que “Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio”. No pensar desse autor, a partir das relações do homem com a realidade, decorrentes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a e, em meio a estas ações, vai acrescentando algo de que ele é o seu próprio fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos, fazendo culturas. E é também o jogo dessas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiando e respondendo ao desafio, alternando e criando, que não permite a imobilidade. É, pois, neste movimento relacional que vivem e convivem nossos invisíveis protagonistas, moradores de rua, que aqui e ali, lá e acolá, migram de “pedaços” a “pedaços” e, com suas vivências e experiências, resistem às ameaças capitalistas, vão mobilizando-se e produzindo seus saberes, valores e referenciais.

Alicerçado nos fenômenos percebidos, tenho, do observado, que a área percorrida ainda pode ser considerada uma mancha comercial com pontos

de circuitos culturais e religiosos, mas os pontos de concentração de muitos coletivos formados por pessoas em situação de rua, ao menos nesse dia do campo, não foram identificados, o que nos leva à afirmação de um processo de higienização da área central, mesmo que somente no período de realização da Copa do Mundo. Os indícios mais fortes dessa afirmação são o fechamento do Centro POP, localizado na rua Pedro Celestino, e a criação de Companhia de Polícia Militar no Beco do Candeeiro.

Considerações finais

O percurso empreendido, como fonte de observação para este artigo, é marcado por inúmeras construções que rememoram ao século XVIII, tombadas pelo patrimônio histórico, contrapondo ao movimento frenético do urbano que invadiu aquele espaço, criando um paradoxo entre o que representa o passado e o futuro, presentes na vivência temporal dos cuiabanos de nascença ou por adoção, impactando diretamente a população em situação de rua, invisibilizada nesse processo traumático implementado por conta do projeto “Copa do Mundo” e seu padrão FIFA de qualidade.

Pela orientação fenomenológica buscamos perceber a paisagem e a realidade dos sujeitos observados. O novo e o velho, o jovem e o idoso, o trabalhador e o ocioso, a prostituta e as beatas, meninos de ruas e estudantes, ébrios e errantes, convivendo lado a lado; experiência possível no urbano, especificamente na rua, e no seu modo *blasé*, estranhado depois das bases metodológicas apresentadas.

O sagrado e o profano materializados nos monumentos, prédios, ruas, calçadões, becos, contrapõem as pessoas cujas relações são marcadas por maniqueísmo, rótulos e estigmas e, ainda despersonificam aqueles que são desprovidos de bens materiais e se encontram em situação de vulnerabilidade, como é o caso da população em situação de rua.

A situação de Cuiabá não difere de outros locais, contando com significações multifacetárias nas relações estabelecidas com a população em situação de rua. Há uma rejeição e um sentimento de medo contra alguns coletivos, como é o caso dos dependentes de drogas e dos perturbados mentais.

A rua, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que nomeia é também espaço de vivências simbólicas, identitárias e materiais (Gregori, 2000, p. 101) que devem ser compreendidas, reconhecidas e respeitadas dentro das plura-

lidades possíveis. A solução da problemática passa por inúmeras estratégias que devem procurar estabelecer redes de ação e atendimento entre os diversos níveis de governo e Poderes, bem como a sociedade civil organizada.

Referências

BECKER, Howard. A escola de Chicago. In *Mana: estudos de Antropologia Social*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 177-187, out. 1996.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar. *Desvendando máscaras sociais* (Org.) Tradução de Alba Zaluar Guimarães. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1965, p. 87-121.

CUNHA, A. M. *Trabalhadores de rua: tensões e resistências na luta pelo direito ao trabalho*. Revista Katálvs, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 77-85, jan./jun. 2009.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986).

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: avaliação política pública e educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GREGORI, M. F. *Viração: experiências de meninos de rua*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

IGREJA HAVIA PASSADO POR DIVERSAS REFORMAS. Disponível em <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=47486&edicao=9916&anterior=1>. Acesso em: 20 set. 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo uma antropologia na metrópole. In MAGNANI, J. G. C.; TORRES, Lilia de (Org.). *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996. p. 12-53.

_____. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais [s.l.], v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

_____. Tribos urbanas: metáfora ou categoria? *Cadernos de Campo*. Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia, São Paulo: Departamento de Antropologia, a. 2, n. 2, 1992. Disponível em: <<http://antropologiausp.blogspot.com.br/2010/05/cadernos-de-campo-vol-2-n-2-1992.html>>. Acesso em: 20 set. 2014.

NEGRÃO, João; MORALES, Protásio.
*Igreja do Nosso Senhor dos Passos
guarda histórias e lendas da velha
Cuiabá*. Disponível em: <http://www3.cultura.mt.gov.br/TNX/imprime.php?cid=848&sid=54> acesso em: 20 set. 2014.

PARK, Robert E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio (Org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987, p. 26-67.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio (Org.). *O Fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987, p. 11-25.

13. Brasão de Armas de nobreza da família Falcão

Francisco Ildefonso da Silva Campos⁶⁶

João Ernesto Paes de Barros⁶⁷

Jessika Matos Paes de Barros⁶⁸

RESUMO: A genealogia da família Falcão registra como uma das primeiras famílias pioneiras que aportaram em Mato Grosso na época do descobrimento das minas de Cuiabá. O presente artigo descreve a concessão do Brasão de Armas de Nobreza a José Paes Falcão das Neves e seu irmão Salvador Paes Falcão pelo governo de Portugal, pelos serviços militares prestados na defesa da fronteira oeste da Colônia Portuguesa (oeste de Mato Grosso) no período colonial do Brasil.

Palavras-chaves: Mato Grosso; Família Falcão; Nobreza.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
1 de maio de 2024	5 de setembro de 2024

COAT OF ARMS OF NOBILITY OF THE FALCAO FAMILY

ABSTRACT: The Falcão family's genealogy records them as one of the first pioneering families to arrive in Mato Grosso at the time of the discovery of the Cuiabá mines. This article describes the granting of the Coat of Arms of Nobility to José Paes Falcão das Neves and his brother Salvador Paes Falcão by the Portuguese government for their military services in defending the western border of the Portuguese colony (western Mato Grosso) during Brazil's colonial period.

Keywords: Mato Grosso; Falcão Family; Nobreza.

66 Graduado em Engenharia Agrônômica pela Escola Superior de Agricultura de Lavras-MG é mestre pela Universidade Federal de Mato Grosso, em Agricultura Tropical e historiador e membro da Acadepan (Academia Litteraria Cultural Pantaneira) e do IHGMT (Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso).

67 Graduado em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso. Mestre pela Universidade Federal de Mato Grosso; professor universitário; advogado em Portugal e Brasil; Membro do Colégio de Genealogistas Brasileiros e membro do IHGMT.

68 Graduada em Direito pela Universidade de Cuiabá; em Pedagogia pela Universidade de Cuiabá; mestre em Educação pela Universidade Oeste Paulista (Unoeste-Brasil); doutora em Educação no Instituto de Educação e Psicologia da Universidade de Lisboa; professora e advogada.

Introdução

O presente trabalho surgiu da surpresa dos autores que, ao pesquisar na Torre do Tombo a genealogia dos Paes de Barros de Mato Grosso, descobriram que dois netos de Fernando Dias Paes Falcão e Lucrecia Pedroso de Barros, requereram o reconhecimento de sua nobreza e com ela, o brasão de armas.

O pedido tramitou em Lisboa, sendo reconhecida a nobreza por quatro costados e concedida a Carta de Brasão de Armas de Nobreza dos petionários.

Outra curiosidade que instigou a pesquisa foi saber sobre a função desse documento. Para que os Irmãos José Paes Falcão das Neves e Salvador Paes Falcão requereram essa carta e que benefício traria?

Outro aspecto relevante é saber quem eram José e Salvador e quem eram seus pais e avós?

Estes foram os pontos de partida da pesquisa, partilhada nesta oportunidade aos interessados em heráldica e na história política e administrativa de Mato Grosso.

Apresentação

Antes de transcrever a Carta de Brasão de Armas e de Nobreza, é importante resgatar o conceito que esse símbolo e documento representava, qual era sua importância na hierarquia e relações sociais, quais direitos ele conferia, e, se for possível, descobrir o porquê do seu requerimento.

Essa reflexão é necessária porque se trata de um documento oficial do Reino de Portugal que poderá dar pistas para entender a estruturação das relações sociais e a composição social na relação de poder nas vilas, cidades e províncias do Brasil Colônia. É uma contribuição para a história regional, trazendo a transcrição da carta de armas de um dos protagonistas da história de Mato Grosso do século XVIII, que muito contribuiu para a economia, a política e a consolidação geográfica do atual Estado. A análise documental foi a metodologia aplicada no estudo da Carta de Brasão de Armas de Nobreza de José Paes Falcão das Neves.

Surgimento dos nomes de Família

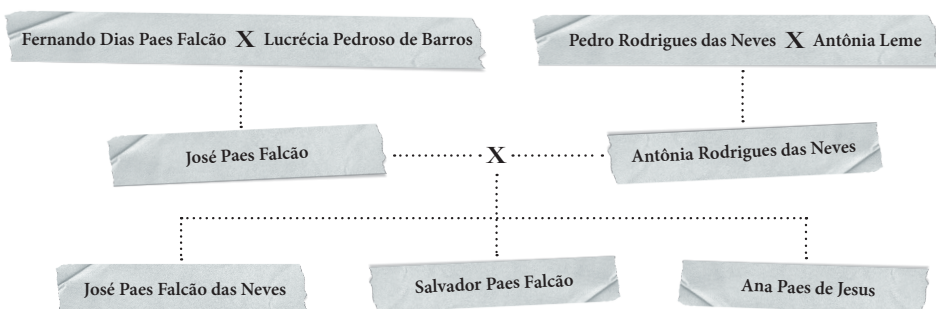
Conforme Miguel Metelo, a ciência ainda não se debruçou no estudo da heráldica medieval portuguesa quanto ao levantamento de fontes, quer à sua problematização ou à construção de visões integradas e genéricas do fenómeno. O autor afirma que entre os séculos XIII e XIV, construiu-se a ligação entre determinado símbolo e o respectivo nome de família, ambos entendidos como forma de representação das linhagens, sendo este período conhecido como fase de afirmação.

Assim, a legislação portuguesa consagrou uma tradição que perpetuava desde o século XV, e que contrapunha à tradição francesa e espanhola, a esposa assumia o nome do esposo e nos filhos apunha-se primeiro o apelido da mãe e por último do pai, podendo-se ainda colocar o apelido de qualquer dos quatro avós da criança, razão pela qual, muitos cristãos-novos, aproveitavam-se desta tradição para ocultar sua origem.

Na construção da identidade das linhagens familiares, é claro que as famílias ou indivíduos que aproximavam do poder público aproveitavam dessa oportunidade para valorizar o seu apelido e transmitir aos seus descendentes, aos moldes das dinastias. Assim, a concentração do prestígio acumulado em sucessivas gerações associadas ao apelido, passou a ser um instrumento de poder.

Os irmãos José Paes Falcão das Neves e Salvador Paes Falcão eram neto de Fernando Dias Paes Falcão, bandeirante paulista e um dos pioneiros na fundação do Arrayal do Senhor Bom Jesus de Cuiabá e ambos eram filhos de José Paes Falcão, sorocabanos.

Figura 1 – Ascendência de José Paes Falcão das Neves e Salvador Paes Falcão



José Paes Falcão, pai dos requerentes da carta de brasão, era o proprietário do engenho e Lavras dos Cocaes, tronco de ilustres famílias mato-grossenses, que em dois momentos contribuíram decisivamente para a divisa do território brasileiro: na primeira, em 1763, levando às suas expensas, 30 homens armados para defesa do território contra os espanhóis na fronteira e, na segunda, em 1766, contra os mesmos invasores.

Retornando aos irmãos José e Salvador, peticionários da carta de Brasão, Silva Leme diz que José Paes das Neves, foi Sargento-Mor das Ordenanças das Minas de Cuiabá, sob o pedido de seu pai que buscou reconhecimento do ato voluntário dele com homens armados, para auxílio da defesa na Praça da Conceição, Mato Grosso. Na região entre os atuais municípios de Nossa Senhora do Livramento e Poconé, a quantidade de sesmarias que amealharam é impressionante, e pouco comum para o período colonial.

Já em 1766, José já ocupava o posto de Sargento de Ordenanças, e em 1778, o cargo de Terceiro Vereador. Foi o Guarda-Mor das terras e águas minerais do distrito de Cocaes, e em 1790, retornou à vereança; ocupou o cargo de Juiz de Fora, em substituição ao juiz Diogo de Toledo Lara Ordonhez, seu primo; ocupou, ainda a função de ouvidor interino da Comarca.

Nos *Annaes do Sennado da Camara do Cuyabá* está registrado que José Paes Falcão das Neves juntamente com seu cunhado, o paulista Tenente de Granadeiroz Domingos Leite de Barros, casado com a Anna Paes de Jesus, nos idos de 1771, comandavam uma das companhias auxiliares que marcharam pelas margens dos rios para rechaçar a invasão espanhola que ocorria no sul de Mato Grosso. Participaram ativamente nessa campanha na defesa da Colônia tendo gastado do patrimônio da família mais de mil oitavas de ouro (3,58kg de ouro ou um milhão e vinte e dois mil reais, cotação atual) constituindo um pelotão seu, fardando, armando e provendo todo o necessário para os seus soldados.

Em 1794, José e Salvador fizeram a petição de justificação de nobreza e carta de Brasão, que foi documentada e encaminhada para Lisboa, sendo por sentença deferido o pedido em 18/02/1795. No mesmo ano, por ordem do governador, ocupou o cargo que pertencia a seu sogro, Antônio José Pinto de Figueiredo. Assim, José Paes Falcão das Neves estava presente tanto nas atividades econômicas, como senhor de engenho e minerador, na vida militar, quanto nas atividades da administração pública, com um extenso currículo de serviços prestados ao rei em diferentes partes da capitania de Mato Grosso.

Após a morte de seu sogro, foi elevado ao posto de Mestre de Campo. Mesmo em idade avançada, em 1801, mais uma vez na possível ameaça de um ataque espanhol, o mestre de campo José Paes Falcão das Neves esteve presente na defesa da fronteira vindo a falecer em Cuiabá, no ano de 1805.

Do casal Fernão Paes Falcão e Lucrécia Pedroso de Barros surgiram as grandes e poderosas famílias que dominaram o cenário político, econômico e administração pública, formando uma rede familiar que por vezes geravam estabilidade, negócios e poder.

Dentre as famílias que derivam destes pode-se citar: Falcão das Neves; Falcão Figueiredo; Proença; Paes de Barros; Dias Paes; Almeida Falcão.

Estrutura e significado do Brasão de Armas e do título de nobreza

A heráldica simboliza um período da história de Portugal em que o conjunto das armas concedidas pelo monarca, desde o Antigo Regime até à monarquia constitucional, representava a estrutura política e sua hierarquia de comando no exercício do poder.

No período da constituição e de difusão deste símbolo (séculos XII e XIV), a heráldica organizava-se em um sistema emblemático da sociedade medieval, que remetia aos campos de batalha em que os cavaleiros realizavam as façanhas e conquistas associadas à coroa e em seu nome, na maior parte das vezes atuavam.

A ideia da honradez, bravura e lealdade ao monarca, era a base, por um olhar, da organização do poder. Por outro, de uma sociedade em que o analfabetismo gozava de predomínio quase absoluto. A heráldica estava ligada como forma de representação de determinadas condições sociais e políticas para o exercício do poder, recebendo como nobre fidalgo, benefícios que mais adiante se elencará.

A fidalguia, é uma categoria social e jurídica própria, instituída no reinado de D. Afonso II, criada para distinguir os cavaleiros e escudeiros de antiga nobreza. Mais tarde, D. Afonso V, estratifica em categorias formais os fidalgos, inscrevendo-os nos livros reais em categorias e cada uma com determinada importância. Assim, sem maiores detalhes, elenca-se sucessivamente em grau de importância e hierarquia:

FIDALGOS DE PRIMEIRA ORDEM	FIDALGOS DE SEGUNDA ORDEM
1.º Grau: Fidalgo Cavaleiro,	1.º Grau: Cavaleiro Fidalgo,
2.º Grau: Fidalgo Escudeiro,	2.º Grau: Escudeiro Fidalgo,
3.º Grau: Moço Fidalgo,	3.º Grau: Moço da Câmara.
4.º Grau: Fidalgo Capelão, para os eclesiásticos.	

Desta forma cada fidalgo devidamente registrado, com seu brasão de armas e seu título de nobreza, recebia do Rei a Carta de Brasão.

No caso de José Paes Falcão, o pedido foi feito tendo em vista a sua ascendência, valendo-se do conceito da época da concessão por graça régia.

Esta, manifestava-se para exprimir a vontade do soberano repor a justiça, ou seja, restabelecer um direito ou status que, por qualquer razão se havia alterado ou degradado. Desta forma, pela graça régia, favorecia-se o peticionário que comprovasse no processo de justificação de nobreza, sua ascendência nobre, restaurando sua condição intrínseca. Pela modalidade utilizada por Paes Falcão, ocorreu o que se identifica como transmigração das armas das antigas famílias nobres para os descendentes que se apresentavam em ascensão social.

Por esta razão, após Paes Falcão comprovar sua ascendência nobre por quatro costados de famílias, lhe foi concedido um brasão esquartelado com a seguinte redação na Carta de Brasão:

Um Escudo esquartelado. No primeiro quadrante de **Arma dos Paes** que são em campo azul, nove lisonjas veiradas e contra veiradas de ouro Vermelho. No segundo quartel **as de Falcão** que são em campo azul três bordões como os de Sant'Tiago de Prata com os nós de Vermelho, e os ferros de ouro posto em pala. No terceiro quarteladas **dos Laras** que são em campo vermelho, duas caldeiras xadreadas de ouro e negro, com oito cabeças de serpentes em cada uma posta em palas. No quarto quartel os **dos Barros**, que são em campo vermelho três barras de prata, postas em bandas e nos intervalos do Campo nove estrelas de ouro de seis pontas, uma no primeiro de cima, três no segundo, outras três no terceiro, e duas no fundo.

Entendendo o Brasão de Armas concedido a Paes Falcão

Pela regra da heráldica, um brasão de armas é composto por elementos principais e acessórios que representam a importância e status do nobre.

Dentre os elementos principais do brasão estão:

- Escudo que é o símbolo da família;
- Coroa ou elmo, conforme a hierarquia ou posição do nobre;
- Timbre é a peça que fica acima do elmo ou coroa, que serve para distinguir um cavaleiro e marcar graus de nobreza;
- Paquife são os adereços laterais mantos, folhas, capas, plumagens etc.;
- Virol é um adereço representada por corda, tecido entrelaçado que separa o Elmo da Coroa ou ainda do timbre;

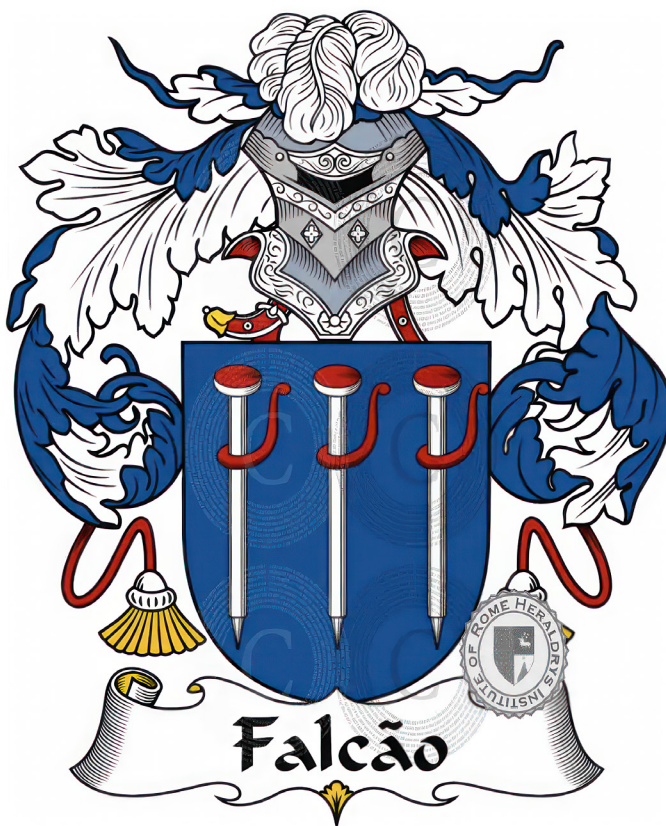
O Brasão de Armas concedido a Paes Falcão configurado seguindo a ordem descrita no processo de solicitação da justificação de nobreza articulava quatro famílias nobres. Dessa composição gerou o brasão esquartelado compondo as quatro famílias, a saber: Brasão da família Paes; Brasão da família Falcão; Brasão da família Lara e Brasão da família Barros.

Este Brasão poderá ser usado nos “anéis, sinetes e divisas, palas em suas casas, capelas, e mais edifícios, e deixá-las em suas próprias sepulturas e finalmente, poderá servir, tomar, gozar, aproveitar delas em todo apostolado, como a sua nobreza convém”.

Na carta, ainda traz os benefícios dessa concessão, a saber “a ele todas as honras, privilégios, liberdades, graças mercês, isenções e franqueras que hão, e devem haver, aos Fidalgos e nobres de antiga linhagem”.

Essas prerrogativas da nobreza estavam mencionadas no livro dos Privilégios da Nobreza e Fidalguia de Portugal, publicado em 1806. Todas as prerrogativas de Paes Falcão comunicavam para sua esposa, no mesmo título, dignidade e qualidade dele, portanto fidalgo e fidalga.

Brasão da Família Falcão



Referências

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO. *Tesouro de Nobreza*. Disponível em: <<https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4162408>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

BOBONE, Carlos. *Os Apelidos Portugueses*. Um panorama histórico. Portugal:Ed. Dom Quixote, 2017, p. 39.

BRASÃO DA FAMÍLIA FALCÃO. Disponível em: <<https://www.heraldrysintitute.com>>. Acesso em: 26 mai. 2024.

COLECÇÃO OFICIAL DE LEGISLAÇÃO PORTUGUESA. Lisboa: Imprensa nacional, 1929.

COSTA, Darc. *Fundamentos para o estudo da estratégia nacional*. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 388.

GOMES, Rita Costa, “A curialização da nobreza”, in CURTO, Diogo Ramada (dir.), *O tempo de Vasco da Gama*, s.l.: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses / Difel, 1998, p. 179-188, p. 180.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo. Os nomes de família em Portugal: uma breve perspectiva histórica. *Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*. Etnografia. Vol. 12, Portugal, 2008, p. 45-58.

O ARMORIAL AUTÁRQUICO DE INÁCIO DE VILHENA BARBOSA. Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2011, p. 223 e 224.

OLIVEIRA, Luís da Silva Pereira, Privilegios da Nobreza, e Fidalguia de Portugal, Lisboa, 1806. 45 SÃO PAYO, Marquês. *Cartas de Brasão de Armas* (Um ensaio de diplomática), Armas e Troféus, II série, Tomo I, n.º 3, Maio-Ago, 1960.

SEIXAS, Miguel Metelo de. Reflexos ultramarinos na heráldica da nobreza de Portugal. *Congresso Internacional Pequena Nobreza nos Impérios Ibéricos de Antigo Regime* | Lisboa, 18 a 21 de maio de 2011.

SEIXAS, Miguel Metelo de. *Heráldica, representação do poder e memória da nação: o armorial autárquico de Inácio de Vilhena Barbosa*. Lisboa: Universidade Lusíadas Editora, 2011.

SILVA, Vanda da. *Engenhos: produção e abastecimento no Termo do Cuiabá (1751-1834)*.

SOBRENOME FALCÃO. Disponível em: <<https://www.heraldrysintitute.com/lang/pt/cognomi/idc/601834>>. Acesso em 26 mai. 2024.



Av. Senador Metello 3773 | Cidade Alta
CEP 78.030-005 | Cuiabá-MT Brasil
Tel.: (65) 3624 5294 | 3624 8711
e-mail: editora@entrelinhaseditora.com.br
www.entrelinhaseditora.com.br
☎ (65) 99999 2697 | [f](#) [@](#) @entrelinhas.editora



Apoio na publicação

SECITECI
Secretaria de
Estado de Ciência
Tecnologia
e Inovação



**Governo de
Mato
Grosso**